

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA – IG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO**

Pobreza material, juventude, disciplina e sonhos:

A utopia urbana em questão.

Estudo sobre a “Cidade dos Meninos” em Ribeirão das Neves/MG.

Paulo Henrique Lima de Oliveira

**Uberlândia/MG
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Paulo Henrique Lima de Oliveira

Pobreza material, juventude, disciplina e sonhos:

A utopia urbana em questão.

Estudo sobre a “Cidade dos Meninos” em Ribeirão das Neves/MG.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos.

Uberlândia/MG

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PAULO HENRIQUE LIMA DE OLIVEIRA

POBREZA MATERIAL, JUVENTUDE, DISCIPLINA E SONHOS: A UTOPIA URBANA EM QUESTÃO.

ESTUDO SOBRE A “CIDADE DOS MENINOS” EM RIBEIRÃO DAS NEVES/MG.

Prof. Dr. Rosselvelt José Santos – Orientador

Prof. Dr. Antonio Júlio de Menezes Neto

Prof. Dra. Helena Copetti Callai

Prof. Dr. Júlio César de Lima Ramires

Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Data 08/11/2007

Resultado: Aprovado com Louvor.

Para William Alves e Sérgio Martins, que acreditam na Universidade como instrumento de mudança.

Para Arley Faria, Marcelo Mota e Samarone Lima, que apostam em mim.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico não acontece sem o amparo dos amigos, familiares, colegas de cursos, professores e diversas pessoas que encontramos pelo caminho. Difícil relacionar todas elas. Desde já, peço desculpas àqueles que não apareceram nesta lista formal. Muitos outros nomes ficaram na lembrança.

- Ermirinha e Zé Vicente, meus pais.
- Tiãozinho, Ana, Mila e Karem. A harmonia tem endereço certo em Uberlândia.
- Zé Paulo, Wanda, Paula e Leca. Não canso de repetir: obrigado.
- Lussandra, Marli e Marluce. Companhias certas nos momentos de aflição.
- Grupo de Estudos do Laboratório de Geografia Cultural e do Turismo da UFU.
- Samarone e Tia Flocely. O irmão de fé e de caminhada e a tia muito amada.
- Conceição e Antonio Júlio. Apoios constantes na minha caminhada em terras mineiras.
- Rosselvelt. Mais que um orientador, um eterno motivador.
- Marcelo. Amizade não tem fronteiras mesmo.
- Ana Maria Simões e Ana Maria Oslo.
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.
- Aos membros da banca examinadora deste trabalho.

SOBRE O AUTOR

Paulo Henrique Lima de Oliveira, filho de José Vicente de Oliveira Filho e Maria Ermira Lima de Oliveira, nasceu no Crato, CE aos 25 de agosto de 1966. Graduiu-se em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (UFC), tornou-se especialista em Administração Pública Municipal pela Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo (UNIPEL), fez Mestrado em Geografia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e ingressou no Curso de Doutorado do Programa de Pós – Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em agosto de 2003. É membro do Grupo de Estudos Diálogos com a Geografia Cultural e participa do Laboratório de Geografia Cultural e do Turismo da mesma universidade.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar, à partir de uma perspectiva geográfica, como o processo de metropolização de Belo Horizonte, a capital do estado de Minas Gerais, incidiu sobre a cotidianidade e os modos de vida da população de Ribeirão das Neves, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Procura dar destaque especial aos que optaram, de certa forma, por viver “fora” do movimento conturbado da cidade em questão e apresenta uma discussão sobre o funcionamento de um projeto filantrópico denominado “Cidade dos Meninos São Vicente de Paula”, que traduziremos neste trabalho como “Cidade dos Meninos” (CDM), nome pelo qual é conhecido pela comunidade local.

A relação metrópole/periferia urbana é descrita, nesta pesquisa, a partir da observação dos usos e das impossibilidades do urbano apontadas pelos ideais filantrópicos que se amparam no discurso da preservação da moral cristã e da manutenção da ordem.

Pessoas são seduzidas pela idéia de viver e morar longe dos problemas e dos conflitos do urbano. Buscam alternativas para este impasse distanciando-se o mais possível de áreas comumente chamadas de “perigosas” ou de riscos. Optam pelo afastamento das relações pessoais mais intensas e ampliadas e se resguardam algumas vezes em guetos ou grupos fechados por afinidades. O arremedo de cidade se apresenta.

A “Cidade dos Meninos” aponta caminhos que buscam dar respostas aos conflitos urbanos no município aonde se instalou. Uma das soluções para a não vivência dos aspectos negativos encontrados em Ribeirão das Neves é o convite feito a centenas de jovens para que experimentem o regime de internato. Assim, aparentemente, a juventude materialmente desprivilegiada fica longe das drogas (e da família), do sexo (e das festas), do vandalismo (e dos lugares públicos), da violência (e da autonomia individual), da precariedade econômica (e da dinâmica natural do município).

São escolhas que dão indícios de que o urbano se fragmenta e a utopia das cidades perde importância. Não há lugar para todos na dinâmica urbana. A vivência plena da cidade dá lugar à sedução dos muros que protegem e mascaram parte da realidade vivenciada diariamente.

A pesquisa se deterá em perceber e explicar que nesta relação da metrópole mineira com a sua região metropolitana, uma instituição filantrópica ganha destaque pelas propostas apresentadas a centenas de jovens: vencer na vida através da preparação para o mercado de trabalho é uma delas. A mão-de-obra juvenil e não qualificada que faz uso constante da metrópole para diversos fins, sente-se envaidecida e prestigiada com tal possibilidade. Vidas se transformam, sonhos são estimulados, um novo mundo se anuncia. A cidade perde um pouco do seu brilho.

A instituição “Cidade dos Meninos”, paradoxalmente, legitima o poder das iniciativas privadas de cunho assistencialista e mostra que o discurso da disciplina, da moral e da obediência seduz e traz consigo a idéia da ausência do Estado como instrumento regulador da ordem. A preparação para o trabalho aparece como forma de dominação e de captura dos sonhos na periferia da capital mineira. Sonhos que, muitas vezes, tornam-se reais, possíveis.

Palavras-chave: Ribeirão das Neves, Cidade dos Meninos, Trabalho, Metropolização, Periferia, Juventude.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyse how the process of metropolization of Belo Horizonte, the capital of the state of Minas Gerais, Brazil, fell upon the cotidianity and ways of life of the population of Ribeirão das Neves, a municipality of the Metropolitan Region of Belo Horizonte (MRBH).

It tries to give special prominence to those who, in a certain way, opted to live “outside” the turbulent movement of the city in question and discusses a philanthropic project entitled “Town of the Boys Saint Vincent of Paola” (“Cidade dos Meninos São Vicente de Paula”), which we will refer to, in this study, as “Town of the Boys” (TOTB/CDM), as it is known by the local community.

The relation metropolis/urban periphery is described in this research from the observation of the uses and of the impossibilities pointed out by the philanthropic ideals, which are sustained by the discourse of preservation of the christian moral and of the maintenance of order.

People are seduced by the idea of living far away from the urban problems and conflicts. They seek alternatives for this dilemma, putting the biggest distance possible between themselves and the areas commonly considered dangerous or risky. They choose to withdraw from more intense personal relations and sometimes shut themselves in ghettos or groups as such.

The “Town of the Boys” points to ways that try to give answers to the urban conflicts in the municipality where it was constructed. One of the solutions for not living the negative aspects found in Ribeirão das Neves is to invite hundreds of young people to experiment the boarding school regime. In this way, apparently, the materially deprived youth would stay far away from the drugs (and from the family), from sex (and from parties), from vandalism (and from public spaces), from violence (and from individual autonomy), from economical precariousness (and from the natural dynamics of the municipality).

These are choices which give indications that the urban phenomenon fragments itself and that the cities utopia loses importance. There is no place for everybody in the urban dynamics. The full living of the city gives place to the seduction of the walls that protect and mask part of the reality.

This research tries to perceive and explain that in this relation of the metropolis of Minas Gerais with its metropolitan region, a philanthropic institution gains prominence for its proposals, which are presented to hundreds of young people, about how to succeed in life through the preparation for the work market. The young and not qualified labor force which makes constant use of the metropolis feels proud and esteemed with such incentive. Lives are transformed, dreams are stimulated, a new world announces itself.

The institution “Town of the Boys”, paradoxically, legitimates the power of the private initiatives of assistance and shows that the discourse of discipline, moral and obedience seduces and brings with itself the idea of the absence of the State as an instrument that regulates order. The preparation for the work appears as a form of domination and of capture of the dreams of those who live in the periphery in the capital of Minas Gerais. Such dreams many times become real, possible.

Key-words: Ribeirão das Neves, Town of the Boys, Work, Metropolization, Periphery, Youth.

LISTA DE FOTOS

FOTO: 1– ALIMENTAÇÃO: NECESSIDADE BÁSICA NEM SEMPRE ACESSÍVEL A TODOS..	27
FOTO: 2- POBREZA MATERIAL E O DESCONFORTO DE MORAR EM RIBEIRÃO DAS NEVES. .	77
FOTO: 3– O LOCAL DO TRABALHO E SINÔNIMO DE PROGRESSO.....	86
FOTO: 4 – AS RUAS: RETRATOS DA PRECARIIDADE DA VIDA COTIDIANA.	97
FOTO: 5 – ANOS 1940: OUTRAS MODALIDADES DE LAZER.....	99
FOTO: 6 – POBRE COTIDIANO RICO EM CONTRADIÇÕES.....	104
FOTO: 7 – NA FRENTE DA CDM A IDÉIA DA VIDA PACATA.....	131
FOTO: 8 – O SÍMBOLO DA ORDEM SE MISTURA COM A IDÉIA DA DESORDEM.	141
FOTO: 9 – APROVEITAR A JUVENTUDE PARA APRENDER UMA PROFISSÃO MOSTRA SUAS RECOMPENSAS.	144
FOTO: 10 - PISCINA E BANHO DE SOL AO LADO DAS CARÊNCIAS DO URBANO.....	153
FOTO: 11 – O LOCAL PACÍFICO, TRANQUÍLO, RELIGIOSO E ORDEIRO APRESENTA CONTRADIÇÕES.	158
FOTO: 12 – AS MENINAS: OUTROS HÁBITOS, OUTROS OLHARES.....	165
FOTO: 13 – AS CASAS-LAR: IGUALDADE E DIVERSIDADE.....	171
FOTO: 14 – AS PLACAS INDICAM EMPRESAS E PESSOAS QUE COLCBORAM COM A OBRA..	176
FOTO: 15 – JOVENS QUE VIVEM E MORAM NA CIDADE DOS MENINOS.	278
FOTO: 16 – EQUIPAMENTOS DE USO MÚLTIPLO E O CONFORTO DA CASA.	279
FOTO: 17 – NEM SÓ DO TRABALHO VIVE O HOMEM.	288

LISTA DE FIGURAS

FIGURA: 1 – A CDM E SUA ESTRUTURA FÍSICA.....	50
FIGURA: 2, 3, 4, 5 – TRAJETO PERCORRIDO PELO PESQUISADOR E LOCAIS ESCOLHIDOS PARA AS OBSERVAÇÕES.....	52 e 53
FIGURA 6 – SEPARAÇÃO FORMAL DOS AMBIENTES MASCULINOS E FEMININOS.	120
FIGURA: 7 – AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO PASSAM PELAS FILAS.....	191
FIGURA: 8 - A COMPOSIÇÃO DO AUDITÓRIO DA CDM.....	208

LISTA DE MAPAS

MAPA: 1 - LOCALIZAÇÃO DE RIBEIRÃO DAS NEVES EM RELAÇÃO A BELO HORIZONTE/MG:..	17
MAPA: 2 – PROXIMIDADE DE RIBEIRÃO DAS NEVES EM RELAÇÃO AOS DEMAIS MUNICÍPIOS DA RMBH.....	67
MAPA: 3 – A EXPANSÃO DA CIDADE QUE SE ALASTRA COMO OS TENTÁCULOS DE UM POLVO.	71

LISTA DE TABELAS

TABELA 1– EXPANSÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO (1970 –2005).....	100
---	-----

LISTA DE QUADROS

QUADRO: 1 – NÚMERO DE INTERNOS E SEMI-INTERNOS POR SEXO NA CIDADE DOS MENINOS. ANO – 2007. FONTE: CDM.....	56
QUADRO: 2 – NÚMERO DE INTERNOS E SEMI-INTERNOS POR SEXO NA CIDADE DOS MENINOS. ANO – 2006. FONTE: CDM.....	56
QUADRO: 3 – TEMPO DE PERMANÊNCIA INTERNOS (INT) E SEMI-INTERNOS (SINT). NA “CIDADE DOS MENINOS” – POR TURNOS.	115
QUADRO: 4 - NOMES DOS SETORES DA CDM.....	174

LISTA DE ABREVIações

APHDP – ASSOCIAÇÃO DE PROMOÇÃO HUMANA DIVINA PROVIDÊNCIA

BH – BELO HORIZONTE

CDM – CIDADE DOS MENINOS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

PAN – PENITENCIÁRIA AGRÍCOLA DE RIBEIRÃO DAS NEVES

RMBH – REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

SSVP – SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULA

UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Caracterização da Pesquisa	15
SOBRE ANTIGAS CURIOSIDADES DO ESTRANGEIRO: A PESQUISA POSSÍVEL.....	3
INSINUAÇÕES DA TESE (OU O TRABALHO ACADÊMICO EM QUESTÃO)	3
OS CAMINHOS DA TESE DE PAULO HENRIQUE LIMA DE OLIVEIRA.....	3
CAPÍTULO 1	58
1. Lembranças, memórias e sonhos em Ribeirão das Neves: o futuro sem passado?	59
1.1. BELO HORIZONTE E RIBEIRÃO DAS NEVES: DO RURAL AO URBANO. DA ORDEM À DANAÇÃO.....	
1.2. PARA ONDE VÃO OS DEGREDADOS DA METRÓPOLE?	9
1.3. AINDA SOBRE A CIDADE DE MUROS: APONTAMENTOS SOBRE A “INVISIBILIDADE” DO ESTIGMA.....	3
1.4. MUROS, ORDEM, DISCIPLINA E HIERARQUIA. O MUNDO DO APRISIONAMENTO MENDICANTE.....	
CAPÍTULO 2	127
2. A “Cidade dos Meninos”: o ícone de um município. Encontros e desencontros nos confins da metrópole	128
2.1. SOBRE CIDADES E ÍCONES; SOBRE O BEM E O MAL. FILANTROPIA E SEDUÇÃO AMPARADAS NO DISCURSO DA ORDEM.....	3
2.2. VISÕES DO PARAÍSO: PARA ALÉM DA PORTA ESTREITA. DESCORTINANDO POSSIBILIDADES.....	
2.3. EM CADA LOCAL UM COMPORTAMENTO, EM CADA PADRONIZAÇÃO DIVERSAS CONTRADIÇÕES: OLHARES GEOGRÁFICOS SOBRE O MUNDO DA ORDEM.....	
2.4. SOBRE MENINOS, MENINAS, HOMENS, MULHERES, MÃES, FILHOS. NA INSTITUIÇÃO DA ORDEM, UM LUGAR PARA CADA UM.....	
2.5. MÃE-SOCIAL: O ALICERCE VULNERÁVEL NA CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA E DA ORDEM.....	
2.6. FILAS E FALAS: CAMINHAR E PARAR, FALAR E SILENCIAR. A ORDEM EM MOVIMENTO.....	
2.7. INADEQUAÇÕES POSSÍVEIS: O PESQUISADOR E A ORTODOXIA DA PESQUISA DE CAMPO.....	9

2.8. SOBRE BILHETES, PEDIDOS, DENÚNCIAS E APELOS: A COMUNICAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE CRIADOR E CRIATURAS.....	
CAPÍTULO 3.....	219
3. A sociedade fabril: as transformações humanas para o trabalho na metrópole a partir da “Cidade dos Meninos”.....	220
3.1. A IDEOLOGIA DE VENCER PELO TRABALHO: ALIENAÇÃO E PRODUÇÃO DE UMA “NOVA” CLASSE TRABALHADORA.....	
3.2. A VIDA PRIVADA E A PRIVAÇÃO DA VIDA: A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL COMO RESPOSTA A UMA CIDADE SEM EMPREGOS.....	
CAPÍTULO 4.....	256
4. Metrópole, juventude, vigor, responsabilidade e qualificação profissional: a reconstrução da imagem do jovem que a cidade não acolheu.....	257
4.1. “EU SOU POBRE, POBRE, POBRE DE ‘MARÉ DECÊ’”. EU SOU JOVEM, JOVEM, JOVEM E O TRABALHO ME FAZ CRESCER. APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA NA PESQUISA DE CAMPO.....	
4.2. AS TRANSFORMAÇÕES HUMANAS PARA SE CHEGAR AO MUNDO DO TRABALHO: CONVIVÊNCIA SOCIAL, VIDA COTIDIANA E IMPOSIÇÃO DA ORDEM. NEM TODOS AGRADECEM.....	
4.3. ENTRE O “LEITE E O MEL” E O “RANGER DE DENTES”. A FORÇA DO “PARAÍSO” E AS TENTAÇÕES DO “INFERNO” NA CONSTRUÇÃO DA UTOPIA COLETIVA.....	
4.3. A FABRICAÇÃO DA VIDA PRODUTIVA E A MANIPULAÇÃO DAS ALMAS PERDIDAS: O URBANO FRAGMENTADO CONTEMPLADO.....	93
4.4. O IMAGINÁRIO REAL: QUANDO O JOVEM APRENDIZ TORNA-SE TRABALHADOR, A CIDADE AGRADECE.....	9
CONSIDERAÇÕES.....	300
Ociosidade zero: Ponto de partida e linha de chegada. Pausa para reflexão.....	301
REFERÊNCIAS.....	311
A X	321

INTRODUÇÃO

“Um homem se humilha, se castram seus sonhos.

Seu sonho é a sua vida e vida é trabalho.

E sem o seu trabalho, o homem não tem honra...”

Gonzaguinha

Caracterização da Pesquisa

“Somos todos tentados a explicar o intrinsecamente inacreditável por meio da racionalização. Em cada um de nós existe um liberal que procura persuadir-nos com a voz do bom senso”.
(ARENDR, 2004).

As cidades são objetos de pesquisa em diferentes áreas de estudo. Historiadores, sociólogos, arquitetos, geógrafos e tantos outros profissionais acenam possibilidades diversas na interpretação dos seus modos de vida, da sua economia, dos caminhos da política local, da dinâmica apresentada na cotidianidade de seus moradores, no incremento do turismo, no registro das festas, da importância da religião, dos aspectos relacionados ao lazer e nos enigmas de seus mitos. Quantas possibilidades a cidade nos aponta!

A cidade é um emaranhado de olhares. Pode ser vista e compreendida sob perspectivas variadas: a partir da beleza dos seus pontos turísticos, dos monumentos históricos que mostram a sua trajetória, das suas ruas e bairros, das temidas favelas, dos imponentes condomínios fechados, das tradicionais igrejas, das bucólicas paisagens, da preservação da memória dos seus mártires e celebridades, das pequenas ou grandes festas e do seu estilo arquitetônico. Cada cidade traz consigo uma identidade, um parâmetro de reconhecimento coletivo. Cidades são como pessoas.

A cidade é mais do que uma visão compactada, única. A cidade é sempre mais do que a imaginamos e menos do que a vivenciamos. Contempla interesses e divisões sociais e econômicas. Segrega!

Silva (2005, p.48) chama a atenção para as transformações ocorridas na cidade com o advento da Modernidade e mostra os aspectos contraditórios da sua ocupação:

[...] a cidade chega à Modernidade como um espaço de múltiplas atividades caracterizadas pela conquista de uma urbanidade que expressa, contraditoriamente, de um lado o refinamento da Corte e dos palacianos que a ela tinham acesso e, do outro, a cidade possível das hordas operárias que ocuparam as suas bordas e áreas degradadas e atribuíram um novo sentido à palavra periferia. A convivência destas duas cidades, espécie de foto e negativo, nem sempre é pacífica, muito embora haja um enorme esforço dos gestores em escamotear as diferenças e, de certo modo, camuflar o fosso social que separa e reparte as cidades contidas no emaranhado do tecido urbano.

A partir dos ícones e fragmentos de uma cidade uma pesquisa acadêmica pode se estabelecer. O olhar científico atento transforma ou aguça a percepção comum e gera aprofundamento em questões que estão por serem desvendadas ou discutidas.

Em Ribeirão das Neves, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), há indícios que sinalizam a existência de uma precariedade econômica resultante da falta de uma política pública mais atuante na promoção e desenvolvimento da comunidade nas últimas décadas. Os ícones da cidade contam parte da história local e são, paradoxalmente, vistos pelos seus moradores como referências negativas e empobrecidas da cidade em questão (Mapa 01).

-
- 1 - Metalúrgica/Campo das Vertentes
2 - Zona da Mata
3 - Sul de Minas
4 - Triângulo/Alto Paranaíba
5 - Alto São Francisco
6 - Noroeste
8 - Rio Doce

— Limite de Região de Planejamento

RMBH

Fonte: Geominas, 1997; IGA, 1970
Desenho: Gilberto Donizeti
Org.: Lussandra Martins da Silva, 2007.

Limite da RMBH e Ribeirão das Neves

Município de Ribeirão das Neves

Estes “ícones do mal” – para estabelecer uma linguagem popular – que fazem parte da história de Ribeirão das Neves são os grandes presídios que se instalaram em sua área político-administrativa e os loteamentos populares, comercializados naquela região nas décadas de 1970 e 1980, a preços módicos, com prazos alongados de pagamento e sem estrutura mais adensada no que se refere ao saneamento básico, saúde, educação e transporte. O Estado viria a se preocupar depois com estas questões sem, ainda hoje, apontar soluções mais concretas para transformar este quadro. Sobre a história econômica, política e social de Ribeirão das Neves, teceremos discussões no decorrer deste trabalho.

Em 1998, no município estigmatizado por abrigar presídios e loteamentos populares, entra oficialmente em funcionamento um projeto filantrópico gerenciado pela iniciativa privada, denominado “Cidade dos Meninos”. O seu funcionamento experimental e informal data de 1993. Outro ícone se apresentava para o município e mostraria o seu poder de interação com a população local. Desta vez, o projeto se solidificaria sob a tutela da obra planejada e de resultados positivos. Algo diferente acontecia. Hoje, assim como os presídios e os loteamentos populares, ajuda a contar a história recente daquele município.

Aquele ano marcaria o início oficial de um investimento que não pára de crescer em estrutura física e em propostas para os jovens moradores da periferia metropolitana de Belo Horizonte. Ribeirão das Neves aparece como o abrigo para os “sobrantes¹” da capital mineira. Antes, porém, a obra filantrópica funcionava em fase experimental com poucas pessoas envolvidas, mas mostrava resultados. *o n c o*

¹ Por “sobrantes”, nos referimos a pessoas ou grupos que não conseguem estabelecer uma atuação efetiva na garantia de seus direitos civis individuais ou coletivos e estão muitas vezes à margem das condições mínimas de inserção na dinâmica da economia local. Alguns pesquisadores classificam estas pessoas ou grupos como “excluídos”.

o n .v u _ u B M ou ou _ _ o , relata uma antiga funcionária³.

Para os que sobram em Ribeirão das Neves, há uma perspectiva ou o , sedutora e bem planejada: vencer na vida por meio da formação básica para o mercado de trabalho e adquirir rígida disciplina no processo de aprendizagem. Quem se habilita a aceitar tal proposta tentadora? Muitos jovens, em plena efervescência de sonhos e ideais. Todos materialmente pobres, diga-se de passagem.

A CDM é uma conseqüência do mercado imobiliário que, em Ribeirão das Neves, viu nos pobres o seu público mais promissor. Originalmente a área destinada à construção da instituição filantrópica seria um bairro residencial com estrutura física e conforto para os seus moradores. Possivelmente, com baixos preços e facilidades de pagamentos como outros investimentos de compra e venda de imóveis naquela localidade. Algumas dificuldades para a implantação do empreendimento imobiliário deram margem à instalação do projeto tal qual como se apresenta hoje.

O projeto assistencialista⁴ é expressivo em sua arquitetura e em suas ambições. Seu planejamento interno contempla atividades e ações para diversos anos. Um verdadeiro plano plurianual⁵. Tudo, segundo os seus idealizadores, será seguido à risca, conforme o estabelecido. Da sua idealização até hoje tem sido assim e os arranjos ou improvisos são inconcebíveis, caso ocorram, há penalidades

² Fundação do Bem Estar do Menor - Instituição gerenciada pelo Estado que abrigava e penalizava, até pouco tempo, jovens infratores e aplicava-lhes “medidas sócio-educativas”. Para alguns, este sistema faliu. Este tipo de instituição estatal foi desativado em diversos estados brasileiros.

³ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

⁴ A denominação “assistencialista” se refere aos projetos que trazem no seu discurso, a proposta de oferecer, para a população materialmente empobrecida, os serviços que não são disponibilizados, de forma eficaz, pelo Estado. No caso da “Cidade dos Meninos”, o discurso que se mantém em maior destaque é o da preparação do jovem para o mercado de trabalho.

⁵ Este plano não está disponível para consulta.

a serem cumpridas com rigor. E, na prática, realmente são. O arremedo de cidade se anuncia e questiona as possibilidades do urbano na periferia.

Neste caso específico, o planejamento funciona, mostra-se capaz de apresentar resultados positivos dentro daquilo que se propõe e mostra, explicitamente, a relação de mando e obediência estabelecida de forma generalizada entre os ofertantes do produto e os que dele usufruem. Há um fragmento do urbano visível e questionador.

Os incomodados, neste caso, como repete o ditado popular, se retiram mesmo, sem qualquer espaço para manifestação livre do pensamento em contrário a algumas das diretrizes apresentadas. Há um contrato que aparentemente agrada a todos. Descumpri-lo depõe contra a relação estabelecida entre as partes.

O planejamento certamente não funciona em todos os lugares e momentos. Críticas severas são feitas a ele. Jacobs (2000, p. 91) aponta que uma das falhas do planejamento se explica pelo fato de que os planejadores e projetistas são, na sua maioria, homens, “_ u z _ o _ n _ oc

_ c Os homens são desconsiderados da vida diária e normal na visão de Jacobs, autora que coloca o seu olhar na perspectiva feminina.

Berman (2000, p.305), autor que discute, segundo ele mesmo, a dialética da modernização e do modernismo, nos lembra que a obra da autora americana mencionada,

Oferece-nos a primeira visão plenamente articulada de uma mulher sobre a cidade, desde Jane Addams. Em certo sentido, a perspectiva de Jacobs é ainda mais feminina: ela escreve a partir de uma domesticidade intensamente vivida, que Addams conhecia apenas de segunda mão.

Allonso (1967, p.580-581), ainda na década de 1960, apontava indícios de que o planejador que lida com questões diversas que são próprias da cidade, tem nas suas atividades contradições e excessos. O autor já anunciava, naquela época,

algo que percebemos com propriedade hoje, a percepção deste profissional como “mutante”.

The city planning profession, like most adolescents, is self-conscious. It worries about its appearance, it strikes poses, it adopts and discards heroes, it revolts against its parents while depending on them. It tries, in short, to establish its own identity. This identity is the product of its intellectual ancestry and of its early development, of its current situation and, perhaps to a greater extent than other professions, of the appearance and realities of the object of its concern, which is the city. It is a profession in rapid change, full of contradictions and gives to excess. Such a subject cannot be portrayed at rest and separately from its object, and so we will see some of the force that have made it what it is, but principally we will consider some of the issues that confront it and how it is coping with them, for it is in action that the importance and the weakness of the problem can be seen.

Feitas as considerações acerca de determinados aspectos relacionados ao planejamento, voltemos à “Cidade dos Meninos”. A ordem e o planejamento são as marcas da instituição que lida com a juventude vitimada pelo poder econômico mal distribuído e promotor de angústias e sofrimentos individuais e coletivos. A juventude não ficaria de fora desta lógica.

Na CDM torna-se comum perceber, no planejamento, um instrumento de trabalho eficaz e produtivo. Imprevistos são inaceitáveis, muito raros e não se estabelecem como prática comum. Ali, o planejamento se faz presente, atuante e conta com ajudas imprescindíveis para que tudo funcione: os colaboradores que fazem doações para o projeto, a mão-de-obra dos seus muitos funcionários, a dedicação dos jovens pobres internos e a Divina Providência que, na percepção dos dirigentes da obra, seguramente, mobiliza o mundo espiritual para que tudo saia conforme o planejado.

Os colaboradores, além das doações diversas, podem apadrinhar os internos da “Cidade dos Meninos” e desenvolver a prática da caridade por intermédio de contribuições financeiras feitas por débito em conta telefônica ou na participação em eventos promovidos pela instituição como as suas festas beneficentes e bazares, dentre outros.

Simpatizantes, pessoas de classes sociais as mais diversas, empresas e grupos organizados que acreditam nos propósitos da “Cidade dos Meninos” doam à instituição, móveis, equipamentos de escritório, material de construção, roupas e alimentos. Outros colaboradores adquirem rifas ou bilhetes para concorrerem a prêmios distribuídos em sorteios, compram produtos fabricados pela instituição e participam de festas beneficentes que objetivam arrecadar verbas para o projeto. Uma rede solidária se forma para que a idéia de ajudar os jovens mais pobres, não perca a sua força. (ANEXO 01)

O poder público assume também seu compromisso dando suporte para que tudo transcorra bem na “Cidade dos Meninos”. Público e Privado caminham em sintonia, sem atropelos, com propostas claras de atuação. É uma troca onde, aparentemente, todos ganham.

Os funcionários da instituição se apresentam como dedicados, empenhados em cumprir as suas tarefas com desenvoltura e trabalhar por alguns momentos sem remuneração. Vale ressaltar que este voluntarismo é condicionado à manutenção do emprego formal, gratificado monetariamente.

A Divina Providência ilumina o projeto e atua sobre ele. Sem a inspiração e a atuação divina, nada seria possível, segundo os criadores da instituição. Talvez porque nunca se tenha conhecido forma de organização como esta. Ela nunca falha. Atua na hora certa, fomenta a inspiração necessária para tomarmos atitudes, nos permite falarmos e ouvirmos, nos afasta do perigo, livra-nos dos males do mundo e estimula a fé. É, por assim dizer, multifuncional.

Em diversos documentos internos da instituição filantrópica há referências ao auxílio celestial e à Divina Providência como fontes de ajuda ao projeto. A formalização da importância do seu aspecto religioso, apresenta a CDM como uma

empresa cristã. Um bom cartão de visitas para um país com um número expressivo de cristãos.

No Regimento Interno da instituição, documento datado de maio de 2003, na cláusula sétima, que trata da manutenção da “Cidade dos Meninos”, o texto endossa que:

A **Cidade dos Meninos** será mantida pela **Divina Providência**⁶, através da contribuição de padrinhos, carnês bancários, carnês eletrônicos, produção própria das oficinas, doações, promoções, colaborações, legados, ajudas de entidades internacionais, verbas provenientes de órgãos públicos e privados, ajuda dos beneficiados, convênios para assistência médica, dentária, cursos pedagógicos ou profissionalizantes, firmados com outras entidades e ajudas diversas.

É necessário mais que a proteção divina para que a filantropia se sustente (Anexo 02). É preciso que existam ricos e pobres, bons e maus, carência e abundância. O espiritual não se estabelece por si só, mas pela vontade dos homens. A filantropia existe desde tempos imemoriais; já era uma instituição do Direito Romano e a ela recorreu a Igreja Católica. Um exemplo de filantropia são as Santas Casas espalhadas pelo país⁷. (NAVES, 2003, p.567).

A Divina Providência tem planos traçados desde tempos mais remotos para a humanidade e propaga a crença na felicidade plena. Felicidade esta que pressupõe sofrimento e concessões. Aprendemos a capturar esta ordem como natural e necessária. O sopro divino chegará a todos. Sem ele, não haveria humanidade.

Na fé cristã, o Pai envia o Filho para sofrer. Tal sofrimento é motivado por um objetivo anteriormente estabelecido. Com isto o sofrimento e a privação ajudam a valorizar a vida, a definir sonhos, a lutar pelos ideais e a ser bom. O importante é conseguir alcançar os objetivos almejados, mesmo que haja demora. O gozo nem

⁶ Os grifos são do texto original.

⁷ Evitamos utilizar o termo “Terceiro Setor” no nosso trabalho, visto que o conceito sugere um desmembramento da intervenção estatal das empresas e grupos que produzem trabalhos sociais, o que não ocorre na instituição pesquisada, que funciona com acordos formais com o poder público. Trataremos a “Cidade dos Meninos” como filantropia, trabalho social e instituição educacional.

sempre é fácil. A morte vem antes da ressurreição, e é certa. Da ressurreição muitos duvidam, mas não desejamos a morte.

A “Cidade dos Meninos”, decerto, além de se inspirar na força da Divina Providência, copia os seus métodos. Estabelece objetivos, planeja a sua atuação a longo prazo e espera que os resultados se confirmem. Prepara e envia os seus filhos para o mundo, alertando-os para não se deixarem contaminar pelos males e pelos pecados da sociedade moderna. Tarefa nem sempre fácil.

Assegura, assim como a Divina Providencia, uma mãe para cuidar dos filhos que são bons, simples e merecem a ressurreição e o reconhecimento através do trabalho. Antes, precisam sofrer e serem resignados, afastar-se do pecado, assim como o Filho do Homem fez, há 2007 anos.

Na “Cidade dos Meninos”, assim como nas escrituras sagradas, os filhos cumprem com dedicação e compostura os desejos do pai (o criador) que, como dizem, sabe o que faz. Filhos e pais precisam de reconhecimento coletivo e lutam por esta causa.

A mãe enviada hoje já não é tão pura e singela. É mais vivida, informada, experiente e maliciosa. Continua sofredora, vigiada, submissa e quase sem contato íntimo com o companheiro. Esta mulher, no entanto, sabe o poder que tem. Sabe calar e falar nos momentos certos. Mostra resultados satisfatórios no acompanhamento dos filhos, é reconhecida, mas hierarquicamente menor do que o Criador. É mera criatura. Ela opina, mas não delibera; pensa, mas não age em plenitude; chora, mas não é atendida na sua totalidade. Ah, pobres mães, tão necessárias, tão desvalorizadas.

A mãe-social é uma das personagens centrais do funcionamento da “Cidade dos Meninos”. São pessoas contratadas para coordenarem cada uma das casas

habitadas pelos menores, sejam internos ou semi-internos. A idéia do projeto, desde a sua concepção, é de que o clima familiar se estabeleça entre os jovens que optaram por viver longe das suas famílias. A presença de adultos nas casas, mostra que a juventude não pode deliberar sobre as suas próprias atitudes de forma autônoma. O ambiente familiar deve impor regras, limites.

Inicialmente, a instituição optou por contratar casais para acompanharem os jovens. Esta idéia foi abandonada logo depois. Além de maiores gastos financeiros, funcionários mais antigos dizem que alguns casais brigavam com freqüência, maridos ficavam com ciúmes das esposas por causa da atenção dada aos jovens internos e o próprio regime de internato despertava nos homens certa inquietação motivada pelos limites impostos em relação a horários e participação em atividades formais. As mães-sociais, sem os respectivos parceiros, sobreviveram ao chamado para o trabalho. As que são casadas ou com companheiro fixo lamentam-se da falta de contato mais freqüentes com os seus maridos/companheiros, mas sentem-se felizes em estarem contribuindo para a transformação da realidade dos jovens em Ribeirão das Neves.

As mães-sociais que têm filhos, sejam eles maiores de idade ou não, também se queixam de que gostariam de dar mais atenção aos seus descendentes legítimos. Mães-sociais solteiras ou sem compromissos matrimoniais reclamam de outras coisas, como a falta de lazer, de assistir TV com mais freqüência ou mesmo de terem mais tempo para cuidarem de si⁸.

⁸ Cabe aqui uma observação: a pesquisa não se ocupou em formular uma discussão mais adensada sobre esta questão. Ouvimos, refletimos e registramos que é possível que as mães-sociais, dependendo do seu estado civil, relacionem queixas distintas em relação às suas vidas em regime de internato. Uma das responsáveis pela seleção de funcionários relatou que a instituição leva em conta o estado civil desta categoria profissional quando vai contratá-las. A proximidade do local de trabalho é outro ponto que merece destaque na escalação da mãe-social que retorna ao lar todos os dias ou as que fazem este deslocamento apenas nos finais de semana.

Funcionando no centro expandido de Ribeirão das Neves, a “Cidade dos Meninos” tem como meta, acolher na forma de internato, externato e semi-internato, menores desprovidos de bens materiais, pretendendo prepará-los para a vida – se é que isto é possível – com base na tradição cristã e na ideologia da formação para o mercado de trabalho. Dentre as três modalidades de atendimento, a pesquisa fixou o olhar mais detalhado no grupo de internos, sem se descuidar, no entanto, de perceber os demais⁹.

Para atingir os seus objetivos, a CDM coloca à disposição dos jovens, estrutura física apropriada para diversas atividades. A mais divulgada delas é a oferta de cursos profissionalizantes em diversas áreas.

O projeto em foco é o maior de uma instituição denominada Associação de Promoção Humana Divina Providencia (APHDP), que mantém diversas obras filantrópicas em Belo Horizonte e alguns municípios da Região Metropolitana¹⁰. Busca desenvolver as aptidões juvenis para o mercado de trabalho através de oficinas profissionalizantes e garantia de assistência em saúde, alimentação, lazer e moradia. A esperança brota nos arredores da metrópole.

⁹ Houve, por diversas vezes, o questionamento e a lamentação de mães-sociais que lidam com os alunos semi-internos por a pesquisa não prestigiar com mais propriedade este grupo. Elas explicavam que os semi-internos correm mais riscos diários, pois saem das suas residências muito cedo e só retornam a elas no início da noite. Além disto, estes menores ajudam os pais em atividades domésticas nas suas casas de origem. Por outro lado, a instituição divulga que os internos são jovens que moram em bairros mais distantes e não dispõem de dinheiro suficiente para o deslocamento diário entre a casa e a CDM.

¹⁰ As demais obras mantidas pela APHDP são: Lar dos Idosos, no bairro Olhos D’água em Belo Horizonte; Lar dos Meninos São Vicente de Paulo, no mesmo bairro; Gráfica e Editora São Vicente de Paulo, ainda no bairro Olhos D’água em BH; Central de Abastecimento Divina Providência, em Ribeirão das Neves; Centro de Valorização da Vida Divina Providência, em Betim; Centro de Formação Profissional Unidade Helena Stein Pena, em Ribeirão das Neves; Centro Sócio-Educativo Dom Luis Amigo e Ferrer, em Ribeirão das Neves; Centro de Formação Profissional Unidade Madre dos Anjos, no bairro Providência, em BH; Centro de Formação Profissional Unidade Nita Chaves, no bairro Primeiro de maio, em BH; Centro de Formação Profissional Unidade Madre Teresa de Calcultá, no bairro Jardim América, em BH; Centro de Formação Profissional Unidade Rafael Zica Geo, em Contagem; Centro de Formação Profissional Unidade Dom João Resende Costa, em Santa Luzia; Centro de Formação Profissional Unidade Nossa Senhora Aparecida, em Ibirité; Centro de Formação Profissional Unidade São José, no bairro Salgado Filho, em BH; Centro de Formação Profissional Unidade São Tarcísio, em Contagem; Centro Tecnológico Avançado de Informática, no centro de BH; Creche União, no conjunto Santa Marta, em BH; Associação Cultural dos Amigos da Cidade e Lar dos meninos, no bairro Olhos D’água, em BH e Sociedade de Crédito ao Micro empreendedor.

A “Cidade dos Meninos” também forma, com a sua proposta, um contingente de futuros trabalhadores que vivem a sua cotidianidade “fora”¹¹ do mundo do município no qual se instalou. Neste contexto, as noções de tempo, valores morais, exercício da cidadania e uso de equipamentos coletivos se distanciam das encontradas em Ribeirão das Neves e aparecem quase como uma abstração da realidade para estes jovens. Os muros garantem possibilidades antes inimagináveis para muitos deles. Alimentar-se, várias vezes por dia, é uma delas. (Foto 01)



FOTO: 1– Alimentação: necessidade básica nem sempre acessível a todos. Aos que optaram pela abnegação da cidade, uma possibilidade real. A garantia dos direitos passa pelas trocas em que aparentemente todos ganham. Existência digna não é apenas a alimentação ou a moradia. (Foto disponível no site www.cidadedosmeninos.org.br).

O projeto filantrópico cresceu em infra-estrutura, tornou-se referência positiva para o município¹², mostrando que outros muros apareceram e este, especialmente, tornou-se um dos ícones da periferia estendida de Belo Horizonte. Muros, por certo, caracterizam a concepção do simulacro de cidade.

¹¹ O termo “fora” aqui aparece para dar ao leitor a idéia de que os jovens internos da instituição passam a maior parte do seu tempo desprovidos dos movimentos que ocorrem no município de Ribeirão das Neves. Assim, assimilam valores e comportamentos institucionalizados pela “Cidade dos Meninos”, como, por exemplo, andar sempre em filas.

¹² A referência positiva de grupos, pessoas ou paisagens faz parte da dinâmica da cidade e atenua, de certa forma, o caos urbano. Em Ribeirão das Neves, município aonde a economia fortalecida e o turismo não se estabeleceram, a percepção positiva se estabelece claramente na idéia do projeto “Cidade dos Meninos”.

Ícone este que é reverenciado, aplaudido pela população e pelo poder público, mas pouco discutido e conhecido. A pesquisa acadêmica, como uma Tese de Doutorado, pode acolher esta discussão e gerar outras percepções sobre projetos de enclausuramento da vida. A quem interessam? O que propõem? Por que foram criados? Quais as dinâmicas de funcionamento? Como a sociedade os vê? Que relações mantêm com a cidade?

Estas são questões que merecem uma reflexão mais aprofundada, pois sinalizam mudanças no comportamento das sociedades modernas que não se desligam de antigas práticas, mesmo com todo o avanço tecnológico e científico que temos. Uma sociedade que para Giddens (1991, p. 87), se caracteriza pela interação continuada entre pessoas que sequer se conhecem, o que torna essa rede de contatos relativamente efêmera. Somos sujeitos sociais, buscamos ampliar a nossa rede de sociabilidade cotidianamente. Somos chamados a vivenciar o coletivo, mesmo que superficialmente.

A “Cidade dos Meninos” oferece para o município, além da imagem positiva de um significativo projeto social, oportunidades de empregos para muitos profissionais que moram em Ribeirão das Neves. Aliás, esta é uma prática comum em empresas de diversos setores que apresentam, nos seus discursos, a idéia de privilegiar a população local. Nesta perspectiva, a competência muitas vezes não interessa, pode ficar em uma escala menor de valores, mas a imagem positiva de quem emprega ganha destaque. A falta de oportunidades de trabalho é sempre tida como ruim.

Na instituição filantrópica pesquisada, o poder público se responsabiliza pela manutenção do quadro de funcionários de duas escolas (uma municipal e outra estadual) e de um posto de saúde. Como estes locais necessitam de uma mão-de-

obra mais qualificada, não é possível gerar empregos apenas para funcionários residentes em Ribeirão das Neves, pois não existem profissionais qualificados na região para atenderem tal demanda. Os profissionais de melhor qualificação, em geral, ganham salários maiores. O Estado pode mantê-los.

Várias empresas adotam como prática comum, admitir no seu quadro de funcionários apenas empregados que gastem menos com transporte para o deslocamento até o emprego. Nesta linha de raciocínio inspirada unicamente no parâmetro econômico, a inversão de prioridades que merece destaque é quando a competência não se apresenta como um ganho, e sim como um custo a mais. Esta visão se reflete em faculdades que adotam tal prática e vêm na titulação dos seus professores somente despesas¹³. Exemplos estão em diversos lugares do País.

Com frases como “aqui tem muita gente boa, para que contratar outros de fora?”, a população local às vezes incorpora o discurso de empregar prioritariamente os moradores da cidade. Num segundo momento – como em Ribeirão das Neves que não tem um quadro de profissionais qualificados em diversas áreas – “os estrangeiros” mostram-se mais que necessários, inclusive no serviço público. Os “forasteiros” chegam, trabalham e criam desavenças. O trabalho gera a teia da discórdia.

Em 2003, o então Secretário Municipal de Saúde relatou¹⁴ que poucos médicos querem trabalhar em Ribeirão das Neves, principalmente por causa da violência na cidade. A solução encontrada foi oferecer melhores salários e boas condições de trabalhos para estes profissionais que preferiam ganhar menos e

¹³ Na página virtual do sindicato dos professores do estado de Minas Gerais há informações sobre uma série de estabelecimentos de ensino que demitiram os seus professores de maior titulação para conter despesas. É prática comum, segundo o mesmo sindicato, faculdades contratarem professores com maior titulação apenas quando estão sendo avaliadas pelas comissões externas do Ministério da Educação e Cultura (MEC) ou de órgãos estaduais. www.sinprofmg.org.br - 08/09/2005. Esta prática, aparentemente, virou lugar comum em diversas regiões do País.

O relato ao qual nos referimos, foi feito para uma outra pesquisa, realizada em outro momento.

permanecer em Belo Horizonte. Neste caso específico, houve demanda por profissionais de uma área específica no município e os “estrangeiros” mostravam-se necessários para suprir tal carência. A simples contratação de funcionários não estabeleceu um aprofundamento nas questões sociais da comunidade naquele momento¹⁵.

Há de se considerar a contratação de mão-de-obra local, pois ela estimula ações positivas: fomenta o comércio do município, cria teias de relações sociais mais próximas, promove a interação maior entre o morador e o lugar e possibilita a concretização do sonho coletivo centrado em interesses comuns, a partir da experiência da convivência cotidiana em um mesmo espaço. Alie-se a estes tópicos a possibilidade de promoção da festa, que resgata tradições e une pessoas.

Sobre antigas curiosidades do estrangeiro: a pesquisa possível.

“Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial”.
(Caetano Veloso)

O interesse inicial pelo projeto “Cidade dos Meninos” veio logo após a minha chegada a Ribeirão das Neves, em 1998. Naquela época, havia sido convidado para desenvolver um trabalho junto à Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Era mais um estrangeiro nas águas turbulentas do serviço público local daquele período.

Muitas pessoas falavam das particularidades do projeto filantrópico e das relações de mando que lá se estabeleciam. Fiquei curioso em saber mais sobre o

¹⁵ Em relação à violência nos locais de trabalho, problema semelhante ocorre em Belo Horizonte. Recentemente, funcionários públicos da área de saúde cobraram, através de paralisações dos serviços e passeatas no centro da cidade, que a prefeitura garantisse aos médicos, enfermeiros e demais funcionários do atendimento básico em saúde, mais segurança nos locais de trabalho.

assunto. No dia-a-dia do meu trabalho percebi, com mais clareza, as relações estreitas que apareciam entre o poder público e o poder privado, representados respectivamente pela prefeitura de Ribeirão das Neves e pelo projeto “Cidade dos Meninos”.

Divergências e convergências entre os dois poderes eram postas diariamente. Havia uma instituição que só funcionava e se mantinha porque possuía, na sua estrutura, o motor atuante do Estado, ao mesmo tempo em que havia uma estrutura estatal falida que via, na estética e na proposta de uma instituição privada, uma possibilidade de atuação social mais efetiva. Hoje esta relação permanece da mesma maneira e pode ser melhor discutida. Eis um dos elementos constituintes desta pesquisa.

A política local era confusa e não democrática, como antes não imaginava. Clientelismo, apadrinhamento, mandonismo, conchavos, arranjos e ausência de profissionais melhor preparados davam o tom da administração pública em Ribeirão das Neves naquele período. O fardo parecia ser maior do que o proposto no momento da contratação. “Quem não pode com o pote, não pega na rodilha”, diz o ditado popular. Tinha razão.

Com tudo isto como bagagem profissional que não me propus a carregar, faltava transpor os muros da “Cidade dos Meninos” para entender porque estas relações de mando e poder se estabelecem com tanta propriedade e naturalidade em um município da Grande Belo Horizonte.

Pouco tempo depois do desconforto de estar desenvolvendo um trabalho em que apenas os interesses econômicos e políticos ditavam as regras de funcionamento do órgão público, fui convidado a dar aulas de Filosofia e Sociologia na instituição filantrópica tida por muitos como um presente para Ribeirão das

Neves. Encontrei mais relações autoritárias e de muita obediência, só que agora amparadas no discurso da moral, da ordem, da seriedade, da religiosidade e da certeza de resultados. A experiência foi singular. O novo empregou não deixou de ser um presente.

Deste modo, durante o dia estava à frente de uma série de atividades que exigiam um contato maior com a população local, como visitas às comunidades e escolas públicas da rede municipal e, à noite, estava dentro dos muros intocados da “Cidade dos Meninos”, lecionando em uma escola pública estadual cedida para ser gerenciada pela instituição.

Esta concessão mostra que o Estado permite alguns arranjos na relação público/privado, ao mesmo tempo em que se exime de algumas responsabilidades básicas quando lhe convém. Aparentemente, este tipo de acordo se apresenta como bom para todos.

O público, neste caso, começava, já naquela época, a dar sinais de sua captura pelo privado. Esta captura ocorria ainda, como já citado, na escola municipal e no posto de saúde que tinham, na parceria público/privado a perda parcial dos pífios poderes do Estado. Tudo ocorria em nome da ordem e do bem-estar dos menores internos do projeto social, que são percebidos como menores externos do mundo conflituoso em que vivemos. Alguma coisa parecia estar “fora da ordem”. Continuei dando aulas...Continuei intrigado...

Por anos houve o desejo de desenvolver um trabalho acadêmico que pudesse contribuir para a descrição e compreensão daquela instituição curiosa, mítica, plena de formalidades, intrigante, quase intocável, onde pude perceber que o exercício de poder se estabelecia com naturalidade e freqüência. Imposição da ordem e utopia

estão no mesmo espaço, caminham na mesma direção. Contemplam as contradições do mundo moderno.

A relação profissional instituída apenas por uma das partes é perigosa, pois não favorece a democracia, a intimidade, o amadurecimento pessoal nem profissional. Gera, muitas vezes, a alienação, a insegurança, a mendicância, a hipocrisia. Mas, assim como a Divina Providência, esta relação instituída em via única e sem questionamentos acena com possibilidades de resultados futuros satisfatórios. Estamos sempre em busca deles, lutamos incansavelmente para consegui-los.

Mas o que fez a “Cidade dos Meninos” se estabelecer com tanto domínio em Ribeirão das Neves? O que a transforma em uma instituição que estimula famílias a colocarem seus filhos em um local que acena com várias possibilidades, inclusive, da formação para a vida? O nome da instituição tornou-se uma — de significativo apelo popular que vende produtos como agendas, chaveiros, camisetas e relógios com a sua marca. A CDM é uma referência da cidade. Traz na sua estrutura arquitetônica, o esboço do traçado da cidade.

Quais são as bases de funcionamento da “Cidade dos Meninos”? Por que se tornou um mito da periferia urbana de Minas Gerais? Como se tornou uma esperança para os que vivem na cidade capturada pela imagem dos presídios? Para compreender este processo faremos, no primeiro momento, uma inserção pela história recente do município que a acolheu. Ribeirão das Neves alicerça e dá sentido a existência da “Cidade dos Meninos” em sua área político-administrativa.

Insinuações da Tese (ou o Trabalho Acadêmico em questão)

“A gente vai contra a corrente, até não poder resistir.
Na volta do barco é que sente o quanto deixou de cumprir”.
(Chico Buarque)

Uma Tese de Doutorado – assim como os demais trabalhos acadêmicos – necessita de um plano preliminar de atividades para que alcance o seu conteúdo formal e acabado. Não há regras imediatas para o seu pleno êxito, mas o primeiro passo, depois da escolha do tema para a investigação científica, é delimitar, com clareza, os passos que serão dados para a plena efetivação do projeto.

Isto, com certeza, não é uma tarefa simples, com receitas prontas. Seguimos alguns indícios, normas, caminhos já percorridos, outros novos. Deslizamos em alguns momentos, mostramos segurança em outros, nos colocamos à mostra e de certo modo, nos entregamos por completo ao objetivo proposto. Vale a pena?

Ao apreciarmos trabalhos de pesquisa como os de Gilberto Freyre, Tereza Caldeira, José de Souza Martins, Marilena Chauí, Milton Santos, Darcy Ribeiro e tantos outros que não escapam à memória, mas fica impossível listar em número limitado de linhas, acreditamos que vale a pena. Mas urge seguir a linha de raciocínio em paralelo e tecer outras discussões sobre a importância da pesquisa acadêmica.

Sim, pois cumpre-se o dever de informar que o trabalho científico ainda não perdeu a sua importância ante o produtivismo que se instalou nas universidades brasileiras, incidindo inclusive, sobre a qualidade dos trabalhos apresentados¹⁶.

¹⁶ Os casos de plágios de trabalhos acadêmicos, que se tornam comum nas universidades, são exemplos disto. A “Lista de Geografia”, um dos maiores grupos de discussão sobre a Geografia na internet brasileira, tem feito constantes debates sobre o assunto. A Associação dos Geógrafos Brasileiros, seção Belo Horizonte, discutiu o tema durante o V Encontro Estadual de Geografia de Minas Gerais, ocorrido na Universidade Federal de Minas Gerais, em julho de 2005. A rádio CBN divulgou em rede nacional, no dia 21 de abril de 2007, uma ampla reportagem sobre o tema

Produzir com qualidade, às vezes demanda um outro tempo, uma outra perspectiva de perceber a pesquisa acadêmica. A Universidade nem sempre contempla a proposta de “um outro tempo”.

Mas o homem tem a capacidade de se adaptar a novas situações, de vivenciar contextos diversos, de enfrentar novos conflitos e busca finalizar seus objetivos da melhor forma. Há luz no fim do túnel, mas certo dissabor com o produtivismo sem maiores elaborações ou propostas. É o que estamos vivenciando.

O primeiro aspecto a levarmos em conta na produção científica é a escolha adequada do tema a ser investigado, que pode ir de assuntos particulares e, às vezes tidos como banais, a abordagens mais aprofundadas, em tópicos freqüentemente debatidos ou ainda poucos conhecidos. Não há pesquisa científica sem um tema, uma proposta de trabalho, um planejamento inicial.

Em um mundo ansioso por discutir com mais propriedade seus reais problemas sociais, econômicos e políticos e quiçá apontar soluções para uma vida mais humanamente feliz, a ciência teima em promover a diversidade e caracterizar o livre arbítrio como força deliberativa para a escolha do tema de abordagem de cada pesquisador.

Assim, mesmo que não queiram ou não gostem, há de se manifestar o mesmo nível de importância científica e objetividade aos temas que vão do Turismo ao Planejamento, da Violência às Festas, da Urbanidade ao Sexo, da Cultura Popular a Políticas Públicas. Quem duvida que a Ciência não pode chegar a perspectivas longínquas? Quem deliberou que a Universidade não promove

debatendo com vários pesquisadores as formas de coibir possíveis abusos de cópias de trabalhos alheios. Um dos entrevistados ressaltava que em algumas universidades, os pesquisadores já utilizam determinados programas de computador que ajudam na verificação da autenticidade do texto escrito por quem deseja pleitear um título acadêmico. Outro entrevistado mostrou-se preocupado com o crescente mercado dos “produtores” de teses, dissertações e monografias no chamado mercado paralelo.

sonhos? (ou pesadelos, dependendo do ponto de vista). O respeito àquilo que se convencionou chamar “diversidade” passa pelo academicismo.

Um outro ponto diz respeito ao papel de agente transformador da sociedade e da vida das pessoas por parte do cientista e de seus trabalhos. Há quem diga que, com a plena dedicação às pesquisas acadêmicas, escamoteamos esta possibilidade transformadora – se é que ainda nos propomos a este ideal – elaborando teses, escrevendo artigos, ministrando aulas, participando de palestras, mesas-redondas, comunicações e orientando trabalhos. Aproveitar todas as possibilidades – alguns diriam “vantagens” – ofertadas pela vida intra-muros da Universidade é um erro? O chamado “trabalho intelectual” é posto em pauta e os resultados são cobrados. A Universidade não pode ser uma redoma. Mesmo com todas as críticas que fazemos a ela, a Universidade não pode parar. Trabalhos precisam ser desenvolvidos, temas aprofundados, metas consolidadas.

“Para que é esta pesquisa mesmo?”. Esta frase incômoda, tantas vezes repetida quando estamos envolvidos com a experiência de campo, nos chama a uma reflexão sobre o papel do pesquisador na sociedade atual e exige que saibamos respondê-la com propriedade e discernimento, mesmo que no íntimo de muitos venha o pavor de responder “para nada” ou “não sei”. Em qualquer caso, o interlocutor não pode ficar sem um retorno.

Em um momento da incursão em campo houve o seguinte questionamento de um entrevistado: “Depois que este trabalho estiver pronto, vai melhorar alguma coisa aqui?” [referindo-se aos possíveis resultados da pesquisa]. “Não sabemos exatamente” foi a resposta mais imediata que pudemos esboçar. No íntimo gostaríamos de ter respondido com clareza “sim”, pois a escrita e a leitura exercem ainda um poder de mobilização e troca de idéias inimagináveis.

O sim e o não pressupõem compromissos, créditos, são assertivas objetivas e pontuais. Não dão margens para dúvidas, apresentam-se como definitivos. O “sim” de Maria, o “sim” do casamento, o “sim” da banca de avaliação de trabalhos científicos; o “não” à desordem, o “não” ao desamor e o “não” à prostituição infantil ou ao trabalho escravo mostram a imponência dos dois termos.

Não basta apenas ler, escrever e assimilar mais conhecimentos. É necessário permitir a discussão mais densa sobre os assuntos estudados e propor alternativas de ações. Tudo no seu momento. Os limites entre os trabalhos técnicos e os acadêmicos devem estar postos com clareza.

A Tese gerando ações e permitindo avanços, cumprindo o seu papel, valorizando o outro, elaborando possibilidades e creditando pontos para a chamada produção acadêmica mostraria as suas diversas potencialidades, inclusive de “ir contra a corrente até não poder resistir”.

O trabalho acadêmico deve mostrar possibilidades, desvendar enigmas, descrever situações e fatos, levantar hipóteses. Muitas vezes, com ele, chegamos aos nossos limites físicos, mentais e emocionais. Mudamos a nossa vida cotidiana, importunamos pessoas, esbarramos em dificuldades diversas e nos tornamos escravos da escrita. Ah, somos escravos de tantas coisas.

Sem a escrita, o trabalho não ganha identidade, prestígio, particularidade, fama, críticas, plágios e adaptações grotescas. A escrita é, paradoxalmente, o alicerce e o acabamento do trabalho científico. Ela é o início e o fim de um processo. Não há outro caminho a não ser escrever, escrever, escrever. O tempo de discutirmos, oralmente, o que estamos produzindo cientificamente cai em desuso, se não vier casado com a fundamentação aplicada ao papel. “Vale o que está escrito”, profetiza uma frase de uso bastante freqüente no nosso dia-a-dia.

Esta escravidão da escrita é uma experiência ímpar, vivida por cada pesquisador a seu modo. Decerto muitos têm histórias diversas para relatar sobre os encontros e desacertos da sua caminhada acadêmica. Aqui, lembro de inúmeros casos que conheço, ouvi falar, tornaram-se lendas. O relato do outro nos ajuda a construir o nosso percurso.

Destacam-se dois discursos que se tornaram comuns na fala dos pesquisadores e que estão relacionados: o primeiro deles é que escrever não é uma atividade fácil. Claro! Exige raciocínio, criatividade, coerência, lugar, tempo, disponibilidade e leitura, muita leitura. Além disto, há a carência de debates mais aprofundados sobre questões diversas. Assim, a produção escrita corre o risco de se fragilizar por inteiro e a propriedade intelectual é posta em xeque quando há a utilização de textos completos extraídos da Internet, como se fossem produções próprias. A rede mundial de computadores mostra a sua força e suas seduções. Escrever certamente não pode ser visto como um fardo. É prazer, certamente, mas a banalização da escrita é algo que merece ser considerado.

Isto ocorre, também, quando há transcrição ou adaptação quase total de textos de outras obras para dar um volume maior ao trabalho, ou ainda, quando outras pessoas são contratadas para escreverem aquilo que seria originalmente o trabalho do outro. Chamaria esta última atitude de “terceirização precarizada”. Terceirizam-se trabalhos, não emoções e descobertas próprias. Comete-se crime, previsto em lei.

As primeiras atitudes citadas podem ser interpretadas como “engodo intelectual”, próprio de quem aparentemente escreveu e não leu. O caminho “fácil” não aponta um destino certo, um lugar de chegada. No entanto, marca pontos na

corrida pelo ranking para avaliação de cursos, gera ganhos econômicos e favorece o status individual do pesquisador.

A idéia comum de que pesquisadores que não produzem trabalhos dentro dos padrões estabelecidos pelos cursos superiores estão parados, imóveis, desinteressados, perdidos no tempo e no espaço toma proporções alarmantes. Não somos mais capazes de prestigiar quem se detém com mais intensidade na leitura ou os que demandam maior carga horária na prática de ensino. Alguns arranjos são feitos e teias de pseudo-solidariedade e de práticas danosas à Universidade são estabelecidas para salvar os nomes e status de cursos e pesquisadores. Há o risco de se perceber curso, pesquisadores, grupos de pesquisa e alunos como produtivos e não produtivos a partir apenas da elaboração de trabalhos, sem prestígio da qualidade dos mesmos¹⁷.

O segundo discurso diz respeito à competição. Depois de constatar que “escrever não é tarefa fácil”, ganha força a idéia de que temos que entrar no mercado competitivo, onde apenas os melhores (?) vencem. Alguém duvida que a Universidade cria ou reproduz as fissuras do mundo do produtivismo e da competição desmedida aonde a coerência e a qualidade muitas vezes não têm vez?

Inúmeras são as pesquisas “requeitadas”, diversos os grupos de pesquisas ou de pessoas que “prestigiam” unicamente os mais próximos, favorecendo assim a banalidade acadêmica. Isto sem entrar nas questões das brigas por cargos, postos de comandos, horários de disciplinas etc. Viva o mundo das contradições e das crises.

¹⁷ Uma publicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) ajuda a entender um pouco os caminhos percorridos pelas universidades públicas no Brasil e seus avanços e retrocessos em uma leitura agradável, dinâmica e crítica. Ver em DOURADO, L. F. e CATANI, A. M. (ORG). *n.v* _
c : políticas e identidade institucional. Ed. UFG/Ed. Autores Associados; Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, Goiânia, 1999.

Aliado a este discurso, há a necessidade de expor o trabalho, argumentar com outros pesquisadores, discuti-lo de forma clara, envolvente e amadurecida. Permitir que o outro adquira um olhar condizente com a perspectiva real do autor. A clareza nas propostas do trabalho é ponto fundamental para que esta interlocução ocorra.

Na produção científica há sempre um desafio posto, um dilema a enfrentar. Não estamos sozinhos neste momento onde se misturam ansiedades e medos, paixões e incoerências do pesquisador, leituras e discussões que muitas vezes parecem intermináveis. A armadilha de ir pelo caminho mais “fácil” seduz, mas não encanta, no sentido mais aprofundado da palavra encantamento.

A Tese demanda ainda um tempo. Hoje, o da Universidade recortada, padronizada, que forma pesquisadores aparentemente dotados de uma mesma conjuntura e de um mesmo percurso. Surgem verdadeiras máquinas de escrever. Os de ritmo lento são vistos como acomodados ou preguiçosos. Talvez sejam. A máquina de produzir arquivos não pode se apoderar de outros valores na construção do conhecimento. Para os que se propõem a fazer Ciência, a escrita não aparece como castigo, como mera produção quantitativa. Escrever, então, torna-se sinônimo de prazer, de discussão técnica e acadêmica. O possível fardo torna-se reconhecimento, compromisso.

Não há mais espaço para quem ousa sair desta linha de conduta preconizada pelos órgãos financiadores de pesquisas, por gestores e pela comunidade acadêmica. Uma fórmula mágica pretensamente indiscutível se estabelece como unanimidade em relação ao tempo de pesquisa. A Universidade transformou-se, mas ganhou com isto? Os resultados mostram que não.

O conteúdo – o elemento central da Tese – não pode se perder. A sua definição clara, precisa, pontual, objetiva, desde o início do trabalho dá o molde à pesquisa. Recortes são necessários e dúvidas são postas em evidência. Não há retorno, casamento desfeito, trilhas alternativas, multiplicidade de escolhas. O olhar deve ser para frente, fixo, impávido. O alicerce forma-se em cada frase escrita, em cada excesso recortado, em cada capítulo construído, em cada orientação concretizada.

A metodologia – ou construção das formas de agir do pesquisador – ganha vida a partir de cada trabalho específico. Supõe-se que não seja possível adotar técnicas alternativas funcionais ou de maior facilidade apenas para finalizar a obra. Há de se adotar uma identidade ímpar entre o pesquisador e os métodos de atuação do trabalho acadêmico proposto para que a decisão seja a correta. Errar, neste caso, não é humano. É fatal.

Os resultados – na vida, assim como na Tese, buscamos-os o tempo inteiro – são o ápice da pesquisa e dão o tom de despedida ao projeto, enquanto servem de inspiração para tantos outros. Correm ainda o risco de perderem a validade com o passar do tempo, com o advento de novas tecnologias, de recentes descobertas, de outras formas de interpretação. Não há como anulá-los, pois sem eles não há pesquisa. Há de torná-los públicos, dividi-los, fazê-los conhecidos, publicá-los, discuti-los ou até mesmo arquivá-los.

O trabalho científico é uma ciranda. Destacamos aqui um ponto fundamental e um dos quesitos desta ciranda: a nomenclatura do trabalho. Não há Tese sem um título, sem a coroação da pesquisa, sem a identidade – e história – do autor e dos demais personagens envolvidos na sua construção.

Quando a ciranda parece fechada, há um personagem que se apresenta como elo necessário a ilustrar – no sentido mais valioso do vocábulo – cada elemento constituinte de uma Tese: o orientador.

Difícil imaginar um tipo único de orientador dentro dos padrões pretensamente estabelecidos pela Universidade. Não há, por assim dizer, uma caricatura particular desta peça-chave da construção de uma Tese. O orientador é o freio necessário e o acelerador indispensável. São muitos por aí. Nos metem medo, são divertidos, instigantes, objetivos, utópicos, relaxados, amáveis, simpáticos, calculistas, metódicos, receptivos, cuidadosos, responsáveis, tímidos, amigos, compromissados, aproveitadores, racionais, debochados. São tantos adjetivos que os chamaria de “camaleões acadêmicos”.

Os orientadores são os olhos vigilantes e a sombra que nos acompanham (orientados) durante toda a pesquisa. Como isto parece nos incomodar. Comportam-se como amigos íntimos e distantes ou inimigos declarados, fazem parte da nossa vida. Lamentamos e nos alegamos com eles ou por causa deles. A Tese tem, então, diversos olhares e variadas perspectivas em um único trabalho. Chega-se ao final de um processo – e início de outros.

Discutir os caminhos desta Tese com o orientador e a banca examinadora deste trabalho é motivo de alegria e de ansiedade. A exposição pública é cercada de inquietações, ao mesmo tempo em que aponta indícios da caminhada acadêmica percorrida. A mobilidade é necessária.

Apresento assim, os motivos que instigaram a escrita de uma pesquisa acadêmica sobre o projeto “Cidade dos Meninos”, os aspectos metodológicos, os caminhos percorridos dentro e fora da Universidade, as mudanças ocorridas a partir do projeto inicial, as perspectivas e os temores para a construção do trabalho final.

Os caminhos da Tese de Paulo Henrique Lima de Oliveira.

“O pensar não pode ser uma atividade solitária, mas sim solidária. O maior número possível de pessoas deve envolver-se com esta tarefa essencial”.
(CASSIMIRO & GONÇALVES, 1986)

Meados de 2003. Mais um andarilho cearense trazia uma proposta de vida na bagagem e o destino agora era Uberlândia, município do chamado “Triângulo Mineiro”, no Estado de Minas Gerais. O objetivo era fazer a seleção para o ingresso no recém-criado curso de Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Havia um projeto nas mãos, algumas idéias na cabeça e uma curiosidade aguçada em conhecer a universidade na qual futuramente iria estudar.

Para conseguir consolidar tal objetivo faltava a anuência do provável orientador, que dialogou comigo via telefone e mensagens eletrônicas e concluiu que não poderia me acompanhar, pois havia alguns impedimentos para que me aceitasse como orientando naquele momento. Indicou, então, o nome de um outro professor que poderia dialogar comigo com mais proximidade da pesquisa que eu me propunha a abordar. O “não” e “sim” apareceram no mesmo momento, complementaram-se.

Havia, então, o provável orientador, o projeto, as idéias na cabeça, a seleção por fazer, a Universidade por desbravar. Faltava o lugar para ficar e foi uma grata surpresa encontrar no bairro Canaã o abrigo seguro de que necessitava. Alongar o relato desta época é tentador, mas desnecessário neste momento. Posso assegurar que o Canaã de Uberlândia me trouxe mais do que leite e mel. Permitiu-me compartilhar histórias de vida, sentir-me parte integrante de uma pequena família por pura afinidade e confiança mútua.

A partir do projeto inicial de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, houve uma série de mudanças e ajustes necessários para o amadurecimento da Tese. O alicerce está construído.

Para isto tive diversos encontros de orientação, atividades com grupos de estudos, disciplinas cursadas, debates acadêmicos, seminários e interlocução com outros pesquisadores. A criação científica promove redes de sociabilidade e descobertas fantásticas.

No Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) formatou-se a base da discussão acadêmica sobre a Tese apresentada ao seu Programa de Pós-Graduação. A cada semestre a pesquisa ganhou forma mais consolidada e anuncia agora o seu término no tempo proposto inicialmente. Um suspiro de saudade se anuncia.

As disciplinas cursadas no IG da UFU abriram possibilidades de perceber a diversidade de projetos que estão presentes em um mesmo curso de Pós-Graduação e permitiram a troca de experiências sobre as esperanças e temores de cada pesquisador. A humanização se estabeleceu de forma mais ampla no ambiente de ensino/aprendizagem.

Como parte de um projeto maior de amadurecimento do trabalho acadêmico, houve a participação do pesquisador por um período no grupo de estudos Diálogos com a Geografia Cultural. Grupo este que está ligado ao Laboratório de Geografia Cultural e do Turismo da UFU. As discussões, diferentemente do que ocorria em salas de aulas, eram feitas em uma pequena mesa, no próprio Laboratório, com pessoas envolvidas em diferentes projetos acadêmicos ou profissionais e um nível

leituras e diálogos, o grupo se propôs indiretamente a amadurecer as relações pessoais entre os seus membros. Resultados apareceram.

A observação de campo do objeto de pesquisa desta Tese estava a mais de 500 km da universidade que acolheu a sua proposta de realização. Idas e vindas no percurso Ribeirão das Neves – Belo Horizonte – Uberlândia – Belo Horizonte – Ribeirão das Neves e vice-versa, se fizeram necessárias. Outras redes sociais se apresentaram nas rodoviárias, aeroportos, casas de famílias, bares e estradas mineiras. A universidade se amplia para a vida, dinamiza-se.

Eventos realizados na UFU e em outras universidades brasileiras como a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFG (Universidade Federal de Goiás) e PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) motivaram o intercâmbio entre pesquisadores e publicizaram a Tese com mais propriedade. Mini-cursos, palestras, audição de defesas de dissertações e teses completaram um ciclo necessário para repensar a própria pesquisa.

A Tese, então, ganhou forma mais estruturada e será assim disposta: uma parte inicial que apresenta os motivos que despertaram o interesse por estudar e entender a existência da “Cidade dos Meninos” em um município com as características de Ribeirão das Neves. Alguns destes motivos se insinuaram na apresentação, mas serão discutidos, por diversas vezes, no decorrer do trabalho.

A experiência profissional naquela cidade e na própria instituição possibilitou o levantamento de algumas hipóteses e questões ainda pouco reveladas. A dinâmica do município precisa ser entendida a partir da metrópole para se chegar ao enigma da funcionalidade e do apelo ao mundo do trabalho que, embora posto, não está aprofundado na “Cidade dos Meninos”.

Na introdução da Tese e ao longo do primeiro capítulo descortina-se a dinâmica do município de Ribeirão das Neves que, na época de sua emancipação político-administrativa, ocorrida há pouco mais de meio século, lidava com valores e modos de vida do mundo rural que hoje despertam certo saudosismo nos seus habitantes.

Neste trabalho serão expostos, ainda, os dilemas, encontros e desencontros que constituem a dinâmica organizacional da “Cidade dos Meninos”. Com a chegada da filantropia, foram alterados os modos de vida de milhares de pessoas que vivem em um município que passou por um processo de metropolização intenso e singular, nas últimas décadas. O processo de urbanização sofrido constantemente pela sua população, não pode ser esquecido também.

Levantar os meandros constitutivos da existência da “Cidade dos Meninos”, em Ribeirão das Neves e apresentar a metodologia aplicada na pesquisa, encerram a parte introdutória do trabalho.

Partimos de uma situação concreta quando indagamos a respeito de uma instituição privada que realiza aquilo que a sociedade deseja, mas que o Estado não consegue desenvolver. Portanto, houve uma incursão histórica para entender como um município que apresenta enormes carências econômicas, consegue estruturar e desenvolver uma instituição que, aparentemente, é o seu inverso. Como explicar esta relação de dependência e de trocas entre o público e o privado?

A pesquisa, então, considerando a realidade, a história de vida e o recorte histórico do funcionamento da “Cidade dos Meninos,” em Ribeirão das Neves, buscou elementos para analisar o espaço (vivido e concebido) resultante, ou em processo, no interior da instituição.

Preocupamo-nos em observar e descrever uma realidade que se opõe ao próprio caos da cidade. Não deixa, no entanto, de ser também, o próprio resultado deste caos, da crise cidadina. A CDM se anuncia como ilustração mais otimizada da dinâmica do município. Apresenta-se como cidade, funciona como tal, mas de fato, não é. Protege-se das contradições do urbano e reproduz outras contradições que são negociadas no seu cotidiano. Suas incoerências são suavizadas pelas carências do espaço e das pessoas que ela atende.

A ideologia, instrumento de formação humana, de imposição da ordem e de organização sócio-espacial, é um importante fio condutor para que se possa entender com mais clareza e profundidade o funcionamento da “Cidade dos Meninos”. Utilizaremos, em alguns trechos deste trabalho, exemplos que caracterizam a ideologia cristã, para mostrar com mais clareza a dimensão religiosa implantada no cotidiano da instituição pesquisada. A postura do pesquisador em relação ao mundo que se pesquisa, aparece, de certa forma, contemplada nos exemplos citados ao longo da tese.

A “Cidade dos Meninos” é um território que se alicerça e ganha notoriedade dentro de Ribeirão das Neves. A preparação do jovem para o mercado de trabalho é a sua identidade mais visível. O território reforça a sua dimensão enquanto representação, valor simbólico, e prestigia a historicidade dos grupos sociais. Haesbaert (2006, p.53) sustenta que:

Da mesma forma que pode ou não ser um conceito que integra todas as esferas sociais, o território, numa perspectiva histórica, pode também ser amplo, generalizável, a ponto de abranger toda a história humana – constituindo assim um dos seus componentes “ontológicos” –, ou ser visto de forma mais restrita, relacionando-se apenas a determinados contextos históricos- sociais.

O conceito de território está intimamente ligado ao entendimento da concepção de espaço, segundo Moreira (2006, p.79). Para este autor, “o recorte

espacial é o princípio do conceito de território: o recorte qualificado por seu sujeito (o corpo)”.

A “Cidade dos Meninos”, espaço projetado para que possa atingir em plenitude os seus objetivos, procura, de maneiras diversas, difundir e manter nas práticas cotidianas, vários elementos da ideologia cristã. A ordenação e os usos dos seus ambientes passam a enaltecer com mais particularidade os aspectos religiosos que permitem aos diversos sujeitos que se relacionam com esta instituição, consolidarem uma linha de “pensamento único” na produção do espaço idealizado, planejado. Assim, o profano, a desordem, as possíveis contradições do espaço não aparecem como elementos constitutivos da vida coletiva. A idéia de uma cidade em miniatura, a “cidade dentro da cidade”, ganha peso.

O aspecto metodológico envolveu a abordagem de campo com aplicação de entrevistas semi-estruturadas com pessoas-chave, a vivência “in loco”, por um período, na instituição escolhida como o objeto de investigação e a escrita de anotações nos diários de campo. A ênfase na história oral surgiu como núcleo norteador de alguns enigmas e/ou contradições encontradas no decorrer da produção da Tese.

Como parâmetro de observação da instituição pesquisada, ocorrida entre julho de 2005 e abril de 2007¹⁸, selecionamos alguns dias, atividades e momentos coletivos ocorridos dentro da instituição para compreender os enigmas e as contradições da “Cidade dos Meninos”. Nestes momentos sociais, todos os setores

¹⁸ Cabe uma ressalva: Em julho de 2005, não havia atividades com os jovens na CDM, apenas treinamento de funcionários. Foi a nossa primeira experiência com um grupo maior na esfera administrativa interna. Em 2007, as visitas feitas à instituição tinham outros objetivos, como leitura de documentos, diálogos com funcionários, participação em pequenas atividades como celebrações festivas ou mesmo para visitar contatos em que as relações se estreitaram mais. Para recorte da pesquisa, o período formal estabelecido para os momentos escolhidos se deram entre agosto de 2005 e setembro de 2006.

representativos que fazem funcionar a instituição estavam presentes: diretoria, disciplinadores, mães-sociais, religiosos, internos e, eventualmente, convidados.

Estes momentos coletivos, escolhidos para observação de campo, foram os seguintes: a denominada “Quinta Cultural”; evento artístico, cultural, festivo e de conagração coletivo; palestra sobre valores morais, seguida de missa semanal, que ocorria todas as sextas-feiras, também no final da tarde; o café da manhã, aos sábados e que antecedia a saída dos internos para o final de semana em outro lugar que não a própria instituição e o retorno destes jovens nas noites de domingo para novamente vivenciarem a experiência de internato. No decorrer da escrita desta Tese, cada momento selecionado para o recorte da pesquisa de campo foi descrito e analisado (Fig. 01).

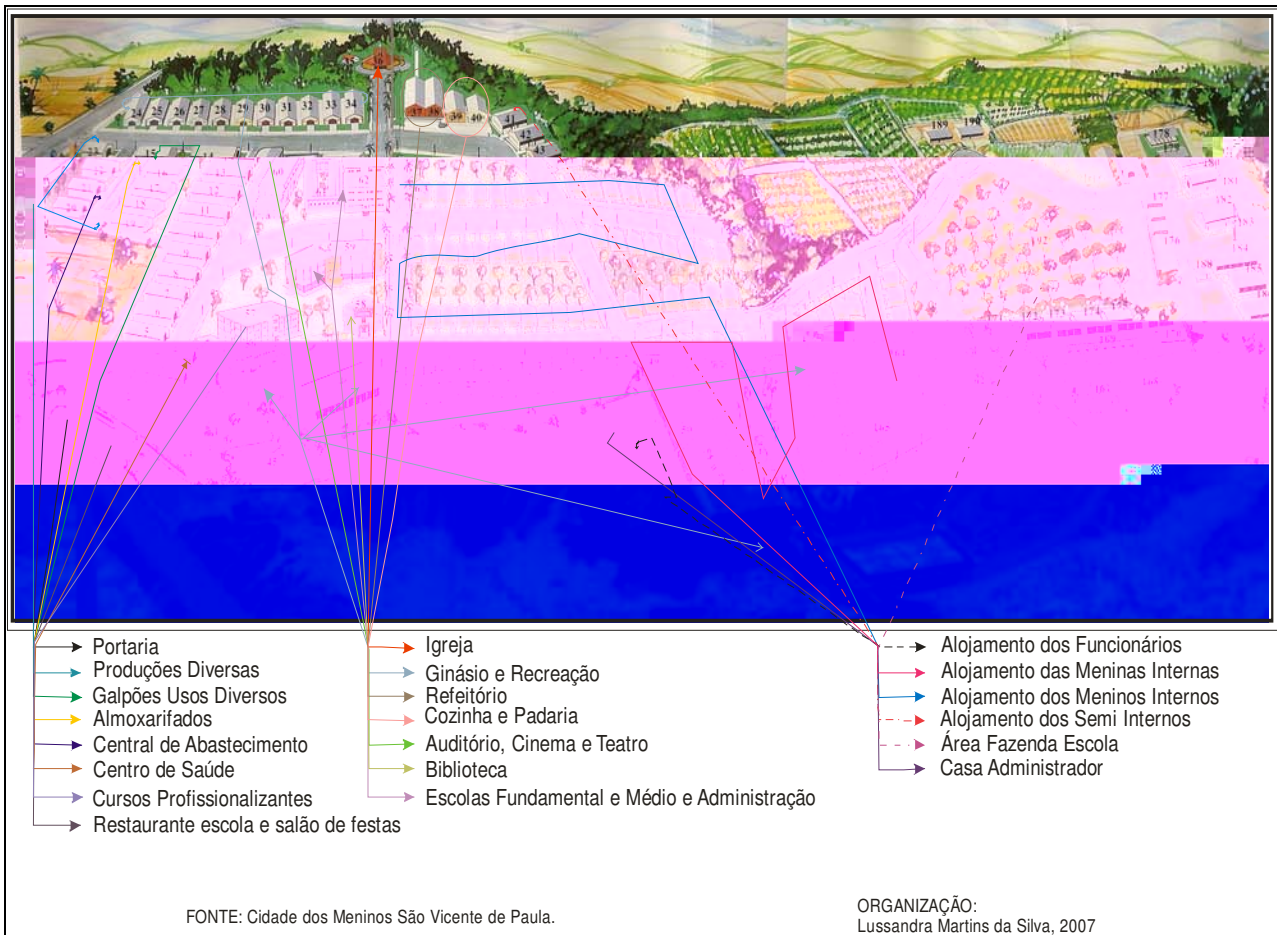


FIGURA: 1 – A CDM e sua estrutura física organizada, segura e que imita aspectos da cidade. Na ilustração podemos ver ruas, escolas, áreas de lazer e a igreja. A filantropia traduz aspectos das cidades planejadas, assim como as suas características, como a organização espacial a partir dos interesses de quem a idealiza.

Dentro do simulacro de cidade, tido como referência positiva para o município de Ribeirão das Neves, os locais escolhidos para a observação foram os seguintes: (Figuras 02, 03, 04 e 05)

Trajetória do Pesquisador na Cidade Casa dos Meninos de Domingo e Quinta Feira



Trajetos do Pesquisador na Cidade Casa dos Meninos de Sexta-Feira e Sábado



Trajetos percorridos às Sextas Feiras - Evento: Palestra e Missa

- Trajetos do Pesquisador
- Trajetos 1 - Refeitório
- Trajetos 2 - Palestra e Missa
- Trajetos 3 - Entrevistas/Visitas nas casas Jovens Internos



Trajetos percorridos aos sábados

- Trajetos do Pesquisador
- Trajetos 1- Portaria ao Refeitório
- Ponto Observação

RS SITE: Casa dos Meninos São Vicente de Paulo

© 2008 CACERES
LACERDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

FIGURA: 2, 3, 4, 5 – Trajetos percorridos pelo pesquisador e locais escolhidos para as observações. Foram contemplados o auditório, a portaria, as casa-lar e áreas externas.

Num segundo instante, outros dias e atividades também foram contemplados na pesquisa, como o acompanhamento de movimentações relacionadas aos cursos profissionalizantes de diversas áreas ou a vivência da intimidade dos momentos mais particulares, quando permitidos nas suas casas-lar e momentos de lazer coletivo. São instantes complementares que ajudam na compreensão dos escolhidos prioritariamente para a observação sistemática. As festas, que ocorreram com menor frequência, mas mostram a sua força estão inseridas na proposta de observação de campo.

Os momentos de sociabilidade escolhidos caracterizam diversos aspectos da “Cidade dos Meninos”. Na “Quinta Cultural” há o enfoque nas artes, na interação social, no conagraçamento coletivo, na recreação e na informalidade. Após o período de estudo e de cumprimento das tarefas formais, os jovens, juntamente com as suas mães-sociais, se dirigem ao auditório da instituição para participarem de atividades artísticas diversas. São programados shows, sessões de filmes, grupos de dança, peças teatrais, etc. Algumas vezes o evento é suspenso por algum problema técnico (defeito em determinado equipamento, por exemplo) ou para punir os educandos. Se há um número expressivo de notas baixas nas escolas, ao invés de se divertirem, os alunos vão reforçar os estudos. Estudo e lazer estão interligados, relacionados um ao outro. Sem estudo, não há lazer. Sem lazer, há estudo.

Às vésperas de provas bimestrais ou afins, os próprios alunos não têm muito interesse em participar das atividades artísticas e a instituição os desobriga de irem às atividades recreativas, mas os jovens devem acompanhar os grupos das quais fazem parte. Assim, se uma determinada casa-lar decide ir prestigiar a “Quinta Cultural”, todos os seus moradores irão. O senso de coletividade se estabelece, mesmo que de forma obrigatória. Não há a imposição individual. A primeira pessoa

do plural fala mais alto. Os verbos passam a ser conjugados, levando-se em conta de que há um grupo coeso, inseparável. “Vamos” para o auditório, “estamos” atrasados, “ficaremos” em casa hoje são expressões usuais ditas e ouvidas muitas vezes. O “nós” se anuncia na sociedade do “eu”.

Em contrapartida, a mãe-social¹⁹ mostra que tem a força hierárquica quando da tomada de decisões relacionadas ao grupo. Alguns internos questionam certos procedimentos estipulados por ela, mas cumprem todas as determinações colocadas. Neste aspecto, a forma singular do verbo se impõe quando a mãe-social verbaliza algumas frases repetidas vezes: “Vou” decidir se libero ou não vocês, “quero” ver todo mundo em fila agora, “não vou” mais discutir com vocês de novo são alguns exemplos que ilustram os diálogos entre a autoridade e os subordinados. O “eu” se impõe, deixa o “nós” inquieto.

Na palestra sobre valores morais, seguida de missa solene, eventos que ocorrem em uma mesma tarde, todas as sextas-feiras, o tom comportamental se baseia na seriedade e na individualidade. Há muitos momentos de silêncio e expressões de fé no comportamento e nas feições corporais dos jovens e dos funcionários. O discurso acerca dos valores morais e cristãos, que é uma prévia do culto religioso, ganha destaque. É neste horário que o Presidente da instituição fala com mais empenho da importância de ser cristão, responsável, honesto e trabalhador.

Na saída para a casa dos familiares ou para outros locais, no sábado, pela manhã, há o retrato evidente das expectativas e frustrações com o mundo externo. Há o escape coletivo do “vitro” que impede que as contradições da cidade capturem tantas pessoas durante a semana. Todos devem deixar a perspectiva fragmentada

¹⁹ Mãe-social é a responsável por um grupo de 16 internos em cada casa-lar. Em capítulo específico, voltaremos a tecer comentários sobre elas. No ano de 2007, cada mãe-social ficou responsável por até 18 internos em cada unidade habitacional.

da cidade e retornar no próximo dia. A experiência da vivência particular da realidade do município dura pouco mais de 24 horas. Na volta para o internato, no domingo, há o diagnóstico do jovem que volta do mundo externo para mais uma semana longe dos perigos – alguns interpretam assim – das ruas, das drogas, das doenças, da violência e dos atrativos da televisão e do rádio. Inicia-se ali a padronização de condutas e de tempo, mas não de pessoas. A ordem se aproxima da desordem, como veremos no decorrer do trabalho, a partir dos momentos escolhidos para a observação e interpretação da pesquisa.

Há um número consideravelmente maior de jovens do sexo masculino do que do feminino na “Cidade dos Meninos”. Todos, independentemente do sexo, têm entre 13 e 17 anos. Os que completam 18 anos podem ficar até o período escolar anual terminar. No total, são mais de mil jovens internos e semi-internos. No início de 2007 foram selecionados 1.644 (um mil, seiscentos e quarenta e quatro) adolescentes, sendo assim distribuídos:

Número de internos	Sexo	Número de semi-internos	Sexo
707	Masculino	305	Masculino
386	Feminino	252	Feminino

QUADRO: 1 – Número de internos e semi-internos por sexo na Cidade dos Meninos. Ano – 2007. Fonte: CDM.

Esta quantidade de jovens é significativamente maior que a do final do ano de 2006, que totalizou 1.083 (um mil e oitenta e três) jovens entre internos e semi-internos. A distribuição neste ano era a seguinte:

Número de internos	Sexo	Número de semi-internos	Sexo
530	Masculino	149	Masculino
269	Feminino	135	Feminino

QUADRO: 2 – Número de internos e semi-internos por sexo na Cidade dos Meninos. Ano – 2006. Fonte: CDM.

Estes números, relativos ao final de 2006 e início de 2007, não contemplam os alunos externos que estavam ou estão matriculados nas escolas regulares e nos cursos profissionalizantes oferecidos pela CDM. No site oficial da instituição e nas revistas e jornais de divulgação do projeto, registra-se que mais de 5.000 (cinco mil) pessoas fazem uso freqüente da instituição através das suas escolas e dos seus cursos profissionalizantes²⁰.

Os homens foram aceitos desde o início e as jovens adolescentes só recentemente chegaram à instituição. O homem pode ocupar o paraíso antes, mas a mulher foi dado o direito de tirá-lo de lá. A Tese fará considerações sobre ambos os sexos, mas se deterá com mais propriedade no ambiente dos meninos, onde houve uma abertura maior para a visita às casas-lar, para a formulação de entrevistas e conversas e pelo número mais significativo de pessoas deste sexo na instituição. A Cidade é dos meninos e das meninas²¹.

Cumprir fazer uma ressalva: todos os elementos constitutivos que permitiram a interpretação e a elaboração de um debate maior sobre a “Cidade dos Meninos” foram buscados e são apresentados. Há mais a ser desvendado, discutido e entendido. Possibilidade para uma outra pesquisa, certamente.

No capítulo 1, a discussão acadêmica está pautada, principalmente, na apresentação do município de Ribeirão das Neves, onde funciona o projeto “Cidade dos Meninos”. Em seguida, no capítulo 2, há um debate sobre as relações criadas entre o município e a instituição filantrópica. Nos capítulos 3 e 4, a abordagem científica fixa o seu olhar na perspectiva do entendimento do trabalho como estratégia política direcionada aos jovens.

²⁰ A instituição fez ressalvas em divulgar dados mais detalhados sobre o número de jovens ingressantes e desistentes por ano.

²¹ Estamos trabalhando com os termos “meninos” e “meninas” para acompanhar a dinâmica usada na instituição. Pelos seus aspectos físicos, muitos destes jovens de 13 a 17 anos já são homens e mulheres feitos.

CAPÍTULO 1

“Quando vejo alguém contente
Tenho inveja dessa gente
Que não sabe o que é sofrer”.

Noel Rosa

1. Lembranças, memórias e sonhos em Ribeirão das Neves: o futuro sem passado?

“Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos surpreendam;
E quem caminha nas trevas não sabe para onde vai”.
(João, 12;35)

O estado de Minas Gerais detém a terceira maior economia do Brasil e apresenta-se como a Unidade Federativa que agrega o maior número de municípios. São 853 no total, segundo dados relativos ao ano de 2004 e disponibilizados pelo IBGE.

Destes inúmeros municípios localizados em Minas Gerais, vários deles ganharam espaço na mídia e em estudos acadêmicos por suas particularidades no incremento ao Turismo e no resgate de sua história, rica em personagens fortes, fatos marcantes e promoção das festas. Ouro Preto, Mariana, Congonhas e Diamantina são alguns exemplos.

Outros municípios pertencentes ao estado de Minas Gerais tiveram a sua história estigmatizada e confundida pelo forte movimento migratório da população local para países como os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e outros tidos como desenvolvidos no que diz respeito à economia, mercado de trabalho e tecnologia. A formação da imagem destes municípios chega a ser caricatural e estereotipada. Passaportes falsos, quadrilhas de agenciadores, investimentos financeiros de alto valor, deportações e processos judiciais fazem parte desta trama urbana que retrata a realidade comum a milhares de brasileiros. Governador Valadares e Poços de Caldas apresentam-se como os mais conhecidos dentro deste parâmetro de “tentar

a vida lá fora”. Jornais de grande circulação e a mídia televisiva repetem histórias diversas que sinalizam uma insatisfação com a vida em algumas cidades brasileiras²².

Nota-se que a precariedade econômica fomenta a saída de muitas pessoas da sua cidade de origem para trabalharem em outros estados ou regiões. No Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais e uma das regiões mais pobres do estado, vivem quase um milhão de pessoas. Trabalhadores de diversos municípios daquela região se deslocam anualmente para o estado de São Paulo para exercerem atividades profissionais nas colheitas de cana-de-açúcar e de café. Não há garantias de um futuro melhor com os deslocamentos feitos, mas há sonhos e pobreza, muita pobreza, que perpassa o mundo da materialidade.

Quem se preocupa com os migrantes? As pastorais de igrejas apontam uma resposta mais imediata, mas não conseguem fazer com que este grupo se integre, na sua totalidade, aos lugares aonde chegam (geralmente cidades de maior porte econômico, cultural e tecnológico). Os “estrangeiros” muitas vezes ficam à margem da produção e do consumo de bens e serviços, mas se fazem notar como pessoas.

Os migrantes seriam os “sobrantes” do urbano? Damiani (2000, p.30) entende que a totalidade do urbano não se apresenta para todos, assim como o capital, o trabalho, os direitos e a cidadania. Para a autora, *n o á o u _ no _ o o é _ c o u _ no n o _ co oc o co c _z u c n . A*

²² Notícia veiculada no jornal O Estado de Minas, em 22/06/2006, informa que: “Os emigrantes que deixaram Governador Valadares, no Leste de Minas, para tentar a sorte em outros países, passam a contar agora com um Centro de Informação, Apoio e Amparo à Família e ao Trabalhador no Exterior (CIAAT), graças a uma parceria entre a Fundação Banco do Brasil e a ONG União Operária de Governador Valadares, com investimento de R\$ 437 mil. O objetivo do CIAAT é desenvolver ações de apoio a famílias que têm parentes no exterior e fornecer mecanismos de inclusão social, com incentivo à entrada e permanência no mercado de trabalho no Brasil. **“A migração clandestina faz parte da realidade cultural dessa região. É preciso identificar as causas e buscar alternativas para que o trabalhador não precise se submeter a uma vida precária no exterior”**, informou à reportagem, o presidente da Fundação Banco do Brasil, Jacques Pena”. (grifo nosso).

migração e o nomadismo podem dar respostas a esta falta de perspectiva que assusta muitas pessoas.

Existem ainda municípios mineiros que são conhecidos e reverenciados pelos seus encantos naturais e paisagísticos. A decantada Minas Gerais com suas serras, cachoeiras e culinária peculiar ganha elogios, cativa o seu povo. Conceição do Mato Dentro, Serro, Diamantina e tantos outros municípios despertam os olhares da comunidade local e são capturadas pelo turismo.

A comercialização de pedras preciosas, como força matriz da economia local, aparece como referência de mais algumas cidades situadas em território mineiro. Teófilo Otoni e áreas circunvizinhas são exemplos disto.

Há de se lembrar ainda das chamadas cidades universitárias, como Lavras, Ouro Preto e Viçosa. Fomentam um mercado imobiliário voltado para estudantes, funcionários e professores das instituições de ensino superior, abrem espaço para o desenvolvimento comercial local com a presença de bares, restaurantes, livrarias, casas de espetáculos e propalam com mais facilidade que o acesso ao conhecimento científico não se distancia da vida local.

Necessário registrar determinados municípios que apresentam uma afinidade com a dinâmica própria das religiões cristãs e que são referências em festas religiosas, procissões e romarias. Congonhas, Sabará e Piedade das Gerais vivem e prestigiam este movimento diariamente. Os líderes religiosos, como Chico Xavier, esboçam relações de intimidade com as cidades em que viveram ou nasceram. Neste caso, Uberaba entra em cena.

Os municípios que promovem o esoterismo, prestigiam a ufologia ou movimentos holísticos se destacam e ganham o sabor do inusitado, do desconhecido. Permitem uma interação maior da comunidade que dá margens à

imaginação para contar casos, vivenciar novas experiências, trocar relatos com os outros. Varginha e São Thomé das Letras estão entre os mais conhecidos.

Vários municípios mineiros ganharam notoriedade por abrigarem grandes empresas em suas áreas político-administrativas e com isto viram a cidade transformar-se radicalmente com a entrada do capital externo. Os nomes e as imagens deles nos vêm rapidamente à memória: Betim, Ouro Branco e Contagem, dentre outros.

O Triângulo Mineiro aparece com a imagem estereotipada que relaciona o linguajar popular e os modos de vida dos moradores desta região aos caipiras de São Paulo. Esta particularidade pode ser explicada, de certa forma, pela proximidade de algumas cidades mineiras pertencentes a esta região com as paulistanas. Segundo Longhi (1997), o Triângulo é um grande pólo atacadista agroindustrial e comercial, além de ser politicamente importante no estado de Minas Gerais. Completa dizendo que *o n u o f o u n ncon cono c n o u o u c n nc Mn G*. É, ainda, segundo Santos e Pirette (2004, p.176), uma região que recentemente tem mostrado potencialidades turísticas no seu espaço rural.

Há ainda uma série de fatores que formulam uma idéia de imagem pontual de cada município citado. Este trabalho não contemplará o aprofundamento em todos eles, evidentemente.

A culinária, os atrativos turísticos, o artesanato local, as indústrias, os minérios, os mártires, o clima e a paisagem podem dar uma identidade própria a cada município. Para cada município há uma unicidade formada a partir da sua imagem midiática e socialmente incorporada. Muitas vezes estas imagens transmitidas pelos meios de comunicação ou pela tradição oral não são plenamente

aceitas como verdadeiras pelos seus habitantes. Cabe à pesquisa científica, quando se propuser a este objetivo, analisar até que ponto as imagens comuns das cidades permitem outras interpretações, o que não faremos neste trabalho.

Não esboçaremos crítica mais densa à percepção generalizada dos municípios mineiros relacionados. Citamos apenas a imagem corriqueira, inspirada em conversas informais, na divulgação repetida em guias de viagens e turismo, na leitura de jornais mineiros e na provocação feita por humoristas e por profissionais das artes no estado de Minas Gerais. As repetições não dão espaço para que se desmistifiquem as formulações generalizadas sobre cada município. A captura da imagem de uma cidade, de certa forma, a define, mas não a contempla por inteiro. Mostra fragmentos.

Na abordagem específica sobre os municípios de Ribeirão das Neves e Belo Horizonte, faremos uma discussão crítica, amadurecida e pontual às suas particularidades e as relações que mantém entre si.

Belo Horizonte, a capital do estado, inicialmente planejada e concebida para abrigar regularmente os seus habitantes, com infra-estrutura adequada de bens e serviços urbanos, mostra-se saturada em diversos aspectos. Dispensável citá-los neste momento.

Há um discurso orquestrado de que a cidade em questão cresceu demais e, conseqüentemente, os seus problemas se avolumaram. É necessário entender os motivos pelos quais o planejamento, em Belo Horizonte, não se mostrou plenamente eficaz nas suas propostas iniciais. O aspecto tecnicista e os interesses que circundam o olhar do planejador respondem a esta inquietação. Cintra (1974, p. 116) tece críticas aos planejadores urbanos de uma forma geral. Expõe que:

No desempenho de seu papel, o planejador estará, quer queira, quer não, envolvido em excruciantes conflitos de valores e interesses. As posturas teóricas e práticas que desenvolver serão, em grande parte, resposta a dilemas, desafios e problemas colocados pela complexa trama em que se entrelaçam e enleiam interesses pessoais e profissionais, e identificações organizacionais e sociais mais amplas. Em muitas das situações, mais do que consenso entre os planejadores, teremos profundas divergências afastando-se de um paradigma profissional comum. Em outros casos, **em lugar de respostas cristalizadas, teremos experimentações e tentativas**, trajetórias oscilantes, em função dos difíceis “trade-offs” entre valores conflitantes e das injunções a que o desempenho do papel do planejador na esfera pública está submetido.

O planejamento em Belo Horizonte contemplou diversos interesses e frustrou outros. Não há dúvida de que o poder do capital monetário tenha se estabelecido com mais propriedade na construção da imagem de uma cidade organizada e ordeira. Em um discurso ufanista, na comemoração do 50º aniversário da capital de Minas Gerais, o então orador, Sr. Nelson de Sena, fala de modo naturalizado e aceitável sobre a inquietação que os pobres geravam no município naquela época e a “solução” apontada para “higienizar” o espaço. O ano era 1947.

No decurso destes 50 anos, muitas modificações têm sofrido o aspecto da cidade e, não raro, o que é passível de justa crítica, **tem sido mutilada a primitiva e bem organizada Planta Cadastral da Cidade**, com alterações em nada recomendáveis em alguns casos; mas, em outros casos, é justo reconhecer que se tem reconstruído para melhor realce da cidade um ou outro ponto de antigas edificações, como passamos a exemplificar com casos concretos de simples observação local.

Assim, por exemplo, na Velha Favela das Cafuas da Barroca, a meio caminho do Centro da Cidade para o [bairro] Calafate, hoje se estende o casario moderno populoso bairro de Lourdes; também da primitiva Favela Cafuas de operários, que existia no alto da Estação Férrea Pedro II, nos terrenos amorrados (sic) que subiam da atual Praça Ruy Barbosa para o Bairro da Floresta, **não há mais nem vestígios**, com os arrumamentos novos e modernos que ali existem, com as numerosas edificações e dependências da Rede Mineira de Viação, em sua Diretoria e Escritórios alojados no amplo edifício “Chagas Doria”²³. (SENA, 1947:25)

Os pobres não sumiram, foram removidos para outros lugares. Sem a presença deles em alguns bairros, a cidade se apresentava bela, tranqüila, cheia de vida e materialmente valorizada. Crédito para os planejadores, poder público e especuladores imobiliários que atenderam a alguns interesses e reformularam a

²³ Os grifos são nossos.

imagem da cidade circunscrita à relação econômica. Esta proposta se mantém posta até hoje.

Concluída há pouco tempo, o “Boulevard Arrudas”, uma grande obra de “revitalização” do centro de Belo Horizonte, alargou ruas e avenidas, terraplanou o principal rio da cidade e modificou a arquitetura de praças e prédios públicos antigos. Segundo notícias veiculadas em jornais locais, a transformação “necessária” para fluir o trânsito da metrópole promoveu o aumento do valor dos imóveis. A capital mineira, com a sua área central mais estilizada, com fontes luminosas e maior segurança, desperta o desejo de moradia em locais antes vistos como perigosos e associados ao caos urbano da metrópole.

A sedução de morar distante dos pobres, de grupos ou pessoas que trazem incômodos aos detentores do poder econômico se faz presente na sociedade moderna com bastante notoriedade, mas não é um fato novo. Basta voltarmos o olhar para a história da humanidade para confirmarmos este comportamento. A ordem é necessária, a depreciação do outro, não.

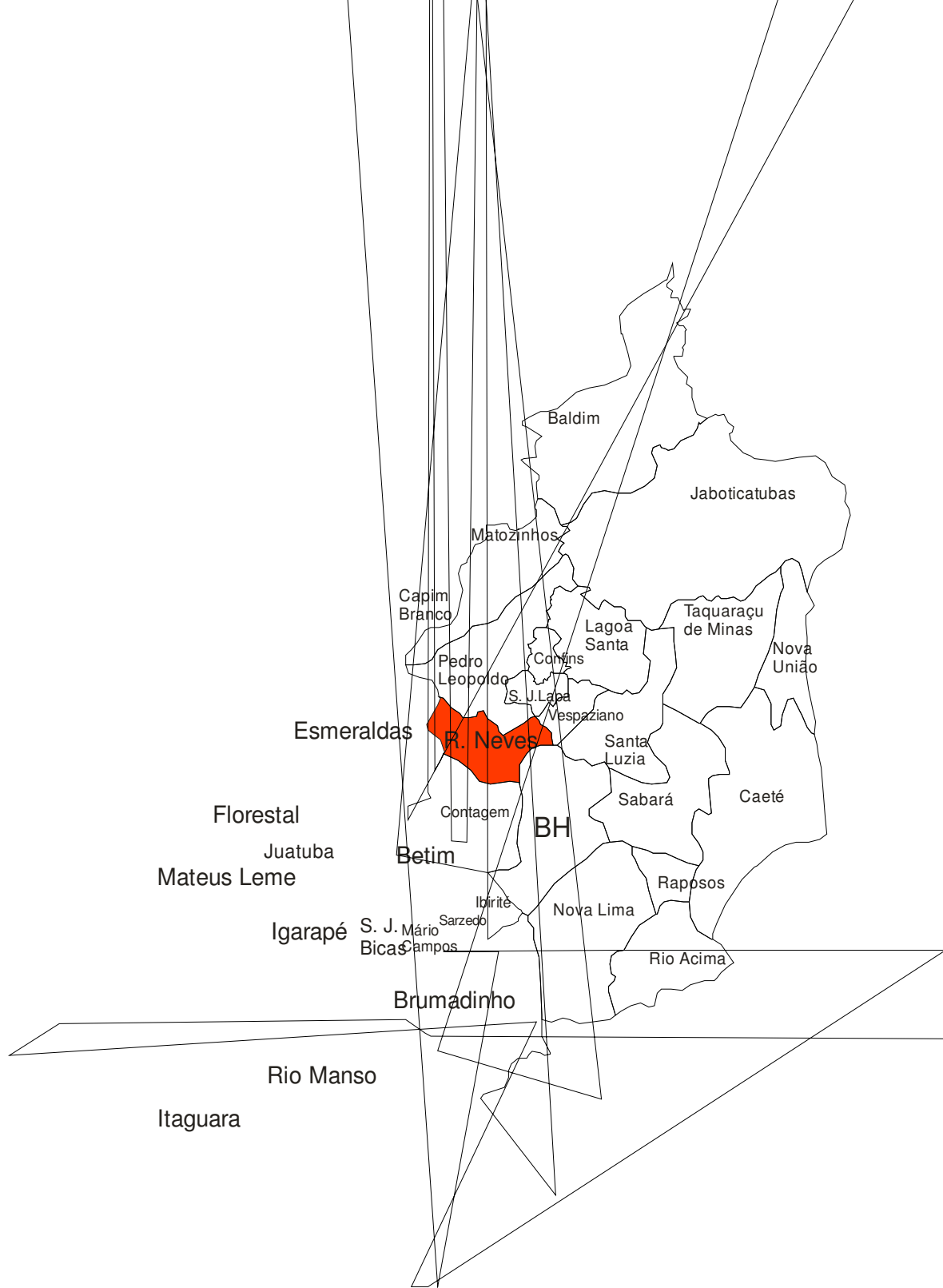
Além da capital mineira, outros 33 municípios integram a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e somam um contingente de 4.800.000 (quatro milhões e oitocentos mil habitantes)²⁴. Juntos, contemplam 1/3 da população do estado de Minas Gerais e 1/4 da arrecadação de impostos²⁵. São municípios que congregam problemas e aflições em comum e suas particularidades são discutidas e reconhecidas em separado. Há planos para que estes municípios tenham projetos em comum nas áreas de habitação, saúde, moradia e transporte. A expansão da

²⁴ Fonte: IBGE, 2004.

²⁵ Fonte: Fundação João Pinheiro/Governo de Minas Gerais.

metrópole preocupa e estimula ações políticas²⁶ que ainda não ganharam consistência maior. (MAPA 02)

²⁶ Nos dias 31 de agosto de 1 de setembro de 2007, a Câmara Municipal de Belo Horizonte promoveu o “Fórum Metropolitano da RMBH: A questão Metropolitana – Problemas Comuns, Soluções Compartilhadas”. Nas várias discussões ocorridas com pesquisadores, autoridades, sindicatos e grupos diversos, a questão do transporte não interligado entre estes municípios foi apontada como uma das causas da não integração entre eles. O fato de a capital deter quase que exclusivamente os serviços de saúde, transporte e educação mais especializados, é um dos entraves, segundo os expositores, para que ocorra descentralização dos serviços e rede de mobilidade urbana que favoreçam o desenvolvimento da RMBH como um todo.



1.1. Belo Horizonte e Ribeirão das Neves: do rural ao urbano. Da ordem à danação.

“No tecido urbano, jogos e conflitos de interesse estão registrados espacialmente”.
(SILVA, 1992).

Cada município traz consigo uma imagem, um dilema, um personagem, um herói, um mártir, um mito, um santo, uma história ou uma lenda por contar. Mesmo aqueles que aparentemente só têm a pobreza material e o desmando político como referências da sua história, se aventuram na perspectiva de se mostrarem para além deste foco, ainda que, algumas vezes, mascarados.

Assim como o “bom ladrão” que, dizem, obteve o perdão divino por mostrar que detinha qualidades, as cidades buscam estimular a sua plena aceitação coletiva e a elevar a estima dos seus moradores, mesmo com a exposição diária dos seus conflitos, falhas e impossibilidades. O lado ruim não deve se sobrepor ao lado bom e o enfoque na dinâmica das cidades deve reforçar os seus aspectos positivos, aceitos socialmente. Só assim elas se desenvolvem, produzem, mostram força. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer de refletir e propor alternativas para amenizar os seus aspectos negativos, que devem ser considerados na mesma intensidade que os demais. O turismo cuidará de promover e divulgar a imagem fantasiosa da cidade, pois sem o turismo e a fantasia, a cidade, de fato, não existe.

Outros projetos de redução e modificação da vida social na cidade tendem a formular a idéia da fuga das contradições e dos conflitos que a vida citadina oferece. Os simulacros de cidade se escondem de uma estrutura maior que pressupõe coletivização da vida e enfrentamento dos problemas com teor mais real. A CDM se

apresenta como uma resposta aos que entendem que viver e morar na cidade torna-se um fardo.

Mas a cidade não existe sem os seus problemas, sem as suas impossibilidades de desenvolvimento coletivo completo. A cidade se configura, por excelência, como um espaço de encontro entre diferentes e desconhecidos, contribuindo para que os seres humanos se tornem mais ricos de experiência no seio da vida societária. Lima (2006, p.133). A cidade pressupõe a existência da diversidade. O simulacro ressuscita o imaginário da solução imediata para questões políticas e sociais que não conseguimos enfrentar. O arremedo de cidade é menor do que a idéia que o inspira? Deixemos um pouco o encantamento com as simulações dos movimentos da cidade. Voltaremos ao assunto.

Coulanges (2002, p. 364) enfatiza que as antigas cidades gregas já anunciavam diferenças sociais e possíveis conflitos entre os mais abastados economicamente e os que não possuíam quantidades significativas de bens materiais. Havia temor na relação de convivência entre estes dois grupos citados. Hoje a estrutura funcional da cidade não é mais a mesma, mas as diferenças econômicas não deixaram de existir e de provocar discussões sobre o direito à cidade. Então, em tempos mais remotos:

Em cada cidade, o rico e o pobre eram dois inimigos vivendo lado a lado, um ambicionando a riqueza, e o outro vendo a sua riqueza cobiçada. Entre os dois não havia nenhuma relação, nenhum serviço ou trabalho que os unissem. O pobre não podia adquirir riqueza senão despojando o rico. O rico não podia defender sua posse a não ser com extrema habilidade, ou pela força. Olhavam-se com rancor. Havia em cada cidade dupla conspiração: os pobres conspiravam por cobiça, e os ricos, por medo.

As cidades são representações dos grupos sociais que nelas habitam. Podem ser entendidas de diferentes modos e conceituadas por uma de suas características mais marcantes. Entretanto, as cidades não são apenas localizações e estruturas

físicas, mas comportamentos coletivos, sistemas de atividades, a que as unidades espaciais servem de receptáculo. Cintra (1974, p. 119).

Ribeirão das Neves é um município marcado por décadas de desmandos administrativos, por poucos recursos financeiros em arrecadação e por outros fatores que veremos no decorrer deste trabalho. Não está só, se o compararmos à realidade de tantos outros municípios. As trevas se instalaram e a luz ainda não transformou esta realidade. Quem se importa com a periferia estendida da Metrópole? Os acadêmicos, em certa medida.

Ao longo de sua história, Ribeirão das Neves foi distrito de Contagem, Betim e Pedro Leopoldo. Hoje é uma cidade que se especializou e mantém diversos distritos e aglomerados urbanos mais significativos. Outras fragmentações no seu tecido urbano podem ser vistas no mapa a seguir (MAPA 03). Uma discussão mais adensada sobre a importância do município que abriga o projeto “Cidade dos Meninos” e a sua relação com Belo Horizonte ganhará destaque neste trabalho. Há uma teia de relações por entender, desvendar, retratar.

Ribeirão das Neves é uma cidade jovem e maltratada, assim como uma parcela considerável da juventude brasileira. Por um lado reverencia e sacraliza uma instituição filantrópica e, por outro, lamenta a sua própria história e se apresenta como o caos urbano. Quanta lamentação no mundo moderno!

Que caminhos seguir para conquistar objetivos e transformar os sonhos em realidade, em uma sociedade humanamente desigual como a nossa? O enclausuramento pode ser uma das respostas. Condomínios fechados, conventos, pensionatos, internatos, escolas militares e asilos dão o tom das propostas de vida que podemos apreciar e salientam as diferenças de classes, credos, etnias, idades e, principalmente econômicas.

MAPA: 3 – A cidade que se alastra como os tentáculos de um polvo, firmando-os em espaços diversos. No entanto, a filantropia se faz reconhecer por todos esses tentáculos-locais na cidade dos meninos.

No debate sobre o enclausuramento da vida e o seu afastamento das possibilidades reais colocadas pela cidade, um texto clássico de Caldeira (2000) amplia a discussão sobre os interesses e os limites impostos pelo que ela denomina “enclaves privados”. Na percepção da autora,

Os enclaves privados e a segregação que eles produzem negam muitos dos elementos básicos que constituem a experiência moderna da vida pública: a primeira, das ruas e sua abertura à circulação livre de multidões e veículos; os encontros interpessoais e anônimo entre pedestres; o fazer os encontros públicos em ruas e praças; e sobretudo, a presença de pessoas de diferentes origens sociais circulando e observando os que passam, olhando as vitrines, fazendo compras, freqüentando cafés ou bares, tomando parte em manifestações políticas ou usando os espaços que foram durante muito tempo desenhados especialmente para o entretenimento de massas (passeios públicos, parques, estádios, pavilhões de exposições). (CALDEIRA, 2000, p. 267)

Enclausuramento e segregação ganham notoriedade na dinâmica urbana. Quando há a livre escolha, estranha-se que as possibilidades de vivência plena da cidade fiquem colocadas em um patamar inferior. Quanto mais propostas fechadas e distanciadas da realidade desoladora em que se encontram milhares de municípios brasileiros, mais elas ganham força e respeitabilidade, inclusive no mercado imobiliário. A segregação, neste caso, vem travestida no desejo de uma melhor “qualidade de vida”. Os exemplos estão estampados freqüentemente nos anúncios de venda de imóveis veiculados em meios de comunicação os mais diversos.

As imposições e privações sociais percebidas na dura realidade dos moradores de Ribeirão das Neves se apresentam na baixa qualidade das habitações locais ou nos altos índices de violência registrados naquele município e difundidos com freqüência na fala dos seus moradores e nos meios de comunicação. É a face nada oculta desta cidade, que foi engolida por seus ícones e mitos, mas não se resume a eles.

O encantamento com o lugar ficou para trás, traduzido em saudosismo relatado nas conversas de velhos. Hoje restam apenas lembranças e memórias de

alguns que nos ajudam a entender as transformações ocorridas no município²⁷. Em uma das falas, um morador do município relata que Ribeirão das Neves é o “fígado” de Belo Horizonte. O fígado, nesta perspectiva, é o órgão humano que acolhe tudo de ruim, segundo a explicação da mesma pessoa. A metrópole necessita deste fígado e dos demais órgãos para se manter viva, produtiva.

Após a emancipação política do município de Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves passou por sinuosas transformações econômicas e políticas, tornando-se materialmente mais pobre e sem conseguir implantar uma infra-estrutura urbana razoável para um número considerável de imigrantes que viram, naquele município, uma possibilidade de melhoria de vida a partir da moradia própria. O sonho, para muitos, virou pesadelo.

Ribeirão das Neves demonstrava então uma característica singular: recebia milhares de novos habitantes em sua área político-administrativa, mas não disseminava a idéia da construção do sonho pelos caminhos do consumo de bens e do apelo do mercado de trabalho como ocorreu, por exemplo, em Nova York entre os anos 1940 e 1950. Flores e Román (2000, p.124) afirmam que,

No final dos anos 40 e início dos anos 50, quando os porto-riquenhos começaram a afluir às dezenas e centenas de milhares para Nova York, as esperanças eram muitas – e as expectativas apenas razoáveis – de que encontrariam um lugar na economia local. Haveria espaços a preencher no mercado de trabalho do pós-guerra, continuava o raciocínio, e oportunidades para os recém-chegados, o que, naqueles anos, significava predominantemente porto-riquenhos e afro-americanos.

Em Paris, no Século XVIII, as expectativas com as possibilidades oferecidas pela cidade aos seus recém-chegados, segundo Perrot (2004), se amparavam na oferta de mão-de-obra para trabalhos que exigiam menor qualificação profissional. Algumas províncias parisienses, no entanto, forneciam empregados melhor

²⁷ Para um maior aprofundamento nas questões relacionadas a história de Ribeirão das Neves e as lembranças de seus moradores, ver: BOAS, H. V. & MOREIRA, M. de F. *O Município de Ribeirão das Neves: Uma História*. Monografia (Especialização em História Mineira) – Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo. 2000.

preparados. As metrópoles, assim como as suas regiões circunvizinhas, não se estabelecem sem o trabalho e sem mão-de-obra que atenda às necessidades do mercado.

O Brasil dos anos de 1800 oferecia, segundo Trento (1989), atrativos para os estrangeiros europeus que quisessem se aventurar a viver e trabalhar no Brasil. O estímulo para tão desgastante deslocamento se dava de uma forma que continua válida hoje: o pagamento em dinheiro aos que aceitassem deixar o seu local de origem para arcar com outras responsabilidades . Era uma preocupação do governo

a baixa densidade demográfica e a grande quantidade de terras públicas no país²⁸. Assim está descrito no seu texto: *A* *q* *v* *nc* *o* *u* *o* *o* *o*

c *u* *q* *v* *nc* *o* *n* *q* *u* *o* *n*

c *u* *u* *ê* *o* *n* *q* *o* *cu* *u* *z* *v* *co* *ono*

(TRENTO, 1989, p.19). A imigração passou a ser vista, tempos depois, como um problema e as terras em abundância não puderam ser apropriadas por todos. Sonhos foram desconstruídos e os deslocamentos, estimulados.²⁹

As inúmeras famílias que fixaram residência em Ribeirão das Neves e que buscavam o usufruto da casa, antes mesmo da vivência da cidade, reconhecem dois momentos marcantes na história local e na transformação geográfica do município. O primeiro deles foi a construção de uma grande penitenciária, que nos anos 1930, fomentava a idéia de progresso e desenvolvimento. No entanto, não foram levados em conta os inúmeros contratemplos que este projeto governamental, tido como referência de sociabilização de presos em toda a América do Sul, causaria.

²⁸ Os grifos são nossos.

²⁹ Há uma tentação em discorrer mais atentamente, neste trabalho, sobre a questão da imigração no Brasil. Não daremos vazão a todos os impulsos neste momento, mas retornaremos ao assunto em seguida, quando centraremos a discussão no município de Ribeirão das Neves.

Na década de 1970 houve o segundo momento marcante da história de Ribeirão das Neves: um fluxo de deslocamento de pessoas em busca de um lugar para morar naquela cidade. Isso gerou um transtorno na percepção de cidade organizada. A facilidade na aquisição de lotes populares para a construção da casa própria a preços bastante baixos, se comparados aos praticados na capital do estado, que ficava a pouco mais de 30 Km de Ribeirão das Neves, estimulou um fluxo contínuo de pessoas para estabelecerem moradia no município já estigmatizado pela imagem do acolhimento de presídios em seus limites administrativos.

Costa (1983), foi quem, na nossa percepção, discutiu com mais propriedade a relação do mercado da terra em Ribeirão das Neves, mesmo que a sua pesquisa tivesse como foco principal a produção do espaço em Belo Horizonte. A autora já anunciava que os dois municípios tinham relações de proximidade e distanciamento. Alertou para o fato de que a expansão metropolitana de BH em direção a Ribeirão das Neves, não foi ocorrência do acaso.

Para que houvesse um interesse maior pela procura por moradia em Ribeirão das Neves, foram montadas estratégias de comercialização da terra para um público menos abastado economicamente. As empresas imobiliárias utilizavam corretores como agentes de negociação com os possíveis compradores da terra e divulgavam os seus serviços através de panfletos entregues em diversos locais da cidade. (COSTA, 1983, p.61).

The process of commercialization of land developments is the activity whereby the strategy of popular developers can be most clearly observed as one structured on the basis of the socio-economic characteristics of the potential market of popular plots.

It is an activity completely controlled by the development company, but based on the performance of a very typical element: the commission agent ("corrector"). This is the intermediary person in the sales of plots, the contact between clients and company. Not only does this agent operate in the search for potential buyers of plots, but many times he is also active in

looking for available land for development. He is remunerated through a commission over sales which usually varies from 5 to 10% of the price of the plot. The commission agent sometimes works as a member of staff of one company, other times as a free-lancer, or even works for a number of firms at the same time. In any case, the commission agent is very active in the phase of promotion and propaganda of a new development in order to obtain as many sales contract as possible.

When a popular land development is launched on the market, the most common and widespread form of promotion is the distribution of pamphlets all over the city. They are distributed in the streets, especially in areas of concentration of popular commerce, bus stops, bus terminals and so on. Those pamphlets are generally cheap and simple pieces of paper advertising one of several land developments of a development company.

Viver e morar na periferia da capital mineira tem o seu valor monetário e seus arranjos. A pobreza material, a informalidade, o desemprego e a carência de equipamentos urbanos dão o tom à vida cotidiana de Ribeirão das Neves que, em pouco mais de cinqüenta anos, teve a sua população rural radicalmente transformada e passou de pouco mais de cinco mil moradores para mais de trezentos mil, em 2005, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE)³⁰. Este prognóstico já indica um crescimento significativo em relação aos dados estimativos de 2004.³¹ (Foto 02)

³⁰ Dados estimados 2005. Total oficial 311.372 habitantes.

³¹ Dados estimativos 2004. Total oficial 299.687 habitantes.



FOTO: 2- Pobreza material e o desconforto de morar em Ribeirão das Neves. Ruas precarizadas em termos de acessibilidade se apresentam em diversos pontos do município. Salvam-se as principais vias de acesso, feitas para o uso de automóveis. No registro fotográfico podemos perceber que até mesmo as relações de vizinhas são afetadas por causa da formatação das ruas, que neste caso, não dispõe de calçadas e não permite que os moradores atravessassem para o outro lado com facilidade. (Foto: Paulo Oliveira, 2002)

Claro que apenas a densidade demográfica não explica o caos que se apoderou daquela cidade por anos a fio e prevalece ainda hoje. Tóquio, a capital japonesa é a metrópole mais populosa do mundo e, do ponto de vista econômico, é uma cidade que mostra resultados positivos nas suas finanças e na qualidade de vida. O exemplo é meramente ilustrativo, mas reforça a contraposição de que a densidade populacional estabelece apenas o caos nas cidades.

Em Ribeirão das Neves falta um plano eficiente de reestruturação da cidade, políticas públicas mais eficazes, organização e gestão do serviço público e um Plano Diretor, como estipula a lei, para municípios com mais de 20.000 habitantes. O Plano Diretor está sendo elaborado, mas sem data prevista para entrar em vigor.

Iniciativas como o Orçamento Participativo (OP) possibilitariam uma discussão mais democrática sobre o município e contribuiriam para uma outra percepção sobre Ribeirão das Neves, vista por muitos como a periferia estendida da capital do Estado.³²

A questão da renda da terra, que privilegiou a posse dos imóveis na área central de Belo Horizonte preferencialmente para os que detinham o capital, vem de longa data. Dutra (1998, p.48), assim descreve a expulsão da população trabalhadora da capital mineira para zona não urbana. Eram os anos de 1920:

A população trabalhadora de Belo Horizonte, estrangeira ou não, não podia se fixar na zona suburbana da cidade, uma vez que o planejamento da cidade tornava este fato impossível. Além do preço dos lotes ser bastante elevado, as exigências feitas aos que os adquirissem oneravam ainda mais o comprador que deveria ter boas condições financeiras para fazê-lo, o que não possuíam, é claro, os imigrantes e migrantes aqui chegados.

Os expulsos da área central de Belo Horizonte acomodaram-se em outras áreas ou cidades circunvizinhas. O lugar do trabalho, da produção e do lucro continuou a ser a metrópole. O da moradia, não. A cidade planejada não fora apropriada na sua essência por todos.

O município de Ribeirão das Neves, que é visto como uma ampliação da área urbana empobrecida de Belo Horizonte, passou por uma mudança estrutural na sua forma física na última década com a construção, na sua área central,³³ do projeto “Cidade dos Meninos”, que realça uma identidade positiva perante a imagem extremamente desgastada e propalada pela sua população e pelos meios de comunicação de massa. Diversas vezes os interlocutores relatam que *u*

³² No artigo “Belo Horizonte e Ribeirão das Neves: duas faces de uma mesma moeda?” apresentado no Seminário Nacional Região Metropolitana (Governo, Sociedade e Território), 2003. Os autores OLIVEIRA, Paulo e MENEZES, Maria Conceição fazem um interessante debate sobre a extensão dos limites da metrópole. Anais do encontro CD ROM.

³³ O centro mais antigo de Ribeirão das Neves não sofreu grandes alterações com o passar dos anos. Continua com um pequeno centro comercial, a igreja matriz, uma pequena praça, agência dos correios, um restaurante tradicional, a câmara de vereadores, a antiga Penitenciária Agrícola de Neves (PAN), um posto de gasolina, algumas casas antigas e uma escola pública. Assim, a “Cidade dos Meninos” não está localizada neste “miolo”. Situa-se nas proximidades do centro.

ouc co o u c é o M n no ". A fala de uma ex-funcionária ilustra a admiração que o projeto assistencialista desperta em diversos grupos. A sacralização do que se entende por uma cidade funcional para a formação do homem produtivo está posta.

Olha, eu não voltaria a trabalhar na CDM de novo, mas a gente tem que reconhecer que eles sabem fazer as coisas. Se você olhar os trabalhos que os meninos [alunos] faziam na escola e comparar com qualquer outra, vai ver que são trabalhos bem feitos, "arrumadinhos", digitados e bem organizados. Eles saem da CDM com bom conhecimento e nem se compara [a CDM] a outros lugares que eu já dei aula. Tem que ser assim. A disciplina é muito grande, mas funciona. Você vê as salas todas ajeitadas, não tem problemas com os alunos e o ambiente de trabalho não é ruim. Só que a gente trabalhava demais³⁴.

Com a expressão "eles sabem fazer as coisas", a "Cidade dos Meninos" é apresentada como referência de funcionalidade, disciplina e trabalho. É gerenciada pela iniciativa privada, em contrapartida ao desgaste que a administração pública municipal tem sofrido por décadas. Público e Privado mostram os seus modos de (des)construir a cidade.

1938. O Brasil estava em plena Ditadura Vargas. Inaugurava-se em Ribeirão das Neves – um pequeno e pacato distrito do município de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais – a maior casa de detenção da América do Sul, conhecida como Penitenciária Agrícola de Neves (PAN). Era uma época de transformações na história do Brasil e de investimentos estatais em diversos setores.

A Penitenciária Agrícola de Neves (PAN) era um projeto suntuoso, cheio de pompas. Parte do material para a sua construção – tijolos, azulejos, tintas – foi importado da Europa e a sua estrutura arquitetônica grandiosa virou notícia naquele período (PEREIRA, 1998, p.11). Começava ali a reverência de Ribeirão das Neves aos seus muros. A construção da penitenciária deu forma a uma imagem caricatural do então distrito de Pedro Leopoldo. Pouca coisa mudou daquele tempo para hoje.

³⁴ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

O próprio Presidente da República, à época, inaugurou a Penitenciária Agrícola de Neves, conhecida por todos como PAN. Coroava, assim, o êxito de um projeto estatal grandioso que prometia ressocializar os detentos e possibilitar a vida em sociedade novamente. Naquele tempo talvez houvesse uma crença maior no processo de retorno dos detentos ao mundo social através do aprendizado na prisão. Os muros continuam a separar os infratores da sociedade.

A estrutura física da PAN simbolizava que Ribeirão das Neves acompanhava as mudanças sociais, políticas e econômicas do Brasil na Era Vargas. Projetos estatais significavam investimentos econômicos expressivos, principalmente na geração de empregos, e dava prestígio aos municípios.

1959. Diversos anos após a implementação da PAN, o IBGE constatava que havia naquele município pequenas unidades industriais que eram, na sua maioria, ligadas ao estabelecimento penal em torno do qual gravitavam **todas**³⁵ as atividades locais. A população urbana com mais de 5 anos de idade, no ano de 1950, ainda segundo a mesma fonte, era composta por 1.655 pessoas, sendo 1.105 homens e 550 mulheres. 37,64% deles não sabiam ler, nem escrever. (IBGE, 1959).

A criação da PAN foi o momento mais marcante da pacata vida local no que se refere à história oficial e mantém-se nas lembranças e no imaginário coletivo das pessoas da localidade. O mundo saudosista e tranqüilo do pequeno distrito angariou para si o que restou da metrópole. O pacato transformou-se em dinamismo, o modo de vida rural caminhava para o urbano a passos largos. O emprego e a renda não chegaram. A novidade virou lamento. O processo de expansão de Belo Horizonte se adequou, de certa forma, ao mundo vivido em Ribeirão das Neves. O Estado

possibilidades mais próximas de localizar o caminho do desenvolvimento econômico e social.

A fala de um antigo morador de Ribeirão das Neves assegura que algo mudou na percepção do que significava a penitenciária, décadas atrás, e hoje:

Antigamente os presos aqui trabalhavam mesmo. Não era essa moleza de hoje que eles ficam o dia todo tomando banho de sol e jogando futebol. No tempo da PAN eles (os presos) tinham até que plantar os alimentos. Hoje tem as “quentinhas” e isso não acaba nunca, pois ganha o político daqui, o carcereiro dali, o advogado ganha e tudo piora. Preso tinha que trabalhar para descontar no tempo da sua pena. Se não souber fazer nada, aprende!³⁶

No relato do morador há itens que aparecem como ingenuamente (ou intencionalmente) fantasiosos, como a descrição do banho de sol diário e da prática esportiva, relatadas e exemplificadas como atividades únicas e prazerosas dos presidiários. O trabalho ganha a percepção de castigo aliado ao fator produção. O banho de sol e o futebol no interior dos presídios, mesmo que estejam previstos em lei, sinalizam repúdio social a determinados grupos. Chama a atenção o fato de se questionar com esta idéia, a perspectiva de aplicação das leis apenas para alguns. Aos presos, o trabalho! À periferia de BH, os trabalhadores.

A narrativa pode expressar sentimento de perdas. Ao homem que tem a liberdade de fazer uso da cidade, não é dado o direito ao futebol e o banho de sol como elementos que sustentam a prática do lazer. Aos condenados à vida intramuros, as leis e convenções expressam claramente como será o cotidiano das pessoas. O direito à cidade torna-se reduzido nestas duas perspectivas.

Frei Betto, conhecido preso político brasileiro das décadas de 1960 e 1970, apresenta relatos da sua vivência como presidiário e narra com propriedade a caricatura que se faz da imagem do preso. O texto do autor, Betto (1978, p.36), não

³⁶ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

se ampara em discussões científicas, mas na realidade experimentada nos anos da Ditadura Militar no Brasil.

Eu sei que aí fora as pessoas pensam que os presos passam a maior parte do tempo na ociosidade, sem ocupação ou responsabilidade. De fato, não é assim, embora isso ocorra nos primeiros dias de prisão, talvez em função do impacto que recebemos, obrigados a assumir uma nova e estranha vida. Com o tempo, vamos nos adaptando, descobrindo ocupações e estabelecendo responsabilidades.

O depoimento apresentado pelo religioso dominicano mostra que a expressão comum e geralmente aceita socialmente de que o preso não trabalha ou é pouco produtivo, não se estabelece de fato como algo inquestionável. Os presos, representados por grupos que afrontam os valores sociais, morais e econômicos aceitos, não podem aparecer como trabalhadores. Ganham uma marca mais profunda, a da identidade estigmatizada de serem contraventores da ordem. Serão sempre reconhecidos como estupradores, traficantes, assassinos, ladrões, malandros ou vagabundos. Nunca serão vistos como pais, desempregados, pobres, sábios, religiosos ou sonhadores. Presos, são presos.

O trabalho como ferramenta de transformação através da carceragem é assim descrito por Foucault (1988, p.203) em sua clássica obra “Vigiar e Punir”:

O trabalho deve ser concebido como sendo por si mesmo uma máquina que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha o seu papel com perfeita regularidade. A prisão não é uma oficina; ela é, ela tem que ser em si mesma uma máquina de que os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e o produto.

Outros moradores antigos discorreram sobre a vida pacata da cidade naquela época, as belezas das fazendas e as dificuldades para se chegar a Belo Horizonte. Apontam que os funcionários da PAN eram conhecidos das pessoas e moravam em uma pequena vila de casas ao lado da própria penitenciária. As casas continuam no mesmo local, mas perderam *u* de importância na percepção social. Marcam um momento importante da história municipal. Os aspectos físicos destes imóveis se deterioraram com o tempo. A vida da cidade acompanhou este movimento.

Este distrito que acolheu o grande presídio e recebeu um dos grandes personagens da recente história política brasileira na sua inauguração, viu os seus modos de vidas tipicamente rurais serem modificados radicalmente e, paradoxalmente, aos poucos sendo esquecidos nas suas formalidades. As boas lembranças cederam espaço para uma outra realidade.

Contudo, as fotos antigas, a fala dos moradores mais velhos, a leitura de pequenas cartas e recortes de velhos jornais teimam em manter a memória da cidade viva e saudosista. O vivido de ontem era melhor do que o de hoje? Cada existência, uma resposta.

Nas falas dos atuais moradores, a justificativa para habitarem no município se ampara no preço do imóvel e na falta de condições financeiras para morar em Belo Horizonte.

Visivelmente há um incômodo nestas pessoas por estarem lá. Poucos (e não seria exagero dizer: muito poucos) discorrem com naturalidade sobre os aspectos positivos de Ribeirão das Neves. Uma senhora que sempre habitou no município fala com entusiasmo que:

Aqui é muito bom, todo mundo fala com todo mundo e os que falam mal daqui é porque não conhecem nada. Tem muita gente de fora que trabalha aqui, ganha o pão aqui e ainda sai falando de [Ribeirão das] Neves. Isto não é certo. Fui criada aqui.

Depois que lotearam tudo as coisas pioraram um pouco, apareceu mais violência, mas eu gosto muito daqui, da minha casa e do povo. Do povo que é daqui, que conhece a gente.³⁷

O testemunho da moradora merece uma análise mais pertinente sobre a identidade criada com a cidade e seus residentes. Interessante ressaltar que esta pessoa mora no centro da cidade, é integrante de uma família tradicional e bastante conhecida no meio social local. Além de serem moradores mais antigos, diversos integrantes desta família trabalham com educação, o que facilita a construção de

³⁷ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

uma teia de relacionamentos mais ampla. Há o risco da informante conceber o município pela ótica resumida apenas ao centro da cidade, lugar de sua moradia.

Ribeirão das Neves só emancipou-se politicamente de Pedro Leopoldo mais de uma década depois da inauguração do grande projeto estatal, que pretendia ressocializar os presos e gerar empregos e renda para a população local. Note-se que, desde que era distrito, Ribeirão das Neves já convivia com alguns aspectos relacionados à vida da metrópole.

A inauguração da PAN em Ribeirão das Neves, como foi dito, aparece como um dos eventos mais marcantes da história da cidade. Projetos grandiosos despertam esperanças, sonhos e medos. Às vezes promovem o poder e o autoritarismo, mas não podemos desconsiderar a sua importância.

O desejo de dar novas oportunidades aos que não se enquadravam nos modos de vida da sociedade – ou dos que dela se rebelavam – estava posto e tinha uma forma: enquadramento intra-muros, disciplina, hierarquia, ordem, punição e trabalho. Receita esta já adotada com mais freqüência em diversas partes do mundo como a Inglaterra e a França em antigas prisões, internatos, reformatórios, conventos, manicômios, escolas militares e religiosas dos séculos XVIII e XIX. As prisões, no entanto, não apresentavam o aspecto da aceitação coletiva como adquiriu em Ribeirão das Neves no seu início. A prisão, tida como um presente estatal para um município que sonhava em crescer de uma outra forma, marcou para sempre a vida dos seus moradores. Os muros passaram a dar respostas aos anseios da cidade. Os muros de Ribeirão das Neves encontram um sentido para existirem e marcaram definitivamente a história da cidade.

Será que esta fórmula que alia disciplina, trabalho, ordem e punição ainda tem validade hoje, no início de um novo Século? Deu resultados em Ribeirão das

Neves no final dos anos 1930 e 1940? O projeto planejado se efetivou de fato? Que perspectivas apontam para o futuro?

Os muros da Penitenciária Agrícola de Neves (PAN), imponentes, belos e grandiosos separavam o desejo fantasioso da interação detentos/comunidade local da possibilidade de sua efetivação de fato. A interação social mais aproximada entre condenados e não condenados existiu, mas os muros simbolizavam os limites de usos e apropriações da cidade.

Hoje podemos ver que o sonho desviou-se do caminho original. A utopia urbana perdeu força. Outras penitenciárias se instalaram no município, entendido como “cidade-dormitório” ou caricaturalmente chamado de “lugar dos presídios”.

Os demais presídios instalados em Ribeirão das Neves não apresentavam arquitetura tão imponente, nem acenavam mais com a proposta ressocializadora anterior. No entanto, se instalaram na história e na cotidianidade dos moradores de Ribeirão das Neves (Foto 03).



FOTO: 3– O local do trabalho e sinônimo de progresso era a penitenciária que hoje assombra o município. Foto: <http://www.aciben.org.br>

Na antiga Penitenciária Agrícola (PAN), o bucólico se apresentava como parte da história do município que ganhou diferente identidade com a chegada de novos trabalhadores. O trabalho, neste caso, para alguns, gerou o caos. Para outros, a possibilidade de viver nas proximidades da metrópole.

A ressocialização pela disciplina e ordem, na Penitenciária Agrícola de Neves (PAN), se perdeu no trem da história e ganhou novas formas, algumas décadas depois. Ribeirão das Neves continua a ser a cidade de muros. A PAN reproduzia a idéia das funções próprias da cidade: produção, trabalho, comércio, redes de sociabilidade e lazer.

A Penitenciária Agrícola de Neves (PAN) gerou o primeiro ajuntamento de pessoas de outras localidades para aquele município. Eram os primeiros funcionários da famosa penitenciária, suas respectivas famílias, alguns parentes dos presos que foram transferidos para lá e comerciantes, entre outros. A ocupação do

município foi tomando nova aparência. A capital do estado não deixou de ser a referência de serviços mais especializados e da busca de oportunidades para os moradores de Ribeirão das Neves.

Há de se levar em conta que a penitenciária gerou emprego e renda para a cidade, promovendo um ponto positivo para a economia local. O projeto, no entanto, não se desenvolveu como previsto. O IBGE (1959) confirma a desconfiança de que o desenvolvimento da cidade inicialmente se estabeleceu por causa da construção da PAN, naquela localidade.

[...] o fator preponderante em seu crescimento foi a instalação em suas terras da Penitenciária Agrícola de Neves (PAN), que motivou o deslocamento de grande número de agregados, formando-se assim um povoado composto em sua maioria de habitantes ligados por quaisquer motivos ao estabelecimento penal.

Naquela época, o deslocamento de pessoas para Ribeirão das Neves só não foi maior, dizem os velhos moradores, porque o acesso até lá era muito ruim, sendo feito apenas a cavalo, ônibus ou meios de transporte mais rudes, que além de não descortinarem o percurso inteiro, demoravam horas para chegar a uma cidade que se encontrava a pouco mais de trinta quilômetros da capital do estado.

A antiga e histórica penitenciária era ainda o lugar do encontro e da sociabilidade entre os seus presos e a população local. Promovia, inclusive, a festa. Havia jogos de futebol entre os detentos e a comunidade local. As mulheres caminhavam pelos seus jardins que eram suntuosos, atrativos e bem cuidados. Famílias iam às missas dominicais na capela da penitenciária (PEREIRA, 1998). O bucólico ganhava espaço nestes relatos históricos onde as crianças corriam e se divertiam.

Os muros da penitenciária não despertavam medo, mas promessas de inclusão social dos que foram condenados pela sociedade e pela justiça naquela época. Havia um comércio de hortifrutigranjeiros produzidos pelos detentos da PAN

e vendidos diretamente aos moradores da cidade. A economia local se rendia à possibilidade trazidas pelos belos muros. Havia a percepção de que os detentos trabalhavam, produziam e, principalmente, se regeneravam. O trabalho dignificava estes homens. O cumprimento das suas penas, como estabelecido legalmente, reforçava a crença na justiça, que se mantinha de olhos abertos para condenar os que infringiam as leis.

Tempos depois, estes mesmos muros apavoram, são, ~~81661161216119(3)6~~

fomento às redes sociais nos cemitérios (RESENDE, 2000), nas lavanderias públicas (PERROT, 1992) e nos Centros de Saúde (OLIVEIRA, 2003). Uma geografia da diversidade e do estranhamento ganha novas configurações.

A história de Ribeirão das Neves se confunde com as das suas prisões. Isto é um fato curioso e pouco compreendido. Não é possível excluí-lo ou desmerecê-lo, afinal se insere na geografia local e desperta conflitos urbanos relacionados à demografia, migração e pobreza.

Hoje a relação da cidade com os presídios gera um mal-estar entre os habitantes daquela localidade, que freqüentemente se manifestam por abaixo-assinados ou passeatas, quando há rumores de que o Estado vai construir mais presídios naquela região. Este é um assunto que sempre está na ordem do dia e ganha destaque na imprensa.

São inúmeras as convocações para o debate coletivo sobre o tema em igrejas, centros de saúde, órgãos públicos, escolas e associações comunitárias. A partir daí, formalizam-se pedidos jurídicos diversos para impedir a construção de penitenciárias e clama-se por uma maior divulgação do assunto na imprensa. As penitenciárias geram um movimento social local de mobilização comunitária interessante e positivo. É um tema freqüente e desperta o interesse coletivo.

Ao iniciarmos a pesquisa de campo para a elaboração da tese, fomos convidados a participar de uma reunião para discutir o tema dos presídios em Ribeirão das Neves e, à partir daí, elaborar possíveis ações para que não se construa mais nenhum abrigo prisional na cidade. Estavam presentes ao encontro, políticos, comerciantes, educadores, representantes do serviço público e, curiosamente, um dos dirigentes da CDM que nos convidou para participar do evento. A pesquisa não acompanhou por mais tempo este processo de discussão

sobre um dos problemas da cidade. Outras pesquisas poderão prestigiar esta lacuna. A metropolização de Belo Horizonte criou identidades distintas com os municípios que formam a sua Região Metropolitana.

Em reportagem publicada no final do ano de 2004, o jornal Diário da Tarde, em seu caderno de política, traz como manchete a seguinte frase: “**Cadeião Ilegal na RMBH**”. (grifo nosso). Na parte seguinte o jornal relata que

Mo... o...
 ...o... v... o... n... n... o... A... é... L... v... o... o... M... n...
 G... _... _... q... _con... con... u... o... u... no... vo... _... o... n... c... co...
 c... c... _... _... n... o... con... _... n... o... u... u... _... n... no...
 ra.

o Em todo o texto há referência a grupos organizados (Pastoral Carcerária, Associação de Moradores, Políticos, Ministério Público) que se posicionaram contra a instalação de mais um presídio em Ribeirão das Neves.

O advogado da Pastoral Carcerária esclarece, na mesma reportagem, que:

Existem hoje em Ribeirão das Neves três presídios, abrigando atualmente 2.100 internos. Destes, apenas 200 são oriundos da cidade, embora a lei recomende a manutenção do preso em sua cidade de origem. A construção de presídios dessa magnitude agrega outros problemas, como a vinda de familiares, tentando ficar próximos de seus entes presos.

O depoimento do advogado endossa que os “estrangeiros” não tomam o lugar dos nativos apenas no mercado de trabalho. A prisão contempla a diversidade.

Em seguida, um dos padres da cidade reforça:

Uma das maiores preocupações dos cidadãos é a segurança pública. Esta é uma obra insana, que consumirá milhões de reais. A população já paga um alto preço por ter três penitenciárias na cidade. Apelamos à sensibilidade do governador, que sempre foi muito bem-votado na cidade, para que reconheça a tragédia em que já se encontra Ribeirão das Neves, onde nas ruas não passa nem notícia ruim, de tão precárias. As escolas e o hospital estão abandonados e não há saneamento. A população não vive; sobrevive.

O padre se ampara no discurso pouco aprofundado de que penitenciárias trazem caos e desorganização social. Falta aí um debate mais apurado sobre políticas públicas para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). As individualizações dos desejos de cada município aparecem com mais intensidade do

que a perspectiva de resolver a questão em comum. A metrópole parece deter mais força do que a periferia.

O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais apoiou o movimento. O Estado tem os seus interesses postos e Ribeirão das Neves é parte deste processo.

Em Ribeirão das Neves foi dado ao Estado, em dois momentos distintos, o poder de interferir na organização do espaço urbano daquele município. Com a criação da penitenciária modelo, o Estado aparece como grandioso, organizado, investidor em ações sociais. No segundo momento, a sua “ausência” demonstra que o sonho coletivo (e fragmentado) de morar na casa própria pode chegar antes, mas o Estado se faz necessário em todos os momentos.

O Estado, além de interferir na organização espacial urbana em Ribeirão das Neves, construiu, de certa forma, a identidade coletiva que associa o município aos seus presídios. O Estado tem múltiplas funções.

No entanto, alguns arranjos são feitos pelo Estado, como a ampliação de algumas áreas internas dos presídios já construídos para não afrontar nitidamente os moradores de Ribeirão das Neves. São construídas mais celas, mais muros, modificam-se e funcionalizam os espaços internos da obra já construída e recebem mais presos, assim como mais funcionários e recursos financeiros. A expansão destes locais se concretiza sem um embate maior com a população local. O levante popular é perigoso, ameaça a ordem. Não há prisão para todos. O que os olhos não vêem, o Estado modifica.

Mesmo com todas as opiniões em contrário, recentemente o Estado inaugurou em Ribeirão das Neves mais um abrigo para receber presos confinados nas delegacias de Belo Horizonte. O “cadeião”, como é conhecido, possui celas

amplas, seguras e modernas para receber presos com penas leves ou que não tenham sido julgados. Segundo o discurso do governo estadual, os detentos não ficarão muito tempo nesta carceragem.

Notícia veiculada no Jornal “Estado de Minas”, em 21 de fevereiro de 2006, registra que: “No início do mês, as celas da Delegacia de Furtos e Roubos de Veículos, em Belo Horizonte, haviam sido **desativadas** (grifo nosso)”. Todos os 130 detentos que se encontravam nas celas da capital foram transferidos para Ribeirão das Neves. Mais gente, mais muros. Talvez, mais precariedade no exercício pleno da cidadania.

Em agosto de 2007, notícia veiculada em um jornal bastante popular da capital mineira³⁸, registra na sua manchete; “**Mais 7 cadeias em Neves!**”. O subtítulo ressalta que: “Governo de Minas pretende ampliar o sistema penitenciário no município”. A reportagem segue dizendo que o município receberá mais de três mil novos detentos. O prefeito municipal declarou que n m4(i)2(o)-4()10(o)(l)2(tí4(cl)12(-92(r)3(e

Percebemos que a capital do estado de Minas Gerais não se sustenta sozinha na solução dos seus problemas sociais. Ampara-se nos municípios circunvizinhos que acolhem, por força da imposição legal ou política, os condenados judicialmente que Belo Horizonte quer ver cada vez mais distante da sua área político-administrativa. A hierarquia urbana toma outro aspecto. Sem o pequeno, o grande não se estrutura. Sem o grande, o pequeno perde seu sentido. A relação entre as cidades pode se firmar na subordinação de uma sobre a outra. Segundo Spósito (1988, p.54):

Um dos resultados concretos da articulação entre os lugares, que permitiu a constituição da rede urbana, foi a interdependência entre as cidades, que provocou, ao longo do tempo, a subordinação de umas às outras, ao que se deu o nome de hierarquia urbana.

Aquilo que ameaça a dinâmica pontual da metrópole chega de forma naturalizada na sua periferia, que aparentemente convive, com mais intimidade, com os seus dilemas urbanos, advindos ou não da relação com a metrópole.

A superlotação nas cadeias públicas, um dos problemas de segurança pública da capital mineira (não só dela) está sendo solucionado. Mas, se Ribeirão das Neves não é Belo Horizonte, por que contribui para a solução de alguns de seus problemas? Porque, em contrapartida, a Metrópole acolhe os trabalhadores da sua periferia estendida promovendo o lazer, a diversão, o comércio e os serviços de que os “usadores” da grande cidade necessitam. Relações de trocas, de perdas e ganhos.

O discurso afinado de que “queremos universidades e escolas, ao invés de cadeias”, está em todos os movimentos organizados contra a construção dos presídios em Ribeirão das Neves. O mesmo ocorre em outros locais, em pontos diversos do País. Pessoas e grupos protestam contra a construção de manicômios, de usinas nucleares e presídios. Acolhem com entusiasmo as grandes indústrias, as

fábricas, os shoppings, os empreendimentos turísticos. Neles está a visão de desenvolvimento de uma cidade a partir do parâmetro do capital. Por que não?

A visão mais comum de que a indústria, por exemplo, estimula o desenvolvimento econômico e social de um município é desconstruída por Gouvêa (2005, p.29) que alerta:

A indústria tem produzido altos custos sociais para as cidades, sobretudo para as regiões metropolitanas, gerando externalidades negativas, como congestionamento urbano, poluição e deterioração do meio ambiente, sem corresponder às expectativas de geração de empregos e de efeitos redistributivos de renda, que poderiam proporcionar uma real elevação da qualidade de vida da população urbana.

A indústria, o comércio, os serviços ou mesmo os presídios só promoverão o desenvolvimento de um município, se trouxerem consigo políticas públicas que tenham como propostas mais acentuadas, a construção de uma cidade mais humana, democrática e compromissada com os interesses dos seus habitantes. Sem isto, há apenas um esboço de que é possível transformar a realidade. Permanecemos com antigos dilemas urbanos e caímos na sedução da chamada modernização dos investimentos coletivos.

Outro fator que chama a atenção na história de Ribeirão das Neves, é o seu crescimento populacional avassalador nas últimas décadas. Não podemos registrá-lo como “desordenado”, pois teve uma ordem lógica no seu desenvolvimento que começou em Belo Horizonte. O Estado faz parte deste processo. Distanciou-se quando chegaram os loteamentos populares e mostrou-se de modo mais evidente quando deliberou que Ribeirão das Neves iria abrigar um dos seus grandes projetos. Hoje, transfere parte da sua responsabilidade social para a iniciativa privada, que mostra a sua importância na ordenação territorial do município.

Iglesias (s/d, p. 27), em um ensaio escrito para celebrar os 90 anos de criação da capital mineira, dá pistas para entendermos como o seu processo de

ou econômico foram sendo “expulsos” da metrópole, mas não da atuação da metrópole sobre eles.

1.2. Para onde vão os degradados da metrópole?

“A concentração do poder em nosso país, tanto na ordem nacional, como na provincial ou estadual, processou-se através do enfraquecimento do município”.
(LEAL, 1975)

Ribeirão das Neves acolheu diversas pessoas que não se estabeleceram de forma digna em Belo Horizonte nos seus primeiros anos. Tal acolhimento, no entanto, ocorreria de forma mais adensada décadas depois. Segundo Alves (1994) o motivo para que este município fosse colocado, pelo IBGE, como o que teve a maior taxa de crescimento populacional do País, na década de 1970, foi a comercialização dos chamados “Loteamentos Populares” nos seus limites geográficos. Os lotes comercializados não possuíam infra-estrutura urbana adequada para a sua ocupação. As melhorias deveriam se originar da organização dos moradores, o que nem sempre era possível ou desejável.

O sonho de viver e morar em um terreno próprio, sem a necessidade de pagar aluguel, debitando prestações mensais módicas para adquirir um bem permanente, motivou milhares de pessoas a se deslocarem para Ribeirão das Neves. Mais um retrato da expansão da metrópole e de suas conseqüências nas políticas públicas de habitação, saúde e educação dos municípios vizinhos.

Novamente as trevas estavam postas. Faltou uma política pública que acolhesse, na mesma proporção, os equipamentos urbanos para os novos habitantes. Não havia – como em muitos bairros ainda hoje não há – iluminação

pública, saneamento básico, escolas, transporte e segurança. Nas ruas de Ribeirão das Neves encontramos diversos dos problemas citados (Foto 04)

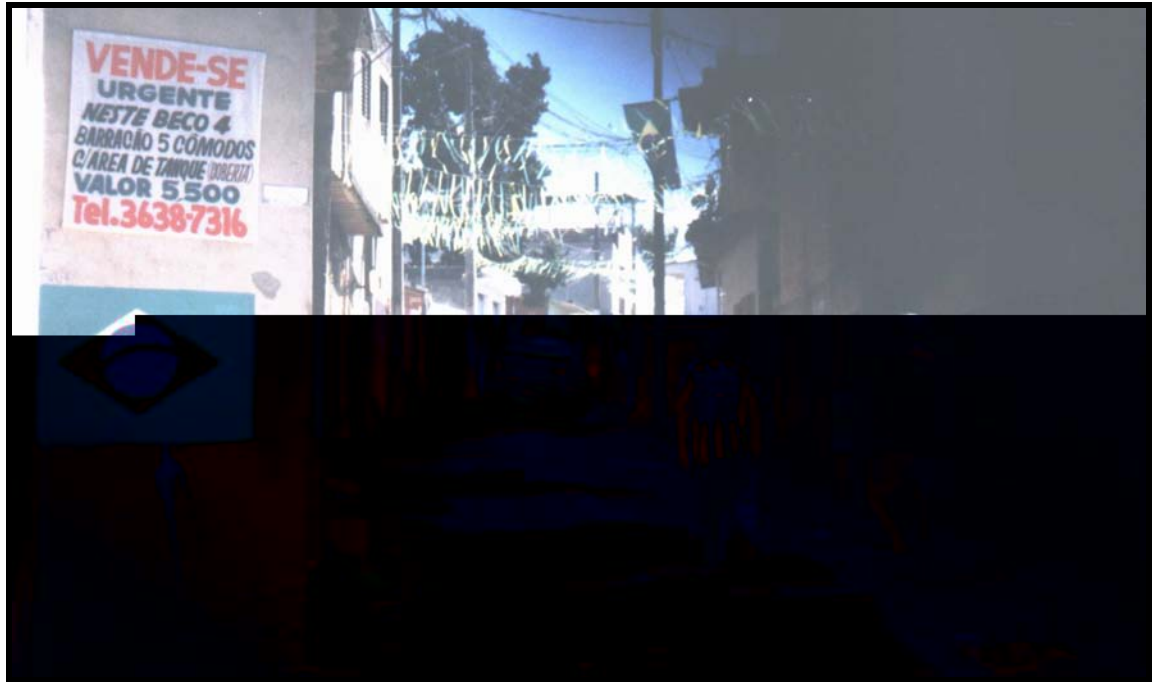


FOTO: 4 – As ruas são retratos da precariedade da vida cotidiana de grande parte dos moradores de Ribeirão das Neves. Em muitas delas, a comercialização de imóveis está presente de várias formas (Foto: Paulo Oliveira, 2003)

Aspectos da vida cotidiana, em Ribeirão das Neves, são percebidos nas ruas estreitas abandonadas pelo poder público e na ausência de espaços de lazer. A pobreza material, atrelada ao pouco avanço da cidadania não impede que a comercialização de imóveis, muitos deles, irregulares, seja prática comum no município. A idéia de não pagar aluguel ganha força.

Em 1930, segundo Silva (1992, p.29), Fortaleza, capital do estado do Ceará, vivia movimento semelhante ao ocorrido em Ribeirão das Neves, com o crescimento demográfico elevado sem uma mesma velocidade na garantia de infra-estrutura urbana adequada.

A partir da década de [19]30, Fortaleza acusa um crescimento demográfico elevado que se refere ao aumento da sua área urbana. Contudo, a expansão da cidade a partir do aumento da população não gerou a ampliação relativa a infra-estrutura urbana, tais como calçamento, energia elétrica, água encanada, rede de esgotos, transportes coletivos, etc.

Carvalho (2002, p.184) segue a mesma linha de raciocínio de Borzachiello e atrela as precárias mudanças nas condições de vida ao crescimento da expansão urbana, que não atende a demanda dos serviços necessários:

A enorme expansão da população urbana causara **grande deterioração** nas condições de vida, de vez que as administrações municipais não conseguiam expandir os serviços na mesma rapidez. O que os movimentos [de moradores] pediam eram medidas elementares, como asfaltamento de ruas, redes de água e de esgoto, energia elétrica, transporte público, segurança, serviços de saúde³⁹.

A cidadania e seu exercício em plenitude ganham ares utópicos de um objetivo não atingível por enquanto. Podem-se transformar migalhas em ganhos, direitos em favores.

Percebemos que as pessoas vivem experiências diversas na busca de concretização de sonhos, quer seja em Fortaleza, Nova York, Moscou, Catolé do Rocha, Havana ou Ibiá. A estrutura urbana adequada e as políticas públicas que regulam as cidades nem sempre atingem a todos, especialmente os que não são detentores do capital, mas isto não faz a cidade parar.

Ribeirão das Neves foi loteado quase que totalmente. As antigas fazendas transformaram-se em novos problemas. Isto modificou vidas, transformou as relações sociais, desvalorizou economicamente algumas áreas, alterou a rotina dos antigos moradores, apontou outras possibilidades e o planejamento aparece como algo abstraído da realidade. Ainda hoje não saiu do papel. (Foto 05)

³⁹ Grifos nossos.



FOTO: 5 – Nos anos 1940, os moradores de Ribeirão das Neves podiam desfrutar de algumas modalidades de lazer que hoje não encontram mais no município. O lazer foi transformado em mercadoria através da moradia. (Foto disponível em www.aciben.org.br).

A especulação imobiliária chegou aos limites do radicalismo naquele município. Aterrou um grande açude que era o ponto de encontro e de lazer das pessoas e fonte de renda para pescadores da localidade; forçou pessoas a venderem as suas antigas fazendas pelas seguidas ameaças de violência e de ocupação forçada das áreas que não concordassem em serem loteadas; acordos espúrios foram feitos com políticos, agentes imobiliários, donos de terras etc. Este movimento especulativo persiste até hoje. O tempo e os interesses imobiliários redefiniram o espaço da cidade e transformaram a história de Ribeirão das Neves.

Atualmente, o discurso da comercialização de imóveis é o mesmo da década de 1970: facilidades para efetuar os débitos relativos à aquisição do bem e a possibilidade de ser dono da própria moradia. A assertiva bíblica que apregoava que não devemos nos preocupar com o dia de amanhã, nem com o que iremos comer

nem beber, não se estabeleceu. A terra prometida estava posta e o valor a ser pago por ela era possível e atraente naquele momento. (ANEXO 03)

Para entender o avassalador crescimento populacional em Ribeirão das Neves, basta centramos o olhar nos dados disponibilizados pelo IBGE na década de 1970 e nos dias atuais. Quase caímos na falsa armadilha de achar que o crescimento populacional é o responsável pelo caos urbano que tomou conta de Ribeirão das Neves. Não, não foi este o único motivo de Ribeirão das Neves sair do mundo rural para aquilo que alguns interpretam como danação.

Em 1970, Ribeirão das Neves tinha 9.707 habitantes; para 2006, a projeção era de 322.969 residindo no município, segundo dados estimados pelo IBGE (TABELA 01). Como explicar tamanha multiplicação de moradores, sem que houvesse a divisão dos bens e investimentos públicos significativos? Só o apelo imobiliário não se sustenta como resposta pontual. Há um mundo de possibilidades por revelar.

TABELA 1– Expansão Demográfica do Município (1970 –2005).

ANO	POPULAÇÃO	POP. URBANA	POP. RURAL	Tx. URBANIZAÇÃO
1970	9.707 hab	5.547 hab	4.160 hab	57.05%
1980	67.257 hab	61.670 hab	5.587 hab	91.69%
1991	143.853 hab	119.925 hab	23.928 hab	83.37%
2000	246.846 hab	245.401 hab	1.445 hab	99.41%
2004	299.687 hab	–	–	–
2005	311.372 Hab			
2006	322.969 Hab	–	–	–

Dados estimados – 2004 – 2005 – 2006.
Fonte: IBGE

Mesmo com dados não apurados pelo IBGE sobre as populações urbana e rural no município em 2004, 2005 e 2006, na tabela acima podemos visualizar que na década compreendida entre 1991 e 2000, a taxa de urbanização atingiu níveis de quase 100%. Houve uma queda alarmante da população rural neste mesmo período. O aumento da população rural, em Ribeirão das Neves, teve o seu maior crescimento entre 1980 e 1991. Tudo indica que os parâmetros de contagem do Censo, naquela época, eram outros no que se refere à definição do que seja área rural e área urbana. Os loteamentos populares, muitos deles oriundos da divisão das terras pertencentes a fazendas, podem ter sido classificados como área rural, visto que muitos destes loteamentos não tinham um registro formal de sua existência. Eram fazendas loteadas.

Com o intenso processo de crescimento urbano da população da Região Metropolitana de Belo Horizonte de 1980 em diante (não apenas Ribeirão das Neves teve crescimento significativo), muitas pessoas chegaram em Ribeirão das Neves pelos processos migratórios para a Metrópole "inchada".

Sendo assim, a definição dos limites urbanos do município provavelmente datava da década anterior. Neste caso, observamos que a população "rural" de Ribeirão das Neves cresceu mais do que a urbana ou a total, no período 1980/1991. Portanto, não se trata de população rural, a rigor, e sim uma população que se dirigiu às áreas adjacentes aos limites urbanos municipais. Vale lembrar que a definição de área urbana ou rural é da competência do município, que identifica a chamada "sede" como "urbano".

Podemos notar que na década seguinte, ainda que pese o intenso crescimento populacional de Ribeirão das Neves (175%), a taxa de crescimento da população rural foi de absurdos 1.656% negativos. Sendo assim, parece mais

razoável crer que esta população "rural" não saiu do lugar, ou seja, não houve êxodo rural, mas sim uma nova definição dos limites da sede urbana de Neves pela própria prefeitura. Cabe lembrar que o IPTU - imposto municipal - somente é cobrado na sede, ao passo que áreas consideradas "rurais" pagam ITR, da esfera Federal.

Diante deste crescimento da população total de Neves na década de 1980 e 1990, a Prefeitura certamente aumentou os limites urbanos de sua sede com vistas a obter uma maior arrecadação por meio do IPTU e legalizar propriedades que, a rigor, eram rurais - provavelmente loteamentos irregulares e invasões.

Um dos problemas mais graves do município, segundo o atual prefeito, é a “cultura da inadimplência” em relação ao IPTU local. O dirigente municipal informa que mais de 70% dos moradores não pagam o imposto citado, impedindo assim, a prefeitura de arrecadar os valores esperados e conseqüentemente, investir mais em educação e saúde. Segundo ele, a inadimplência é histórica em Ribeirão das Neves e arrasta-se desde os anos 1970.⁴⁰

Ribeirão das Neves detinha, no ano 2000, segundo Gouvêa (2005), a quarta maior densidade habitacional da RMBH (1.603 hab/km²), o mais baixo PIB/Per Capita e 5,06% da população desta Região Metropolitana. Dados significativos para um município que economicamente não tem representação mais elaborada na captação de rendas.

Ribeirão das Neves lida com a alcunha de “cidade-dormitório”. Uma parte expressiva de seus moradores tem em Belo Horizonte a referência do lugar da funcionalidade, do desenvolvimento, do trabalho, do lazer e da economia. Cinemas, shoppings, parques, universidades, serviços públicos, clubes, rodoviária e indústrias estão logo ali, na [grande] cidade vizinha. Mas o que tem Belo Horizonte a ver com

⁴⁰ Fonte: Rádio CBN Belo Horizonte – Entrevista com o Sr. Wallace Ventura, prefeito de Ribeirão das Neves. Programa CBN/BH/Debates.

Ribeirão das Neves? Como o processo de metropolização da capital mineira se cruzou com a expansão de Ribeirão das Neves? Algumas destas questões estão sendo respondidas ao longo do texto.

1.3. Ainda sobre a cidade de muros: apontamentos sobre a “invisibilidade” do estigma.

“A alma de uma cidade é a permanente surpresa, projetos que se esvaziam, outros que se enfunam”.
(PAULA, s/d)

Quando se lança um olhar sobre as contradições do município de Ribeirão das Neves, é quase certo percebê-lo somente como o lugar da pobreza material. Esta imagem não é toda incorreta, basta caminhar pelas suas ruas com esgotos abertos, olhar as precárias casas construídas pelos próprios moradores, observar as más condições dos atendimentos em saúde e educação, perceber que o transporte público não atende a demanda dos seus usuários. Quem deseja morar em um lugar como este? As pessoas de melhor poder aquisitivo, talvez. Explico esta inversão em seguida.

Na ausência de um urbanismo que atenda a toda população local, as moradias de uma área considerável de Ribeirão das Neves tornam-se improvisos e demonstram a má qualidade de vida de muitos de seus moradores (FOTO 06). Belo Horizonte pode sugerir o acesso ao trabalho, ao atendimento em saúde, oferta de lazer e da busca por melhores oportunidades financeiras.

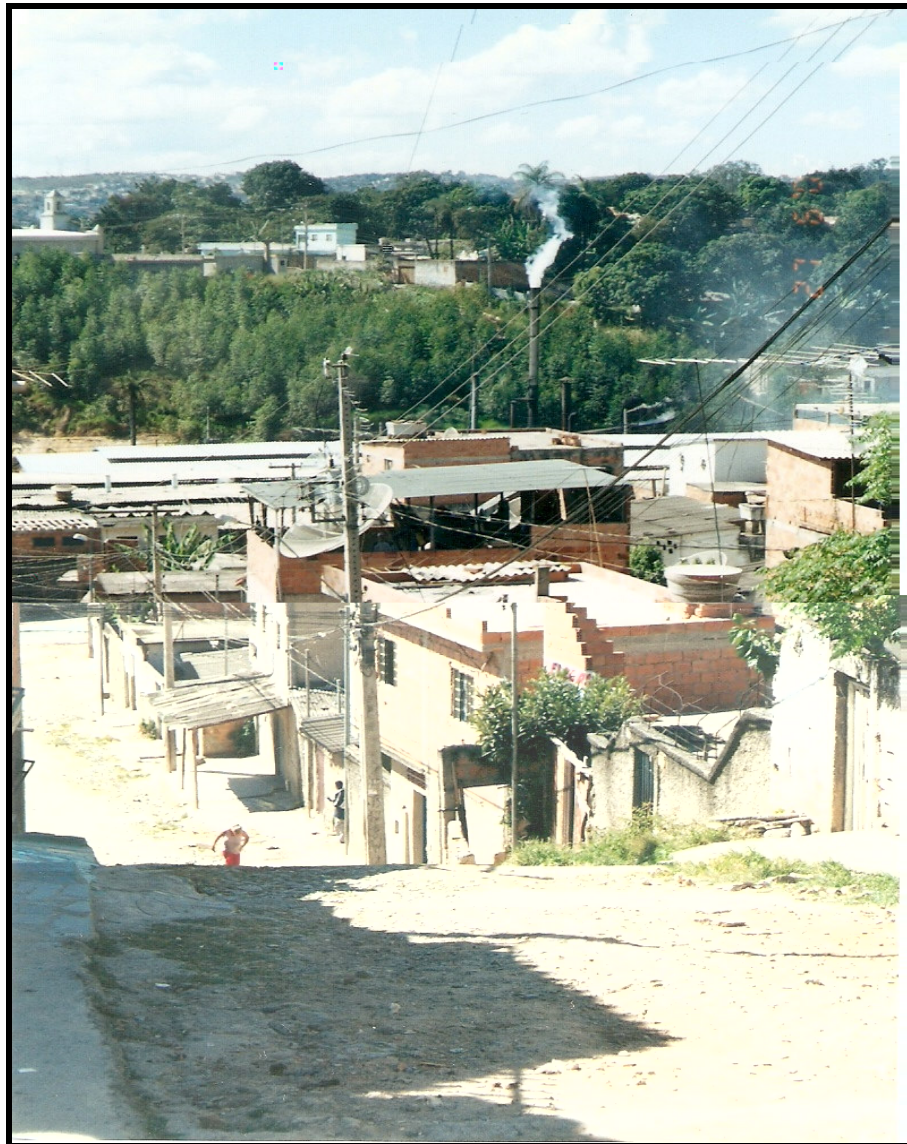


FOTO: 6 – Pobre cotidiano rico em contradições. A moradia é um retrato da vida na cidade Em Ribeirão das Neves, muitas casas foram construídas pelos próprios moradores. Os chamados “puxadinhos” (ampliação da construção do imóvel até preencher toda a sua área) é prática comum no município. Muitas casas não contam com pintura externa e em outras, as construções não finalizam por completo. (Foto: Paulo Oliveira, 2003).

Algumas características das moradias comprovam as diferenças de classes econômicas na nossa sociedade. Com uma leitura comum e repetitiva sobre esta questão, que não pode deixar de ser feita com frequência, Carlos (2001, p. 77-78), enfatiza que:

As contradições sociais emergem, na paisagem, em toda a sua plenitude; os contrastes e as desigualdades de renda afloram. O acesso a um pedaço de terra, o tamanho o tipo e o material de construção espelham nitidamente as diferenciações de classes. O acesso à habitação e aos meios de

consumo coletivo serão diferenciados. Temos aqui duas características básicas.

A primeira, diz respeito à segregação espacial, tanto das pessoas de maior rendimento, quanto das de menor poder aquisitivo. As de maior rendimento tendem a localizar-se em bairros arborizados, amplos, com completa infraestrutura, em que o preço da terra impede o acesso a “qualquer um”. Há também os condomínios exclusivos e fechados, com grandes áreas de lazer e até o *n*, com grande aparato de segurança e amplos estacionamentos. Os de baixo rendimento têm como opção os conjuntos habitacionais, geralmente localizados em áreas distantes dos locais de trabalho. São os bairros operários com insuficiência, ou mesmo ausência de infraestrutura; e as áreas periféricas, onde abundam as autoconstruções, além das favelas que afloram no seio da mancha urbana.

A segunda característica refere-se à tendência de o espaço urbano (re)produzir e ampliar a distância (tanto em quilômetros quanto em tempo) entre o local de moradia e o local do trabalho. É uma resposta, de um lado, ao aumento populacional e à concentração na cidade, e de outro, ao processo de valorização da terra que deixa vazias áreas imensas da cidade.

Há muros que chamam a atenção em Ribeirão das Neves. Neles a idéia central se resume a abdicar o mais possível da vida em seu exterior e viver profundamente as possibilidades da redoma ou do simulacro de cidade. Chegam agora, paradoxalmente a um município que lida com as questões dos loteamentos populares e dos presídios, os condomínios fechados de alto padrão oferecendo a idéia de conforto, segurança e bem-estar. Sonhar, neste caso específico, custa muito em termos monetários. Contudo, o sonho se realiza como anunciado e planejado.

Estes condomínios reforçam, através da fala de seus moradores, o discurso de que a distância da metrópole não é um problema, pois estão ao lado da capital do estado e é “pertinho”, se o deslocamento for feito por automóvel. É a mensagem de um público específico, que tem como meio de locomoção o carro. Esta mesma fala não promove a idéia de que o condomínio é em Ribeirão das Neves, reforça que fica situado às margens da BR 040, uma rodovia federal de grande fluxo de veículos. Certamente para não desvalorizar a imagem do poder econômico que, pasmem, optou por morar nas proximidades da periferia metropolitana. A certeza da vigilância e da qualidade de vida tranqüiliza os reclusos moradores. Constrói-se uma proximidade segregadora, intencional e distanciada da realidade do município. O

distanciamento e o conflito de classes sociais necessitam de muros. Impossível escondê-los.

A fala de um dos moradores com quem conversamos aleatoriamente sobre a escolha do local de moradia fora da metrópole, endossa os aspectos físicos deste tipo de decisão e o distanciamento/proximidade do município:

Ribeirão das Neves fica pra lá [referindo-se à localização da sede do município]. Aqui é BR [rodovia federal]. O pessoal que mora aqui não vai nem lá, a não ser algum político ou alguém que tem parente lá. Belo Horizonte é aqui pertinho, dá pra ir e voltar todo dia.⁴¹

Sim, dá para ir e voltar muitas vezes, quando o automóvel é o facilitador desta locomoção. A escolha da moradia pelos mais privilegiados economicamente, pode não levar em conta a qualidade dos serviços de transporte urbano do município que escolheram para morar.

Outro morador relaciona que “não tem vontade de fazer nada em Ribeirão das Neves, porque no município não há opções de compras e de lazer”.⁴² Prefere ir a Belo Horizonte para suprir estas carências. As carências do município são muitas, como assinaladas anteriormente.

A mesma rodovia que abriga moradores mais abastados economicamente, mobiliza outra parcela da população para que sejam construídas passarelas para a travessia de pedestres e redutores de velocidade para diminuir o excesso de acidentes automobilísticos em um trevo que dá acesso ao município. No espaço da desigualdade, a rodovia federal representa ganhos e perdas. Esquece, todavia, daqueles que não estão nos seus carros. Sem rodovias, o desenvolvimento econômico perde força. Sem carros, o homem parece não mais existir na sociedade moderna.

⁴¹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

⁴² Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

O mercado imobiliário, como podemos intuir, não sobrevive apenas da comercialização de loteamentos populares. Os ricos encontram o seu oásis em espaços como estes, que apresentam facilidades de deslocamento, segurança e conforto para os seus moradores. Não há material de divulgação dos empreendimentos mais abastados no momento, algumas inserções aparecem na programação televisiva e radiofônica diária.

O nome do município não contribui sequer para a valorização do valor de mercado da terra, identifica-se com a noção da pobreza com lugares demarcados. Os loteamentos comercializados na RMBH ganham mais interesse quando assimilam a idéia de pertencimento à capital do estado, ou a cidades percebidas como prósperas, dinâmicas. A nomenclatura dada a Ribeirão das Neves e que representava inicialmente os aspectos da natureza e uma homenagem a Nossa Senhora das Neves, tem hoje baixo prestígio econômico e social nas relações de mercado. É possível amar ou valorizar a terra que não se apresenta como relevante economicamente?

Os moradores escamoteiam sua identidade relacionando que moram em Justinópolis (área pertencente ao município que fica mais próxima a BH), ou na chácara tal, no centro da cidade ou no condomínio "X". Os agentes imobiliários e os moradores, sejam eles ricos ou pobres, sabem disto. Muitos não gostam de falar que moram em Ribeirão das Neves.

A toponímia do município não condiz com a realidade, pois o ribeirão agora reproduz as fissuras da vivência coletiva incômoda, sem grandes pretensões no que diz respeito a ganhos econômicos e sociais. Nossa Senhora das Neves é incapaz de realizar milagres para reverter este quadro.

Os expulsos da metrópole, ou os que não chegaram inteiramente até ela, constroem uma outra alternativa para o município: criar no imaginário coletivo a idéia de mais muros, agora tidos como “invisíveis”, se assim os podemos chamar. Os muros acolhem, separam, protegem, mostram diferenças sociais e econômicas. São cheios de significados e contradições. São percebidos como necessários para que a cidade se reconheça como moderna, desenvolvida, “segura”.

Esta “invisibilidade” de muros e o sentido de posse aparecem nos discursos de diversos moradores quando dizem que os forasteiros “invadiram” a sua cidade. Ressaltam que a prefeitura deveria coibir a chegada de pessoas que desejam morar ou trabalhar no município, pois não há lugar para mais ninguém. Gente demais aparece como um problema. Belo Horizonte reforça o mesmo pensamento. Havia gente demais nas suas delegacias, por exemplo.

No discurso de que a cidade não agüenta tamanho movimento migratório, a idéia central que se estabelece é de que não há mais lugar para os chamados “Zé Ninguém”.⁴³ Para os abastados economicamente há lugar em todos os pontos do país ou mesmo fora dele.

Questionar a quantidade de pessoas que uma cidade comporta e pregar que o estrangeiro não tem direito a ela é um discurso comum que, nas suas entrelinhas, agride e difama o homem. Holanda (2004, p.103) nos ajuda a tentar entender esta idéia de que a cidade “é minha, ninguém tasca, eu vi primeiro”:

[...] a partir de 1771, os moradores do distrito ficavam sujeitos à mais restrita fiscalização. Quem não pudesse exhibir provas de identidade e idoneidade julgadas satisfatórias deveria abandonar imediatamente a região. Se regressasse, ficava sujeito à multa de cinquenta oitavas de ouro e seis meses de cadeia; em caso de reincidência, a seis anos de degredo em Angola. **E ninguém poderia, por sua vez, pretender residir no distrito, sem antes justificar minuciosamente tal pretensão.** Mesmo nas terras

próximas à demarcação, só se estabelecia quem tivesse obtido consentimento prévio do intendente⁴⁴.

De acordo com diversas pessoas que nasceram, foram criadas e moram em Ribeirão das Neves, deveria haver um cadastro arguindo os motivos pelos quais os imigrantes se deslocam para o município. Os caminhões de mudança, segundo o

A mídia também reforça a idéia de uma Ribeirão das Neves caótica e desamparada pelo poder público. As diversas notícias veiculadas nos últimos tempos nos meios de comunicação de massa, chamam a atenção para o problema e mostram um município violento, pobre e sem estrutura urbana adequada para atender a sua população⁴⁶. Os meios de comunicação esqueceram as festas religiosas, o povo, o folclore, as tradições. Quem resgatará tudo, ou parte disto? (ANEXO 04).

Uma particularidade da cidade, no entanto, ganha reverência da população local e aceitação social como uma imagem positiva do município: o projeto “Cidade dos Meninos”. Este projeto que é bastante conhecido e divulgado ganha, agora, uma nova abordagem: a discussão acadêmica, com uma Tese de Doutorado.

Pergunta-se: por que a “Cidade dos Meninos” apresenta-se como fator positivo em Ribeirão das Neves? Que contribuições este projeto dá ao município? A que se propõe? Por que se instalou naquela localidade? Quais os seus propósitos? Perguntas que serão aprofundadas e discutidas com mais ênfase nos capítulos posteriores.

A “Cidade dos Meninos” não transformou radicalmente a cotidianidade do município aonde se instalou, mas modificou centenas de vidas com as suas propostas de realização de cursos profissionalizantes para muitas pessoas que vivem em uma cidade sem emprego. A pobreza material, vale repetir, é visível em muitos pontos da cidade.

⁴⁶ Notícias colhidas principalmente no portal www.uai.com.br, que agrega no site os jornais “Estado de Minas” e “Diário da Tarde”, telejornais locais das afiliadas da Rede Globo de Televisão e Sistema Brasileiro de Televisão, dentre outros. Cabe aqui um agradecimento a uma rede de amigos que entravam em contato comigo ao saberem de alguma notícia sobre o município pesquisado. Alguns exemplos ilustram a imagem negativa da cidade a partir das manchetes veiculadas, que vão de “Justinópolis [Ribeirão das Neves] – oficina de desmanche é estourada pela polícia” a “Chuvas em Ribeirão das Neves: muro desaba e mata criança”. As raras notícias consideradas boas ressaltavam manifestações populares cobrando serviços básicos, como mais ônibus e combate a violência.

Pessoas se deslocam diariamente para Belo Horizonte e municípios vizinhos para trabalhar, estudar, esperar por atendimento em serviços diversos ou para desfrutar das opções de lazer.

No entanto, a instituição filantrópica anuncia possibilidades, desperta a idéia do pertencimento a um lugar, cria identidade em uma população que não via, há algumas décadas, investimento em projetos que mostrassem que o espaço pode ser usado para outros fins. Nestes usos, o trabalho, amparado na ideologia religiosa, cativa, estabelece desejos, mostra possibilidades.

1.4. Muros, ordem, disciplina e hierarquia. O mundo do aprisionamento mendicante.

“Os motivos da decadência das cidades são mais profundos e complexos. Dizem respeito ao que pensamos ser desejável e à nossa ignorância a respeito do funcionamento das cidades”.
(JACOBS, 2000)

Um grande empresário e o seu desejo de contribuir para uma sociedade mais humana e harmoniosa. Esta idéia não é nova, mas insinuante.⁴⁷ Nesta linha de pensamento surge a idéia de se criar no meio da “decadência” de Ribeirão das Neves, um projeto assistencialista, mantido e gerenciado pela iniciativa privada, com o objetivo de abrigar jovens estudantes, de poucos recursos econômicos e que não sejam ou tenham sido menores infratores ou contraventores. Os maus trilham outros

⁴⁷ O Conde Matarazzo e as suas propostas econômicas para o Brasil motivaram uma série de discussões que o levaram a tornar-se mito na cidade de São Paulo nas décadas de 1910 e 1920. O empresário e apresentador de TV Sílvio Santos é a imagem mais caricatural do homem que vende sonhos através da possibilidade de adquirir a casa própria e outros bens por meio de sorteios ou através de jogos. O jornalista, escritor e empresário Roberto Marinho, construiu um império nos meios de comunicação e influenciou decisivamente na economia e na política nacional. Todos eles, no imaginário coletivo, conseguiram transformar o sonho em ação efetiva. Em um país com um dos maiores índices de desigualdade social e econômica do mundo, admirar os pouquíssimos que chegam a consolidar os seus objetivos econômicos virou lugar comum.

caminhos, merecem a prisão. Ribeirão das Neves tem lugares demarcados para os que afrontam a ordem coletiva.

O criador da instituição filantrópica, o empresário Jairo Azevedo, proprietário de diversas empresas que vão do ramo de relojoaria a instituições financeiras como banco e empresas de crédito financeiro, atribui ao mundo espiritual a inspiração para a sua criação e o seu funcionamento. Segundo relatos pessoais, ele teve um pequeno surto, uma espécie de desmaio e, com isto, uma visão que lhe mostrava que caminhos deveria seguir para ajudar ao próximo. A fé moveu montanhas, pessoas e capital. O projeto simboliza o sucesso, a persistência e o poder de um homem sonhador que antes do sucesso profissional, passou por muitas dificuldades financeiras. A obra tornou-se real, promoveu uma nova roupagem para Ribeirão das Neves, que continua a ser a cidade de muros.

A “Cidade dos Meninos” é mantida e administrada por uma entidade jurídica presidida pelo empresário citado. É denominada Associação de Promoção Humana Divina Providência (APHDP) e coordena variados projetos sociais em algumas cidades mineiras. Estes projetos são mantidos por doações e contribuições voluntárias. Algumas instituições mantidas e administradas pela APHDP, como já vimos, são: Lar dos Meninos São Vicente de Paulo, Lar dos Idosos São José, Centro Sócio Educativo Dom Luiz Amigó, Central de Abastecimento e Assistência a famílias carentes, diversos Centros de Formação Profissional e a “Cidade dos Meninos”, foco desta pesquisa acadêmica.

Uma curiosidade singular em vários projetos da Associação de Promoção Humana Divina Providencia (APHDP) é o seu discurso de resgate da dignidade humana e a preparação e especialização da mão-de-obra para o mercado de

trabalho. Sem trabalho não há vida, esperança e salários. Sem trabalho (ou a falta dele) não há exploração do outro, nem obras sociais.

No papel de idealizador da “Cidade dos Meninos”, o Sr. Jairo mostra-se um homem bem articulado socialmente, politicamente forte (mesmo que em sua fala diga que não se interessa pela política) e bastante ousado nas suas pretensões. Uma delas é a construção, nos próximos anos, de um centro de educação tecnológica na área onde funciona o projeto “Cidade dos Meninos”. As suas empresas têm como vitrine a produção e a comercialização de relógios da marca “Séculus”. Recentemente, iniciou suas operações com o banco “Semear”. A diretoria da Associação de Promoção Humana Divina Providência é composta ainda, por outros empresários de ramos diversos de atividades em Belo Horizonte e por economistas, comerciantes e advogados. Não recebem nenhuma remuneração por participarem do projeto. A intenção é ajudar aos mais necessitados.⁴⁸

Além disto, o idealizador do projeto mostra-se um homem bastante religioso e tem como referência de sua formação, os princípios morais preconizados pela Igreja Católica. Estes princípios são amplamente difundidos na “Cidade dos Meninos”. Não há espaço para manifestações de pensamentos ou opiniões em contrário com mais intensidade.⁴⁹ Uma conquista a ser construída.

A diversidade, assim com a mentira, tem perna curta, quase não anda, não dá passos largos na instituição filantrópica. Estabeleceu-se relação de domínio a partir do parâmetro religioso. O pensamento é unificado, mas possibilita mudanças.

⁴⁸ Fonte: Revista Solidariedade – divulgação – s/d.

⁴⁹ O Sr. Jairo Azevedo publicou um livro denominado “Princípios Morais”, onde são abordados temas como casamento, aborto, sexo, religião, virgindade, drogas e juventude. Percebe-se uma visão claramente identificada com tradicionais valores cristãos e pensamentos da Igreja Católica. Neste livro não há nenhuma discussão mais aprofundada sobre os temas propostos, mas a linguagem é clara pbketiva. Em cada casa-lar há um exemplar desta produção literária para consulta.

O cotidiano das pessoas que vivem a intimidade da instituição presidida pelo empresário é cercado de diversos momentos de orações e fervor baseados no catolicismo. Eles estão presentes nas missas, nas catequese, nas refeições e nas casas-lar. Há, por certo, alguns arranjos neste comportamento coletivo relacionado à profissão de fé. Um exemplo é a prática de catequese, que agora se denomina católica e não católica.

A Associação de Promoção Humana Divina Providencia (APHDP) é registrada como de utilidade pública nos níveis Federal, Estadual e Municipal. É uma instituição civil, filantrópica, de direito privado e sua sede se localiza em Belo Horizonte. A capital do estado abriga a sede do projeto que ampara a pobreza na periferia.

Segundo documento disponibilizado pela instituição,

Constitui-se objetivo precípua da Associação, a assistência, promoção moral e humana, espiritual, material às pessoas ou famílias carentes, no que tange à alimentação, vestuário, material escolar, saúde, educação, profissionalização e habitação⁵⁰.

Em partes, os objetivos da APHDP se assemelham aos propostos pelo Estado, mas não os substituem, mesmo que em Ribeirão das Neves o Estado apareça como quase ausente em diversos momentos. A parceria público/privado, neste caso, apresenta-se como necessária e positiva para a comunidade.

A “Cidade dos Meninos” ocupa uma extensa área no centro expandido de Ribeirão das Neves. O seu funcionamento iniciou-se em 1993, com 48 meninos em regime de internato, mas a inauguração oficial da obra ocorreu somente em 1998. Atualmente estão lá mais de mil rapazes e moças entre internos, semi-internos e externos. Segundo dados da instituição divulgados na Internet, são mais de 5.000 (cinco mil) jovens atendidos. A pesquisa se deterá sobre os internos, jovens que moram e vivem na instituição filantrópica.

⁵⁰ Informações Importantes – Documento anual da APHDP no prelo – 4ª. Edição – p.2.

Para uma compreensão maior, a tabela a seguir descreve os períodos que alunos internos e semi-internos passam na instituição. Os alunos externos ficam na instituição apenas no turno em que estão matriculados nas escolas ou nos cursos profissionalizantes. Semi-internos são os matriculados na escola e nos cursos profissionalizantes e que vivenciam o dia na instituição, mas retornam às suas residências no final do dia. Alimentam-se, têm acompanhamento social e psicológico e participam de atividades de lazer. Os internos ficam lá de segunda a sábado, em período integral e não podem sair, a não ser em casos muito especiais. (ANEXO 05 e quadro 03)

TURNO/ DIA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
-----------------------	----------------	--------------	---------------	---------------	--------------	---------------	----------------

biblioteca em horários pré-determinados pela instituição, desde que este horário não coincida com os das aulas.

A “desordem” da vida social estabelecida coletivamente em Ribeirão das Neves transforma, de certa forma, determinadas atividades no interior da CDM. A missa e a palestra sobre os valores morais que ocorriam aos sábados pela manhã em anos anteriores, passaram para as noites de sextas-feiras. Os motivos para tais mudanças, segundo alguns dirigentes do projeto filantrópico, é o baixo poder aquisitivo das famílias dos semi-internos, que não podem ter gastos excessivos com transporte. Mais um deslocamento no sábado pela manhã, significaria mais despesas.

Outra transformação importante ocorrida no cotidiano da CDM foi a ampliação do horário da saída dos internos, que em anos passados, poderiam retornar aos seus locais de moradia nas noites de sexta-feira juntamente com os jovens do semi-internato. O medo da violência no município falou mais alto e o tempo de enclausuramento juvenil aumentou. A claridade da manhã daria mais segurança aos internos, mães-sociais e demais funcionários. Com esta atitude, a instituição teve mais gastos com alimentação, provimento de água, horas-extras de funcionários, fornecimento de energia elétrica, etc. Mostrou-se amadurecida na sua decisão e preocupada com a vida dos seus jovens para além dos seus muros. Humanizou a relação com os jovens e com a comunidade.

A CDM não sobrevive apenas dos seus muros e da sua vigilância incessante. Consegue ir além dela mesma, dribla os conflitos do urbano fragmentado estabelecido em Ribeirão das Neves. Leva-nos a pensar em como o simulacro de cidade aponta seduções para compreendê-lo como algo maior do que a cópia das funcionalidades da cidade.

Os semi-internos são liberados no turno da noite porque, segundo fontes da CDM, na sua maioria, estes jovens moram nas proximidades da instituição que os acolhe. Na seleção para uma vaga neste estabelecimento, os jovens que moram mais distantes são aconselhados a optarem pelo regime de internato. Outros fatores, como renda, tipo de família e idade são levados em conta na seleção dos menores e na deliberação sobre o enquadramento deles no internato ou nos semi-internato.

O morar nas proximidades da instituição não significa afirmar que os adolescentes fazem o percurso residência/CDM a pé. Todos os dias à noite um número expressivos de vans, micro-ônibus, kombis e ônibus ficam na área interna da CDM aguardando os alunos do semi-internato saírem. No início da manhã este movimento se repete.

Em anos anteriores os veículos não podiam entrar na instituição. O medo da violência no município e o compromisso firmado pela CDM em zelar pela segurança dos jovens, falaram mais alto. A área territorial compreendida como fechada em si mesma, abriu os seus espaços para a circulação dos automóveis, uma das necessidades criadas pela cidade.

Motocicletas, no entanto, não podem ultrapassar os limites da portaria. Este meio de transporte só pode ser utilizado na área interna da instituição pelos seus vigilantes.

Um professor da escola de ensino médio confessava que não entendia o porque de tal decisão. “ *q o_ u c c q o _ é o_*
co n o__n u c o n o u _ o o n o__
u _ c _ é . Questionado sobre o porque de não solicitar uma explicação mais elaborada da CDM, o professor responde que *é u _ _n*
n o n o c u n n u q o_ o n o n n o o_u n o

o o u _ é co _conc o Diversas respostas poderiam ser dadas na busca de uma explicação sobre esta decisão da CDM, inclusive o preconceito em relação ao uso de motocicletas. Como ninguém perguntou, não há o que esclarecer. Não há a necessidade de respostas para o que não é questionado.

A dinâmica espacial que se apresenta na CDM é um reflexo de um movimento maior. O exemplo do cuidado com a violência e a abertura, mesmo que restrita, ao fluxo de veículos, reforçam esta questão.

Aos sábados e domingos a instituição fica quase vazia. Só permanecem alguns funcionários responsáveis pela vigilância e seus poucos moradores fixos. No final da tarde do domingo começa o movimento de retorno das pessoas.⁵² A entrada é gradativa e segue uma seqüência estabelecida: funcionários, moças do internato e por fim, os rapazes.

De 1998 (ano da sua inauguração formal) até hoje (2007), a “Cidade dos Meninos” transformou-se, expandiu-se, tomou novas formas, apropriou-se de alguns equipamentos públicos do Estado, deu o tom do seu funcionamento de forma clara e gerou empregos diretos e indiretos para o município. Ganhou notoriedade nos meios político e social. Mostrou a força do empresário empreendedor, cristão, justo e preocupado com a juventude da periferia. Das trevas veio a luz. Da ausência do Estado veio o empresário. Da pouca consistência da cidade surgiu o seu arremedo, que pressupõe grandiosidade.

Os pilares de funcionamento da “Cidade dos Meninos” são: amor e carinho, disciplina e ociosidade zero. Tudo isto aliado à confiança na “Divina Providência”,

⁵¹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2007.

⁵² Um exemplo curioso que mostra a precariedade do transporte público no município é que alguns internos e mães-sociais chegam em horários bem mais cedo do que o previsto porque, dependendo do seu lugar de moradia, a quantidade de ônibus em circulação é reduzida nos finais de semana. O espaçamento de horários entre eles é bem maior.

pois “ u _ z o _ é u o o n n u n o ”. A instituição abriga, como dito anteriormente, jovens de 13 a 17 anos, em tipos diferenciados de acolhimento⁵⁴. Rapazes e moças não têm maiores contatos no dia-a-dia. Outra padronização de comportamento se estabeleceu: a das condutas pessoais a partir do gênero. Intimidade entre eles é algo distanciado do real. Há espaços físicos e limitados que são apropriados para homens ou para mulheres. Refeitórios, casas-lar, quadras ou assentos no auditório são rigorosamente divididos entre masculino e feminino. Homens e mulheres convivem juntos, mas não se misturam (Figura 06).

⁵³ Idem

⁵⁴ Desde o início de 2006, a CDM passou a acolher jovens de 12 anos. A explicação dada para esta mudança é de que a procura é muito grande nesta faixa etária.



Casa-Lar dos Meninos Internos

Casa-Lar das Meninas Internas

Alojamento dos Semi Internos

Alojamento dos Funcionários

Caminho percorrido todos os dias por uma menina interna

Caminho percorrido todos os dias por uma menino interno

A separação de espaços entre homens e mulheres é fenômeno antigo e presente na nossa sociedade. A explicação dada pela “Cidade dos Meninos” para que ocorra a divisão de ambientes e de lugares para jovens do sexo masculino e feminino é, além do perigo da promiscuidade sexual, a manutenção da ordem. Perrot (1998, p.37) mostra que a ameaça da combinação dos dois sexos em alguns espaços já assustava a França do Século XIX:

No século XIX as mulheres se mexem, viajam. Migram quase tanto quanto os homens, atraídas pelo mercado de trabalho das cidades, onde acham emprego, principalmente como empregadas domésticas. Estas cidades, que as chamam sem realmente acolhê-las, empenham-se em canalizar a desordem potencial atribuída à coabitação entre homens e mulheres. Daí uma segregação sexual do espaço público. Existem lugares praticamente proibidos às mulheres – políticos, judiciários, intelectuais e até esportivos... – e outros que lhes são quase exclusivamente reservados – lavanderias, grandes magazines, salões de chá... Na cidade, espaço sexuado, vão porém se deslocando, pouco a pouco, as fronteiras entre os sexos.

As fronteiras entre os sexos não se romperam, se modificam vagarosamente, como sugere a autora. Novos espaços quase que exclusivamente masculinos ou femininos são criados. Somos formados para nos encontrar no que é socialmente aceito. As proibições estão em todos os espaços. Infringi-las não vale a pena.

O tempo de utilização de alguns ambientes na “Cidade dos Meninos” mostra outra estratégia de controle. Biblioteca ou Centro de Saúde são exemplos de como rapazes e moças têm agendas e tempos separados para a sua utilização. Algo que merece um destaque nesta discussão é a figura do pesquisador que aparece como neutra em alguns momentos. Por diversas vezes, houve convites para freqüentar espaços masculinos e femininos na instituição. Outras vezes, o pesquisador aparecia como estranho ou fora do lugar para algumas pessoas, mas não houve registro de maiores desgastes ou embaraços por este motivo. Pesquisador aparece como anjo, sem sexo definido, mas cheio de bondade. O sexo é visto como demoníaco em setores diversos da nossa sociedade. É necessário ter cuidado com ele, podá-lo para que não mostre as suas potencialidades por inteiro.

A “Cidade dos Meninos” se apresenta com uma proposta de promover o crescimento pessoal dos jovens por meio da vivência no esquema sugerido para a vida intra-muros. É uma “fuga” da cidade real e milhares de jovens esperam por esta oportunidade a cada ano, mas “muitos são os convidados, poucos os escolhidos”. Os muros da “Cidade dos Meninos” (assim como foram os da antiga Penitenciária Agrícola de Neves) não assustam, promovem a cidade, despertam sonhos e têm uma história por contar.

A dimensão do espaço interno da “Cidade dos Meninos” está nas suas ruas, casas-lar, escolas, galpões e oficinas profissionalizantes que preparam futuros trabalhadores. Não só a sua estrutura física encanta os jovens. A disciplina é uma das seduções em pauta. A sua organização, idem. A responsabilidade que a instituição filantrópica assume com cada jovem que acolhe, é algo que merece crédito ainda maior. Estrutura física, disciplina e preocupação com a juventude impedem o contato com muitos dos denominados problemas urbanos.

Tomando-se como referência a estrutura física da CDM mostrada nas ilustrações anteriores, podemos perceber a imponência do sagrado. A igreja fica em um dos locais mais altos e centrais da instituição. Um funcionário alerta que, talvez, o idealizador da obra não tenha capturado a idéia de que a CDM iria crescer tanto. O templo religioso é muito pequeno se comparado ao tamanho de outras estruturas físicas que acolhem muitas pessoas com conforto e segurança. A igreja, no entanto, não perde a sua característica religiosa. Diversos encontros de catequese, reuniões pedagógicas e cultos religiosos de menor proporção acontecem neste ambiente sagrado. A igreja é utilizada como espaço de conagração coletivo quando vários casamentos de moradores do município se realizam lá. O arremedo

de cidade reduziu o papel da igreja matriz como símbolo do lugar imponente para a celebração do matrimônio.

Na área central da instituição há o prédio da Administração Geral. Está situado entre as duas escolas de ensino regular. Assim como a igreja, este prédio situa-se em um local mais alto e contempla o sentido da imposição da ordem e da hierarquia.

O Centro de Saúde posiciona-se logo após a entrada principal da instituição. Como também há atendimento externo, a instalação que tem o seu caráter público, facilita o acesso de quem procura por seus serviços. “O espaço organiza-se segundo as estruturas de classes do lugar e a correlação de forças que entre elas se estabelecem” (CARLOS, 1995, p.38). A instituição pesquisada imita os movimentos da cidade, desperta relações de poder e de força e, de certo modo, legitima a funcionalidade das instituições por meio dos muros e do enclausuramento.

Os diferentes usos e apropriações da instituição “Cidade dos Meninos” aparecem como regulados, perfeitos, construídos, prontos. A indicação dos percursos feitos por meninos e meninas das suas respectivas casas-lar até o refeitório, por exemplo, demonstra que a construção do cotidiano coletivo idealizado por um gerenciador da ordem, mesmo que não satisfaça a todos, tende a ser incorporado como parte da vida. A delimitação dos espaços de convivência a partir da definição sexual pode gerar a sensação da perda de liberdade, ao mesmo tempo em que se insinua uma aceitação dos padrões de convivência social. Na CDM há ainda limitações de acessos a determinados locais a partir da função exercida por seus funcionários, das necessidades de cada grupo constituído que tem vínculo com a instituição (os estudantes das escolas regulares que são alunos externos, por exemplo) e dos seus interesses particulares.

O crescimento freqüente do número de jovens que se habilita a vivenciar o esquema proposto pela instituição reproduz as fissuras econômicas e sociais expostas diariamente pelo município. Então, direito à saúde, educação, esporte, lazer, moradia e alimentação, às vezes, só será possível para tantos jovens, atrás de muros e de vigilância constante. Ingenuidade seria crer que a “Cidade dos Meninos” não reflète os conflitos e contradições do urbano.

Segundo dados da instituição, no primeiro semestre de 2006 os alunos internos foram distribuídos em 68 casas-lar que estavam funcionando naquele período. No geral, acomodavam-se 18 alunos por unidade habitacional de quatro quartos. Na mesma época, os semi-internos foram distribuídos em 16 alojamentos cada. Uma média de 36 alunos por imóvel. A quantidade de casas-lar funcionando não atingiu a sua totalidade (100). Uma parte considerável do total de internos e semi-internos é de meninos, o que não ofusca o dinamismo e a presença das meninas. No início do projeto eram apenas algumas dezenas de pretendentes a vivenciarem experiência como esta. Todos, do sexo masculino.

Nas primeiras semanas de experiência na instituição, se houver desistências por parte dos jovens selecionados, há novas convocações para suprimento das vagas em aberto. Depois deste período, caso ocorram desistências ou desligamentos dos adolescentes inicialmente convocados, não é possível atender novos pretendentes. A fase de adaptação, neste caso, já teria ocorrido, as matrículas nos cursos profissionalizantes encerradas e as aulas nas escolas regulares iniciadas. O cronograma de atividades é cumprido à risca, não há correções posteriores.

A insatisfação cotidiana pode gerar sonhos, muitas vezes utópicos. O turismo pode nos ajudar a entender esta relação. Em um município onde o turismo aparece

como algo abstrato e a industrialização não incentivou a economia local, um projeto que lida com as possibilidades concretas de cumprir o que promete, saindo inclusive, da relação exclusivamente econômica, tem méritos que parecem inquestionáveis. A “Cidade dos Meninos” demonstra as contradições do urbano fragmentado. A utopia ganha força. A “Cidade dos Meninos” aponta uma relação da expansão de Belo Horizonte (e de seus problemas) para a periferia metropolitana.

Como lidar com estas questões? O discurso saudosista e religioso ganha força. A carência de espaços de lazer e de trabalho produz o ócio delinqüente? O trabalho formal, com carteira assinada, surge então como possibilidade de transformação social. As forças produtivas do município não ganham destaque, apenas lamentações. A “Cidade dos Meninos” captura a idéia do trabalho e do emprego reforçando o discurso de que a ocupação do tempo é uma virtude em uma sociedade que não pára ou não caminha mais em ritmo lento. A modernidade

tr0ed6(t)-3(a)-4(s)2(i)a)-4(q56

çadémo lação dque 337.56 -2

desenvolvimento local sem que outra imagem da cidade seja construída. Esta, de forma mais agradável.

Os presídios, que são parte da sua história, precisam afirmar-se como parte da cultura da cidade para que ela renasça e crie uma lógica de entendimento mais agradável para a população local. História esquecida é sinal de que não lembramos de nós mesmos. Não há cidades sem história, mesmo que ela cause estranheza, desprezo, mal-estar e mesmo proposta de não lembra-la.

A “Cidade dos Meninos” assume o papel de incorporar um outro olhar sobre a cidade na população local. Esta é uma tarefa que se constrói paulatinamente, momento a momento. Para isto é necessário resgatar fios da história recente do município, percebido como um anexo da metrópole, e discutir os limites da liberdade juvenil. O acolhimento aos indesejáveis do urbano (neste caso, os pobres) reforça a importância de um grande projeto social e evidencia as carências de investimento públicos e privados em Ribeirão das Neves. A filantropia fornece elementos para que o município não se aprisione em uma imagem única, estereotipada, mesmo que verdadeira. Permite que o apego à cidade também esteja alicerçado na perspectiva dos muros, da fragmentação do olhar. A cidade legitimou os presídios e agora, a CDM. Tenta esquecer o seu passado e construir um outro presente. Anuncia um futuro desconhecido. Perde-se em si mesma e encontra-se nos sonhos.

CAPÍTULO 2

“Há quem fale
que a vida da gente
é um nada no mundo”.

Gonzaguinha

2. A “Cidade dos Meninos”: o ícone de um município. Encontros e desencontros nos confins da metrópole.

“Procurai entrar pela porta estreita; porque digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão”
(Lucas 13;24)

Ribeirão das Neves tem, desde antes da sua autonomia municipal, uma relação de proximidade com Belo Horizonte. Esta característica não permitiu, no entanto, que o espaço anexado em grande parte pela metrópole, tivesse desenvolvimento econômico na mesma proporção que a capital do estado de Minas Gerais. Ribeirão das Neves, com isto, se reconhece como o local do atraso, onde o menor precisa apoiar-se no maior para dar sentido à sua existência.

Em uma situação histórica específica, Ribeirão das Neves se reconhecia como grande, pomposa, próspera. A cidade, antes fadada aos movimentos próprios da vida rural, cede à imposição estatal e anuncia que por meio da instalação de um grande estabelecimento penal em sua área político-administrativa, outro tempo nascia. Era necessário adaptar-se a ele.

Esta cidade que se reconheceu como pequena e grande, como rural e urbana, como pobre e violenta, se manteve sem historicamente contemplar a criatividade dos investimentos que muitos dos seus moradores realizaram para concluir os seus projetos pessoais e profissionais. A sedução da venda dos loteamentos populares não gerou, em momento posterior, o espírito de pertencimento à cidade na sua totalidade.

Por conseguinte, como movimento que contém algo de contraditório engendrado ao próprio espaço que envolve a produção e reprodução da metrópole, a manutenção da cidade de Ribeirão das Neves como anexo, passa a ser questionada sobre os efeitos múltiplos da sua relação com o estado e seus projetos desenvolvimentistas, e as suas conseqüências tanto sobre os indivíduos como sobre as famílias, e sobre as relações redefinidas no espaço urbano periférico.

“CIDADE DOS MENINOS SÃO VICENTE DE PAULA”. Com letras em destaque, em tom esverdeado, no centro expandido do município de Ribeirão das Neves, uma arquitetura diferenciada dos padrões locais chama a atenção pela sua dimensão física acentuada em relação aos demais imóveis da área onde se localiza.

Abaixo das letras, uma portaria com vigilantes em tempo integral, uma pequena lanchonete, uma loja que vende artigos diversos como cadernos, roupas, móveis, adereços, etc. Ao lado desta loja há um banco de empréstimos voltado para pessoas de baixo poder aquisitivo que desejem desenvolver pequenos projetos empresariais. Chama-se Banco Divina Providência. Não só o artista vai aonde o povo está, estabelecimentos econômicos, também.

Neste mesmo espaço funciona o único Restaurante Popular do município, que vende refeições a centenas de pessoas ao preço módico de R\$ 1,00 (um real). Para breve, há o projeto de um centro comercial maior no mesmo local. O caixa eletrônico de um grande banco privado tido como popular dá o tom da economia moderna que chega aos diversos lugares do mundo. Havia ainda, até bem pouco tempo, um assento feito à base de cimento onde as pessoas costumavam sentar, deitar, descansar, conversar ou namorar. Este assento improvisado foi destruído. Além de não atrair mais os mendigos, os pobres e passantes, evita a permanência

mais longa de pessoas no local e previne a idéia do ócio. Para os que trabalham, produzem, há assentos garantidos na vida social.

Na parte externa da entrada da “Cidade dos Meninos” há um telefone de uso público que sempre está em uso. A pouco mais de 50 metros, há um pequeno — — que vende sanduíches, refrigerantes e cervejas. Um pouco mais adiante está o ponto de ônibus, sempre movimentado, especialmente em horários de início e término de expediente de trabalho ou de deslocamento de estudantes para as escolas.

Como o ponto de ônibus fica quase na calçada do único hospital do município e ao lado da Secretaria Municipal de Educação, além de atender a própria carência da “Cidade dos Meninos”, o movimento lá é sempre maior do que em outros locais de embarque e desembarque de passageiros. Nos horários de maior movimento, a situação é caótica em termos de organização e de respeito ao outro.

Em Ribeirão das Neves o sistema de transporte coletivo se ampara apenas nos ônibus urbanos. Não há metrô, trens, moto-táxi, lotação, micro-ônibus, sistema integrado de transporte de passageiros. A precariedade do serviço é visível pelo tempo de espera para o embarque, pela demora no deslocamento para que se chegue ao centro de Belo Horizonte, pelas poucas linhas disponíveis, pelo sucateamento da frota e pelo valor das tarifas cobradas⁵⁵.

Em frente à “Cidade dos Meninos”, do outro lado da rua, há uma grande área não construída. A visão é apenas de mato, terra e de uma topografia pouco plana. A

⁵⁵ O valor da tarifa cobrada é de R\$ 2,95 (Dois reais e noventa e cinco centavos). Este preço refere-se ao deslocamento centro de Ribeirão das Neves/centro de BH, que dispõe apenas de duas linhas regulares. Na capital, o valor máximo cobrado pela tarifa de ônibus é de R\$ 1,85 (Um real e oitenta e cinco centavos) e é possível pagar apenas uma passagem para se chegar a diversos locais, mesmo que o usuário necessite tomar mais de um ônibus. Há, ainda, a integração ônibus/metrô, que barateia o preço do deslocamento e agiliza o tempo de deslocamento. (Fontes: Departamento de Estradas e Rodagem de MG - DER/MG e Companhia de Trânsito de Belo Horizonte – BHTRANS).

calçada, naquele lado, é estreita e pouco conservada. Ao fundo vêem-se alguns bairros. (Foto 07).



FOTO: 7 – Na frente da CDM a idéia da vida pacata, própria da imagem comum da vida rural, e a calçada sem usos mais freqüentes. A pobreza material do município não aparece nesta imagem. (Foto: Paulo Oliveira, 2006)

A instituição filantrópica ocupa uma área de 510.000m², sendo 75.000 m² de área construída⁵⁶. O apelo arquitetônico mostra a força da filantropia e da caridade, em um município que tem a sua história recente agregada aos efeitos do processo de metropolização, ocorridos a partir da capital do estado de Minas Gerais.

A expansão urbana de Belo Horizonte gerou novas práticas econômicas, sociais e políticas. A sociedade se adaptou a elas, por certo. As instituições que apresentam propostas de desenvolvimento e de bem-estar baseadas no amor ao próximo ganham destaque e se inserem de forma diferenciada na vida cotidiana das pessoas.

⁵⁶ Fonte: Cidade dos Meninos. Documento interno.

2.1. Sobre cidades e ícones; sobre o bem e o mal. Filantropia e sedução amparadas no discurso da ordem.

“E aquele lá de cima, o Incognoscível, em que centésima carreira de pó cintilante sua bela narina se encontrava quando teve a idéia de criar criaturas e juntá-las?”
(HILST, 1993)

À primeira vista, o município de Ribeirão das Neves aparece e se faz conhecer entre os seus moradores, de forma estigmatizada, como a cidade-problema, a cidade dos presídios, cidade-dormitório, cidade violenta e “sem rumo”⁵⁷. Estes títulos a acompanham, desde que o sentido da existência da Penitenciária Agrícola (PAN), como o lugar da ressocialização de seus detentos, perdeu fôlego.

Ribeirão das Neves não se apresenta sozinho nesta concepção de cidade “isolada” de uma boa imagem junto a seus habitantes. Ibirité, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, conhecido também por sua pobreza e desorganização sócio-espacial, também sofre este estigma de “cidade ruim”. (BRANDÃO, 1989, p.88).

No entanto, as alcunhas que rebaixam a imagem do município, ao mesmo tempo em que traçam uma identidade coletiva curiosa, se fortaleceram nos anos 1970, quando houve um crescimento avassalador no seu número de habitantes motivados pelo mercado imobiliário que comercializava os loteamentos populares naquela região. Havia um mercado imobiliário atuante e competitivo que tinha como público alvo os pobres. Pobres sonhadores.

Este movimento migratório para Ribeirão das Neves tem o seu ponto de partida na própria Belo Horizonte, com a expansão do mercado imobiliário que

⁵⁷ Esta imagem caricatural e às vezes preconceituosa do município aparece em notícias veiculadas nos meios de comunicação de massa como TV e rádio. Durante o tempo da pesquisa de campo, tivemos o cuidado de observar como Ribeirão das Neves aparecia nos noticiários locais. As chamadas são sempre relacionadas a tensão, medo, pobreza e violência.

expulsava os pobres para longe dos equipamentos urbanos coletivos, do lazer e da moradia de melhor qualidade. A conhecida região da Pampulha abrigava os que detinham maior poder econômico na capital de Minas Gerais, especialmente nas décadas de 1940 e 1950.

Ainda hoje, a região da Pampulha se apresenta como elitizada e autocrática. Mansões que não perderam espaço para o processo de verticalização da cidade estão lá. Algumas delas se transformaram em boates, restaurantes e clínicas, mas mantêm a arquitetura antiga e histórica. Falamos da Pampulha porque, a partir da sua expansão para a direção Noroeste da cidade, houve uma série de facilidades, como a construção de avenidas ou hospitais públicos, que estimularam o deslocamento de pessoas para os arredores de Belo Horizonte.

Decerto, os problemas de uma cidade não se explicam simplesmente pela chegada das pessoas ou pela implantação de projetos imponentes em sua área. É necessário aferir outras discussões que ajudem a entender porque Ribeirão das Neves se encontra ainda nas bordas do pleno exercício da cidadania ou escapa da dinâmica dos grandes investimentos econômicos, turísticos e industriais que chegam às suas cidades vizinhas. Os meios de acesso para a livre circulação de carros, mercadorias e investimento pode indicar uma resposta a este dilema. Só a filantropia descobriu o caminho das pedras.

A prática da filantropia é antiga e permanece nos mesmos moldes de outrora em alguns aspectos. O apego ao discurso da moral, da religião e do amor ao próximo é a sua característica mais marcante. Em Minas Gerais, a filantropia atuou em diversas áreas, como a saúde e a educação e a elite tem um papel importante na manutenção deste movimento. Souza (2004), afirma que:

As instituições de caridade colocaram seus dispositivos filantrópicos a funcionar. Liderados pelos experientes filantropos, expoentes das elites mineiras, com a ajuda inestimável da militância católica organizada pelo pensamento social católico, elas atuavam intensamente para **zelar pelos bons costumes** e atender as necessidades para ampará-los, na tentativa de também educá-los.

As famílias desvalidas e **os menores pobres** começavam a receber uma carga intensa de cuidados e atenção. Os erros de outras cidades não deveriam se repetir aqui, cidade moderna, planejada, símbolo de progresso e civilização, filha dileta da República. **A caridade, acompanhada de seus mais puros valores e princípios morais**, no entender das elites, devia impedir que o desenvolvimento das abomináveis práticas do socialismo e da negação do direito à propriedade promovessem o famigerado nivelamento social, que destruiria o princípio da autoridade, criando o caos dos assassinatos, das revoluções ou greves barulhentas⁵⁸.

Como podemos perceber, as propostas assistencialistas trazem consigo a idéia de regular o movimento das cidades, separando as classes sociais em seus devidos espaços, se é que eles existem. A ordem é necessária. Esta é uma preocupação constante das elites no Brasil para que os seus bens não sejam ameaçados. Melhor fazerem o bem.

Na interpretação geral, o desenvolvimento de uma cidade se resume aos fatores econômicos. Já viram cidades ditas desenvolvidas sem contar com agências bancárias de diversos *o o*, sem shoppings, sem grandes edifícios, sem trânsito caótico, sem museus, sem universidades ou aeroportos? A identificação com o mundo da modernidade ou do chamado “desenvolvimento” não se estabelece com propriedade em Ribeirão das Neves. A discussão da idéia de cidade desenvolvida a partir do aspecto econômico ou da modernidade está posta.

Uma parte considerável da população nevensense sequer nasceu lá. Este aspecto deve ser considerado, não sendo possível fortalecer raízes que as brincadeiras infantis, a ida a escola com os amigos, o jogo de futebol ou a missa aos domingos poderiam proporcionar aos seus moradores. Pergunta-se: como a metrópole passa a simbolizar a idéia de desenvolvimento e de identidade coletiva na periferia estendida de Belo Horizonte? A proximidade territorial entre os dois

⁵⁸ Os grifos são nossos.

municípios pode ajudar a formatar a visão simplista de que o melhor da vida urbana está mais próximo do que imaginamos e é possível vivenciar esta possibilidade em plenitude, basta querer. É só esboçar pequenos deslocamentos, mesmo que o transporte público não estimule esta ação.

Como este município se reconhece ou adquire uma identidade própria mais amadurecida, se a sua história mostra essencialmente perdas, arranjos, desacertos? Não contempla com propriedade sequer os seus antepassados, os seus documentos históricos ou os seus personagens mais populares. Falta uma identidade coletiva positiva para o município⁵⁹ e, claro, políticas públicas que favoreçam uma mudança mais elaborada deste quadro. Senão, continuará apenas a ser visto e entendido a partir dos seus apelidos.

Os apelidos, as alcunhas, aparecem como forma de dar uma identidade ao outro. Têm como atributo imediato enfatizar o defeito, a diferença, o curioso, o inusitado ou a anormalidade. Muitas vezes, os apelidos são colocados de forma pejorativa, preconceituosa e estigmatizada. As crianças lidam com muita propriedade com o assunto, nas suas relações interpessoais e de intimidade com os colegas.

São termos como Baleia, Pimentão, Boca de Ferro, Palito, Faraó, Piu-piu, Tampinha, Topo Gigio, “Oréia”, Zé Mané, Tigrão, Mala, Popozuda, Animal e tantos outros que evidenciam as formas físicas, o jeito de ser, a condição econômica ou o caráter de cada pessoa. Até o mundo da ficção e do entretenimento lida com isto para explicar que as pessoas apresentam diferentes identidades, mas não se resumem a elas. Com as cidades não é diferente. Os apelidos devem incomodar, mostrar aspectos do real e caracterizar intimidade. Para isto foram concebidos.

⁵⁹ Chamamos de identidade positiva a proposta de ver um discurso menos desgastado da população em relação ao município transpassando a idéia de cidade-dormitório, cidade violenta e cidade dos presídios. Há uma fala comum aos seus moradores: a de que a cidade não presta.

Apelidos ilustram algo que desperta a atenção. Assim, quando chamamos alguém pelo apelido de baleia, certamente estamos relacionando este termo a uma forma física, mas não estamos contemplando todas as possibilidades, como o caráter ou o humor. Apelidos são para isto, salientar um traço da pessoa e anular outros. Citaremos alguns exemplos.

“Zé Lelé”⁶⁰, personagem do cartunista brasileiro Maurício de Souza, mostra nas “tirinhas” das histórias em quadrinhos que algumas pessoas vivem fora do mundo da normalidade convencionalizada pelos “não Lelés” (os que são reconhecidos como normais). O personagem se apresenta como amigo dos outros, sensível e simpático. Um traço dele, no entanto, se apresenta com mais notoriedade nas revistas infantis: a sua demência mental.

Do mesmo autor, há a personagem Mônica, uma criança que é reconhecida pelos demais personagens por ser baixinha, gorducha e dentuça. Mesmo sendo bastante violenta com quem a agride, não se percebe nos apelidos pela sua conduta agressiva, senão seria apelidada de brigona, espoleta, pavio curto. Os dentes e a forma física da personagem ganharam destaque.

Se ampliarmos um pouco a inserção no mundo da *douidelié deo s a73277.998]TJ -3*

em dias quentes de verão; a Gata Borralheira, que todos conhecemos e que se mostrava como trabalhadora não especializada em tempo integral.

Particularidades dos personagens apareceram e despertaram a imaginação de crianças e adultos em muitos lugares. Seus criadores deram a eles vida e forma, mas nenhum deles, após se tornarem conhecidos, nos surpreenderam mais. Repetições das atitudes, das falas, dos comportamentos e das expressões de sentimentos mostram que há uma única identidade condutora que ganha destaque em cada personagem, as demais não importam. Ninguém se mostra por completo. As instituições sociais se comportam da mesma forma. Cuidam da imagem, da aparência externa, e mostram traços particulares que as fazem colher resultados. O discurso da Responsabilidade Social não pode ser esquecido para que sejam reconhecidas como necessárias ao bom funcionamento da sociedade.

Mônica, personagem infantil conhecida pela violência nas suas atitudes, tem diversos outros comportamentos e traços que a definem, como o humor ácido e o apego ao coelhinho de pelúcia cobiçado pelos amigos. Mônica necessita dos mais fracos para se estabelecer como forte. A “Cidade dos Meninos” se fortalece com a sua relação com os presumidamente mais fracos, aqueles que a cidade não acolheu. A Igreja, os bancos, os políticos, diversos movimentos sociais e mesmo a família copiam tal fórmula.

A realidade toma emprestada para si esta vertente única de manipulação da identidade e apresenta, de forma caricatural, que vagabundo e malandro são a mesma coisa, que intelectual nada mais é do que um pensador bucólico (nunca um trabalhador pleno), que prostitutas são mulheres que querem ganhar dinheiro fácil. As demais possibilidades não ganham formato, se perdem na unicidade. A unicidade

tende a ser perigosa e tendenciosa. Manipula, fragmenta e aliena a visão mais ampliada do todo.

Não nos deteremos mais no assunto dos personagens infantis, mas vale lembrar o impacto que os apelidos causam na identidade do outro no mundo adulto e real. O mesmo ocorre em algumas cidades, conhecidas como maravilhosas, pobres, violentas, fantasmas, sem lei, comerciais, industriais, turísticas, históricas, caras, desorganizadas, planejadas. Uma das características delas é posta em evidência, talvez a mais forte. Recortes são feitos. As cidades mais caras do mundo aparecem em “rankings” constantes. Elas podem ser também as mais divertidas, as mais planejadas, as mais acolhedoras, as mais burocráticas ou melhor administradas. Ganham um título, uma marca somente.

Uma crônica de Vinícius de Moraes, escrita em 1953 e sintonizada com os elementos constituintes dos sentimentos coletivos, não esquece que os apelidos dão identidade às pessoas e estimulam socialmente o senso de humor. Na visão deste poeta e escritor, é uma característica típica do povo brasileiro chamar os demais por alcunhas. Como se vê, tudo é pretexto para um bom apelido. Moraes (1992, p.65-67).

Na CDM há uma inquietação do público feminino que se queixa de não ser contemplado com a — insinuando que o projeto é voltado para o público masculino. “A Cidade [dos Meninos] ainda vai ser das meninas⁶¹”, relata uma das jovens internas da instituição.

Na dura realidade em que vivemos, os apelidos também ganham notoriedade no contexto da criminalidade. O “maníaco do parque”, o “crime da mala”, o “assalto ao trem pagador”, o “bandido da luz vermelha” ou o “crime da mega-sena” ilustram

⁶¹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

as caricaturas que esboçamos no nosso cotidiano. Não deixam de ser verdadeiras, apesar de fragmentadas. Voltemos a Ribeirão das Neves...

A cidade-dormitório, a cidade violenta, a cidade dos presídios ganha uma outra conotação quando as pessoas esquecem todos estes termos pejorativos e reverenciam a instituição “Cidade dos Meninos”. Um presente para todos aqueles que reforçam o discurso de que, no município, não há nada de bom. A instituição é a caricatura do “Zé Lelé” local. Vive uma realidade distante das dos demais habitantes do município, mas interage com eles de diversas formas. “Zé Lelé”, como já disse, é bom, simpático e amigo. Ninguém ousa falar mal dele ou afrontá-lo. Ribeirão das Neves é a Mônica: feia, desajeitada, gorducha e violenta. Poucos a provocam também.

A “Cidade dos Meninos” aponta resposta para um dos questionamentos feitos anteriormente, que ressaltava a idéia de que o desenvolvimento não aparece como marca de Ribeirão das Neves, mas se apresenta na imagem da metrópole vizinha. Então, melhor seria se houvesse uma preparação anterior das pessoas que vivem na periferia para que cheguem na cidade das possibilidades econômicas, treinadas para se enquadrar no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e para a vivência pacífica em grupo. A porta para o mercado de trabalho é estreita, assim como a do paraíso celeste. É necessário força de vontade e treinamento para transpô-la. Talvez valha a pena. Ficaremos por enquanto, com a porta do mercado de trabalho. Quanto a do paraíso celeste, outros cuidarão.

Recentemente, outras portas se abriram, em Ribeirão das Neves, na construção de uma imagem positiva do município. É necessário que se faça algo para mudar a sua realidade tão desgastada e o Estado não tem se mostrado capaz de tal façanha. O símbolo do desenvolvimento chega, então, na forma de caridade e

de promoção do ser humano, especialmente os mais jovens e materialmente fragilizados.

Não se pode contestar que a idéia de avanço centrado apenas no modelo econômico perde força. A filantropia e a solidariedade são aplaudidas. As portas da esperança são abertas e o projeto “Cidade dos Meninos” dá uma nova roupagem ao município. No imaginário coletivo o projeto reflete a força da realização do sonho de um empresário que transformou a cidade em algo melhor para muitos.

A cidade é de todos, tem portas largas, movimento dinâmico, abriga muitos, às vezes traduz o caos. Em contrapartida, o simulacro de cidade é para poucos, tem portas estreitas que permitem o acesso somente para alguns. Vivenciamos o mundo das contradições. A porta larga, mais democrática, não seduz ninguém, não desperta sonhos, é temida. A porta estreita, mais imponente, acena com a entrada no paraíso, no mundo das ilusões, desperta sonhos e alimenta a imaginação. O bem e o mal estão próximos.

Na entrada principal da “Cidade dos Meninos”, um indício da desordem está estampado com a pichação de suas portas laterais. Na faixa em destaque e pouco legível na foto, a chamada para os cursos profissionalizantes oferecidos pela instituição. A ordem é contemplada com a qualificação do jovem para o mercado de trabalho. (Foto 08)



FOTO: 8 – O símbolo da ordem se mistura com a idéia da desordem. O mundo do trabalho apresenta suas contradições. Na faixa, está a chamada para os diversos cursos profissionalizantes oferecidos pela instituição. O texto reforça que há diversas opções de cursos, divulga as datas de inscrições, os telefones para informações e os documentos necessários para efetuar a matrícula. Nas portas que estão próximas ao carro estacionado, as pichações aparecem como forma de rebeldia (talvez dos jovens que não fazem parte do internato). (Foto: Jornal Solidariedade – outubro 2005).

2.2. Visões do Paraíso: para além da porta estreita. Descortinando possibilidades.

“A forma autoritária da relação é mascarada por aquilo mesmo que a realiza e a conserva: as relações de favor, tutela e clientela”.
(CHAUÍ, 1994)

A maior obra social da Associação de Promoção Humana Divina Providência (APHDP) é a “Cidade dos Meninos”. Este é um dos motivos pelos quais o idealizador do projeto se desloque diariamente de segunda à sexta-feira de Belo Horizonte para lá para acompanhar os trabalhos dos seus funcionários, participar de reuniões administrativas, apontar passos para próximas ações, conversar com pessoas,

tomar parte em alguns eventos. São mais de 70 quilômetros percorridos diariamente. Isto sem levarmos em conta pequenos trajetos para outras reuniões, encontros formais, visitas a famílias atendidas e encontros políticos e sociais. Este deslocamento que, às vezes, incorpora os sábados, é carregado de significados. Mostra no imaginário coletivo que o homem que concebeu a idéia da CDM é esforçado, trabalhador, dedicado e responsável. Assume a sua função com propriedade e firmeza.

o o o co o o u q n o .v _ n un, no
 un o á **todo dia aqui**, n o o n n u o u n o con c o
 n _ o **preocupa demais** co M o q o u

c , diz um funcionário, lembrando que o criador da instituição tem família numerosa, já foi pobre, é empresário e tem outras coisas com que se preocupar.

Em menor proporção, claro, o chefe maior da instituição pesquisada contempla as mesmas práticas do antigo Conde Matarazzo, quando da condução das suas empresas na antiga São Paulo. Em texto clássico, Martins (1978) descreve assim o comportamento do imigrante italiano que virou mito burguês da sociedade paulistana:

[...] até o fim da vida dirigiu os seus negócios de forma autoritária e pessoal, **o que o levava a visitar as suas fábricas diariamente**⁶³, com o objetivo de controlar as decisões dos seus auxiliares, especialmente gerentes e administradores. Por isso mesmo, até o fim da vida não abriu mão do seu poder de controle do império econômico.

A comparação entre as visitas diárias de um antigo proprietário às suas fábricas, há mais de um século atrás, e os deslocamentos cotidianos de um criador de um projeto filantrópico, hoje, mostra que estas ações podem ser compreendidas de diversas formas. No entanto, têm traços em comum, criam elos de ligação entre os projetos e seus idealizadores.

⁶² Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2007. Grifos nossos.

⁶³ Grifos nossos.

No caso da CDM, arriscaríamos interpretar as visitas rotineiras do seu idealizador, como demonstração de orgulho e satisfação por ver um dos seus sonhos realizados. Na história deste homem, já está registrada a sua identidade como promotor da justiça social. O seu reconhecimento não se consolida na qualidade de empresário, ganha notoriedade a sua religiosidade e simplicidade. Aí se estabelece o seu poder maior: ser reconhecido por aquilo que se propôs a ser e fazer.

O Sr. Jairo diz, em suas palestras ou nas conversas informais, que a sua família tem ciúmes desta preocupação em demasia com o projeto filantrópico. Argumenta que aquilo é parte da sua vida e que os jovens que vivem a experiência de passar pela “Cidade dos Meninos” são como se fossem seus filhos, mas que é necessário “amor, carinho e disciplina rígida” para que tudo funcione em harmonia. O bom pai precisa impor regras aos filhos, que não devem esboçar sinais de desobediência. Nasce um pacto entre as partes.

Os bons pais despertam admiração e reverência das pessoas. Cristo, o salvador da humanidade segundo a tradição cristã, tinha a referência biológica do pai trabalhador, responsável, dedicado e obediente. Com o pai espiritual (que era ele próprio) mantinha relações de angústias, confiança e compreensão. Os pais, assim como as mães, sofrem e se rejubilam com os filhos. Não há garantias de que serão recompensados por isto.

Aqueles que são vistos como filhos pelo Sr. Jairo são os internos e os semi-internos da “Cidade dos Meninos” e apresentam características físicas e psicológicas diversas. São jovens tristes, alegres, grandes, pequenos, altos, baixos, falantes, tímidos, nervosos, calmos, organizados, desorganizados, religiosos. São jovens, apenas jovens. (Foto 09)

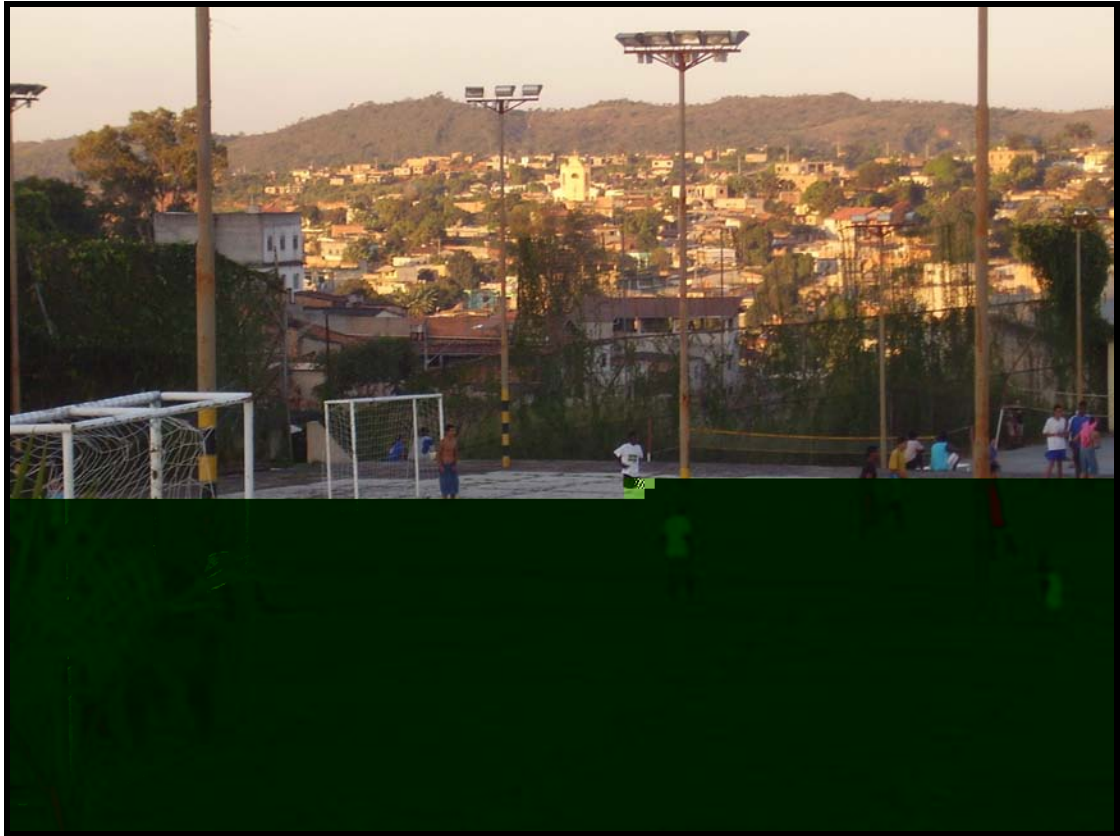


FOTO: 9 – Aproveitar a juventude para aprender uma profissão mostra suas recompensas. O esporte facilita a intimidade com outros colegas de cursos. A sociabilidade entre os internos ganha ares de informalidade. Na cidade, há poucos espaços para as práticas esportivas e o medo é uma realidade para muitos jovens. O sol não se põe da mesma forma para todos. (Foto: Paulo Oliveira, 2005)

Além do pai criador, os jovens têm muitas mães educadoras que os acompanham. Só os “bons” (filhos e pais) permanecem na instituição.

As áreas externas das casas-lar são pouco utilizadas pelos jovens, que não aproveitam, de modo mais consistente, o brilho do sol ou a queda da chuva, a não ser em horários determinados, como depois da faxina ou no momento da organização das filas para deslocamentos. As relações de vizinhanças mais estruturadas entre estes jovens, aparecem como abstração, impossibilidade. O internato sugere a pouca relação com a dimensão externa que a casa pode oferecer. Em Ribeirão das Neves este movimento de pouca intimidade com o mundo externo além-casa se repete. Os moradores reclamam da insegurança, do medo e dos perigos que as ruas oferecem. Os elementos esperados pela população para que

possam fazer uso satisfatório das ruas, são parciais. Como elementos constituintes da percepção imaginária da rua, podemos citar os seus espaços abertos, iluminação adequada, boa pavimentação e sinalização visível.

Quando falamos sobre as características físicas e psicológicas destes jovens, que não desfrutam com mais intensidade da exterioridade da casa na CDM, podemos afirmar que não há exageros (se assim podemos denominar) e diversidade que destoem a imagem coletiva dos mesmos. Não há, visivelmente entre os grupos de internos e semi-externos, obesos, deficientes físicos, afeminados, tatuados, cabeludos, moças grávidas com barriga em destaque, desdentados ou adolescentes com roupas mais decotadas, maquiagens exageradas, piercings no corpo ou cabelos muito coloridos. A pintura no cabelo, assim como o uso de brincos e outros adereços, só é permitida de forma bastante discreta, para as meninas.

Há, claro, no dia-a-dia da dinâmica interna do internato da CDM, jovens altos e baixos, feios e bonitos, ingênuos e maliciosos, fracos e fortes, responsáveis e irresponsáveis, violentos e pacíficos, gordos e magros, pobres e pobres.

Uma outra padronização se estabeleceu: a da unidade sem exageros na desenvoltura corporal e no uso de roupas e adereços. A moda, radicalmente utilizada pelo capitalismo como forma de consumo coletivo e de acentuar as diferenças de gostos e de ganhos materiais, não chega à “Cidade dos Meninos” com propriedade. Ponto positivo para quem se propõe a desconfigurar os modos de ser e de ter a partir da imposição capitalista. Ponto negativo para quem, ao invés de discutir estas questões, as impõe.

No manual do aluno, um pequeno guia de como se portar na CDM, a indicação sobre o uso de roupas e adereços é a seguinte: “não será permitido o uso de brincos pelos meninos, bem como tingir cabelos ou cortes exóticos dos mesmos.

As vestimentas deverão ser adequadas, não serão aceitas tais como: camisetas cavadas, blusas com decotes excessivos, bermudas, shorts, roupas rasgadas/sujas/desfiadas, chinelos etc⁶⁴”. Estas leis não chegam com ênfase maior na intimidade das casas-lar, onde as pessoas ficam mais à vontade para usarem camisetas ou chinelos, por exemplo. É necessário o consentimento da mãe-social na quebra parcial destas normas.

No grupo das mães-sociais a diversidade corporal e traços psicológicos diferentes aparecem com mais nitidez do que no grupo juvenil. Existem obesas, mulheres de idades mais avançadas, algumas de estatura muito baixa, senhoras que usam roupas mais “extravagantes”, cabelos pintados em tons mais incomuns etc. O comportamento é único, mas os trajes e os aspectos físicos, não.

A moda, apresentada na obra de Freire (2002), reafirma o tom pitoresco de nos alienarmos, a partir da cópia de um modelo que soa como universal. Hoje mantemos esta conduta na nossa sociedade. O autor cita a influência e os transtornos cotidianos que a moda francesa gerava nas mulheres, assim como a inglesa nos homens do Brasil, tempos atrás.

Aconteceu, a certa altura, importarem-se, da França, enxovais inteiros de casamentos e de batizados. As modas de cores de vestidos, de enfeites de chapéus, de espartilhos, de penteados, eram seguidas passivamente por mulheres ou senhoras elegantes do Brasil. E impostas, como que tiranicamente, aos filhos pequenos, vestidos – inclusive de meninas – segundo modas européias para crianças. Portanto, modas, algumas delas, que, correspondem a climas temperados ou frios, foram a tortura dessas crianças. Não só extravagantes, para o Brasil, como terrivelmente anti-higiênicas, antiecológicas, antitropicais. Abusos, em pleno Rio de Janeiro, de modas para as mulheres, de capas de peles para invernos franceses, de luvas, de outras defesas contra excessos europeus de frio, de neve, de gelo.

Raros, durante anos, os esquisitões que ousavam reagir, entre as elites sociais brasileiras, contra uma espécie de **imperialismo cultural europeu** – principalmente francês para as mulheres, e inglês para os homens – nos setores das modas de vestir e calçar. O que não fosse francês, nestes setores, aplicados à mulher, deixava de ser reconhecido como elegante. O **imperialismo francês** não se limitava a perfumes, loções, rouge, adornos, mas incluía, além de vestidos de vários tipos – do de baile aos de dias comuns – sapatos, meias, espartilhos, roupas de baixo. As, em certa época,

⁶⁴ Fonte: Manual do aluno CDM. (s/d).

numerosas roupas íntimas, cujo uso era de rigor: **rigor estético e rigor moral**⁶⁵.

A moda, resultado da aceitação coletiva de uma imposição e vista como alienação, causa de sofrimento e expressão da força econômica e social de alguns grupos, não mostra força no cotidiano da “Cidade dos Meninos”. Se essa moda pega...

Roupas e adereços que saiam da padronização estipulada pela instituição podem provocar uma série de inconvenientes, um deles é o apelo sexual. Os decotes excessivos ou os shorts realçam o corpo e as possibilidades de ampliação da intimidade entre os jovens. A novidade é outra tentação que favorece a aproximação juvenil. Assim, melhor manter os velhos costumes que propagam atitudes e objetos próprios dos homens ou das mulheres. Brincos e tinturas de cabelos, por exemplo, são apenas de uso delas. Tatuagens, piercings e cabelos exóticos não são indicados para nenhum dos sexos.

O outro inconveniente da sedução da moda é salientar a diferença social e econômica entre os jovens que podem utilizar roupas e adereços mais caros, e os que não podem comprá-las.

Heers (1965, p.73) reforça que a força da ditadura da moda não é prática nova. Na Idade Média estimulou a economia local e mostrou diferenças econômicas entre os grupos sociais da época:

Mas em Pisa, e nas grandes cidades, as necessidades e as modas evoluíam. Para as armaduras, passou a utilizar-se mais as placas ou as malhas de ferro. Para o seu vestuário, a pouco e (sic) pouco os burgueses procuravam “peles” revestidas de pano; mais tarde, os fatos de couro pareciam um sinal de mau gosto e um tanto ridículos. Pisa pretende então fabricar dentro dos seus próprios muros panos semelhantes aos de Florença, os quais já eram muito apreciados. Isto por volta dos anos 1260. Em 1266 os ricos tecidos de Pisa eram vendidos no Sul da Itália e, dois anos mais tarde, citavam-se pela primeira vez os “cônsules da arte da lã”.

Todas as cidades de Toscana conheceram a mesma evolução, à exceção de Florença, onde, como vimos, a indústria da lã se impusera bastante mais

⁶⁵ Os grifos são nossos e objetivam enfatizar a força da moda como estratégia de dominação cultural sem que se esqueça o discurso da moral nas entrelinhas.

cedo. Em Siena, as peles simples ou tratadas, anteriormente muito apreciadas, já não serviam senão para o vestuário dos pobres e dos religiosos; os burgueses exigiam panos de lã ou agasalhos de pele caros.

A moda reproduz diferenças, marca identidades e reconhecimento através de um aspecto. Mobiliza a economia e pode se contrapor à ordem vigente. Na “Cidade dos Meninos” não há sentido para que oficialmente a moda ganhe destaque, porque os seus pobres não necessitam de moda, apelo consumista efêmero e midiático, precisam de trabalho, emprego e com isto, renda. O mercado não elege os seus consumidores pelas questões humanas. O desejo do consumo pode aparecer na ótica da depreciação da mercadoria, que acomoda o desejo do ter. Não há exclusão com consumo. Há práticas diferenciadas de contemplação das coisas transformadas em mercadoria.

Um comentário feito por uma mãe-social⁶⁶ caracteriza que, entre os jovens, há uma separação entre os estilos de “sandálias havaianas” a partir da sua classe social. Segundo esta pessoa, a classe mais pobre usa a sandália mais comum, sem cores ou adereços, com tiras mais finas; os “mais ou menos” (termo utilizado por quem falava) usam uma “sandalinha” melhor e os mais ricos usam o tipo “top”, modelo exportação. A informação demonstra que há desejos coletivos por um mesmo produto, mas há a necessidade de se estipular as diferenças a partir dos rendimentos econômicos ou status social. Mesmo sem o poder da moda, as diferenças sociais aparecem.

A sociedade igualitária, moralista e menos consumista, sonhada por alguns, dá sinais de que é possível se estabelecer no plano real. Os que pensam em contrário não podem se manifestar livremente, mas o fazem.

A padronização dos tipos físicos não se estabelece no grupo de funcionários que trabalha na “Cidade dos Meninos”. Assim como as mães-sociais, são de

⁶⁶ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

diferentes faixas etárias, de variados biotipos, de comportamentos diversos. No que se refere ao quesito vestuário, acompanham a norma geral. Não há exageros, mas uma liberdade maior para o uso de tinturas no cabelo, roupas um pouco mais decotadas, sapatos altos e adereços coloridos ou modernos. Em alguns momentos é possível perceber que os chamados irmãos-sociais escapam um pouco a esta instrução quando usam camisetas sem mangas ou ainda pequenos brincos no seu dia-a-dia na casa-lar pelo qual são responsáveis ou em pequenos deslocamentos.

“*n u é u o o_u o o n*”, explica uma funcionária. Homens que infligem pequenas normas, mas que não simbolizam o perigo da desordem, da desobediência no seu sentido mais amplo.

Há a padronização da moradia e do número de habitantes por casa, que são 100, no total (nem todas estão ocupadas). Em cada unidade habitacional da instituição moram 16 jovens e uma mãe, pai ou irmão-social. No início de 2007, o número de jovens internos por casa passou de 16, para 18. Não houve nenhuma alteração na estrutura física dos imóveis. A pesquisa de campo constatou que, em determinados momentos, nem sempre esta norma de número de moradores por casa se estabelecia.

O termo “casas-lar” não pode ser confundido com o conceito mais amplo de casa, propriedade privada onde laços de família são formados a partir da convivência, lar, aconchego, reduto da intimidade e de parentesco. Para Alves (1991, p.138), o interior (no sentido de intimidade) da casa é assim percebido:

Dentro da casa o mundo parece parar. Não é1.78252()-95.4943(m)ís4(ss)10(o)6(o)6(m)

Mesmo com definições poéticas e abstratas que não contemplam todas as possibilidades de usos que a casa permite, há de se enfatizar que é neste espaço de convivência que as identidades de seus moradores aparecem com mais intensidade. Não é possível, na casa, esboçar vivência irreal, contemplar a fantasia em todos os instantes. A casa captura a idéia de realidade, do vivido dentro do que foi concebido. A casa pressupõe surpresas, imprevistos, sociabilidade.

Na CDM, as mães-sociais se responsabilizam por um grupo de jovens que mora na casa-lar gerenciada por elas. Existem, nesta mesma proposta, os pais ou irmãos-sociais, que desempenham a mesma função, mas são pouquíssimos em relação ao número de mulheres. Os irmãos-sociais são ex-internos que agora trabalham na instituição e são mais jovens em relação a faixa etária dos vários coordenadores de casas-lar. Alguns egressos do internato são aproveitados como funcionários depois de uma avaliação positiva do período que passaram na instituição. Não são muitos em relação ao total de mães-sociais. Chamaremos a partir de agora, de mãe-social todos os responsáveis por um grupo de internos na casa. As mulheres são maioria absoluta nesta função. São conhecidas como “tias”, quer sejam jovens ou idosas. Os homens que coordenam casas-lar são chamados pelos próprios nomes. Algumas mães-sociais são egressas do internato.

Houve uma série de desistências de alunos nos semestres letivos em que foi realizada a observação de campo e algumas casas abrigavam onze, doze ou treze jovens. Para melhor compreensão da pesquisa, trabalharemos com o número oficial da instituição relativo ao ano de 2006, pois este é o número padrão de adolescentes em muitas casas-lar. Algumas delas fecharam por falta de público e se transformaram em locais de coordenação de setores, atendimento psicológico, moradia de funcionários e outras continuam sem função alguma. Outras casas

estavam na época, com até 18 internos, número que se tornou padrão no início de 2007. “*... é o coc... u... u... o o*” confia uma pessoa da coordenação. O tempo para as atividades domésticas ou estudantis é o mesmo para casas com 14 ou 18 alunos. Pura solidariedade dos companheiros de moradia.

Cumpra aqui informar que a falta de público na CDM se justifica da seguinte maneira: não há seleção para o internato e semi-internato fora das datas agendadas, que são no início e no meio de cada ano. Então, caso ocorra uma desistência coletiva ou individual, não há como preencher as vagas ociosas com o semestre letivo em funcionamento. Há vagas, mas não existe lista de espera! No final do ano há um número maior de saídas, por causa dos alunos que concluem o ensino médio e deixam de estudar na instituição. Os dados anuais referentes ao número de matrículas e desistências de alunos não foram disponibilizados pela instituição para consulta, apesar de freqüentes pedidos. Era proposta inicial da Tese, interpretar estes números.

A área interna da “Cidade dos Meninos” é composta de muitas ruas, com casas-lar que são divididas em seis setores para melhor trabalho de coordenação (só quatro estão em atividades), um prédio onde funciona a administração e departamentos como o de pessoal e administrativo, um posto de saúde limpo, pequeno e bem organizado, uma escola municipal, uma escola estadual, uma capela acolhedora, compacta e bem iluminada, um amplo refeitório dividido em duas alas (masculina e feminina), acompanhado de uma cozinha espaçosa, diversos galpões onde se realizam os cursos profissionalizantes e outras atividades, como o

⁶⁸ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

lazer dos funcionários e confecção de cestas básicas⁶⁹, uma fazenda-escola, um auditório com mais de 1.200 lugares, diversas quadras de esporte, um ginásio poliesportivo coberto, uma piscina, um prédio com salas para cursos diversos, uma biblioteca, um memorial, diversos galpões para alojamento dos alunos semi-internos e outros que, algumas vezes são cedidos para eventos municipais. Em relação á estrutura física apropriada para diversas funções, a CDM avançou mais que o município. O seu planejamento fez diferença.

Destacamos, a seguir, os locais escolhidos pela pesquisa para a particularização da observação de campo: o prédio da administração, as casas-lar, o refeitório, o auditório, a área externa da instituição e áreas internas de lazer/convivência.

Esta estrutura física imponente e apropriada para a formação de jovens pobres para o mercado de trabalho, provoca nas pessoas a percepção de que a vida de contradições e precariedades, quando do pleno exercício da cidadania, se limita aos que ficam do lado de fora, aos que à concretude da arquitetura não tiveram direito. As portas estão fechadas para muitos, enquanto a esperança se anuncia para poucos.

As palavras de um ex-funcionário da instituição enfatizam a idéia de prestigiar a arquitetura que, em Ribeirão das Neves, aparece como enigmática:

Muitos pais colocam os meninos para estudar na “Cidade dos Meninos” só para dizerem que os filhos estudam em um lugar grande, espaçoso e limpo. O mesmo ocorre com os meninos (os filhos), que chegam nos locais onde vivem e dizem que jogaram futebol, que viram filmes, que tiveram aulas assim, assado. Isto mostra que eles são diferentes, menos pobres do que os outros do bairro⁷⁰.

Tal narrativa demonstra que as pessoas buscam um sentido ao escolherem a “Cidade dos Meninos” como o lugar da formação profissional, pedagógica, esportiva

⁶⁹ A instituição distribui cestas básicas para a população local. Há também, palestras educativas e acompanhamento da vida econômica das pessoas beneficiadas.

⁷⁰ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

e moral. A materialidade, entendida como a valorização do lugar, pode ser um quesito importante nesta escolha. O *u* de estar envolvido com a instituição forma uma espécie de marca registrada onde o processo educativo ganha *—* própria. No mundo da mercadoria, artigos de *—* são mais valorizados, disputados e exibíveis. É senso comum vê-los como melhores do que os que não têm uma marca, um *o o* ou uma atração visual mais sedutora. O poder econômico carregado de significados, de poder simbólico, seduz, captura, molda a juventude (Foto 10).



FOTO: 10 - Piscina e banho de sol ao lado das carências do urbano: representações do poder e da sedução do capital. A CDM se apresenta não apenas como trabalho e vigilância. É lazer, conagraçamento, possibilidade de um futuro melhor. Estes jovens podem nadar em uma cidade que aterrou o seu açude para comercialização de lotes. Piscinas em Ribeirão das Neves não são visíveis em muitos lugares. Elas se escondem nas representações reduzidas da cidade, como os condomínios fechados e a instituição filantrópica da qual tratamos neste trabalho. (Foto: Paulo Oliveira, 2007).

A procura dos jovens pelo projeto filantrópico encontra traços em comum com Ribeirão das Neves da década de 1970. Naquela época, para divulgar os loteamentos populares da região para os desamparados materialmente que sonhavam com a casa própria, os especuladores imobiliários publicizaram os imóveis à venda, a partir da propaganda “boca-a-boca” e da distribuição de panfletos em locais como padarias, igrejas, paradas de ônibus⁷¹. Deu resultados mais do que esperados. A estratégia se repete e os resultados agora ganham outra aparência e segundo Velho (1989),

Na questão de escolhas, o quesito proximidade do lugar não se enquadra como fator fundamental para a decisão do jovem que opta pela “Cidade dos Meninos”. Dados disponibilizados pela instituição apenas para consulta interna, mostram que existem jovens matriculados vindos de bairros os mais variados e distantes possíveis. Dados que se confirmam na fala de uma antiga funcionária que lida com o acompanhamento da ficha cadastral dos alunos:

“Vocês não é u nno u o u no é c no A é ou o é ?” A fala da funcionária denota o orgulho de acolher, além dos pobres, os jovens vindos de outras localidades. Novamente, o simulacro de cidade avança na percepção de que uma rede de solidariedade se faz necessária aos que chegam de outras localidades. Em Ribeirão das Neves, há inquietações com a chegada dos estrangeiros. Acolhimento é outro ponto de destaque na CDM.

⁷¹ Agradeço à Profa. Dra. Heloísa Soares de Moura Costa, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, quando da minha defesa de dissertação de mestrado alertou-me sobre as formas de atuação do mercado imobiliário em Ribeirão das Neves hoje que copia os modelos de décadas atrás.

⁷² Neste caso, o autor traça pontos para desvendar como a propaganda fez com que as pessoas criassem uma imagem benéfica coletiva do bairro Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1960 e 1970.

⁷³ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

Uma das mães-sociais do semi-internato narra um pouco da vida dos meninos que moram em Ribeirão das Neves e que se deslocam diariamente para a instituição filantrópica. Ela traça uma diferença entre o perfil dos internos e dos semi-internos:

A meninada semi-interna mora toda aqui perto. Tem menino que mora aqui do lado, mas a vida deles não é fácil não. Alguns moram um pouquinho mais distante e as quatro, quatro e meia da madrugada já estão saindo de casa. Só os internos moram mais longe porque muitos não têm dinheiro nem para pagar a passagem do ônibus. Você tá enganado se pensa que a vida de semi-interno é mole. São 32 pessoas convivendo, ao invés de 16 e a diferença entre eles é só a questão de dormir em casa. Os internos ficam aqui. Só o perigo [dos semi-internos] de saírem sozinhos de casa já assusta a gente. Faz a comparação aí⁷⁴.

A pesquisa de campo, assim como os dados oficiais da CDM⁷⁵, confirmam que há alunos internos provenientes de outros estados e municípios circunvizinhos, como Belo Horizonte, Itabirito, Vespasiano, Sete Lagoas, Ibirité, Pedro Leopoldo e diversos outros. A filantropia tem a forma representativa da imagem da metropolização de Belo Horizonte. Traz embutido o desejo de alcançar uma realidade urbana mais confortável e acolhedora, mesmo que fragilizada.

Um número menos significativo de alunos que procura a “Cidade dos Meninos” é composto de jovens que são acompanhados pelo conselho tutelar do município em que vivem, ou por aqueles que são assistidos por instituições religiosas ou de caridade. Pode haver algumas raras concessões, como atender a pedidos dos pais ou responsáveis para que seja “dada uma oportunidade” aos seus filhos ou parentes na instituição. Um dos dirigentes da instituição apresenta a seguinte narrativa:

Se duvidar, todo dia tem mãe, pai ou avó pedindo para o filho estudar aqui. Nós temos uma seleção a cada semestre, mas não dá para atender todo mundo que pede para ficar aqui. Tem que passar pela avaliação psicológica, pelo teste de conhecimentos e pela vontade do menor. Não adianta nada os pais quererem colocar os filhos, se eles não quiserem também. É “perca” de tempo. Tem gente que acha que é só querer colocar o filho aqui que temos que aceitá-los. Não é assim. Você tá vendo um

⁷⁴ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

⁷⁵ Dados referentes ao primeiro semestre de 2007. Apenas consulta interna.

monte de casas vazias. Não podemos só chegar e colocar meninos lá. Tem todo um processo. As pessoas não entendem isto e ficam falando que as casas estão vazias⁷⁶.

Percebemos que os percursos formais para a admissão dos menores são seguidos à risca, dentro do que fora previamente elaborado. As casas vazias, assim como na realidade urbana externa aos muros da CDM, despertam certo constrangimento em saber que não estão cumprindo as suas funções sociais. São imóveis fechados, mas a instituição tem regras claras para permitir a sua ocupação coletiva. Nem todos têm direito a imóveis. É preciso lutar para usá-los, desfrutá-los. Quem sabe, possuí-los. A cidade, assim como a sua simulação, tem pensamentos em comum.

Contudo, uma frase é comumente repetida pelos diversos atores sociais envolvidos na dinâmica de funcionamento da “Cidade dos Meninos”, independente da sua hierarquia, da sua função ou do seu horário de trabalho. A de que *n no u v _ c á o _ o n o o _ u o u .*

O discurso da ineficiência da imposição da família ou de outras pessoas para que os jovens optem pelo internato, encontra suporte na fala destes prematuros aprendizes de profissões diversas. Meninos e meninas que diversas vezes queixam-se do ritmo imposto pela CDM, endossam que o projeto “é bom demais”, “dá muitas chances as pessoas de vencerem na vida”, “dá mais oportunidades a quem não tem” e “facilita na hora de arranjar um emprego⁷⁸”. A unanimidade não é burra, é um retrato da realidade. A vontade pessoal de cada jovem tem o seu momento de se impor.

⁷⁶ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

⁷⁷ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativas variadas colhidas em 2005 e 2006. A repetição da frase esteve presente em funcionários de diversos setores e mesmo na fala dos jovens internos e semi-externos.

⁷⁸ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativas variadas colhidas em 2005 e 2006 nas conversas com os jovens nas casa-lar visitadas. Esta idéia aparecia como coletiva.

2.3. Em cada local um comportamento, em cada padronização diversas contradições: olhares geográficos sobre o mundo da ordem.

“Os indisciplinados seriam, assim, mensageiros fiéis das transformações sócio-históricas que batem às portas das escolas”.
(AQUINO, 2003:39).

A ordem, para se estabelecer, necessita de uma série de instrumentos que garantam a sua plena efetivação. Alguns destes instrumentos são bastante conhecidos e utilizados em hospitais, presídios, internatos, empresas, fábricas e na própria família: a vigilância sistemática, o cerceamento das formas de comunicação, os castigos freqüentes, o isolamento social. A imposição se estabelece. Não se pode deixar de registrar que a manutenção da ordem passa por um outro aspecto: o da aceitação coletiva da autoridade constituída democraticamente (ou não). Sem aceitação, a ordem não se estabelece plenamente, corre riscos, mostra-se fragilizada.

Um dos pilares de sustentação da “Cidade dos Meninos” é a garantia da aplicação da ordem e da obediência em seus espaços internos e nas proximidades das suas áreas externas. Superficialmente captura-se a idéia de que lá seja sempre o lugar ordeiro, pacato, tranqüilo e acolhedor. Nem sempre o é. Na maioria das vezes, sim. Assemelha-se à imagem do paraíso que teve, nos seus anjos rebeldes, os promotores da desordem ocasional. O paraíso mostra-se mais imponente do que os anjos rebeldes que o habitam (Foto 11).



FOTO: 11 – O local pacífico, tranqüilo, religioso e ordeiro apresenta contradições no seu funcionamento. A vigilância constante e naturalizada pelos seus moradores, não dá tréguas para movimentos indesejáveis. (Foto: Paulo Oliveira, 2006)

As ferramentas de promoção da ordem – às vezes de forma exagerada – na “Cidade dos Meninos” estão alicerçadas em três pilares: a vigilância atenta a cada movimento dos alunos internos, semi-internos, externos, funcionários e visitantes da instituição; a aplicação severa das leis internas, sem espaço para contestações ou defesas prévias (neste caso a hierarquia de poder fala mais alto) e a divisão dos jovens em espaços e tempos distintos, para que não possam criar intimidades ou rede de sociabilidade mais estruturada, quiçá, mais democrática. A este último tópico, cabe acrescentar a ausência dos meios de comunicação de massa como rádio e tv na cotidianidade deste grupo socialmente à margem do capital. Buscam conquistas sociais e profissionais e, para isto, devem abdicar de determinadas

“facilidades” e tecnologias do mundo moderno. A formação de opinião é formulada de outras maneiras. A escola ganha mais importância neste processo.

Curioso é que na formulação de uma rede de intimidades entre o pesquisador e os jovens da periferia metropolitana, diversos adolescentes pediam para trocar e-mails, número de telefones celulares e perfis do site de relacionamento Orkut, uma página da internet que promove a sociabilidade virtual entre pessoas que têm perfis ou interesses comuns. Nesta mesma página virtual há uma diversidade delas que tem como perfil em comum a “Cidade dos Meninos”. Os jovens não estão tão distantes da tecnologia, mesmo no interior da instituição filantrópica. Quando pedido para que, em algumas casas, os internos discorressem sobre as leis que não cumprem de fato na CDM, os itens mais lembrados, por ordem de citação foram⁷⁹:

1. Namorar;
2. Usar crachá;
3. Trazer “radinho” (este era o termo usado por muitos jovens);
4. Usar celular;
5. Brigar com os colegas;
6. Outros – Desobedecer a mãe-social, chegar atrasado no retorno de casa, leituras de revistas eróticas, “zoar” com os colegas.

Interessante destacar que os jovens não citaram quase nada que estivesse em sintonia ao que lembraram os coordenadores de setores e mães-sociais no que

⁷⁹ Neste caso, adotamos a seguinte técnica de coleta de informações: o pesquisador convidava a mãe-social para sair um pouco e assim deixar os jovens sozinhos na casa. O gravador era entregue ao grupo de internos que iria conversar sobre o descumprimento de normas na CDM. Os dados não foram consolidados estatisticamente, visto que cada grupo esboçava tipos diferentes de condução da conversa entre eles. Colocamos os itens mais citados por eles para que a fala e a sua repetição fossem contempladas neste trabalho. Namorar, por exemplo, sempre era a primeira resposta lembrada. Combinamos com os entrevistados que após a audição da fita, elas seriam inutilizadas.

se refere ao cumprimento de normas pelos jovens internos da CDM. Segundo eles, a lista de contravenções, por tópicos citados, seria a seguinte⁸⁰:

1. Furtos e posse de objetos alheios;
2. Brigas e agressões físicas;
3. Namoros;
4. Formação de filas;
5. Revistas pornográficas/palavrões/obscenidades;
6. Outros: uso de celulares/portar pequenos jogos como baralho/trazer rádios/som.

A visão de quem controla a ordem é diferente dos que devem segui-la. Assim, a arte (ou o esboço dela) pode ser vista como ameaça ou vice-versa, depende do ângulo de quem a visualiza. Um jovem descreve a sua experiência em um dos cursos profissionalizantes e relata o seu dissabor em não compartilhar a sua visão com os dos que o proporcionam lazer, educação, alimentos e cursos profissionalizantes:

Quando eu cheguei aqui na CDM eu fiz um curso de marcenaria. O instrutor disse que a gente fizesse alguma coisa com as madeiras. Eu peguei e fiz um taco de beisebol. Caprichei e pedi a ele para deixar eu levar para casa; O instrutor não deixou e disse que aquilo podia ser uma arma na mão errada. Pedi para ele várias vezes, mas ele não deixou. Era só para levar para a minha casa⁸¹.

A arte se transforma em arma. A arma que é percebida como arte. A prudência também é uma arma poderosa que a CDM dispõe para não falhar nos seus propósitos. É prudente quando não deixa os alunos entrarem no dia posterior ao estipulado para o retorno sem que algum dos pais ou responsáveis esteja com o

⁸⁰ Da mesma forma que os internos, trabalhamos aqui com as repetições das falas que se apresentaram com mais frequência em conversas nas casas-lar, refeitório, salas dos disciplinários e nos momentos de lazer. A frase “aqui os meninos roubam demais” foi citada incontáveis vezes.

⁸¹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

menor ou que o mesmo traga um atestado médico que justifique a sua atitude. Prudência e zelo, quando o menor chega muito atrasado no domingo à noite e por medo da violência no município, os coordenadores permitem que os jovens durmam na instituição. Os responsáveis legais pelos menores são convocados imediatamente para explicarem o atraso do interno ou confirmarem o seu relato verbal do que de fato ocorreu para que o horário fosse descumprido. Prudência, zelo e carinho quando o projeto filantrópico solicita policiamento em algumas noites para evitar que o tráfico de drogas e o possível comércio de armas possam se estabelecer nas suas proximidades. Prudência, zelo, carinho e dedicação quando coordenadores saem a qualquer momento do dia para levar os jovens que porventura adoecem, para hospitais ou centros de atendimentos especializados. Prudência, zelo, carinho, dedicação e paciência quando as mães-sociais chegam horas antes dos internos para preparar as casas-lar para recebê-los no domingo à noite. A juventude se sente amada, prestigiada, amparado pela iniciativa privada. Juventude esta que não se sente tão segura no cotidiano da cidade.

Ao longo da nossa exposição textual aprofundaremos o debate em aspectos que sustentam a ordem e alimentam a fama de que a “Cidade dos Meninos” é muito rígida, além de acolhedora. A CDM apresenta uma função crítica quando transmite a Ribeirão das Neves a imagem de que pode haver ordem diante do caos. Reproduz a idéia do “fazer”, ao longo da sua história. A CDM promove um bom debate sobre RN.

A sociedade naturalmente cria as suas estratégias de organização do convívio social. Para este fim, é necessário que as regras sejam aceitas, discutidas e seguidas. Há, no entanto, os que não as acatam, contestam-nas e são preteridos de algum modo. Os contestadores ficam com a árdua missão de expressar que avanços precisam ser feitos em determinadas áreas, onde os comportamentos

coletivos expressam apenas o preconceito e a imposição do poder político ou econômico.

O Brasil lida freqüentemente com esta questão quando percebemos que a lei que é para todos, prestigia alguns grupos ou setores particulares. O direito à terra é um exemplo claro de como há os “prestigiados” e os “não prestigiados” em relação ao poder econômico que chega a falar mais alto que o direito constitucional.

Na área jurídica ninguém pode alegar desconhecer as regras, pois assim não corre o risco de depor contra si e mostra interação e compromisso com a sociedade. Na “Cidade dos Meninos”, as regras são divulgadas exaustivamente de diversas formas para que os meninos (e as meninas) saibam que não há espaço para contestações coletivas ou individuais. Ninguém deve esquecer, evidentemente, que ali existem leis, muitas leis. Em determinados momentos, algumas delas ganham maior status do que as garantidas constitucionalmente, o que causa certo estranhamento nos jovens. Nas entrelinhas, quase despercebidas e naturalizadas, as imposições se adequam ao ambiente juvenil e uma relação de submissão, contrastada com a de bem-estar, se estabelece. É uma característica daquele lugar.

“Lugar de criança é na escola”. “Lugar de mulher é na cozinha”. “Lugar de bandido é na cadeia”. Estas e tantas outras repetidas frases do nosso cotidiano salientam que a expressão “lugar” reforça a idéia de que a sociedade formata estilos, modos e comportamentos para cada um dos seus grupos que se reconhecem a partir dos usos do lugar. Alguns são mais, outros menos aceitos, mas necessários, para que entendamos a dinâmica social moderna. Lugar define identidades, estabelece condutas e ressalta os conflitos e contradições do cotidiano. Damiani (2002) assegura que na construção do lugar, que não existe totalmente para todos, a vida cotidiana tem importância fundamental na sua construção.

O lugar como espaço social exige o cotidiano estabelecido. No limite do infracotidiano, o lugar é somente espaço físico, esvaziamento de relações e situações sociais que o preencheriam. Os momentos da vida social, neste caso, estão vazios. Tudo que o lugar pode ser não o é para todos. Falar de espaço social não é apenas uma questão lógica, mas essencialmente histórica. Envolve desvendar as múltiplas alienações e o cotidiano no lugar elementos. O lugar não existe plenamente para todos, apesar de seus limites, que são os limites da vida de hoje.

Não é fácil quebrar a ordem lógica imposta e reforçada costumeiramente por expressões como as citadas anteriormente. Resumimos que deva haver o lugar do homem e o da mulher; da criança e do velho; dos pobres e dos ricos; dos puros e dos devassos. Quanta imposição! Lugares são feitos para serem apropriados, desvendados, modificados. Temos direito a eles, não vivemos de rótulos, apesar de eles traduzirem identidades, posse e controle. A rua, a quem pertence?

Decerto, a transformação do lugar como parâmetro único de uso ou apropriação a partir de determinado perfil, demanda um tempo, um processo, uma história própria. As mulheres são exemplos claros da contestação da ordem e de avanços na conquista de direitos. Houve momentos na nossa história, em que encontrá-las em um bar era sinal de que a ordem não se estabelecia com naturalidade. Impossível escrever esta tese sem lembrar das colegas de alto teor cultural e alcoólico que não se sentem mais aprisionadas nos seus quereres, quando o assunto é a freqüência de antigos locais tidos como masculinos.

Sobre a aprovação social ou não do uso de alguns espaços coletivos pelas mulheres, a leitura de uma das obras de Silva (1998) mostra que a separação formal em determinados ambientes a partir do sexo se estabelecia em uma cidade pesquisada por ela, no interior de São Paulo, no final dos anos 1980:

Para a mulher, fora do momento do trabalho no espaço reprodutivo, a casa é o espaço do seu enclausuramento para o trabalho doméstico de limpar, passar, cozinhar. O bairro, aos poucos, vai se dividindo em espaços masculinos e femininos. Os botecos são prioritariamente, locais masculinos. As mulheres que os freqüentam são "faladas".

Mais adiante, a autora reforça que, além do sexo, os ambientes se dividem em outras ordens, como locais próprios para os solteiros:

Na cidade, os **espaços femininos** resumem-se, então, à casa, aos locais onde compram alguns produtos necessários à reprodução do grupo familiar (supermercados, vendas, lojas, feiras, farmácias etc). [...] Além da casa, dos locais de compras dos produtos, as mulheres freqüentam as igrejas e **agora**, algumas delas, o sindicato. Os bailes, especialmente para moços e moças **solteiras**, são os locais de encontro entre os sexos⁸².

A divisão de espaços a partir da questão de gênero, de poder econômico ou de afinidades faz certos arranjos, quando não consegue avanços para a sua plena apropriação. Algumas vezes, os sentimentos motivam mudanças, estabelecem novas condutas. Exemplos destas adequações são encontrados na história do Cangaço, que não aceitava, no Nordeste do Brasil, a presença de mulheres em seus bandos; elas ficavam reduzidas a meras serviçais. Mas, em determinado momento, uma facção do movimento acolhe as mulheres em seus grupos. É o chamado cangaço-meio de vida, descrito por Mello (2004):

A modalidade de cangaço que permitiu o aparecimento destas [mulheres] é a que se caracteriza por um nítido sentido existencial, **ausente de quase**

Nos lugares tidos como típicos dos homens, as mulheres chegaram de diversas formas. Na “Cidade dos Meninos”, idem. Elas estão lá, são uma marca da instituição. Promoveram mudanças no que fora previamente concebido. Em alguns momentos queixam-se de que o nome da instituição não as prestigia. Elas chegaram, assim como no exemplo dos botecos ou dos espaços públicos, depois do grupo masculino. Continuam “faladas” (e falantes), pouco prestigiadas (se comparadas aos que chegaram primeiro) e sonhadoras. (Foto 12)



FOTO: 12 – As meninas chegaram com outros hábitos, outros olhares e caracterizaram a diversidade da juventude na CDM. O cotidiano é o mesmo dos meninos. Elas andam mais nos seus deslocamentos diários. (Foto: Paulo Oliveira, 2005).

Com a inserção (alguns vêem como intromissão) das meninas no espaço anteriormente tido como masculino, a diversidade na CDM fica atrelada à separação clara das atividades dos dois sexos. Um dos métodos de estruturação do controle da diversidade é “territorializar” os espaços de usos coletivos. Festas, lazer e casas-lar

são separadas entre o que é do homem e o que é da mulher. A definição de tempo de uso de alguns espaços de uso coletivo é uma das táticas usadas para separar homens de mulheres. A biblioteca, por exemplo, tem dias alternados para atender pessoas do sexo masculino e do sexo feminino. Esta definição de tempo para os usos, separa ainda alunos internos de externos.

As falas de diversas mães-sociais e funcionários da instituição reproduzem a mesma entonação do cangaceiro que descreveu que as mulheres deram outra dinâmica aos objetivos do movimento, quando lá chegaram. Uma das mães-sociais diz que *...co n n é u o c o n o u ... u z u n o ...* 4 .

Outra funcionária reporta que *o u n n c ... u n u ...v ânc o o n o o n n oc o voc o n no o v o o .voc ê .v n o* . Uma outra fala mostra a preocupação com a sexualidade e os contatos íntimos, que não são permitidos na “Cidade dos Meninos”: *â n ou ...c u n n â v u u con u o o u o no.v* .

Meninas e meninos⁸⁷ dentro de uma mesma proposta de simulacro de cidade. Um pesquisador em campo. Várias falas, depoimentos, histórias de vida e “falhas” na manutenção da disciplina. Nos bastidores da instituição, a ordem aparente se transforma. A desagregação é possível. O alicerce da ordem é mais forte.

Meninos e meninas estão “juntos” no refeitório, mas em mesas e locais distintos e separados; “unidos” nas atividades artísticas e culturais, mas separados

⁸⁴ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

⁸⁵ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

⁸⁶ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

⁸⁷ Estamos denominando de meninos e meninas todos os jovens internos e semi-externos da instituição pesquisada. Em determinados momentos, chamá-los de homens e mulheres não seria incorreto. Manteremos o linguajar utilizado por eles.

por assentos reservados em áreas determinadas; “presentes” na missa semanal, mas não podem sequer cumprimentar um ao outro, pois a distância entre os assentos não permite. O todo foi tomado pelas partes.

Para fugir a esta imposição, os jovens criam uma linguagem particular, como falar por sinais, gestos e envio de bilhetes. Marcam encontros às escondidas, constroem estratégias de comunicação com o outro. Correm riscos de serem punidos por tais práticas. A ousadia é uma característica da juventude.

2.4. Sobre meninos, meninas, homens, mulheres, mães, filhos. Na instituição da ordem, um lugar para cada um.

“A cidadania não se constrói só com leis, mas com conquistas da prática política e é isto também que carece de maior rigor”.
(YÁZIGI, 2000).

Convencionamos a utilização dos espaços a partir da lógica da sua funcionalidade associada a sua praticidade, reconhecimento e aceitação coletiva. Arquitetos e engenheiros sabem disto com mais propriedade do que outros profissionais. Com isto, as construções são feitas para que aceitemos os sentidos dados a ela. O shopping será sempre o lugar das compras e da abstração do cotidiano; o apartamento com a dependência de empregada reforça que há o lugar

vestimentas, discursos e atitudes que se enquadram numa ordem social naturalizada, sem que a questionemos com mais propriedade.

A “Cidade dos Meninos” traduz a força da construção amparada na ideologia de que cada espaço tem uma finalidade, uma proposta, um comportamento. Vale a pena nos determos na discussão sobre cada um deles, para notarmos que a padronização traduz, além da organização formal do espaço, vestígios de autoritarismo, segregação e descontentamento. Começaremos descrevendo as casas-lar.

Homens e mulheres estão separados por suas definições corporais em diversos momentos da história. Em tempos mais remotos, a divisão era mais drástica e visível: havia separadamente as escolas dos meninos e das meninas, as brincadeiras exclusivas das crianças do sexo masculino e feminino, as leituras e atitudes permitidas apenas para os mancebos e outras próprias para as donzelas. Podemos afirmar que muita coisa mudou, mas parte desta ótica da diferenciação entre os sexos continua a ser prestigiada. Os tons de “rosa” e “azul” prevalecem.

Hoje (2007) percebemos uma outra dinâmica nesta relação, onde mulheres e homens questionam os seus papéis sociais. A força da tradição masculina e machista ainda se estabelece com muita intensidade em algumas instituições. A Igreja é um bom exemplo de como boa argumentação não supera a imposição do poder hierarquizado. Em contrapartida, as mulheres desconstruem territórios, ditam novos parâmetros na sua relação com o mundo e provocam discussões sobre comportamento social em relação a elas. Buscam recompor as suas perdas econômicas, sexuais, políticas, sociais e profissionais, em uma sociedade que as desprestigiou historicamente por séculos.

As mulheres chegaram depois na conquista efetiva de diversos espaços sociais e da garantias de direitos plenos. A cidadania andava a passos mais lentos em relação a elas. No acesso à educação em nosso país, por exemplo, esta prática também se estabeleceu. Segundo Moraes (2003, p.498),

A presença de meninas nos estabelecimentos escolares só foi permitida por lei no Brasil a partir de 1827. O acesso à universidade foi liberado em 1879, mas poucas tinham a coragem de enfrentar os preconceitos então existentes com relação às mulheres com curso superior. “Lugar de mulher é em casa, cuidando da família”. Estudar, só se for para aperfeiçoar-se nos papéis de esposa e mãe.

Estudar, em alguns momentos parece não ter sentido para determinado grupo, vitimizado por preconceitos e convenções sociais fechadas. Ao mesmo tempo, o acesso à educação, mesmo que tardio, possibilita transformações lentas e significativas no exercício da cidadania. O atraso das mulheres, neste caso, tem um sentido, mas não uma explicação convincente para que se consumasse. Baseava-se apenas na perspectiva de uma história alimentada pela cultura machista.

Na “Cidade dos Meninos”, esta “tradição” se mantém. Elas chegaram cronologicamente depois e ocupam lugares distintos e diferenciados dos já ocupados pelos jovens do sexo masculino. Reclamam da imposição masculina a determinados locais.

As mulheres lutam por conquistas há muitos séculos. Na CDM elas tomam à frente na formação da fila, quando esta tem o caráter misto. Nos cursos profissionalizantes que acolhem jovens de ambos os sexos, a fila se forma com todas as meninas na frente e em seguida, os meninos. Os instrutores de curso acompanham os aprendizes desde o refeitório, local de saída para as atividades diversas, até o local do curso. Há um sentido de compartilhamento da aprendizagem na caminhada do mestre ao lado dos seus aprendizes.

Na chegada aos domingos, as meninas também entram mais cedo na instituição. Depois que todas estão sendo encaminhadas para as suas casas-lar, os

meninos adentram para desenvolver as mesmas atividades. A interpretação para esta norma, é que há um cuidado maior com as adolescentes do sexo feminino. Não deixá-las sozinha é uma boa atitude em relação a segurança delas. Ensinar aos rapazes que as mulheres devem ter preferência em determinadas ocasiões apresenta-se como um diferencial da instituição filantrópica. Cuidar da segurança das meninas significa retirá-las do urbano um pouco antes dos meninos. A escola e a religião nos ensinam a termos um cuidado maior com as pessoas do sexo feminino quando homens e mulheres convivem em um mesmo espaço. Alguns desafios a CDM não quer enfrentar. Opta-se por separar os jovens por sexo, mas com uma maior atenção às meninas, que ainda não são vistas como mulheres.

As jovens são ainda as primeiras na formação de filas da saída do refeitório para se dirigirem aos galpões onde são ministrados os cursos profissionalizantes ou outras atividades oferecidas pela instituição. Com dissemos, o mestre conduz seus aprendizes. Acompanha-os desde o deslocamento inicial até a hora do encerramento das atividades propostas. Esta atitude generosa cria vínculos afetivos entre os jovens e os seus instrutores e outras filas são formadas.

As casas-lar são as construções que dão a identidade mais singular da instituição filantrópica em destaque. Não existiria o projeto sem a construção das moradias para os pobres. A moradia para os pobres já tinha um modelo que foi concebido sem nenhum planejamento: os loteamentos populares que seduziram, mostraram força, mas não capturaram a idéia de sucesso no imaginário coletivo. A experiência de elaborar uma moradia para os pobres ganhou nova e apurada versão. Trouxe consigo a imponência da ordem e o resgate de valores morais tidos como ultrapassados pela sociedade moderna.

Uma centena destas casas-lar foi construída no amplo espaço interno que compõe a “Cidade dos Meninos”. São todas iguais na sua concepção, com pequenos detalhes que as diferenciam uma das outras, como escadas, nos imóveis que ficam em planos mais altos e espaços externos ao redor das casas que estão nos finais das ruas. (Foto 13)



FOTO: 13 – As casas-lar são todas iguais, mas com moradores diversos. Em todas, há pequenas mensagens nas suas áreas externas com textos religiosos ou de instrução moral. (Foto: Paulo Oliveira, 2005).

Além dos jovens que as habitam, as casas-lar são o cartão de visitas da CDM. Todas foram construídas a partir de uma mesma noção arquitetônica. As relações de vizinhança e de informalidade, tão comuns na vida de bairro, quase inexistem. A individualidade dos moradores não se estabelece e o coletivo fala mais alto na relação cotidiana. A novidade se anuncia: em breve haverá uma casa-lar adaptada, pronta para a moradia de jovens pobres com deficiência física ou mobilidade

reduzida. Um ganho que a sociedade não conquistou na prática. Os deficientes físicos entrarão na lógica da preparação para o mercado de trabalho e das ordenações legais que derivam das conquistas. Terão, provavelmente, tempos diferenciados do cotidiano padronizado e estrutura adequada para a convivência com os demais internos. A CDM vai além da sua proposição inicial, está em sintonia com as mudanças sociais.

Outro fato curioso é que nas casas-lar não existem muros altos, cercas vivas ou qualquer impedimento que as separe umas das outras. A vigilância concebida como estratégia de dominação não mostra pecados na sua concepção, se traduz em resultados. A arquitetura destes imóveis não promove a intimidade dos seus moradores com os de outras unidades habitacionais. As janelas dos quartos, por exemplo, são pequenas e ficam geralmente fechadas. Não há portas laterais nem ligações mais próximas de uma casa com outra.

Como na cidade, algumas casas-lar são mais valorizadas, mais visíveis do que as outras. A valorização a que nos referimos, neste caso, não é a econômica, refere-se ao “status” criado entre os jovens internos ou as facilidades que elas oferecem. As casas que se localizam mais próximas da Administração Geral, as que estão do lado da sombra, as que têm vista para os chamados “patamares⁸⁸” e para as casas das meninas ou as que foram construídas em terreno plano mostram a ideia do imóvel que contempla acessibilidade e funcionalidade. Lá, ao contrário do que se estabelece no mercado imobiliário, o poder de compra ou de venda não diferencia os seus habitantes. O lar ganha a dimensão da convivência, do bem-estar, não dos valores imobiliários. Mesmo assim, o lar transforma-se em centralidade aonde as vizinhanças e proximidades dos símbolos da cidade proporcionam status, reconhecimento.

⁸⁸ “Patamares” são as áreas de lazer e de práticas esportivas em ambientes abertos.

As casas-lar são numeradas de 1 (um) a 100 (cem) e são divididas em setores, para facilitar o trabalho dos coordenadores de área. Na seqüência em ordem crescente, mas não linear (não é uma reta), os meninos ficam nas primeiras e as meninas nas últimas casas. Para se ter uma idéia da distância entre a primeira e a última casa, para se chegar ao refeitório, lugar onde os jovens vão, normalmente, três vezes ao dia, os moradores da casa número um percorrem pouco mais de 30 ou 40 metros para cada deslocamento. As moradoras (sim, moradoras) da casa de número cem andam cerca de 900 metros por trecho para que cheguem ao mesmo destino.

O tempo estipulado para o deslocamento dos jovens, independente das casas-lar que estejam alocados, é o mesmo. Talvez aqui se explique um pouco a idéia veiculada na fala de algumas mães-sociais de que as meninas dão mais trabalho ou são mais inquietas. Andar em filas, por exemplo, parece ser mais fácil em pequenas distâncias. Em períodos de chuva, a inquietação é maior. Em momentos mais solenes, como as festas, agilizar maquiagem e pequenos adereços é uma dificuldade a mais para as moradoras do final da rua.

Os setores que coordenam a divisão das casas eram conhecidos, até 2005, por números que variavam de 1 a 8. Em 2006, passaram a ser chamados por nomes religiosos, como Comunidade Santa Inês, Comunidade Santa Terezinha e assim sucessivamente. O tom religioso acompanha a história da CDM. Os setores ficaram assim divididos:

Antigo Setor	Nome atual
Setor 1	Comunidade Santa Edwiges
Setor 2	Comunidade Santa Inês
Setor 3	Desativado
Setor 4	Comunidade Santa Luzia
Setor 5	Desativado
Setor 6	Comunidade Santa Teresinha
Setor 7	Comunidade Santa Cecília
Setor 8	Comunidade Santa Rita

QUADRO: 4 - Nomes dos setores da CDM

Fonte: CDM, 2006. – Organização: Paulo Henrique, 2007.

Os setores 07 e 08 são os relacionados ao semi-internato. Os demais estão vinculados ao internato. O setor 06 é de internato feminino.

As casas-lar têm, além da sua numeração oficial, uma placa indicativa com os nomes das empresas ou pessoas que as patrocinam, os chamados colaboradores. Recentemente, estas casas acompanharam as mudanças ocorridas nos setores a que pertencem e estabeleceram um (a) padroeiro (a) para cada uma delas. São as chamadas “micro-comunidades”. Cada casa-lar é uma “micro-comunidade”.

O paraíso assistencialista comporta muitas identidades. Santo Antonio, Santa Isabel, Santo Agostinho, Santa Edwiges, São Judas Tadeu, Nossa Senhora dos Anjos, esta ilustre desconhecida, Nossa Senhora das Necessidades, outra enquadrada no segundo escalão da popularidade religiosa entre as mães-sociais, e dezenas de outros nomes estão lá celebrando e reforçando que a instituição é católica e lida com os valores cristãos. Nestas casas vivem pessoas de credos os mais diversos. Além dos católicos, os evangélicos, espíritas e os que acreditam apenas em Deus são os mais numerosos. Ateus ou céticos quanto à religião não foram percebidos durante as conversas e entrevistas realizadas em campo. Todos crêem no poder do trabalho.

Um dado que chama a atenção é que os patrocinadores ou colaboradores econômicos das casas-lar não são lembrados pelas mães-sociais, pelos moradores antigos e atuais, mesmo que existam placas informativas em cada uma delas. Os nomes dos santos que identificam as casas, no entanto, são lembrados. Cada morador lembra rapidamente do “protetor” espiritual da sua casa, mas não sabe identificar o nome dos santos das demais casas.

Quando perguntados sobre quem era o mantenedor econômico da casa, as respostas retornavam em um único discurso, “o de que não sabiam, mas iriam ver depois”. “Lá na placa tem escrito, mas não lembro” era uma outra frase pronta mencionada diversas vezes⁸⁹. Algumas empresas que têm uma marca mais estruturada na capital mineira são lembradas com mais facilidade pelos internos e pelas mães-sociais da “Cidade dos Meninos”, mas eles não sabem a que casas os tais patrocinadores estão ligados. O laboratório Hermes Pardini, o café Três Corações, a relojoaria Séculus e o clube esportivo Cruzeiro foram lembrados como colaboradores, mas ninguém sabia a que casa correspondia o investimento feito por tais empresas.

Segundo fonte da própria instituição, todos os internos são apadrinhados por alguma empresa ou pessoa física. Então, se há o investimento em 16 jovens, o patrocinador mantém uma casa. Se há o apadrinhamento de apenas um jovem, a empresa mantém 1/16 de uma casa. Para melhor contextualização do trabalho, utilizaremos os dados oficiais. Uma funcionária confidenciou e argumentou que fica

⁸⁹ A idéia de verificar se as pessoas relacionavam as placas dos colaboradores com as respectivas casas-lar, partiu de um diálogo inicial feito na primeira visita. O pesquisador perguntava: “quem é o padrinho/colaborador da casa?”. Vendo a dúvida coletiva na resposta, optamos por repetir a questão em cada casa-lar visitada. O movimento posterior à questão era sempre o mesmo: os jovens corriam para a entrada para confirmarem os nomes.

muito difícil trocar as placas indicativas cada vez que há mudanças no apadrinhamento. (Foto 14)

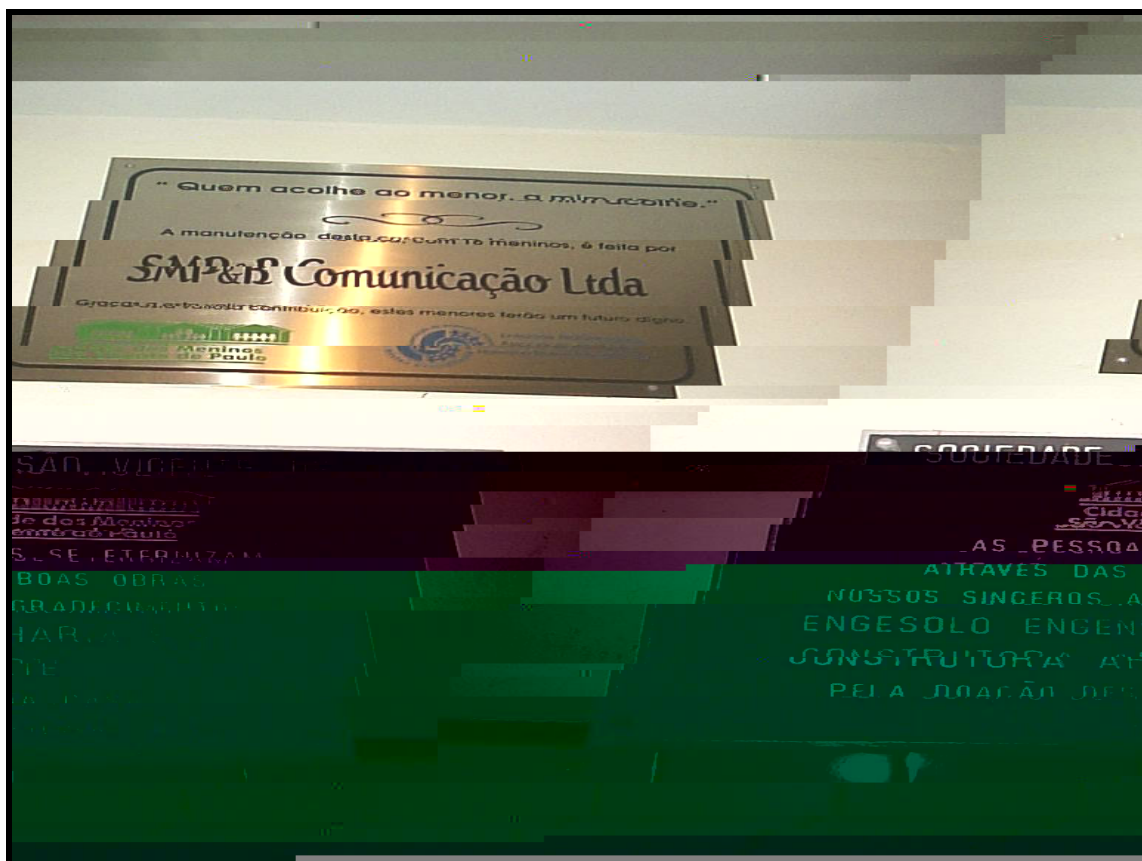


FOTO: 14 – As placas expostas em todas as casas-lar indicam os nomes das empresas e pessoas que ajudam na manutenção da obra assistencialista. Na foto, os nomes de uma empresa de comunicação e de uma construtora. (Foto: Paulo Oliveira, 2005).

Nas casas-lar os patrocinadores são, ao mesmo tempo, placas visíveis e nomes esquecidos. A força da ajuda econômica não encontra prestígio entre os jovens que são por ela amparados. As placas indicativas são meros adornos do local de moradia. Mas, sem a força do investimento material, as casas não teriam sido construídas como planejadas. As placas simbolizam agradecimento.

Vale ressaltar que alguns patrocinadores de empresas mais conhecidas e de maior porte econômico, proporcionam uma interação maior com os seus colaboradores. Em épocas como o natal, por exemplo, estas empresas distribuem cestas de alimentos e brindes para os jovens e suas respectivas mães-sociais.

Padrinhos que são registrados como pessoas físicas também podem visitar os seus afilhados.

Curioso é perceber que as casas-lar são facilmente identificadas, quando a relação é formulada, a partir do perfil dos seus moradores ou de outras características, como a proximidade da escola, a distância dos galpões onde ficam os alunos semi-internos ou a divisa dos setores.

Observando esta singularidade da percepção coletiva dos internos da CDM, elegemos algumas casas-lar de meninos maiores (os “marmanjos”, na linguagem deles), outra de meninos menores (os “tampinhas”, na linguagem deles), a casa-lar mais próxima e outra (esta de meninas) mais distante dos equipamentos de uso público como as escolas, o centro de saúde, o refeitório e a capela. Procuramos ainda observar algumas casas-lar onde se encontravam mães-sociais mais jovens (algumas têm somente 25 anos, a idade mínima legal para atuar como mãe-social) e algumas casas-lar coordenadas por mulheres mais idosas. Visitamos as casas-lar cujos responsáveis por elas são pessoas do sexo masculino e buscamos prestigiar o trabalho das mães-sociais mais experientes, com tempo de serviço maior que as “novas mães”, recém contratadas. Todos os setores foram contemplados.

A proposta da pesquisa era aprofundar o debate sobre a existência de um outro modo de vivenciar o cotidiano na cidade, tomando-se como referência os modos de vida dos internos da “Cidade dos Meninos”.

Sem demasiada preocupação em fixar o olhar exclusivamente em uma casa-lar específica, procuramos durante a observação de campo estabelecer diálogos individuais e coletivos com pessoas diversas. Não prestigiamos cada casa-lar particularmente, nem a fala individual deste ou daquele informante. Não haveria tempo hábil para analisarmos tantas discussões. A vivência coletiva da diversidade

de jovens, mães-sociais e tantos outros membros que compõem o elenco da “Cidade dos Meninos”, assim como os seus discursos e práticas se juntarão ao olhar do pesquisador que procurou aproximar-se o mais possível do seu objeto de investigação científica.

Para o pleno êxito da pesquisa, uma ampliação das redes sociais se fez necessária na instituição observada. Fizemos, então, visitas sociais e formais a muitas casas-lar que não as escolhidas preliminarmente. O convite para estas visitas não previstas originalmente, era feito pela própria mãe-social que utilizava o argumento de que os alunos gostariam de receber um universitário nas suas unidades habitacionais e saber com mais clareza os motivos pelos quais havia alguém freqüentemente anotando tudo o que eles falavam, ao mesmo tempo em que os fotografava. A curiosidade juvenil se manifestava e a chegada de alguém que lhes era estranho causava uma quebra na rotina das casas-lar.

Os convites talvez reforcem a idéia de que os que aparentemente não tem voz, encontraram naquele que pode falar e ouvir, uma possibilidade de diálogo, de desabafo, de confiança. Gravador, máquina fotográfica, cadernos, canetas, mochila e carro ajudavam a despertar o interesse pela comunicação pesquisador-pesquisado. Os sem voz ativa precisavam ser vistos, reconhecidos. Precisavam falar, desabafar, criticar, elogiar e até calar. O “rapaz da pesquisa” aos poucos se tornou figura comum, conhecido apenas por Paulo.

“Vai na minha casa, Paulo!”; “Senta aqui, Paulo!”; “Tenho uma novidade para você, Paulo.”; “Sou modelo, me fotografa aí, Paulo.” e tantas outras frases com entonações diversificadas motivavam a pesquisa, mostravam a receptividade de um grupo que se prepara para em breve descobrir as dores e as delícias do mercado de trabalho e configuraram uma relação de troca aonde o nome do pesquisador passou

a ser parte do cotidiano de muitas pessoas. O nome de nascimento do pesquisador alcançou também os setores mais formais da instituição filantrópica, como os coordenadores de área, disciplinadores e diretores.

Quando da chegada do “rapaz da faculdade”, havia sempre uma sensação de organização imposta e formalizada em todas as casas-lar visitadas. A mãe-social reunia a totalidade dos internos na sala de estar e determinava que todos prestassem atenção na fala do visitante. Às vezes, resumíamos a nossa comunicação verbal a um mero cumprimento e agradecimento por terem nos recebido. Quando o horário de visitas era inconveniente para os internos ou para a mãe-social (véspera de provas, prazos exíguos para entrega de atividades ou avanço no tempo previsto para a permanência do pesquisador nas casas-lar) havia a necessidade de resumir a nossa fala para possibilitar novos encontros e ressaltar a importância de cada um deles na construção da Tese. Nos demais encontros, as relações foram se tornando mais informais e aumentavam os níveis de confiança no pesquisador como personagem neutro na teia de relações sociais internas.

Ainda sobre a identidade das casas-lar e suas relações com os seus usuários, um outro fator próprio da vida em sociedade figurava na convivência interna dos jovens: a observação do outro. Observação que gera intrigas, medos, preconceitos, estigmas e paixões. Nas entrelinhas, os jovens perguntavam se tínhamos visitado a casa dos meninos “bons” (referindo-se aos que tem mais dificuldades de adaptação à disciplina), se sabíamos que em determinada casa, a Tia (como é conhecida a mãe-social) tomava Lexotan (comprimido tranqüilizante), que o “babão” (diz-se de alguém que bajula o chefe) morava na casa tal. Havia ainda a casa das meninas “gostasas”, a casa do “Zorro” (funcionário que andava sempre à cavalo na instituição, assim como o personagem fictício), a casa das “irmãs” (freiras salesianas

que coordenavam o setor feminino até recentemente), a casa dos coordenadores, a sala dos disciplinadores, o prédio da Administração e assim por diante. A unicidade de espaços mostrava muitas diversidades, contempladas e entendidas apenas pelos que vivem lá.

Interagir com os jovens internos da “Cidade dos Meninos” mostrou ainda uma rede de gestos coletivos que contemplavam ações de solidariedade e preocupação com o bem-estar do estranho que buscava descobrir o cotidiano e as perspectivas dos que abdicaram da perspectiva mais elaborada da vivência do urbano.

O nome de nascimento, que é marca definitiva da nossa existência, tem na CDM uma respeitabilidade intocável. Nenhum de seus jovens é chamado pela administração do projeto por outro modo de tratamento, senão o próprio nome. Na comunicação entre a direção e os jovens não há números, códigos, apelidos, nomes depreciativos, títulos abreviados ou trocadilhos. “A César o que é de César”, “a João o que é de João”, “a Dilza o que é de Dilza”. Até que se estabeleça uma aceitação coletivizada anteriormente por muitas pessoas de que os nomes próprios podem ser mais particularizados, neste convívio formal Beatriz não será chamada de “Bia”, Helena não será tratada por “Lena”, Conceição não será reconhecida como “Sãozinha”.

2.5. Mãe-social: o alicerce vulnerável na construção da disciplina e da ordem.

“Que será da minha vida sem o teu amor...”
(Marina Pinto/Mário Rossi)

O amor como estratégia de manutenção da ordem e do incentivo à comoção social aparece em diversos momentos da recente história brasileira. Nos muitos

anos da ditadura militar cantávamos trechos de músicas veiculadas em diversos meios de comunicação que mostravam a imponência do ufanismo nacional por meio do nosso sentimento mais nobre. Amar a pátria era dever de todos.

Naquela época (1964-1984), milhões de pessoas repetiam o refrão “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo. Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil⁹⁰” em diversos momentos cívicos, como o desfile de 7 de setembro. As cores da nossa bandeira que simbolizavam a riqueza e a prosperidade não representavam de fato a realidade que vivíamos naquela época⁹¹ e milhares de pessoas, pertencentes a diversos grupos civis, políticos ou religiosos eram torturadas e mortas no país inteiro. Mas a nação, tida como mãe, precisava ser amada, contemplada, mesmo que admitisse e promovesse a morte e a tortura de alguns dos seus filhos.

Desta maneira, os seus descendentes que se mostravam prestativos, educados e obedientes não corriam riscos de serem punidos, gozavam de liberdade e amparo. Quem não amasse a mãe gentil deveria afastar-se dela, deixá-la. Não havia escolhas. Hoje vivemos um momento mais democrático do que os chamados “Anos de Chumbo” e subentende-se que temos maiores escolhas para que possamos tomar decisões. As mães, assim como a Nação, adotaram outras formas de relacionamento com os seus filhos e não abandonam radicalmente aqueles que as questionam. Tomam outras atitudes mais sensatas.

Na “Cidade dos Meninos”, os internos que não conseguem manter um bom relacionamento com a sua mãe-social não podem abandoná-la durante o tempo em que estiverem vivendo lá, assim como as mães têm que adaptar-se aos “filhos”

⁹⁰ “Eu te amo, meu Brasil!”. Letra e música de Don e Ravel.

⁹¹ CHAUÍ, M. (2004) denominou este ufanismo nacional que mascara a realidade vivida de “Verde-amarelismo”.

Sobre a história do Período Militar Brasileiro existe uma ampla bibliografia disponível. Os livros mais conhecidos foram escritos por Élio Gáspari, que publicou diversas obras literárias sobre o assunto. A palavra chave de seus escritos é a Ditadura.

rebeldes. O “ame-a ou deixe-a” não se estruturou como dinâmica de funcionamento das relações sociais entre os jovens e as responsáveis pelas casas-lar. A convivência, mesmo neste contexto, deve se apresentar como pacífica e harmoniosa. Todos cedem pelo bem comunitário. Um ganho, ao que parece. A aparência e a essência estão no mesmo patamar.

Mas as mães que não podem abandonar os seus filhos desobedientes e maus, usam estratégias para que eles sejam mais cuidadosos na hora de enfrentá-las ou desobedecê-las. Utilizam diversas estratégias para referendar o velho ditado que diz que “manda quem pode e obedece quem tem juízo”.

Uma destas estratégias de controle utilizadas pelas mães-sociais é o uso comum da chamada “Ajuda Pedagógica”, que é a retenção dos jovens por mais um dia nas dependências da “Cidade dos Meninos”, para compensar alguma quebra nas regras provocada por eles durante a semana. O dia escolhido para que eles (ou elas) “reflitam” sobre as suas ações é o sábado, que pode ser de aleluia ou de penúria. Na instituição pesquisada, as ações são imediatas, exemplares, para que todos possam ver que errar não é humano, é proibido. Finda a semana letiva, há a avaliação do comportamento dos alunos e poucos, assim como os que desfrutam do paraíso, são convidados a vivenciarem com mais propriedade um dia a mais na instituição.

A “Ajuda Pedagógica” é uma proposta que, já na sua nomenclatura, mostra contradições. A retenção do aluno, por mais um dia, na instituição, aparece como castigo e não como uma premiação. Pedagogia, ao invés de insinuar autonomia, produz o cerceamento da liberdade. Seguindo uma lógica comum, se o lugar me satisfaz, me deixa feliz e me reconheço nele, permanecer mais tempo ali significaria ganhos, prestígio, positividade. Neste caso específico, não. Ficar mais um dia na

“Cidade dos Meninos” significa castigo severo, acompanhado de trabalho, muito trabalho. O mesmo local que prestigia o ensino profissionalizante veicula, na proposta da retenção dos internos aos sábados, que trabalhar é um ato duro, árduo e triste. O castigo terá a forma de trabalho. Desde o princípio foi assim.

Nas palavras de um ex-funcionário, a “Ajuda Pedagógica” é:

Um castigo severo para os meninos. Eles às vezes passam o dia lá capinando o mato ou varrendo as ruas, mesmo no sol. Uma vez um aluno ficou um bom tempo no meio do campo olhando pro tempo que era para aprender a se comportar. Os alunos falavam que é serviço pesado e que eles tinham medo de ficar na ajuda pedagógica⁹².

Para diversos jovens internos, a punição semanal é uma atividade que ajuda a repensar os erros que eles praticaram na semana e uma forma de evitar que as pessoas façam “coisas erradas”.

A indicação dos alunos (e alunas) que estarão na instituição, aos sábados, para compensarem os seus erros semanais ocorre da seguinte forma: qualquer funcionário pode apresentar à direção do internato ou aos coordenadores de setores o nome do jovem que deve ser penalizado e apresentar os motivos pelos quais o indicou. Um funcionário diz que é *u o _ _ v _ o _ o u n o o*
unc on á _ o _ o _ é u n u f o con n f n n o n o
_ o _ _ co oc _ u é n Au o c n o _ c .

Outro funcionário diz que

“Os alunos já desconfiam que vão ficar para a Ajuda Pedagógica quando fazem alguma coisa errada ou discutem com a gente. Alguns acham que nós não vamos saber o que eles fizeram, mas se enganam. Os colegas deles contam tudo⁹⁴”.

Feitas as indicações de quem ficará retido durante a semana, os nomes dos “contemplados” com a diária a mais na instituição só serão conhecidos no próprio

⁹² Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

⁹³ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

⁹⁴ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

sábado pela manhã, poucos minutos antes do horário do último café da manhã semanal.

Até o momento da revelação da lista sigilosa, todos descem com suas mochilas e pertences pessoais ao local onde é servida a refeição matinal. Os nomes “guardados a sete chaves” provocam uma espécie de confraternização masoquista entre os alunos. Frases como *no vo* ou *u u c* são constantes depois da divulgação dos resultados oficiais. Risos debochados por parte dos colegas que foram aprovados no quesito comportamento e caras de frustração de quem é citado são a própria definição do momento. Há uma pequena bolsa de aposta velada para ver quem acerta os nomes dos que se comportaram mal durante a semana. Como nos jogos de loteria, alguns nomes se repetem mais do que outros, tidos como “zebras”. O consenso entre eles é que a “Ajuda Pedagógica” é sinônimo de castigo, de sofrimento. Um fardo a carregar. Morar e viver em Ribeirão das Neves, para estes jovens, pode aparecer como um castigo também.

Mas as mães, ah, as mães. Quem diz que “só existe uma” não sabe o que está falando. Elas armam estratégias para colocar uma punição para os jovens desobedientes ou desrespeitosos, sem que pareçam radicais demais. A doçura da mãe não pode ser perdida. Às vezes as desobediências e desrespeitos promovidos pelos adolescentes são de pequenas proporções ou até inexistem, mas dependendo de quem praticou a ação, o risco de ir para a “Ajuda” é maior. Os exemplos a seguir ajudam na compreensão.

Na entrevista, uma das mães-sociais contou que não gostava muito de um dos meninos, pois ele “mexe” com tráfico [de drogas], não é de confiança e tem orgulho do pai biológico que é um “verdadeiro” malandro. *u v co o*

n o no con v, disse ela várias vezes e não houve certeza se a

assertiva dela fazia sentido. Continuou a dizer que *é u o cu_o o o*
o o uc o A .v z u o n Au o c .v _
n _ u ouco .Você u _con.v _ _co u n no
*onz n o uc o o u no*⁹⁵, completou.

Outra forma de burlar algo que pode ser visto como radical ou injusto é transferir para outra mãe-social ou funcionário amigo a responsabilidade para indicar o nome de um jovem para ser retido no sábado. Nos momentos mais coletivos como a missa, as atividades da quinta cultural ou na prática de esportes, os comentários “olha aquela menina, como conversa o tempo todo” (vamos prestigiar as meninas um pouco no texto) ou “ela é sempre mal comportada assim, mas eu não posso fazer muita coisa” dão a pista para que a mãe não oficial possa dizer que sugeriu a punição da aluna, porque ela “estava conversando muito durante a missa”. Como não há contraprovas e defesas prévias, a reclamação é aceita pela instituição. Os internos chamam esta prática de “marcação”. Evidentemente, as mães-sociais não se intrometem, com frequência, no acompanhamento dos internos das outras casas. O ditado popular ensina que cada macaco deve permanecer no seu galho.

A escrita sobre o tema “mãe” emociona. É um ser singular na vida de cada um de nós, inclusive na jornada acadêmica. Na “Cidade dos Meninos” há um tipo, se assim podemos denominar, de mãe-social que foge da organização da ordem burocrática e institui regras próprias de convivência com os seus jovens. É um acordo de boa convivência e que apresenta resultados, segundo elas. Neste compromisso firmado entre elas e os moradores das casas pelas quais são responsáveis, a retenção dos internos é a última atitude que tomam. Não indicam nomes para a “Ajuda Pedagógica” a não ser em casos extremos e assim como no

⁹⁵ Nomes retirados para preservar a identidade dos entrevistados.

Direito, deliberam penas alternativas. Estas atitudes não são formalizadas junto à instituição, é um acordo velado.

Para compensar a não indicação dos nomes de alguns dos seus internos para a “Ajuda Pedagógica”, as mães-sociais dão aos jovens tarefas como lavar a casa na sexta-feira à noite ou proporcionam momentos de reflexão, em que os alunos que provocaram brigas ou pequenos furtos, devem se desculpar com os demais membros da casa. Na versão de Wanda⁹⁶, que adota esta estratégia e lida com meninos maiores, os resultados são positivos. Segundo ela:

Os meninos às vezes ficam muito estressados quando mandamos eles para a “Ajuda Pedagógica”. Eu prefiro resolver tudo em casa mesmo. O meu relacionamento com eles é direto e eles fazem as atividades com boa vontade. Também tem semana que eles brigam muito e aí quase todo mundo da casa teria que ficar aqui [no sábado]. Quando eles fazem tudo direitinho, eu preparo uma macarronada para eles ou faço uma sopinha. Eles não são ruins não, sabe? São meninos que sofrem muito em casa [referindo-se à casa da família]. Aqui a gente tem que manter o respeito, senão eles ficam muito agitados. Eu gosto deles.

Nas casas-lar é possível usar o fogão e a geladeira, mas o acesso dos internos à cozinha é normatizado pela mãe-social responsável pela casa. Em algumas moradias, os jovens pedem autorização para beberem água ou para esquentarem um lanche, por exemplo. Em outras, as mães-sociais estimulam o espírito coletivo, liberam o acesso à cozinha e preparam bolos, sanduíches e sucos junto com os internos.

Porém, vários internos não compartilham do pensamento da mãe-social, quando as tarefas coletivas são propostas para livrar os jovens da retenção. A “solidariedade forçada” seduz alguns, outros não. O discurso de quem não concorda com esta prática é o de que “cada um tem que cuidar da sua vida, assumir as suas responsabilidades”. “Se os outros erram, eles devem pagar sozinhos”. Concordando

⁹⁶ Por respeito à privacidade da mãe-social, alteramos o nome da pessoa. Relato colhido em 2005 na pesquisa de campo.

ou não, todos acatam a decisão da mãe-social. Quem ousa não concordar sabe que pode ser o próximo a ir para a punição. A mãe, e sua decisão, tornam-se unanimidade.

Ao ingressarem na CDM, os selecionados recebem um livreto com as regras que devem seguir. Chama-se “Manual do Aluno”. Nele estão todas as normas quanto aos horários, trajés, conduta moral e comportamento coletivo e individual. Alunos, pais e instituição o assinam, afirmando que estão de acordo. Assim como nas leis jurídicas brasileiras, o aluno não pode alegar posteriormente, caso seja punido, que desconhecia a lei. Leis são feitas para serem burladas ou cumpridas. A crença de que todas as leis são cumpridas na instituição é falsa.

O “Manual do Aluno” traz uma série de regras que devem ser seguidas cotidianamente. Algumas são repetidas várias vezes, como por exemplo: andar em filas e usar sempre o crachá. A pichação é colocada no “Manual do Aluno” como falta que causa a expulsão imediata, mas diversas outras são incorporadas no discurso dos administradores da instituição, das mães-sociais, dos funcionários e dos próprios internos.

Os motivos que levam os alunos a serem convocados para prestar serviços aos sábados na “Ajuda Pedagógica”, são: brigas, desrespeito aos funcionários, o enquadramento incorreto na fila, o não cumprimento das tarefas escolares, falar palavrões, prática de pequenos furtos, ausência do crachá de identificação e desobediência, entre outros.

Deixemos a “Ajuda Pedagógica” momentaneamente de lado para discorrermos um pouco sobre os males que para a CDM não têm cura e são motivos de expulsão dos alunos: drogas, homossexualismo, violência e pichações. A “Ajuda Pedagógica”, para estes casos, está do lado de fora. A cidade, que inclui o cotidiano

mais ampliado, a essência do vivido e as suas contradições, aparece como maior em relação ao seu simulacro.

O uso e comercialização de drogas (bebidas alcoólicas se inserem neste quesito) é bastante citado como motivo justo para a expulsão do aluno. É quase unânime a aceitação desta lei, pois as drogas e o álcool denigrem a imagem da instituição e dão mau exemplo aos outros jovens, além de fomentar a violência entre os colegas. Estes foram os argumentos mais citados para explicar que a pena para esta contravenção é a saída definitiva do internato. Mesmo assim, uma parte considerável dos relatos ouvidos de mães-sociais, funcionários e dos próprios jovens, reforça que alguns internos bebem nos finais de semana, mas não chegam a provocar intranqüilidade na instituição com esta atitude.

Os homossexuais causam um temor de que a promiscuidade sexual ganhe forma, agora, nas versões menino/menino e menina/menina, visto que, já não é tarefa fácil controlar a temida e alardeada interação menino/menina. São corpos em desenvolvimento.

Um funcionário da instituição relatava que *n o c o o o u*
u n o o n con _ n o á c _ o o c o n .Vo n
.Vo n u o .Vo u o o .

Como saber se o menino é homossexual ou não? O mesmo funcionário responde: *_o _o n no .V z oc n _c A*
n _un o_o c o. A Constituição Brasileira afirma que é crime a violação da intimidade⁹⁸. Neste caso específico, o descumprimento da lei ressoa como “solução” daquilo que se considera problema. É preciso formar os

⁹⁷ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

⁹⁸ Artigo 5º. X - São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

heterossexuais ativos para o mercado de trabalho. Passividade não é, por certo, uma palavra que se enquadra na organização da CDM. Mesmo com os filtros para que as contradições não apareçam, não é possível evita-las na sua totalidade.

Assim como a maçã original e a mãe (celestial ou não) não surgiram para serem tocadas, os homens que integram a CDM também não. A espiritualidade e o trabalho devem ser mais valorizados. O próprio livro sagrado já relatava a relação do homem com a proibição. Os castigos são sinônimos de solução. Arranjos e conchavos são feitos para que a normalidade se estabeleça.

2.6. Filas e falas: Caminhar e parar, falar e silenciar. A ordem em movimento.

“Aprendem, assim, a associar essa posição com o bem-estar.
Na verdade, eles não se sentem verdadeiramente felizes
senão quando estão de cabeça para baixo”.
(HUXLEY, 2003).

Caminhar, além de fazer bem para a saúde, mostra-se uma atividade cotidiana freqüente nas cidades, mesmo naquelas em que os automóveis ganharam dimensão maior na comparação com os pedestres. A “Cidade dos Meninos” (que imita de certa forma os movimentos próprios das cidades) apresenta uma dinâmica própria de mobilidade e, conseqüentemente, o carro não ganha importância. Os deslocamentos feitos a pé, no entanto, necessitam de uma ordem estabelecida e aceita, assim como nas leis de trânsito. Existem pontos de paradas, pontos de partidas, vias de maior fluxo, outras, de menor, locais de estacionamento proibido, velocidade máxima permitida e fiscalização, muita fiscalização. Locomoção ordenada não produz acidentes, brigas, tumultos, atropelos. Na ausência do automóvel, os pedestres cumprem com as suas obrigações.

Andar sempre em filas. Esta é umas das atividades corriqueiras que mais chama a atenção na CDM, e o seu não cumprimento está previsto como norma passível de punição no “Manual do Aluno”. Diversas vezes é possível notar o vai-e-vem dos jovens, no sentido casa-refeitório ou casa-escola. Muitas filas se formam durante o dia de atividades. São as mesmas, com a mesma formação, os mesmos percursos, os mesmos enquadramentos e os mesmos tempos. As filas são organizadas por casa-lar, os alunos não se misturam com os de outras casas.

Não se estabeleceu um padrão coletivo oficial para que se criem as filas, mas a forma mais comum de construí-las é por tamanho da estatura física dos internos. A fila vai do menino maior para o menor, ou vice-versa. As mães-sociais estão sempre ao lado ou no final da fila para controlar o deslocamento em ordem. Aqui, acolá, uma outra casa deixa que a fila se forme naturalmente pela ordem cronológica de chegada dos internos ou por idade, independente do tamanho do aluno. *c u o o_ n z* diz um jovem interno que capturou a idéia da ordem a partir de uma ótica determinada.

Exemplificando um pouco a formação das filas organizadas, como sugere a instituição, esboçamos o croqui abaixo (Figura 07)

⁹⁹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS FILAS – PADRONIZAÇÃO

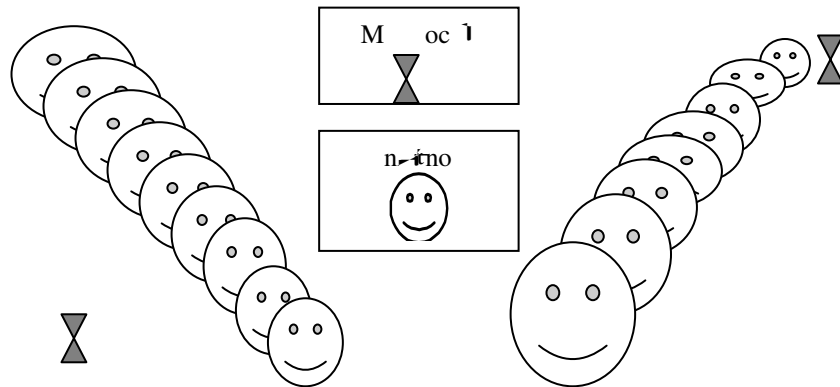


FIGURA:7 – As formas de organização passam pelas filas. A ordem torna-se necessária em todas as atividades. A mãe-social ou outro responsável sempre acompanha a formação e a ordenação das filas. (Criação: Paulo Oliveira, 2006).

Para quem preconiza que a fila é sinônimo de burocracia, mal-estar e demora, Oliveira (2003) lembra, em sua dissertação de mestrado, elaborada a partir de uma pesquisa sobre Ribeirão das Neves, que as filas, às vezes, promovem singularidades tidas como positivas, como a melhor organização dos serviços. As realidades são distintas, evidentemente, mas trazem traços semelhantes, quanto à finalidade das filas.

As filas na CDM se formam automaticamente. São uma espécie de relógio biológico transformado. São quase seis horas da tarde e lá estão elas formadas e se dirigindo para o refeitório. São sete e meia da manhã do sábado e lá estão dezenas de filas se dirigindo para a portaria da instituição. É hora dos jovens irem para o momento de interação maior com a realidade do município, onde outras filas menos organizadas se estabelecem. Uma é visível rapidamente: a fila para embarcar no ônibus urbano.

A formação das filas é algo encantador no que diz respeito à transformação da dinâmica espacial local. O lugar bucólico se transforma, ganha outra percepção.

Centenas de alunos saem das escolas, cursos profissionalizantes, momentos de lazer e casas-lar e fazem filas, muitas filas. Elas surgem “do nada”, criam volume e densidade, em um determinado momento quase todas se encontram, mas a ordenação estabelecida não permite. É “uma festa” para os olhos do pesquisador, que pode inclusive, participar desta dinâmica em alguns momentos. Os relatos da pesquisa de campo ajudam a estruturar o debate e mostram como a interação pesquisador/pesquisado ocorre de forma afinada, certas vezes.

Em determinados momentos, a pesquisa debruçou-se sobre uma determinada casa-lar que abrigava meninos de menor estatura. A mãe-social teve que ausentar-se várias vezes desta unidade habitacional por problemas de saúde¹⁰⁰ e não havia uma substituta para ela. Um dos alunos, chamado de “monitor”, ajudava na organização da casa, mas sem as formalidades próprias da mãe-social. Percebemos que a ordem se estabelecia, mesmo sem a mãe-social presente. Apesar do ambiente parecer mais informal, a ameaça do monitor de que, se houvesse qualquer problema, iria “contar para a direção” surtia efeito. O medo se estabelece como mecanismo de poder e de controle sobre o outro.

Naquela casa-lar, momentaneamente sem mãe-social, os seus moradores ficavam descalços, conversaram conosco na área externa, passavam de uma ala para outra¹⁰¹ e desfrutavam um pouco mais do momento de não vigilância da mãe-social. A ordem aparentemente estava posta.

¹⁰⁰ Informação não oficial, mas repetida várias vezes pelos entrevistados, diz que diversas mães-sociais tiram licença por motivo de saúde. Não há um dado estatístico formal disponibilizado pela instituição, mas nas conversas com estas mulheres, elas falavam com frequência de depressão, dores de cabeça e stress. Uma funcionária da administração reforça que há certo exagero na interpretação de que as mães-sociais adoecem muito.

¹⁰¹ As casas-lar possuem quatro quartos divididos em duas alas distintas, para evitar maiores intimidades entre os alunos. Assim, os internos da ala 1 não podem passar para a ala 2 e vice-versa. Em pouquíssimas casas esta lei se estabeleceu de fato. As mães-sociais e os próprios alunos acham que há exagero no cumprimento desta norma. É uma lei que “não pegou”.

O pesquisador há de tomar atitudes que o deixe distanciado da intimidade do grupo pesquisado. Deve saber dosar os seus interesses e os do outro. Na ausência da mãe-social, única personagem adulta da casa, optávamos por ficar apenas na ante-sala ou áreas externas do imóvel e não discutíamos com os meninos sobre regras da casa e da instituição. Certamente os ouvíamos.

Em certa ocasião, estes jovens chamaram o pesquisador para acompanhá-los na fila até o refeitório, para o jantar. Foi uma experiência ímpar: uma fila de 16 alunos em passos lentos,¹⁰² sendo “ultrapassada” por diversas outras, acompanhando o passo de quem, na percepção deles, era a representação da autoridade, da sabedoria e da locomoção diferenciada. Várias pessoas cumprimentavam o novo “organizador” da fila, durante o curto trajeto e o pesquisador ganhou popularidade, por uma ação comumente insignificante. A fila desperta várias possibilidades, como já vimos. A solidariedade é uma delas. Diversas vezes, houve a repetição de expressões por parte dos alunos em relação ao pesquisador como *u ___ .v ___* ou *u ___ o ___*. Juventude obediente e solidária. Juventude cheia de sonhos.

Este foi um dos momentos em que a pesquisa reforçou, ainda mais, o olhar de aprovação dos dirigentes da instituição. O comentário feito por um deles de que *o_ .você á co n n o o n n o o* o rendeu boas narrativas, conversas informais e convites para atividades coletivas diversas. Acompanhamos, de forma científica, meninos, meninas e o setor organizacional da instituição.

Darcy Ribeiro, em seu já citado clássico livro “Diários Índios”, mostra os limites e as perspectivas da aproximação pesquisador/pesquisado. Na sua percepção, sair da formalidade e da ortodoxia das regras científicas é uma atitude possível. Relata um dos casos vivenciados por ele e as respostas dadas, com

¹⁰² O pesquisador envolvido tem deficiência física e, com isto, locomoção reduzida.

maturidade e paciência, a um desejo dos seus pesquisados. A pesquisa técnica ou científica pode contemplar as emoções, sem maiores culpas. Segundo os seus relatos (RIBEIRO, 1992a, p. 389):

Não sei se isto é lá muito ortodoxo, mas temo que não, mas emocionei-me muito ao ouvir do velho cacique o pedido de um nome, de minha escolha, para seu filhinho [o nome seria dado pela tradição, pelo tio materno]. Hoje dei a resposta e, para isto, estive pensando nos últimos dias. Seria melhor, talvez, não dar nome algum e aproveitar a oportunidade para revalidar seu cerimonial, dizendo que isto deveria ser feito pelo padrinho. Porém, o velho pedira e este é, certamente, seu último filho, pois ele já anda pelos sessenta anos. Mas que nome dar digno do provável sucessor de Karapanã, um nome de civilizado, que este é seu desejo, que esse indiozinho possa levar com orgulho pela vida?.

A pesquisa de campo contempla incontáveis perspectivas. A partilha da confiança mútua é a mais valiosa delas, assim como ocorreu na caminhada com a fila dos alunos internos da CDM. Demonstra que temos a humanização das atitudes, como alternativa a meros diálogos formais em busca de resultados ou dados na formulação de teorias acadêmicas.

As filas na CDM são momentos de interação coletiva, paquera, nervosismo e estabelecimento da hierarquia. Os mesmos percursos são feitos diariamente. Não há caminhos diferentes e o sentido de direção é um só. Não há filas indo e outras voltando. Esta percepção se amplia para os locais de assento no refeitório, no auditório e nas casas-lar. Todos os dias as pessoas sentam-se nos mesmos lugares, têm os mesmos companheiros de refeição, de oração e de estudo. Não há trocas possíveis para estas pessoas. Exceções foram feitas para o pesquisador que rezou, comportou-se devidamente e atendeu, assim como os jovens internos, às expectativas da instituição.

As filas são mais um dos instrumentos para a “domesticação” do jovem. Quando a divisão das filas é por sexo, as meninas saem antes ou depois das filas dos meninos, raramente os dois grupos saem juntos. Um momento de dispersão maior ocorre na fila da comunhão, formada na missa das sextas-feiras. Mesmo ainda

separados, os jovens se agrupam por afinidades, independente da casa em que estão lotados, mas o momento solene não permite interação maior por meio da fala. Olhares, pequenos toques de braços, empurrões quase imperceptíveis e risos beirando o deboche ocorrem antes do recebimento do “Corpo de Cristo”. Os corpos destes jovens comunicam desejos, aflições, insatisfações. São corpos reais, visíveis, também venerados.

2.7. Inadequações possíveis: o pesquisador e a ortodoxia da pesquisa de campo.

“Nunca entendi a luta senão para que esta termine.
Nunca entendi o rigor senão para que o rigor não exista”.
(NERUDA, s/d)

Desenvolver uma pesquisa de campo requer atenção, paciência, objetivos definidos e certa adequação ao ambiente no qual estamos interagindo. No caso da “Cidade dos Meninos”, local onde a desordem soa como algo inconcebível, promover a interação com os jovens internos, mães responsáveis pelas casas-lar, disciplinadores e outros atores sociais mostrou-se possível através do que denominamos, apenas para efeito ilustrativo, de “sombras da desordem”.

No cotidiano da formalidade e da submissão havia espaço para algumas inadequações possíveis e de certa forma, necessárias. Não havia nenhum propósito de contestar o acordo tácito feito entre a instituição e os seus membros, mas de questionar até onde a proposta da ordem se impunha como coerção ou como naturalização dos comportamentos individuais e coletivos. Havia a intenção de perceber como as regras são quebradas cotidianamente e os “arranjos” que são

feitos para que elas não ganhem proporções maiores. Buscava extrair da pesquisa de campo aquilo que Santos (1999) entende por “além do aspecto físico do lugar”:

Quando observamos, descrevemos e analisamos o lugar dos pesquisados, seria importante revelarmos as suas especificidades para além do físico. Quantas descobertas importantes realizaríamos se investigássemos e revelássemos as especificidades do espaço vivido dos pesquisados. Poderíamos na investigação do espaço vivido alcançar a dimensão do produto social, pois ele contém relações sociais. A pesquisa de campo poderia ser realizada promovendo-se diálogos entre pesquisado e pesquisador.

No cotidiano da “Cidade dos Meninos”, o diálogo entre pesquisador e pesquisados ultrapassou a formatação comum da argüição oral e dos registros escritos. Criaram-se códigos, artimanhas, conchavos e mesmo indisposições para se obter os resultados esperados. Tudo previamente avaliado para que as percepções individuais do pesquisador se amparassem apenas no academicismo.

Enquanto a “Cidade dos Meninos” continua a copiar os métodos da Divina Providência para atingir os seus objetivos, o pesquisador se amparava na livre interpretação dos preceitos cristãos para organizar as suas informações acadêmicas. Um destes preceitos cristãos difunde o perdão para os que não seguem as leis estabelecidas pelo seu chefe maior. O perdão deve ser estendido em determinados instantes aos que “sabem o que fazem”. O trabalho de campo permitiu, em certa medida, uma desordem desejável por parte do pesquisador e dos jovens, mas em momento algum provocou afrontamento ante as convenções estipuladas pela entidade assistencialista.

A instituição pesquisada moldava atitudes e comportamentos coletivos, para que houvesse uma submissão hierárquica da juventude às imposições implementadas sem aparentes movimentos contestatórios. A chamada “desordem” dava sinais da sua existência e provocava reações imediatas da direção para controlá-la, antes que ela tomasse forma mais clara. Seguem exemplos que ajudam

a ilustrar como ocorrem estas dissimulações da ordem e as intenções traduzidas em cada uma delas.

A missa, um cerimonial religioso sério e solene, preocupa a direção da “Cidade dos Meninos”, especialmente em dois momentos: um deles, o chamado “abraço da paz”.

O “abraço da paz” é tradicionalmente colocado na santa missa, como a elaboração de um tempo dedicado ao cumprimento por meio de um aperto de mão ou um pequeno abraço entre as pessoas, mostrando que elas interagem socialmente e desejam a paz entre elas.

Na juventude que optou pela reclusão em Ribeirão das Neves, o momento transformou-se em uma relação de afinidade entre os jovens que desejam cumprimentar com mais intimidade e com um tempo mais demorado os colegas, funcionários, dirigentes da instituição ou pesquisadores que inspiram neles mais confiança ou companheirismo. Os que não inspiram tal afinidade são rapidamente cumprimentados ou mesmo esquecidos. A “desordem” e a “falta de seriedade” dos jovens ameaçavam virar uma grande brincadeira e, em determinados momentos, viraram e não agradaram. A semente do mal está plantada e deverá ser podada ou extinta para não contaminar os “bons”.

O segundo momento da santa missa que preocupava os dirigentes da CDM era a hora dedicada às canções religiosas para a celebração das ofertas ou distribuição das hóstias (a comunhão). Os jovens aumentavam o tom de voz e repetiam refrões por diversas vezes, mesmo que os instrumentos musicais não acompanhassem mais as melodias. Estes eram os instantes de maior tensão entre a comunidade juvenil e os guardiões da ordem na reverência ao sagrado.

Os momentos da missa citados fomentam maior irreverência entre os jovens, sejam eles bons ou maus, pequenos ou grandes, católicos ou não católicos. O olhar com que os jovens percebem esta irreverência se distancia da ótica imposta pela instituição de que a missa é um momento sério, contemplativo. Isto nos remete a uma discussão sobre a ordem instituída, que convive com os que teimam em respeitá-las com algumas “ressalvas”.

Adão, segundo os escritos bíblicos, cumpriu as ordens divinas com ressalva. Foi além do paraíso, experimentou mais do que lhe era permitido, foi capturado pelo desejo escondido e recebeu o trabalho como castigo. A CDM prepara os jovens para o trabalho. Para isto necessitam de castigos, se necessário for. Castigo e trabalho andam próximos, quase se confundem um com o outro. Para os jovens, assim como para o pecador Adão, é necessário mostrar que não há paraíso sem autoridade, disciplina e claro, recompensas para os que se comportam bem.

Antes de prosseguir na discussão sobre as inquietações que a possível desordem pudesse estabelecer entre os jovens internos e semi-internos, cabe informar que a missa, antes celebrada em uma pequena capela, aos sábados pela manhã, passou a ser ministrada no amplo auditório, motivada pelo elevado número de alunos matriculados na “Cidade dos Meninos” e por uma reivindicação dos semi-internos que pediram para serem liberados na sexta-feira à noite (Cf Cap 1).

Uma funcionária argumenta que a instituição atendeu ao pedido por um motivo maior: a difícil situação financeira dos menores.

vo _no a o o _ _ o n no n u _ u
n u o n o n n q _ o cou o_ n^e 3

A reivindicação se mostrava justa, se prestigiarmos este argumento. No entanto, os semi-internos retidos pela “Ajuda Pedagógica” ficaram fora deste apelo e saem na

¹⁰³ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

sexta-feira após terem os seus nomes divulgados e voltam no sábado bem cedo para se juntarem aos demais internos que praticaram algum tipo de infração. Os maus filhos à casa retornam.

O auditório onde é celebrada a missa já tem os seus assentos demarcados, para que cada casa-lar, juntamente com os seus internos e mães-sociais ocupem as suas posições. Chamar de lugar seria proferir uma blasfêmia, neste momento. São meras demarcações oficiais, sem construção de identidades, vínculos afetivos ou desejos pessoais. São assentos, nada mais que assentos.

O auditório tem três níveis. As meninas semi-internas ganham destaque e ficam na frente, onde seria o palco em outros eventos sociais e assentam-se ao lado do altar e do Sr. Jairo que está sempre presente nas missas. Todos os meninos ficam na área maior, onde seria a platéia. Os internos ficam mais próximos do palco e os semi-internos se acomodam em seguida. O grupo de meninas internas fica na parte superior, bem atrás, onde comumente chamamos de “balcão” ou “torrinha”¹⁰⁴. Tudo está demarcado, territorializado. Fácil localizar qualquer pessoa durante a celebração da missa. Os que ficam mais à vontade nesta configuração e esboçam certa mobilidade são os coordenadores de setores, poucas mães-sociais, os disciplinários e o pesquisador¹⁰⁵. Voltemos ao abraço da paz e do desassossego.

Ao proferir a homilia seguindo a tradição cristã, o padre, em determinado momento, diz: “Irmãos, cumprimentai-vos uns aos outros como sinal do amor de Cristo”. Como é de se esperar de uma juventude bem comportada e sendo preparada para o mercado de trabalho, centenas de jovens se cumprimentam, mas o amor de Cristo parece ganhar ares festivos e muitos deles saem dos seus assentos

¹⁰⁴ Disposição dos assentos em 2006. No ano de 2007 houve mudanças.

¹⁰⁵ O pesquisador tinha livre acesso a qualquer assento nos dias da missa e liberdade para locomover-se da forma que achasse mais conveniente. Havia, da nossa parte, o cuidado para que esta mobilidade mais ampliada não atrapalhasse o sentido da homilia e a receptividade da pesquisa.

e se deslocam para outros mais distantes, para cumprimentar com abraços, apertos de mãos e tapinhas nas costas os personagens que simbolizam o amor vivido e compartilhado cotidianamente. Em outras palavras, diria que é a celebração da amizade. O ensinamento que nos aconselha a amar o próximo e permitir aproximação com os que não gostamos, não se afirma por completo neste momento. A aprendizagem cristã é posta em xeque.

No furor juvenil do momento inusitado da celebração litúrgica, uma voz, quase sempre a mesma no período em que a pesquisa de campo se desenvolvia, lembra em alto e bom tom, utilizando-se do microfone, que *v o cu _ n _ n*
o co u _ _ _ n o o x u o
oc z o . A surdez coletiva não corresponde aos apelos da ordem. Os mais exagerados pulam, demoram a voltar para os seus assentos, assobiam. A única regra não quebrada é a delimitação dos espaços masculinos e femininos. A linguagem do olhar exacerba o limite territorial proposto institucionalmente. A irreverência é contemplada no local da ordem e os espaços são usados para diversos fins, um deles, a sociabilidade.

O pesquisador então, com todo o cuidado para não perder a confiança adquirida, amplia a sua rede de sociabilidade, cumprimentando pessoas de diversas casas-lar e se deslocando um pouco durante o momento de saudação ao outro. A visibilidade de que o estranho não se envolve por completo na dinâmica local era necessária. Não houve punições para o pesquisador.

Um gesto coletivo chama a atenção no momento do “abraço da paz”. Os meninos e meninas não esquecem de cumprimentar as suas mães-sociais. Existem diversos tipos de abraços, que vão dos mais formais e rápidos aos mais íntimos, com palavras de afetos, apertos de mãos, pequenos beijos e sorrisos de ambas as

partes. Mães-sociais de outras casas-lar também são cumprimentadas frequentemente.

Já para os que teimam em não cumprimentar apenas os colegas que estão ao seu lado, veio a prescrição silenciosa de que este momento não se estabeleceria por um determinado período durante a missa. Durante algumas semanas o celebrante “pulava” o abraço da paz e recitava o “Cordeiro de Deus¹⁰⁶”. Em menor proporção, vários internos insistiam em se cumprimentarem, no momento que anteriormente era de aproximação física do outro. Este gesto demonstra uma ação mecânica, mostrando que estão cumprindo rigorosamente cada tempo da missa. Traduz o esboço de uma contestação necessária, silenciosa e democrática.

A contestação silenciosa é nítida nos jovens que não professam a religião católica, especialmente os evangélicos, que ficam calados o tempo inteiro, em uma celebração sem sentido para eles. Chama a atenção o fato de que, mesmo narrando que não sentem vontade de ir à missa, nos momentos de flexões físicas como levantar, sentar e ajoelhar, todos esboçam os mesmos movimentos, independente da religião que professam.

Neste gesto, percebemos limitações da autonomia individual ou solidariedade ao outro? Maquiar as nossas ações para que, a partir daí, sejamos vistos como bons, capazes de fazer concessões e não mostrarmos radicalismos com um grupo aparentemente maior em números pode ser uma alternativa para responder a esta questão. A atitude dos não católicos exprime, em certa medida, o medo de se exporem com facilidade. Uma minoria de pé ou sentada destoaria do quadro de unicidade do comportamento, representado por muitos jovens ajoelhados.

¹⁰⁶ Nesta parte da homilia, ao invés de convidar as pessoas a se cumprimentarem, o celebrante as induzia a proferir uma oração que tinha como título a expressão “Cordeiro de Deus”. Os cumprimentos eram anulados.

Como nem só de “abraço da paz” vive a celebração litúrgica, outras atitudes praticadas pelos jovens incomodam visivelmente a direção da instituição. Uma delas era o vigor em cantar as músicas religiosas que não passam de três ou quatro na cerimônia toda. As músicas davam margem para realizar pequenas coreografias que são cópias fiéis das transmitidas em programas religiosos veiculados em emissoras de TV, ou mesmo inspiradas na manutenção de antigos costumes repassados de geração a geração. Levantar e balançar as mãos com os periódicos semanais onde estão as leituras da homilia do dia, por exemplo, é uma manifestação religiosa que se mantém há muitos anos. Na “Cidade dos Meninos” os jovens católicos preservam a cultura religiosa e estimulam a inquietação. O olhar da ordem não percebe este detalhe.

A coreografia que motiva os jovens a cantarem os hinos religiosos na missa abre espaço para que eles elevem a entonação da voz. Impor a audição da sonoridade da fala no coletivo incomoda muito. Há uma verdadeira teia de fiscais estrategicamente localizados que olham, chamam a atenção e ameaçam os jovens que cantam muito alto ou mesmo gritam na profissão da fé. Mães-sociais pedem, cada uma a seu modo, que os jovens “não exagerem”, que “levem a sério a missa”, que “sejam adultos” e avisam que “está todo mundo vendo aquilo”. Os coordenadores de setores, os disciplinários e alguns dirigentes vão direto na expressão mágica que supostamente resolve problemas naquele contexto: “Ajuda Pedagógica”.

Na relação de trabalho que estes futuros profissionais irão enfrentar, a “Ajuda Pedagógica” se traduziria em “advertência”, “sindicância”, “processo administrativo”, “sanções disciplinares”. Os patrões possuem palavras mágicas e atitudes rigorosas

para “acalmarem” os seus empregados. Fazem parte das relações de trabalho. Prosseguiremos com o momento religioso semanal da CDM.

As músicas, que até o momento não foram eliminadas da missa citada, permitiam outra maneira de decompor a formalidade religiosa. Não encerrar o cântico, no momento adequado, é um exemplo disto. A repetição interminável de refrões ou da própria música por inteiro demonstra que os jovens “não levavam

O auditório vira uma festa quando a missa termina. Em alguns dias não houve indicações de semi-internos que cumpriram o retorno no sábado. Uma alegria coletiva contagiava os jovens que gritavam, batiam palmas, pulavam e se abraçavam. O descanso e o ócio são saudados. O bom comportamento também.

Um outro olhar sobre o estabelecimento da ordem nos chamou a atenção: todas as sextas-feiras, quando do encerramento da missa, os jovens começavam quase que mecanicamente (quase, porque foi possível constatar que havia os orquestradores deste movimento) a bater palmas. Como não houve uma interpretação correta e única do que significavam os aplausos e a quem eles se destinavam, uma das pessoas da coordenação proibiu esta manifestação, com o seguinte argumento:

o ou n n n o o_u .Você o n o n
 _c u u _ u o _ .Vá o _ c o _n o
 c _▼ o c _co o é u o o .

Até a data de encerramento da nossa pesquisa de campo, os alunos continuavam, após a missa, a se manifestar através das palmas, e a funcionária a alertá-los que aquilo era “feio” e “inapropriado”. O motivo para esta saudação coletiva indica o desejo de celebrar o término da semana e a certeza de que os deveres foram cumpridos. As diversas interpretações para explicar esta atitude estão postas. Os semi-internos retornam aos seus lares, instantes depois. O pesquisador, algumas horas depois. Os internos e mães-sociais, no próximo dia.

¹⁰⁷ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

2.8. Sobre bilhetes, pedidos, denúncias e apelos: a comunicação necessária entre criador e criaturas.

“Que é necessário sair da ilha para ver a ilha,
que não nos vemos se não nos saímos de nós”.

(SARAMAGO, 2001)

Os muros fechados evidenciam uma característica da nossa sociedade: a busca da padronização de condutas ou de comportamentos em um mundo tido como globalizado, diversificado e que traduz insegurança. A reprodução dos antigos costumes e tradições, tão relacionados aos movimentos religiosos, mostra-se presente em obras filantrópicas que têm como referência os seus muros. A “Cidade dos Meninos” é um exemplo de como os muros traduzem a idéia de segurança e organização amparada na perspectiva da abnegação da materialidade do mundo. As orientações ideológicas da ordem, da disciplina e da padronização das ações, contrapõem-se ao discurso social mundial da aceitação da diferença, da crítica à desigualdade, dos aspectos presentes nas polarizações e conflitos.

A “Cidade dos Meninos” cumpre as suas promessas e surge como um oásis, quando possibilita a diversos jovens da periferia uma oportunidade de aprender um ofício e ter um lugar para morar. O aprendiz almeja o ofício e, com isto, a garantia de um futuro próspero. A alma juvenil se incorpora na força de trabalho que é lapidada para a produção geradora de mercadorias. Os improdutivos estão fora desta engrenagem. O ócio é condenável, mesmo que necessário; torna-se sinônimo de preguiça, o pecado capital que mais incomoda os donos do capital.

O preço pago pelo simbolismo e resultados da produção é a padronização da conduta e a aceitação de regras, sem que se possa questioná-las ou confrontá-las diretamente. Há uma troca, uma relação de perdas e ganhos onde as regras são

previamente definidas e aceitas. O investimento é hoje, agora, sem concessões. O retorno é percebido como garantido.

Para a juventude, o ideal do trabalho fala mais alto do que se render aos apelos do lazer na periferia precarizada de equipamentos públicos e de qualidade de vida. Há uma discussão a respeito da troca e das concessões que derivam de tal proposta.

A sociedade propõe um acordo tácito que sustenta o funcionamento da “Cidade dos Meninos”. A instituição se propõe a trabalhar com as igualdades (impostas) e com o reconhecimento social. Quem se habilita a questioná-la?

O projeto tornou-se uma ____, algo sacralizado pela população local e que aparece como a terra dos sonhos (ou do nunca). Há de se enfatizar que a “Cidade dos Meninos” não se estrutura apenas no seu lado interno, vai além, transpõe os muros que delimitam o seu território e interfere na dinâmica de Ribeirão das Neves. Gera empregos, promove a educação, tem pequenos comércios de produtos como cadernos, roupas, lanches e até móveis. Distribui cestas básicas para a população pobre, participa de campanhas de prestação de serviços como a “Ação Global” e cede seus espaços físicos para eventos diversos. A CDM não se fechou em si mesma. Pensa no outro, mostra relações íntimas e diretas com o município. Faz parte dele.

Há um costume que permanece como prática freqüente na CDM: o envio de bilhetes escritos pelos menores para o idealizador do projeto social. Estes pequenos textos são escritos até o final das palestras sobre os valores morais, proferidas pelo Sr. Jairo. São entregues a ele ou a uma mãe-social que os repassa e, ao final da exposição oral, há a leitura pública de alguns deles. Esta prática comum traz

algumas particularidades que registram uma forma padrão de relação social própria da instituição.

O primeiro aspecto a ser considerado é o caráter coletivo dos bilhetes. São entregues para serem lidos perante toda a platéia. As manifestações são livres, mas o anonimato é vedado, assim como preconiza a nossa Constituição Federal de 1988, vigente hoje¹⁰⁸. O segundo aspecto é que os bilhetes aparecem, com frequência regular, como um fragmento de reivindicações individualizadas. Assim, diversos bilhetes que contemplem o mesmo tema (como a qualidade da comida, por exemplo) são lidos como queixa individual e não coletiva. Os aplausos que aparecem como complemento à leitura de determinados bilhetes reforçam a idéia do sentimento coletivo. A leitura dos bilhetes obedece a uma dinâmica formal: entrega/leitura/resposta (ou prenuncio de uma solução, caso sejam problemas). A palavra é ouvida. A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. (FOUCAULT, 1996, p.38)

A figura abaixo ilustra como se estabelece esta comunicação entre o empresário sonhador (e realizador) e os jovens futuros trabalhadores. A relação é distanciada no aspecto físico e todos obedecem rigorosamente ao que está estabelecido. “Alhos não se misturam com bugalhos”, afirma o ditado popular.

Aos jovens materialmente pobres que escrevem bilhetes semanalmente, preconiza-se que meninos não se misturam com meninas, internos não se misturam com semi-internos, funcionários não se misturam com alunos, criador não se mistura com criatura. O criador tem a árdua missão de cuidar do que produziu, alimentá-lo para mantê-lo vivo. (Fig. 08)

¹⁰⁸ Artigo 5º. / IV - É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

**ENTREGA DE BILHETES – A ORDENAÇÃO ESPACIAL DOS ASSENTOS NO AUDITÓRIO
DURANTE AS MISSAS SEMANAIS**

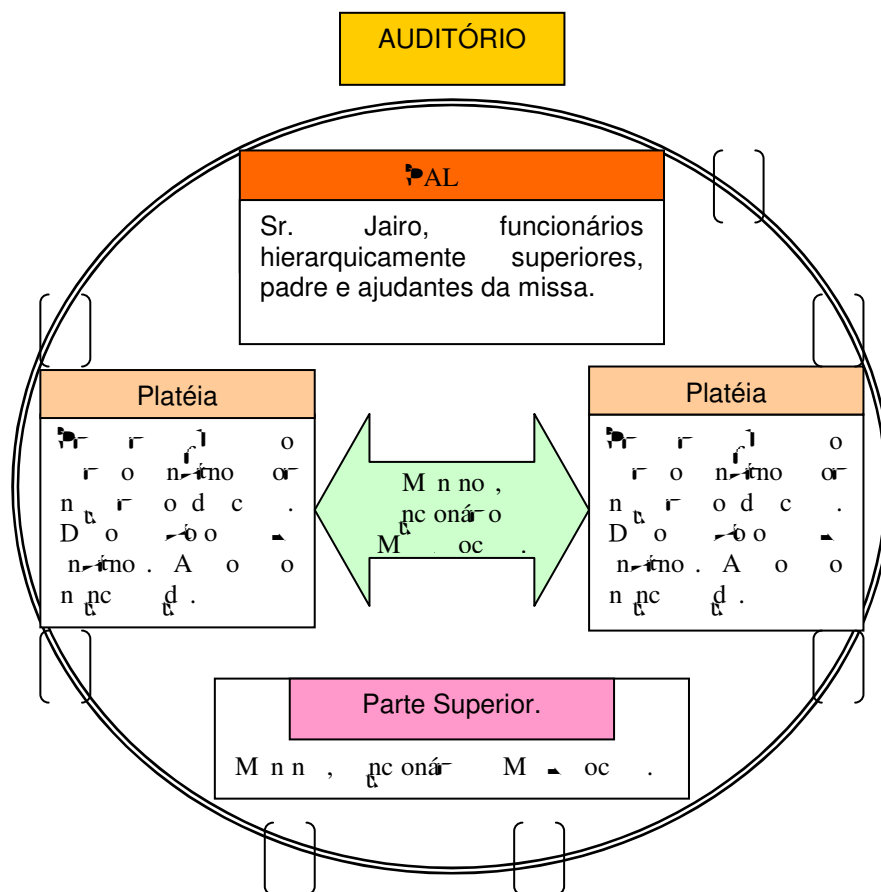


FIGURA:8 - A composição do auditório da CDM reflete as diversas situações cotidianas onde cada indivíduo tem um “local reservado” conforme o seu status, condição social, grau de escolaridade, saber científico, sexo religião etc. A família reflete esta lógica quando ordena os assentos nos espaços sociais reservados aos pais, aos mais jovens, ao hóspede, à criança etc. A família permite a ousadia de mudar, trocar de posições, aproximar corpos. Os colchetes [] significam os locais de entrada e saída do auditório.

Os bilhetes desvendam sentimentos, mostram tristezas, alegrias, rancores e esperanças. São descrições periódicas do movimento interno da instituição. Muitos deles são pedidos para a liberação dos alunos internos na sexta-feira ou mudança de alguns horários de atividades propostas. Um número menor de recados está relacionado a elogios à própria instituição. Estes são freqüentemente lidos e aparecem todas as semanas. Há uma repetição das queixas quanto às proibições

determinadas pela CDM, como o uso de celulares e bonés. Existem ainda denúncias, ironias, agradecimentos.

Um bilhete pode incomodar muita gente. Diversos bilhetes incomodam muito mais. Muitas vezes, o Sr. Jairo mostrou-se apreensivo com o baixo nível da escrita dos jovens. Anunciava, em alto e bom tom, que os meninos que cometeram erros relacionados à língua portuguesa deveriam estudar mais, prestar mais atenção quando estivessem redigindo um texto. Os ouvintes riam, comentavam a advertência do diretor da instituição. Perceber os erros alheios, às vezes, aparece como ironia.

Na percepção de uma mãe-social, os bilhetes, assim como outras práticas aceitas pela CDM, mostram que a instituição está deixando a rigidez de lado e cedendo cada vez mais aos desejos dos jovens. Na opinião desta pessoa, a CDM está perdendo o seu poder de controle sobre os meninos.

Antigamente aqui era melhor. Não tinha essa coisa dos meninos fazerem o que querem. O menino não tinha a opção de quere ficar aqui ou não. Ficava mesmo. A gente falava e eles obedeciam. Não existia este negócio de Conselho Tutelar. Telefone? Só quando a gente autorizava. Hoje eles saem a qualquer hora e vão telefonar. Só tem a idéia de que é proibido. É só você ir ali no orelhão que está cheio de gente. Não tinha este negócio de menino escrever bilhete pro Sr. Jairo. Agora ta tudo muito mais solto¹⁰⁹.

O discurso saudosista da mãe-social se assemelha aos daqueles que insistem em manter a ordem por meios mais arbitrários. A sua fala esconde e fantasia um pouco a situação do jovem que vive no internato hoje (2007). Diversas proibições são postas e seguidas à risca por todos os meninos e meninas da instituição.

Esta mesma mãe-social discorre sobre algumas perdas ocorridas do início do funcionamento da CDM até os dias de hoje. Uma delas é um maior contato com a família e com amigos. Houve um tempo em que, segundo a entrevistada, os alunos recebiam as visitas de familiares e amigos. Era na quarta-feira. Mas esta atividade

¹⁰⁹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2007.

foi extinta, segundo ela, “pelos motivos que todo mundo conhece”. Não falou diretamente sobre eles, mas insinuou que seriam as drogas e os furtos.

A coletivização da leitura dos bilhetes escritos pelos adolescentes repercutiu na sociabilidade dos jovens que vibram, em alguns momentos, com as notícias boas (a liberação das festas, por exemplo), ficam em silêncio com as chamadas de atenção a uma determinada casa-lar, riem, quando há humor nos textos, comentam os temas mais lidos. A leitura dos textos captura uma certa dosagem de autoritarismo e mandonismo. Descreveremos em seguida esta expressão.

A verbalização da escrita transformada em bilhetes passa por um ritual. Primeiro ocorre a palestra sobre os valores morais, depois há a leitura dos bilhetes com respostas ou comentários imediatos ao assunto posto em pauta pelos jovens. Logo após são veiculados avisos gerais, a seguir inicia-se a missa e são dados outros avisos e comunicações. Por fim, há a saída do auditório.

A palestra sobre valores morais em alguns momentos torna-se uma conversa informal, conselhos do dia-a-dia, provocações sem maiores desgastes. A entonação da voz do palestrante, no entanto, foi a mesma durante toda a pesquisa de campo: imponente, alta e acompanhada de gestos corporais como gesticular com os braços e pausas quando as conversas em paralelo incomodavam o discurso. Mesmo nos temas mais leves, o Sr. Jairo permanecia sério, concentrado e mantinha um ar respeitoso.

No início de 2007, uma das palestras proferidas por ele versava sobre os cuidados básicos que devemos ter no nosso dia-a-dia. Flatulência estomacal, mau-hálito, mau cheiro nas axilas, suores nos pés e educação à mesa foram os temas escolhidos para a exposição oral do dia. Muitas vezes a gargalhada era geral quando o auditório ouvia frases perguntando se alguém conhecia uma pessoa que

“soltava gases” em lugares não apropriados. Esta foi uma das poucas palestras em que o tom da pregação não se ancorou no sentido religioso, mas nos cuidados pessoais apenas. Em outra parte do discurso o orador dizia: “é importante que vocês saibam usar guardanapos. Aqui nós não temos ainda para vocês, mas é importante que vocês aprendam boas maneiras”. O Sr. Jairo não parecia expor suas idéias para jovens adolescentes. Neste dia houve uma quebra da rigidez dos temas morais e religiosos repetidos todas as semanas.

Os bilhetes entregues pelos jovens ao Sr. Jairo chamam a atenção por diversos fatores: um deles é a intimidade, compartilhada no coletivo, sem maiores constrangimentos. Os jovens inexperientes visualizam na maturidade do chefe-maior uma possibilidade de compartilhar as questões que os inquietam. Vejamos alguns exemplos:

Bilhete 1: O menino reclama que tem sido assediado por outro que mora na mesma casa. Pede que ele tome uma providência. Há risos gerais na platéia. A questão não aparece como algo sério demais para ser coletivizado, mas o empresário diz que este tipo de comportamento não deve ocorrer na instituição e que a homossexualidade é um desvio de conduta. Sugere que o estudante converse com a mãe-social sobre o assunto e fale a pessoa que o assediou que este comportamento não condiz com os princípios da CDM. Com o da cidade, possivelmente, pois permite o assédio e suas punições.

Bilhete 2: O menino pergunta porque não pode usar celular dentro da CDM. A resposta é imediata: “porque aqui é **“lugar para pobres”**”¹⁰. Se o menino ou a família tem dinheiro para gastar com celular, este jovem não deveria estar aqui. Deveria dar lugar a outro (jovem)”. A explicação é objetiva e traduz a idéia da obediência plena às regras claras e conhecidas por todos. A resposta reforça a

identidade do lugar como relacionada à pobreza material e não como o lugar da juventude.

A repetição desta mesma pergunta durante várias semanas faz do uso do telefone celular, uma espécie de reivindicação coletiva silenciosa. Reivindicamos maior acesso àquilo que significa avanço na comunicação, tecnologia, mídia ampliada. Há, por outro lado, a interpretação de que esta reivindicação está associada apenas ao consumismo instituído pela modernidade. O celular, assim como a moda, poderia acentuar possíveis diferenças de ganhos econômicos entre os seus proprietários e incomodar a manutenção da ordem.

Um número expressivo de mães-sociais dispõe deste tipo de comunicação, assim como professores, disciplinários, porteiros, secretárias, instrutores, cantineiras, telefonistas e zeladores. Alguns jovens internos, idem, só que de forma velada. Quando perguntados sobre quais regras eles descumprem com mais frequência, o uso de celulares é bastante citado nas respostas.

Bilhete 3: Interno reclama da qualidade da comida, especialmente o feijão, que segundo ele “tem muitas pedras que podem quebrar até os dentes”. A platéia esboça um tímido aplauso coletivo. Muitos internos sorriem. O criador da instituição não se sente intimidado, fala com tranqüilidade sobre esta questão, assim como as demais. Reforça que isto ocorre em todos os lugares, até em nossas casas. “O ruim é ficar sem comida como milhões de brasileiros”. É lançada a idéia da gratidão pelo direito ao alimento. Reforça, na sua resposta, que pedirá as cozinheiras um cuidado maior com esta questão. Os jovens se sentem prestigiados por serem ouvidos e, principalmente, por receberem uma resposta imediata do seu superior hierárquico. Quantas pessoas não desejariam ser ouvidas pelos seus chefes, representantes ou mesmo pela sua família? A cidade poderia amadurecer esta idéia também.

Bilhete 4: “O que é isto? Vou ler, mas você tem que reforçar as aulas de português com urgência. Não pode escrever assim! Peça a mãe-social para te ajudar nos exercícios”, diz o Sr. Jairo, referindo-se aos erros gramaticais freqüentes observados na escrita dos jovens. “A letra é péssima!” (fala em tom mais grave). O menino reclama que é “maltratado” pela mãe-social, que faz retaliações a ele e o colocou na “Ajuda Pedagógica” sem razão. A resposta: “Vou repassar para os coordenadores e eles vão investigar, para ver se você tem razão e tomar as medidas necessárias para que isto não ocorra mais”. Nas mensagens que contêm denúncias, os nomes das mães, dos funcionários ou o número das casas-lar são resguardados. Há a promessa de apuração de todos os casos, assim como possíveis advertências ou punições caso a denúncia seja comprovada. Consolidar-se o pensamento de que houve a audição do outro.

Outros bilhetes são fichas comuns nas leituras semanais. São pedidos de aplausos para a mãe-social da casa X ou Y” (que, aos poucos, foram sendo reduzidos pois provocavam “bagunça”. A solução encontrada foi pedir uma salva de palmas para todas, em um único momento); muitos agradecimentos ao Sr. Jairo e à CDM pela oportunidade dada aos jovens; solicitação de tempo maior para as atividades de lazer e esporte e liberação de bermudas, chinelos e bonés. O “Serviço de Atendimento ao Jovem” tem repostas imediatas, curiosas, objetivas. Cria ramificações e prestigia a comunicação direta. Os problemas, críticas e sugestões podem ser compartilhados com os coordenadores de curso, psicólogos e mães-sociais. O acompanhamento de toda esta dinâmica pelo idealizador da instituição faz com que os pobres se sintam prestigiados e de certa forma, atendidos. Saber ouvir é uma qualidade. Saber estimular a fala do outro, é uma arte.

Os bilhetes escritos pelos jovens são claros, objetivos, coerentes. Mostram as qualidades e falhas, que na opinião dos internos, merecem destaque. A CDM ganha, assim, uma (re)avaliação semanal curiosa: estimula que o seu grupo social mais expressivo em termos numéricos dialogue com a estância máxima da autoridade constituída. Qualquer um dos alunos internos ou semi-externos pode manifestar-se por meio destas breves comunicações escritas. Não houve registros que indicassem qualquer tipo de punição ou advertência aos que, por ventura, esboçassem opiniões contrárias ao que pensa a instituição. Nos registros das atividades de campo não houve leitura de mensagens que ficassem sem respostas, mesmo que algumas contemplassem, por parte da direção, o pedido de um tempo maior para análise da situação relatada.

No tempo da modernidade, que se consolida cada vez mais no imediatismo das ações como exemplo a ser seguido, a pausa para reflexão proposta pela filantropia demonstra que ainda é possível esboçar movimento contrário ao tempo do “tudo ao mesmo tempo, agora”. A leitura dos bilhetes anuncia um tempo diferente que prestigia, além da idéia da produção, o resgate do diálogo direto, muitas vezes inconveniente, entre pessoas que estão dentro de uma mesma conjuntura espacial.

A fórmula elaborada pela CDM para contemplar os bilhetes escritos pelos jovens como parâmetro de avaliação própria reduz, de certa forma, outras possibilidades de discussão sobre os seus avanços e retrocessos. Nestas breves comunicações entre os jovens e o principal dirigente da instituição na qual foram acolhidos, os adolescentes que não gostam de escrever, redigem mal na linguagem formal ou os que têm dificuldades em esboçar suas idéias por meio de bilhetes, ficam de fora da dinâmica proposta. É possível que estas pessoas refletiam sobre a importância da participação mais ampliada na avaliação de projetos e a necessidade

de uma maior especialização no domínio da linguagem escrita. Por outro lado, é possível que as estratégias de filtragem da opinião de possíveis avaliadores, reforcem a acomodação e o silêncio de quem, por outras vias, poderia se manifestar.

Outra consideração relacionada à leitura dos bilhetes, diz respeito à timidez, característica de muitas pessoas. Como as mensagens são entregues pelos jovens diretamente ao responsável pelas respostas, há de se considerar que alguns destes jovens fiquem acanhados em se deslocarem dos seus assentos para entregarem as suas mensagens. Algumas vezes, os coordenadores, mães-sociais ou monitores recolhiam vários bilhetes e os entregavam, sem que houvesse a necessidade dos seus autores se deslocassem.

Para os mais tímidos, pode ser um tormento escrever um pequeno texto que não permite anonimato e que será lido em público (não necessariamente o nome do autor é divulgado coletivamente). O olhar do outro marca o reconhecimento, descoberta, revelação. Mesmo em textos aonde não são contemplados coletivamente os nomes dos autores, os vícios de linguagem, as tinturas das canetas, o cuidado com o papel, a quantidade de rasuras, os tipos de reclamações ou elogios denunciam quem possivelmente os tenham escrito. Determinadas vezes, o responsável pelas suas leituras contempla oralmente estas características dos bilhetes. Frase como: “Nossa, que coisa feia: o papel está todo amassado!” ou “Não estou entendendo nada desta letra.”, cobram um cuidado maior com a tarefa que os jovens daquela instituição se propuseram a fazer.

Pequenas intimidades e os chamados “fuxicos” também podem promover recortes perigosos das identidades individuais no meio coletivo. Assim, se um menino diz em um dos bilhetes que foi assediado por outro que não o deixa “em paz”, é possível que as suas identidades sejam reveladas pelas fofocas, deboches

ou caricaturização da imagem do menino afeminado. A denúncia, neste caso, pode reforçar preconceitos, generalizações, estereótipos. Se algum jovem pergunta por que alguns funcionários namoram dentro da instituição, e eles não podem fazer o mesmo, os “fuxicos” denunciam, rapidamente, eventuais “namoradores”.

Evidentemente, esta não é a única forma dos internos e semi-externos se comunicarem com a Presidência da CDM. É, contudo, o meio mais direto e significativo encontrado. Assim, se estabelece uma comunicação onde não há esperas por reuniões, trâmites burocráticos, votações, conselhos. A decisão tomada por uma das partes, neste instante, não pode ser contestada. Necessita que seja cumprida imediatamente, sem ressalvas. Possíveis exageros ou erros na tomada de decisão do administrador-mor da instituição filantrópica podem ser discutidos com os seus assessores diretos em outro momento, de forma privada.

Quando o leitor das mensagens dos jovens diz que vai pensar sobre alguns assuntos colocados em pauta, ele preserva-se do perigo de errar nas suas decisões, que tendem a ser duradouras, pouco propensas a mudanças de imediato e exercita a sabedoria e a paciência. Na semana seguinte, as respostas são levadas ao conhecimento público através de seus funcionários ou dele próprio. Ninguém pode alegar desconhecê-las.

O Deus Cristão, para que pudesse ser interpretado como justo e generoso, teve que voltar atrás em uma de suas mais complexas e importantes decisões: permitir a execução pública do filho amado. Depois, percebendo o seu erro, encontra um modo de remediá-lo: institui a ressurreição. A morte do Filho simbolizava a perda da vida do Pai também. Ser Deus não é algo simples.

Coube, ainda baseado na tradição cristã, à Madalena, mulher arrependida de ter cometido alguns atos contrários à ordem social vigente naquele período, a

responsabilidade de divulgar a crença na vida eterna e, com isto, nos fazer entender que decisões tomadas, mesmos as divinas, nem sempre são definitivas. Podem ser certas ou erradas, simples ou complexas, permanentes ou de vigência limitada, boas ou más aos olhos de quem deve cumpri-las. Decisões provocam reações.

Voltado à discussão sobre a importância dos bilhetes na elaboração da ordem e da disciplina na CDM, vale lembrar que outros modos de comunicação entre os jovens e a Presidência da instituição estão colocados. Os jovens podem optar por levarem as suas inquietações, críticas e sugestões às suas mães-sociais, que as repassam para os devidos coordenadores de setores, coordenação geral, direção administrativa e depois, caso seja relevante, são levadas a uma esfera maior. Este processo pressupõe demora, burocracia, formalidade.

Os jovens podem ainda demonstrar seus dilemas e ansiedades através das suas famílias. Pais, mães, irmão e parentes mais próximos podem procurar, na mesma escala de hierarquia apresentada, os funcionários responsáveis para tratarem de assuntos relacionados aos menores sob sua responsabilidade. Estes assuntos vão da convivência desgastada do jovem com a sua mãe-social até a preocupação com o aproveitamento escolar do estudante. Nestes casos, não há a necessidade de agendar horários com antecedência, preencher protocolos ou fazer relatórios. A comunicação, muitas vezes, tem retorno já na base da pirâmide da hierarquia funcional da instituição. A Presidência fica mais disponível para ouvir os seus jovens. Não há, para as demais pessoas, como ser recebido diretamente pelo criador da instituição.

Os bilhetes agregam aos jovens a idéia de pertencimento ao lugar. Nele, estes meninos e meninas se fazem reconhecidos, criam identidades coletivas e particulares. Dividem o mesmo espaço e constroem territórios próprios. A cada

leitura pública de pequenos textos escritos por eles, consolida-se uma valorização dos seus atos, das suas ousadias e das suas capacidades de reflexão sobre o espaço vivido e a vida cotidiana. Mesmo que não aconteça a exposição oral das mensagens destes jovens, constitui-se prática saudável a reflexão íntima e pessoal acerca de si mesmo e dos que fazem parte do seu grupo. A cidade nem sempre contempla esta possibilidade. Os “excluídos” formulam modos de inclusão que marcam a sua existência: amparar-se na imagem do homem trabalhador é uma delas.

A CDM usa a rigidez como elemento necessário para criar oportunidades de inserção para aqueles que vivenciam a diminuição das possibilidades de usos e apropriações da cidade. Há, em Ribeirão das Neves, uma desconstrução da idéia de que ela se movimenta apenas em função dos seus presídios. Não estabelece, no entanto, formas de se reconhecer pelos seus dilemas, contradições e possíveis acertos. Como não se encontra, o município dá margens para que o discurso de “aproveitar melhor o tempo” seduza os seus jovens moradores em um contexto mais reduzido.

CAPÍTULO 3

“Vai trabalhar, vagabundo

Vai trabalhar, criatura

Deus permite a todo mundo

Uma loucura”.

Chico Buarque

3. A sociedade fabril: as transformações humanas para o trabalho na metrópole a partir da “Cidade dos Meninos”.

“É certo que a riqueza e a prosperidade material exigem atividade, trabalho”.

(BONFIM, 2002)

Estamos celebrando o novo século com a percepção clara, e de certo modo imposta, de que é necessário cada vez mais nos qualificarmos para obtermos sucesso na área profissional em que atuamos. Não basta apenas apresentar talento e disposição para o trabalho; isto é pouco para o mundo da produção, intimamente atrelado à busca do lucro. Assim como a sociedade, o mercado cobra mais dos seus trabalhadores.

Urge mostrar que a classe operária moderna possui especialização, domínio prático de pelo menos uma atividade relevante, significativa. Caso contrário, os que trabalham serão peças comuns e desvalorizadas neste cenário, onde a competição mostra que não há lugar para todos na mesma proporção. Alguns, por certo, ficam à margem desta dinâmica. Todos, no entanto, ficam ansiosos por se mostrarem cada vez mais especializados, competitivos. O temor da “exclusão” se estabelece nas áreas técnicas e científicas.

Martins (1996, p.26) salienta que “deveria se entender a exclusão como aquilo que constitui o conjunto das dificuldades, dos modos e dos problemas de uma inclusão precária e instável, marginal”. A “exclusão”, então, é resultado de um processo de inclusão fragmentado, empobrecido, mas que pressupõe sentidos na sua existência. O conceito de “exclusão”, por si mesmo, não explica as raízes dos problemas sociais. Não se pode percebê-lo como conceito isolado.

No espaço urbano de Ribeirão das Neves, a “Cidade dos Meninos” é entendida pelas famílias materialmente mais pobres como se fosse uma saída para os dilemas vivenciados no município. Com a garantia de que a violência, o alcoolismo, as drogas e o ócio não chegarão aos jovens, a instituição filantrópica surge, para estas famílias, como um bem, um investimento seguro no futuro (e no presente) de tantos rapazes e moças.

Ao saírem dos dilemas e conflitos do município, certamente estes jovens vivenciarão outros desencontros próprios da vida coletiva. O espaço criado não os livra do convívio entre diferentes percepções de mundo. Há a manutenção do aspecto religioso na formação profissional e uma nítida e singular repressão sexual. Os que escaparam dos dilemas do urbano na periferia metropolitana mineira, vivem os inconvenientes das imposições cotidianas tidas como necessárias.

A porta de entrada da inclusão social está pronta para acolher muitos jovens e torna-se uma condição espacial que se organiza no município oferecendo como instrumento de “inclusão”, a formação para o trabalho. Os pobres meninos, inicialmente não trabalhadores, entrarão na lógica do automatismo da vida cotidiana buscando tornar-se peça reconhecida na engrenagem do mundo da produção.

As regras, muitas delas severas, são colocadas pela “Cidade dos Meninos” para que estes jovens cheguem ao que se entende por inclusão, através do trabalho. Os meninos e meninas que buscam alcançar este objetivo, não entendem a imposição de regras como um fardo, mas como exercício necessário para que os resultados sejam alcançados. Na condição em que se encontram estes jovens (materialmente, socialmente e espacialmente), a exclusão só não é total, porque eles estão vivos para sonharem e insistirem em serem reconhecidos como peças atuantes do mundo do trabalho. A perspectiva da inclusão existe e se materializa na

“Cidade dos Meninos”. Os excluídos da cidade (e do espaço urbano) ganharam uma espécie de inclusão fragmentada, temporária, mas repleta de simbolismos. Devem agradecer por esta chance.

Mesmo com a qualificação tida como defasada, a CDM se afirma para aqueles que não tinham nenhuma esperança de se incluírem como trabalhadores, como espaço das possibilidades. Os jovens “preparados” para o mercado, porém desprovidos de equipamentos, estão além da perspectiva almejada por muitos adolescentes do município. A defasagem faz parte da modernidade, pois nela habitam diversas temporalidades, inclusive as das técnicas. A CDM torna-se o espaço das possibilidades de inclusão e isto é um ganho. O espaço urbano possibilita outras maneiras de interpretar o sentido da inclusão.

É certo que no âmbito da produtividade essencialmente voltada ao ganho de capital, não contemplamos amplamente o sentido de vivência coletiva. Desabonamos a preocupação íntima e sensível com o outro e nos tornamos cada vez mais individualizados dentro de uma engrenagem econômica exploradora e travestida de democrática. Produzimos para o mercado e nele nos amparamos para que a vida adquira sentido mais consolidado. Nem só de emoção vive o homem.

O mercado nos distingue, nos dá identificações múltiplas, nos atrai. Somos percebidos como clientela “ouro”, “prata” ou “diamante” a partir da relação de consumo com bancos, cartões de créditos e hotéis. Somos “VIP’s” ou “Standards” se as referências tomadas forem os investimentos que fazemos em aplicações financeiras, fundos de investimentos, mercados de ações, operações no mercado de capitais. Na relação de consumo com os canais de TV à cabo, a clientela “Confort” anuncia que não há tempo real disponível para ver a totalidade da programação dos canais contratados, mas é necessário sentir-se integrado ao mundo com a aquisição

de canais ingleses, franceses, espanhóis, italianos, chineses e árabes, assim como adquirir um “pacote completo” de canais que exibem filmes que vão das comédias aos clássicos hollywoodianos. Ter mais de 180 opções de canais de TV é *ou o* na percepção de muitos. O branco, o azul e o vermelho da companhia aérea ressaltam que alguns clientes devem ser mais prestigiados que outros no atendimento, na acomodação na aeronave, no despacho das bagagens. A boa mercadoria exhibe suas cores, mostra desigualdades. As estrelas, que não existem mais apenas para embelezar as noites e mostrar a grandeza do universo, definem diferenças de tratamento nas relações de consumo em diversas áreas. As estrelas cadentes, sem muitos brilhos, não têm valor algum, neste caso.

Este sistema de reconhecimento utilizado pelo mercado, inclui e exclui, prestigia e desconsidera, fomenta as individualidades, fragmenta as humanidades e reforça estereótipos. Sentidos são criados para que vivamos felizes por podermos saldar dívidas, renovar o vestuário ou trocar frequentemente os bens de consumo renováveis, que vão de casa a automóveis, de jóias a telefones celulares. A utopia do consumo desmedido esfacela relações sociais que prestigiam o diálogo e a convivência coletiva mais ampliada.

Neste contexto, naturalizou-se a idéia de que os espaços precisam ser divididos e apropriados apenas por quem tem “direito” ou “identificação natural” com eles. Assim, os imponentes shopping-centers são criados para os usos e apropriações dos mais abastados materialmente e os populares “camelódromos” se colocam à disposição dos pobres, que também estão integrados na ideologia do consumo. Na cultura dos pobres, a posse marca presença, remete a níveis de significação múltiplos: os objetos definem um estilo de vida (PERROT, 2004, p.100).

As ruas, especialmente nas grandes cidades, já foram tomadas pelo apelo publicitário veiculado em outdoors, sinais luminosos, faixas e anúncios comerciais. Publicidade e ruas esboçam uma relação naturalizada de ocupação de espaços públicos e valorizam a imagem do urbano circunscrito ao apelo mercadológico. Não há urbano sem mercado.

Deliberou-se, no entanto, que a rua não é para todos em tempo integral, é lugar de passagem, de apreciação do efêmero, do movimento constante. Não pode ser o local da formação de vínculos permanentes, pois esta possibilidade incomoda, gera perigos. Parar, permanecer, apropriar-se, morar na rua, gera mal-estar coletivo, contempla a perspectiva da desordem. Para os que têm moradia fixa, automóveis e segurança esta assertiva faz sentido. Quem pode, afinal, tomar as ruas para si?

Lefèbvre (1999, p.29-30) aponta traços que ajudam a entender a ocupação das ruas quando expõe argumentos “a favor da rua”.

A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem as quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. Quando se suprimiu a rua (desde Le Corbusier, nos “novos conjuntos”, viu-se as conseqüências: a extinção da vida, a redução da “cidade” a dormitório, a aberrante funcionalidade da existência. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. A rua é a desordem? Certamente.

A imagem de cidade perfeita e organizada se destina, prioritariamente, aos turistas e aos especuladores imobiliários. A reprodução (e vivência) da cidade real, controversa e inteira, pertence aos que nela habitam. A lógica do consumo dita regras, organiza a própria vida cotidiana. Constrói sonhos e promove pesadelos. Não ser consumidor voraz pode significar a perda do sentido da existência plena na cidade.

O individualismo visível da sociedade dita moderna se apresenta alicerçado, além da idéia do consumo, no discurso da segurança, da preocupação com o bem-estar dos grupos ou pessoas aos quais estamos mais intimamente vinculados e na ampliação mais notória do distanciamento da intimidade com o outro. Esboçar proximidade com as demais pessoas não insinua mais compartilhamento, interação, compromisso. A intimidade revelada, agora ganha sentido de fofoca, futilidade, “mexerico”. É importante que cada um cuide da sua vida, que não se preocupe ou opine sobre a vida do outro (a comumente chamada “vida alheia”). A sociedade cobra a preservação da intimidade individual e coletiva, ao mesmo tempo em que programas de acompanhamento, em tempo real, da vida íntima de algumas pessoas batem recordes de audiência em programas de TV¹¹¹.

Por outro lado, a privacidade da vida íntima é desconsiderada quando a idéia de vigilância toma o seu lugar. Abdica-se, assim, do direito individual, para promover o ganho coletivo. Em Belo Horizonte, uma parceria entre a Polícia Militar do Estado e comunidades de bairros mais violentos e pobres, criou o sistema “vizinhança atenta”, que estimula moradores a usarem apitos quando perceberem algo “estranho” nas ruas em que moram.

Assim, os vizinhos dividem com os demais moradores os horários de saída e chegada às suas respectivas residências, divulgam os nomes e fotos das pessoas com as quais namoram, estudam ou se divertem, e assim por diante. Cria-se uma intimidade arbitrada em nome da segurança de todos. A fofoca como elemento significativo da vida coletiva, tende a “desaparecer” destes bairros. Aos poucos, se transforma em “olhar vigilante”, denúncia, caso de polícia. Não há fofocas sem

¹¹¹ O programa “Big Brother Brasil”, veiculado pelo sétimo ano consecutivo na TV Globo, é exemplo de como a curiosidade em observar o comportamento do outro em um espaço previamente definido e sem as surpresas do cotidiano real, pleno, pode suprir o desejo não permitido socialmente de observar a vida dos outros sem se sentir censurado pelos demais.

pequenos segredos, cochichos, ações surpreendentes, flagras, quebra dos padrões estipulados, “bate-boca”, certa reprovação coletiva, mentiras, exageros e conchavos. Fofoca não combina com previsibilidade.

Aparentemente, a estratégia da Polícia Militar não dá margem para que se revelem, paulatinamente, os motivos pelos quais determinado morador chega em casa unicamente durante a madrugada, quem é o pai da criança do apartamento ao lado, se a mulher que usualmente usa roupas em tons sombrios fez promessa ou mantém luto permanente. Abriu-se a intimidade, fechou-se o cerco a possíveis surpresas no mundo da convivência coletiva. Tudo passou a ser planejado e aceito.

A mesma corporação militar instituiu um outro grande programa de controle da intimidade (e da violência) na capital mineira. É conhecido como “Operação Olho Vivo”. Foram espalhadas câmeras de vídeo que monitoram toda a região central da metrópole, em tempo integral. Todas as imagens são transmitidas instantaneamente para uma central de acompanhamento, que avisa aos policiais de plantão quando há anormalidade ou situações que necessitem da presença da polícia. De acordo com as situações registradas, poderá haver intervenção policial imediata.

A produção e a especialização para o mercado de trabalho ganham novos sentidos a cada dia, assim como a relação de intimidade com outras pessoas. Hoje, as aproximações entre os humanos podem ser apenas virtuais, enigmáticas, emblemáticas, com sabor de intimidade não consolidada de fato. Na virtualidade, choramos e gritamos sem verdadeiramente derramarmos lágrimas ou elevarmos a entonação da voz. Perseguimos o homem ou a mulher amada em qualquer parte do planeta, muitas vezes sem termos condições monetárias de nos deslocarmos da nossa casa até um outro bairro. A ilusão cria no homem necessidades.

Na experiência real, vivida, é necessário produzir para que o consumo ganhe sentido. Sem produção e sem produtos disponíveis, não há consumo. Sem que trabalhadores recebam os seus salários, não há gastos com mercadorias. Trabalhadores passam a ter, em um segundo momento, a identidade de consumidor. Faz-se necessário criar uma intimidade entre o trabalho e o consumo. Em determinadas situações, o sofrimento é peça fundamental para que a lógica do mercado se concretize. Materializa-se a existência do homem enquanto a máquina da produção não pára. Masi (2000, p. 55) reflete sobre o sentido da afirmação do trabalho como algo indispensável na vida moderna e que reforça as diferenças de classes sociais.

O trabalho é indispensável porque produz riqueza. Mas nem todos os trabalhos, para produzi-la, obrigam a sofrer; alguns são agradáveis, até glorificantes; outros são cansativos, desagradáveis, repugnantes. Quase todos os trabalhos agradáveis são monopolizados pelas elites, os outros são delegados às máquinas ou aos animais ou são impostos aos escravos, aos forçados, aos estrangeiros, aos indígenas e por último, às classes médias e compostas de empregados, de funcionários e profissionais que se iludem de pertencer às classes dominantes mas que, de fato, representam uma nova forma de casta dominada.

Os degradados da máquina produtiva são necessários e expressam uma característica da sociedade moderna: a percepção do outro, tomando-se como referência o potencial da nossa força de trabalho para um mercado cada vez mais especializado e seletivo. O trabalho é a matriz da percepção coletiva de quem é “produtivo” ou não. Nesta perspectiva, o emprego ganha status de promotor da economia, mesmo que represente, em outra ótica, apenas a exploração econômica do homem e das suas potencialidades técnicas.

Entender a proposta de criação da “Cidade dos Meninos” como fonte inspiradora de preparação para o mercado de trabalho juvenil, passa por algumas observações particulares a partir da vivência do trabalho de campo na instituição. Uma destas observações diz respeito ao enaltecimento e à pronta aceitação das

posições de chefia em oposição ao enfraquecimento e adestramento das camadas hierarquicamente inferiores nesta relação.

A CDM aparece com uma organização similar as das empresas porque, de certa forma, também se constitui como uma. Cumpre um papel social relevante em Ribeirão das Neves e opera com uma racionalidade do lucro que vai para além dos investimentos econômicos. O lucro, nesta perspectiva, é ser reconhecida para além do município na qual se instalou. É ser contemplada publicamente como um projeto que logrou êxito junto a uma legião de jovens que buscam, no trabalho, o seu objetivo maior. É realizar, anualmente, “o maior churrascão da RMBH¹¹²” e com esta iniciativa, incentivar o deslocamento de centenas de pessoas até Ribeirão das Neves para prestigiarem algo que falta no município: a festa.

Na formulação empresarial voltada meramente para os lucros e o mercado, dialogar com os donos de empresas é uma prática que, na prática, não tem sentido. São delegadas tarefas e profissionais para que o distanciamento corporal e profissional entre os hierarquicamente maiores e menores seja perceptível e aceito. Nas empresas convencionais não há voz ativa, há silêncios convenientes e prescritos. Em todas elas, há trabalho, muito trabalho.

No lugar que lida cotidianamente com jovens de diversas idades, religiões e realidades distintas, conversar com o dono da empresa na qual fazem parte, é um ganho. O tempo para o diálogo é um ganho em uma sociedade sem tempo para determinadas ações.

Nas relações trabalhistas, trabalhadores e patrões têm óticas diferentes em relação a temas diversos, mas não podem e não devem viver em conflitos para que os resultados positivos apareçam. Este é o ponto de destaque na relação ensino/aprendizagem proposta pela instituição cristã, filantrópica e admirada por

¹¹² Frase utilizada na divulgação publicitária deste evento.

muitos jovens que sonham em entrar no mercado de trabalho (a princípio, como empregados). O empregado, contudo, quer tornar-se patrão em um segundo momento.

Os jovens que vivem e moram na CDM percebem na instituição filantrópica, um meio para se chegar melhor preparados ao mercado de trabalho. Muitos deles não sabem ainda que profissões pretendem exercer no futuro, mas carregam a certeza de que os cursos profissionalizantes oferecidos pela CDM os ajudarão na carreira que escolherem. A intimidade, como nas ações policiais citadas, precisa ser revelada, acompanhada em tempo integral para evitar contratempos futuros.

Frases como “a CDM nos ajuda a ter uma boa formação”, “com os cursos profissionalizantes que a gente faz aqui é mais fácil conseguir alguma coisa lá fora”, ou “aqui a gente aprende muita coisa” foram ouvidas com bastante frequência. É a repetição daquilo que a CDM coloca na divulgação dos seus cursos profissionalizantes. A repetição transforma-se em uma verdade.

Em conversa com os internos, várias críticas foram feitas à forma de comunicação estabelecida entre a CDM e os jovens, aos alimentos servidos nas refeições e aos problemas referentes às casas-lar, nas quais a intimidade exposta aparece como um deles. No entanto, os internos não se pronunciaram negativamente em relação aos cursos nos quais estavam matriculados. Mesmo os alunos que não estavam cursando o módulo que pretendiam, afirmavam que vale a pena aprender “qualquer coisa”. A preparação para o mercado de trabalho coloca-se, então, como o alicerce de sustentação da CDM. O trabalho, visto como castigo e punição em muitos momentos da nossa história, abre espaço para o desenvolvimento dos sonhos, da utopia juvenil. Trabalho é sonho.

A narrativa de um funcionário da “Cidade dos Meninos” mostra como, naquela instituição, ser uma boa peça na engrenagem da máquina produtiva passa pela obediência silenciosa aos anseios dos hierarquicamente maiores. Quando há contestações, elas não são feitas de forma ruidosa, mas podem ocorrer. No primeiro relato, há a pura descrição da relação de poder e de mando, de satisfação das vontades pessoais e dos caprichos do mandante. Patrão e empregado chegam a um consenso: que agiram dentro do estipulado como prática socialmente aceita na relação de trabalho.

Quando o Sr. Basílio¹¹³ precisa de alguma coisa, ele não pede não, ele manda! Outro dia eu estava ali “olhando” os meninos e ele me mandou pegar a kombi e buscar um material pra ele lá em Belo Horizonte. “Larguei” os meninos aqui e fui. Quando eu cheguei ele foi perguntar porque eu tinha deixado os meninos aqui. Dá pra entender? [...] O quê? Dizer que não podia ir? Você tá louco?¹¹⁴

Outra funcionária, em diferente ocasião, estranhou o pedido do seu chefe para verificar se os meninos estavam limpos e “cheirando bem”, pois eles faziam parte do curso de garçom e iriam trabalhar em uma festa beneficente na capital mineira. Ela conta, de forma bem humorada (e lamentável), o episódio:

Seu Eliseu¹¹⁵ deve estar doido. Me pediu para “cheirar os meninos” e “ver se eles estavam limpinhos” porque estava com medo deles não terem tomado banho direito. Vê que coisa mais sem sentido? Vê se eu vou ficar cheirando menino por aí. É cada coisa que ele pede que só vendo¹¹⁶.

A narradora debocha do pedido, mas não relata, de forma clara, se contestou, de fato, o que lhe fora proposto pelo seu chefe. No mercado de trabalho, ordens sem lógica ganham tons de intimidação e falta de clareza do que seja a atividade de cada funcionário. Trabalhadores exercem funções diversas, são coagidos a estarem prontos para qualquer tarefa que lhes seja pedida. Devem se mostrar disponíveis, alertas, como Jesus quando da vigília com seus apóstolos.

¹¹³ Nome fictício.

¹¹⁴ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2007.

¹¹⁵ Nome fictício.

¹¹⁶ Depoimento funcionário atual da CDM (2006). Vale lembrar que assim como as demais atividades da CDM, o tempo disponibilizado para o banho, é regulado pela instituição.

Hoje, os trabalhadores que ficam hierarquicamente na base do mundo do trabalho quase não conseguem estabelecer mudanças mais profundas no que está normatizado pelas empresas. Não podemos desconsiderar, claro, diversas conquistas advindas dos movimentos das classes trabalhadoras organizadas que lutam por melhorias condições no exercício da profissão. As categorias profissionais não endossam, no entanto, propostas mais ampliadas de desconfiguração do que está normalmente estabelecido pela classe patronal. A quietude dos atos é uma característica positiva na perspectiva de quem detém o poder. O dinamismo e os questionamentos soam como “perigos” para as corporações financeiras.

A determinação do chefe para que a funcionária verificasse os níveis de odores dos jovens aprendizes de garçom demonstra que há, em certa medida, preocupação específica e exagerada com este grupo. Garçons não podem transmitir a idéia de descuido com a aparência e com a higiene pessoal. Evidentemente, há modos mais formais de verificar se determinados grupos estão prontos para o exercício do trabalho. Cheirar o outro pressupõe intimidade, informalidade, desejo permitido. Sem a anuência de quem é “cheirado”, caracteriza-se aí o que o Direito entende como assédio moral.

Em uma das casas femininas da CDM havia uma jovem tida pela instituição como “líder negativa”. A expressão “líder negativa” foi utilizada por uma das representantes da instituição para identificar as jovens que contestam as imposições da ordem. A jovem aprendiz chamava a atenção dos coordenadores de setores por suas atitudes, trejeitos e modos de se comportar. Diziam que esta jovem influenciava as demais colegas. Segundo consta, a jovem citada teria elaborado um abaixo-assinado entre as internas, para pedir a transferência ou exoneração da mãe-social da casa onde elas habitavam. Uma das coordenadoras, ao vê-la caminhando em

fila, mostrou-nos, assim como para outros funcionários, a “petulante”, que “não sabe ficar quieta um minuto” e que “só quer provocar confusão na casa”. “Olha o jeito dela”, disse a funcionária.

O olhar do pesquisador via uma jovem inquieta, que mais tarde enfrentará o mercado de trabalho e lutará para se estabelecer com mais propriedade na dinâmica da produção voltada para o consumo. É possível que não atenda às expectativas das empresas que, por ventura, a contratem. Talvez seja, de fato, uma liderança negativa.

A “Cidade dos Meninos” é identificada como o lugar de preparação para o mercado de trabalho. Esta percepção está registrada nos diversos panfletos da instituição que salientam a importância dos seus muitos cursos profissionalizantes para a formação dos futuros jovens trabalhadores. Uma cidade não existe sem chaveiros, bombeiros hidráulicos, mecânicos de automóveis, digitadores, eletricitas, padeiros, manicures, cabeleireiros, pintores, administradoras do lar, entre tantas outras categorias profissionais. Estes profissionais, que não podem ser esquecidos ou desconsiderados, em alguns momentos vivem sem o pronto acolhimento dos demais personagens que fazem parte desta mesma cidade. Não compõem as categorias profissionais entendidas como “especializadas” ou “essenciais”.

Assim, existem na “Cidade dos Meninos” cursos profissionalizantes que prestigiam a área comercial (operador de telemarketing, por exemplo), o artesanato (bordados, confecção de bijuterias), os serviços (garçom, pizzaiollo, recepcionistas), a tecnologia (manutenção de computadores, informática) e os mercados de trabalho novos e em expansão (estilismo e moda, administração do lar). Estes exemplos caracterizam a versatilidade da instituição na oferta de cursos preparatórios para o

mercado de trabalho. Ela sai na frente das políticas públicas locais na promoção do emprego e renda.

Cabe registrar que em **todas** (o grifo é nosso) as reuniões ocorridas e nas conversas informais com os jovens internos da CDM, as referências positivas aos cursos profissionalizantes aparecem. Organização e seriedade dos instrutores são pontos em destaque. Expressões como “os cursos aqui são ótimos” e “eu vim por causa dos cursos” foram repetidas numerosas vezes. Os cursos profissionalizantes são a matriz propulsora do funcionamento da instituição. Sem a procura pelos cursos, a CDM não teria o sentido que até hoje adquiriu.

Outra característica que merece destaque na preparação destes jovens para o mercado de trabalho, pela CDM, é a junção da perspectiva técnica, repetitiva e usual aprendida nos cursos oferecidos, com as responsabilidades advindas do compromisso de ser aprovado nas escolas não profissionalizantes mantidas pelo Estado e gerenciadas pela instituição pesquisada. O futuro empregado é mais do que um técnico. É, igualmente, um bom estudante do ensino regular. Adquire uma especialização maior do que diversos outros jovens do município que, às vezes, não freqüentam cursos regulares de ensino fundamental ou médio quando estão matriculados em cursos profissionalizantes ou vice-versa. As escolas da CDM oferecem reforço escolar aos alunos com dificuldade de aprendizagem.

Ao terminarem o período de recolhimento temporal em busca de um objetivo na vida, os jovens aprendizes da CDM sairão técnicos com uma experiência ímpar no que se refere a formação individual de cada um deles. Serão reconhecidos por serem um dos meninos que passaram pela “cidade”. Nem todos querem passar pela cidade. Ela não é para todos.

Para os menores de 12 anos, são oferecidas apenas oficinas que destacam o lazer, o esporte e a arte. É uma prerrogativa estabelecida no Estatuto da Criança e do Adolescente e seguida com fidelidade pela CDM. Os cursos vão da natação ao judô, da flauta ao artesanato, do violão ao “street dance”. São oficinas que promovem a sociabilidade com tons menos formais que os oferecidos pelos cursos profissionalizantes mais clássicos. Há, ainda, futebol de campo, vôlei e basquete.

O jovem aprendiz da CDM, que se reconhece como mais privilegiado do que os demais adolescentes do município em relação ao acesso à educação, se identifica com os demais internos matriculados nos mesmos cursos profissionalizantes. Nos grupos de aprendizagem, as pessoas não são vistas como possíveis concorrentes, mas como colegas de estudo que compartilham a mesma faixa etária, estatura, vida cotidiana e, em alguns casos, o mesmo sexo¹¹⁷. Quando saem para a área externa da instituição, os jovens podem compartilhar ainda o mesmo transporte, no retorno às suas residências, os mesmos bairros de moradia, as mesmas expectativas em relação ao futuro profissional e os mesmos medos que a cidade violenta e pobre produz.

Na CDM, as escolas de ensino regular cumprem o seu papel de fomentar redes de sociabilidade em pessoas e grupos distintos. As salas de aulas são mistas e a junção dos alunos é estritamente feita por série cursada. No intervalo de aulas, o clima é de descontração e interação coletiva, mas os possíveis exageros precisam ser contidos, como acontece nas empresas.

A vigilância dos funcionários no horário recreativo e de pausa nas aulas, mantém a idéia da permanência da hierarquia e da ordem e deixa os alunos de certa

¹¹⁷ Um exemplo de compartilhamento e de reconhecimento do outro, pelo sexo, está no curso de Administração do Lar, que é exclusivo para pessoas do sexo feminino. Em outros cursos, a estatura dos jovens dá o tom do possível reconhecimento do outro, como é o caso do curso de Marcenaria, onde os próprios instrutores relatam que é “perigoso”, para o menino de baixa estatura, lidar com os equipamentos disponíveis, abrindo assim, espaço para os mais altos em estatura.

forma, constrangidos, mesmo com a assimilação comum das proibições estabelecidas pela instituição. No grupo de funcionários das escolas há pessoas de idade, sexo e grau de formação acadêmica diferenciados que não “descuidam” dos jovens por um instante sequer.

Outra forma de interpretação da vigilância constante dos funcionários das escolas, na hora do intervalo, e na saída dos alunos, pode estabelecer uma relação de cuidado com a integridade física dos jovens matriculados nestas instituições. O cuidado com o outro é uma reivindicação antiga e não chega para todos. Com a vigilância constante, a possibilidade de ocorrer uma briga entre estudantes ou de haver uma ofensa verbal qualquer, por exemplo, é quase nula. Os olhos de quem vigia, estão sempre abertos.

Na escola estadual, em um dia de pesquisa de campo, presenciamos a então nova diretora parar todos os alunos na saída da unidade de ensino para “controlar a bagunça” que os jovens estavam provocando com a permanência deles na área externa. Ela pedia a todos que saíssem com calma e não permanecessem mais ali depois das aulas. Algumas funcionárias ajudavam no controle dos jovens. De vez em quando algumas frases soltas, como “Ajeita esta roupa.” ou “Anda logo!” estimulavam os jovens a tomarem as posturas idealizadas pela CDM. Uma funcionária termina a interlocução com os alunos e com a pesquisa dizendo que “todo dia é isto, essa bagunça toda. Este pessoal não aprende”.

Permanecer na área externa da escola após o período de aulas significa para algumas pessoas, perigo, transtorno, conflitos, arranjos, disputas e exposição de idéias, comportamentos, corpos e sexualidade. Para outras, pode expressar vínculo com o lugar, identidade, proximidade com os demais colegas que estudam no mesmo estabelecimento de ensino.

Os cursos profissionalizantes, por sua vez, elaboram, com o seu perfil igualitário, um desenho de trabalhador com tendência a ser mais dócil e mais solidário com os que compartilham as mesmas perspectivas profissionais. Neste caso, trabalha-se com mais intensidade as igualdades dos alunos, como já anunciado anteriormente. Reconhecimento e solidariedade selam uma das características da vivência cotidiana nos cursos profissionalizantes oferecidos pela CDM.

Para o bom funcionamento e reconhecimento coletivo dos cursos profissionalizantes, a instituição filantrópica dispõe de espaços adequados e convenientes para que estes cursos ocorram. Profissionais experientes e comprometidos com o projeto, custos relativamente baixos e possibilidades de inserção no mercado de trabalho (diversos alunos que obtiveram bom aproveitamento nos cursos e mostraram disciplina e responsabilidade são admitidos posteriormente na própria instituição) complementam a estrutura necessária para o exercício das chamadas “oficinas profissionalizantes”, que dão uma identidade própria, mas não única à “Cidade dos Meninos”. A disciplina, por exemplo, é um dos pilares de funcionamento da CDM. Foucault (1990, p.105) salienta a perspectiva histórica da elaboração da disciplina como uma técnica de controle e efetivação do poder:

A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na Idade Média e mesmo na Antiguidade. Os mosteiros são um exemplo de região, domínio no interior do qual reinava o sistema disciplinar. A escravidão e as grandes empresas escravistas existentes nas colônias espanholas, inglesas, francesas, holandesas, etc, eram modelos de mecanismos disciplinares. Pode-se recuar até a Legião Romana e, lá, também encontrar um exemplo de disciplina. Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens. Fala-se, freqüentemente, das invenções técnicas do século XVIII – as tecnologias químicas, metalúrgicas, etc. – mas, erroneamente, nada se diz da invenção técnica dessa nova

maneira de gerir os homens, controlar suas multiplicidades, utilizá-las ao máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlá-los. Nas grandes oficinas que começam a se formar, no exército, na escola, quando se observa na Europa um grande progresso da alfabetização, aparecem essas novas técnicas de poder que são uma das grandes invenções do século XVIII.

O controle por meio da disciplina, no caso da CDM, marca uma identidade da filantropia, simboliza certeza de resultados efetivos, garantia do funcionamento da obra conforme o seu plano original, segurança de reconhecimento social. Aparece ainda como uma referência positiva para uma sociedade que aponta no seu discurso midiático, que corremos diariamente riscos de descontroles irreversíveis e imediatos. O meio-ambiente, a economia e a segurança pública são utilizados como elementos ilustradores destes possíveis descontroles sociais.

Como o município de Ribeirão das Neves, a entidade filantrópica citada é reconhecida pela população local pelo que a ela (população) é oferecido, pelo que nela desperta de sentimentos positivos e negativos. Por certo, não há como fazer comparações simplistas entre as duas possibilidades, mas podemos insinuar que a pobreza e o trabalho em Ribeirão das Neves, estão sendo oferecidos como sonhos possíveis, recompensas para os que não chegaram (ainda) à metrópole.

A CDM, para que dê certo, necessita dos chamados “excluídos” do capital. Todavia, necessita também, para que se estabeleça como idéia concreta, da visão empresarial e empreendedora, investimento financeiro, planejamento prévio e contratação de mão-de-obra local. São dois lados de uma mesma moeda. Em 2006, segundo o Departamento Pessoal da instituição, faziam parte do seu quadro funcional 282 funcionários divididos em 42 setores. Este número incorpora os funcionários que são mantidos pelo Estado. A funcionária fala prazerosamente que ali “se emprega bastante gente, é um dos maiores quadros de funcionários de Ribeirão das Neves”. “Os benéficos diretos para a população local são claros e

geram além de empregos, qualificação para muitas pessoas”. A promoção do humano, na CDM, está posta pelo trabalho.

A inclusão, mesmo fragmentada ou precária, como colocada anteriormente, passa a ser expressiva para quem, na sua cotidianidade, não desfruta de instrumentos que contemplem ações mais afirmativas no que se refere à preparação para a vida. Os jovens ganharam possibilidades de ampliar seus horizontes. A CDM é um espaço que oportuniza e realiza o que está no imaginário coletivo de uma juventude marcada pelas ausências de perspectivas. A CDM se nutre dos desejos que podem ser realizados.

Traços higienistas se estabelecem como forma de organizar os pobres neste contexto, e a figura do pai como autoridade, ganha força. O pai que não abandona nunca os filhos chega a ser maior que Deus, que não conseguiu salvar o próprio Filho do sofrimento, da morte e da dor. A injustiça dos homens se mantém, enfraquece a fé divina.

Os filhos “adotados” pelo Sr. Jairo jamais lamentarão a ausência ou o abandono do pai empresário e, de certa forma, patrão. Uma vida foi concebida e planejada para eles. Esta vida não presume dor e sofrimento, apenas redenção e glória. O pai dos futuros trabalhadores que se incluem na dinâmica sinuosa da vida cotidiana de Ribeirão das Neves, é fiel, bondoso, cuidadoso, experiente, rico e digno de reconhecimento coletivo. Não dorme, cuida do seu rebanho com carinho, dedicação, amor e disciplina, muita disciplina. No sétimo dia ele não descansa. Vive para criar, cuidar e vigiar. Também para punir. Cresce e multiplica seus investimentos financeiros e filantrópicos. Constrói sonhos, estimula a utopia.

Apresentando uma infra-estrutura atraente e lidando com os sonhos juvenis, a CDM não mostra, assim como os condomínios fechados, as possíveis falhas no seu

funcionamento. Elas aparecem, costumeiramente, nos discursos e na relação de confiança estabelecida entre informantes-chave e pesquisador. Em um dia de observação no curso de marcenaria, um dos instrutores apontava diversas falhas na seqüência do mesmo, que iam da pouca luminosidade do ambiente à falta de material, impedindo que o curso saísse tal qual fora planejado. As falhas, contudo, não invalidam o aprendizado e os resultados obtidos.

O mestre da marcenaria exemplificava, mostrando o que denominava “detalhes” do funcionamento do curso: o pouco distanciamento de uma bancada de ofícios a outra, o desgaste na pintura que sinaliza áreas de segurança, a falta de extintores de incêndio e a colocação de banquinho de madeira improvisado para que alunos menores fiquem na posição correta, no corte de madeira.

O ponto positivo, na opinião de quem prepara os meninos para o mercado no curso de marcenaria, é que “eles aprendem a se virar. Vão virar marceneiros que improvisam, que fazem um “servicinho” aqui, outro ali. Vão aprender na prática mesmo”.

A crítica mais constante que se faz ao projeto está traduzida nas palavras de um ex-funcionário que discorre sobre a pouca especialização oferecida pelos cursos. Segundo ele, estes cursos são muito básicos, onde qualquer pessoa de melhor nível social ou econômico tem esta preparação, na própria formação acadêmica ou pessoal. Sugere que na periferia, os cursos que ofereçam técnicas de profissionalização são ganhos, pois tudo aparece distante da sua realidade:

O que é a CDM? Um local de formação técnica de baixa qualidade. Eu posso dizer que haja um nível de especialização maior na CDM. Maiores no sentido de, por exemplo, trabalhar a mecânica de automóveis, então não sei se há uma mecânica de automóveis mais apurada, no sentido de trabalhar assim aquelas questões de eletrônica mais modernas e tudo mais. Eu sei que o básico de colar o pneu, de mexer no carburador de carro velho, essas coisas, lá vai dar. Trabalhar em padaria, fazer coisas domésticas, esse tipo de formação. Para mim a CDM é este lugar de formação de baixa técnica,

unc on _ n no n o n o u é o _ o Tal depoimento reforça a idéia veiculada nas demais falas de que os cursos têm diversas utilidades, o entrosamento dos alunos é uma delas. Manter os jovens fora da ociosidade, uma das propostas centrais da CDM, é cumprida à risca.

Um dos instrutores de cursos diz que tem que improvisar quase tudo, desde a iluminação até a organização do espaço físico e material de segurança. o

z _u o con o _ n _c n o n cu_o ”, conclui.

Os cursos e oficinas profissionalizantes oferecidos pela CDM contemplam um tipo de inclusão que pode ser vista como fragmentaa ou pouco eficiente, mas cumpre o seu papel quando desperta nos jovens aprendizes e na comunidade local, sonhos de transformar a vida através das técnicas, da responsabilidade e do trabalho. A inclusão proporcionada pela instituição filantrópica reforça, em certa medida, a importância dos trabalhos sociais na formação da imagem da cidade. A inclusão da qual estamos falando, cria outras sociabilidades e mesmo, encantamento com a realidade vivida. Muitos ganhos aparecem na proposta da CDM, que exclui a dinâmica da liberdade individual como conquista e apresenta a perspectiva do trabalho como elemento da inclusão social.

A inclusão social é um processo que paradoxalmente procura-se construir na sociedade capitalista. Sem este processo, às vezes lento e confuso, mas necessário para o entendimento e o questionamento do que se convencionou chamar “justiça social”, os perigos das revoltas, revoluções, motins e insurgências sociais ganhariam força. As “sobras” precisam ser distribuídas, contempladas, aceitas. Sem esta estratégia, o capital não se impõe. O mundo moderno prestigia o descompasso, as

¹²⁰ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

¹²¹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

diferenças entre grupos sociais, mas o discurso da inclusão está posto, anunciado como solução para o dilema da cidadania que não chega para todos.

A adoção da “receita” formal de funcionamento também não se incorporou com mais intensidade a alguns espaços de uso público da instituição. No início do ano de 2007 as missas e as atividades culturais que ocorriam no amplo auditório foram, segundo informações de funcionários, transferidas para o ginásio poliesportivo, pois o comando local do Corpo de Bombeiros pediu alterações no local após constatar que não havia corrimãos, extintores de incêndios e equipamentos de emergência disponibilizados. Acessibilidade e segurança são elementos importantes na construção da cidade e da cidadania. Também da filantropia.

Um antigo funcionário relata que o Sr. Jairo não tinha a dimensão espacial do projeto que havia criado. Segundo o seu comentário, a expansão foi além do que era esperado inicialmente. No entanto, a CDM conseguiu organizar-se, adaptar-se racionalmente ao seu crescimento. O mesmo não ocorreu com Ribeirão das Neves.

O Sr. Jairo não imaginava esta obra deste jeito. Homem religioso como ele é iria construir uma igreja pequena como esta daqui? Você vê que as missas são no auditório, que não é lugar de celebração religiosa. Para algumas pessoas a missa lá não tem muito sentido. Não tem a via-sacra, não tem imagem, não tem nada que pareça com a igreja. Para não perder o vínculo que a CDM tem com a religião, as missas foram transferidas para o auditório¹²².

A opinião deste funcionário destaca como os arranjos e as contradições, que são próprias da vida moderna, se inserem na dinâmica organizacional da CDM. A religião surge como componente fundamental do processo educacional. Voltaremos ao assunto em seguida.

A percepção coletiva de que a CDM não oferece cursos especializados de melhor qualidade pode favorecer com mais propriedade, a interação social dos jovens, possibilitada por estes mesmos cursos. Há de se enfatizar a promoção do

¹²² Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2007.

mercado de trabalho local, resultante da contratação de professores e coordenadores que atuam no projeto. Os cursos tidos como precarizados conseguem mobilizar os jovens para o mercado e traduzem, na prática, o significado da expressão “ocupação profissional”.

A “Cidade dos Meninos” não deve ser vista ou entendida pelas suas falhas. Elas estão na ordem do dia, mostram, inclusive, a humanização da obra. Sem falhas não há reparos, sem reparos, não há avanços. O sapatinho de cristal perdido, certamente, não descaracteriza o traje de gala da pobre e linda princesa dos contos infantis.

As lacunas não preenchidas pelos cursos oferecidos pelo projeto filantrópico são compensadas de diversas formas: na falta de material, sobrava entrosamento; se não havia segurança, restava o interesse pelo aprendizado. A certeza de que os resultados, no final, seriam positivos, caracterizava a idéia central dos diversos cursos oferecidos. Sonhos são maiores que eventuais falhas.

A mais importante característica do oferecimento dos cursos considerados precarizados e pouco especializados é a integração destes jovens entre si e com a comunidade local. Apresentam-se como futuros trabalhadores, ganham uma nova identidade. Já não são mais tidos como vadios, pobres, ignorantes (em alguns momentos podem até ser). Passam a ser percebidos como responsáveis, idealistas, compromissados com a realidade. São meninos e meninas que, na percepção comum, não ficarão nas ruas, pois elas oferecem riscos. Estes jovens terão uma ocupação. Existem espaços na cidade que possivelmente os acolherão: fábricas, bares, supermercados, universidades e tantos outros. O jovem trabalhador toma forma, mas ainda não está pronto. Falta lapidá-lo, enchê-lo de sonhos, gerar perspectivas, impedir a sua frustração.

A percepção dos dirigentes da CDM sobre os cursos profissionalizantes é claramente antagônica às colocadas pelos relatos citados. Evidencia a quantidade de cursos oferecidos, assim como a diversidade de opções disponíveis para os jovens e para a comunidade local. Os cursos profissionalizantes incorporam a idéia de ocupação do tempo ocioso, de promover mais possibilidades para enfrentar a ampla concorrência por um lugar no mundo da produção capitalista e selam o nome da instituição promotora como séria, organizada e preocupada com a comunidade local. O que, na verdade, é. Um dos dirigentes da CDM diz:

A quantidade de cursos que tem aqui é enorme, só não faz quem não quer. A cada ano vamos ampliar mais e oferecer mais opções. Tem gente que não tem nada para fazer em casa então vem pra cá para aprender alguma coisa e conversar com as pessoas. Tem gente aqui da cidade (Ribeirão das Neves) que sai de um curso e entra em outro logo depois. Gostam de ocupar o tempo¹²³.

Ocupar o tempo das pessoas. Cursos especializados, ou não, cumprem este objetivo na CDM. A fábrica de pequenos operários não pode parar. Os cursos oferecidos não são exclusivos para os jovens internos, que têm prioridades nas matrículas e fechamento de turmas. Estes, certamente, terão obrigação de cursar vários deles, enquanto estiverem vinculados à instituição. Muitos fazem cursos que não gostam, pois não podem ficar ociosos. Aprendem a dizer sim às promessas de ocupação, em um mercado de trabalho cada vez mais seletivo.

O investimento na leitura ou na atualização de informações gerais, neste caso, pode aparecer como sinônimo de ociosidade. O que aparece como perigoso não seria especificamente o tempo ocioso, mas as possibilidades que ele contempla.

Segundo Rago (1997 p.24-25): A u _ _ c co o , _ o
 co o o c _ cu , o no _ , o cu .o o c ou q n o _ u
 o n c _ u o con c ê nc o _ _ o _ o _

Trabalhadores devem se dedicar àquilo que lhes fora indicado. Os aprendizes, idem.

¹²³ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

Ler, conversar e divertir-se são atividades para quem tem tempo disponível, ocioso. A responsabilidade deve vir em primeiro lugar.

A modernidade não contempla os denominados “ociosos”, prestigia o dinamismo, a produção e a velocidade. A repressão à ociosidade não é prática nova no cenário nacional. O Rio de Janeiro da época do Brasil Imperial adotava medidas de controle para que a ociosidade fosse extirpada da vida cotidiana. Segundo Chalhoub (1996:29);

Assim, na própria discussão sobre a repressão à ociosidade, que temos citado, a estratégia de combate ao problema é geralmente apresentada como consistindo em duas etapas: mais imediatamente, cabia reprimir os supostos hábitos de não-trabalho dos adultos; a mais longo prazo, era necessário cuidar da educação dos menores.

Os cursos oferecidos pela CDM promovem a responsabilidade e a interação social entre os jovens, assim como estabelecem que é possível enfrentar com mais segurança, o temor da falta de perspectiva em relação ao emprego. Mostram ainda que a educação é uma aliada na construção do conhecimento técnico. Os jovens da periferia se formam, tentam uma oportunidade no mercado de trabalho à partir das condições dadas pela sociedade capitalista a qual estão vinculados. As possibilidades da formação da mão-de-obra estão lançadas.

Um dos lemas da instituição é “ociosidade zero”. Este ideário não se perdeu com o tempo, entra no Século XXI com toda a força que o sustentava no Século XIX.

Em uma sociedade repleta de desencontros, os jovens da periferia se formam a partir das condições e interesses dados por esta mesma sociedade para que eles possam desenvolver suas potencialidades.

Percebemos mudanças lentas e quase imperceptíveis, como a maioria das mudanças, na formação da mão-de-obra em uma sociedade em crise. O trabalhador passa a ter pouca ou nenhuma possibilidade de escolha no que se refere ao seu futuro. As formas de comportamento, regras, salários e, atitudes individuais ganham

o tom da imposição econômica. Cabe ao trabalhador adequar-se cada vez mais a esta dinâmica.

3.1. A ideologia de vencer pelo trabalho: alienação e produção de uma “nova” classe trabalhadora.

“O melhor dos mundos, pensa a burguesia, é naturalmente
o mundo no qual ela domina”
(MARX & ENGELS, 1998)

O trabalho é tido, desde tempos mais remotos, como elemento essencial na compreensão da dinâmica da cidade. É através dele que o sentido do homem “produtor” ganha status social amplamente aceito. Pela ótica do trabalho, o tempo deve ser ocupado, preenchido com a finalidade de promover a interação indivíduo – sociedade. O trabalho estabelece um sentido particular à noção de uso do tempo. Desqualifica a imponência do tempo livre e estabelece uma valorização ímpar do período cronológico destinado à produção.

O imaginário religioso cristão, segundo os livros sagrados, dá a Adão, o primeiro homem criado por Deus, a árdua tarefa de trabalhar para que possa prover as suas necessidades e da sua companheira. No paraíso, em momento anterior à sedução de Eva, a visão do trabalho não era contemplada com magnitude. Viver significava desfrutar de quase tudo sem que para isso fosse necessário o esforço humano. A “maçã era fraca”...

O homem (pecador), depois da perda da tranquilidade e do bem-estar proporcionados pelo paraíso, buscou desfrutar do que o mundo tinha a lhe proporcionar através do seu trabalho. Humanizou-se a criação divina e criou-se, na perspectiva figurativa plena de sentidos, a primeira relação de troca em que

aparentemente todos perderam. O paraíso intocado, abundante e inocente deixou de existir. O homem livre tornou-se escravo de si mesmo, contraiu uma dívida eterna como aquele que o criou e o ensinou a cumprir ordens. Terá que trabalhar para sempre, o ócio só era possível antes. Com a imposição do trabalho ao homem, o Criador não perdeu a sua onipresença, destacou que tem métodos para corrigir os que ignoraram a idéia de paraíso.

O mundo da ficção, especialmente o voltado para o público infantil, também relaciona diversas insinuações relativas à presença do trabalho como elemento caracterizador de diversos personagens. Assim, temos o carpinteiro Gepetto, que cansado do trabalho solitário que desenvolvia, cria um novo personagem para fazê-lo companhia. Apareceu então, o boneco com traços de menino mentiroso e o homem que o idealizou ficou reconhecido nos contos infantis por ser um eterno trabalhador. As cidades, mesmo as irreais, mostram elementos da diversidade que caracterizam a vida cotidiana. Não há trabalho sem sociabilidade, isto é ensinado na CDM.

A fantasia das crianças também cerca de modelos preestabelecidos as atitudes de muitos personagens, quer sejam eles trabalhadores ou não. A formiguinha será sempre a pobre e incansável trabalhadora, enquanto a cigarra não assumirá compromisso formal com trabalho algum. Os que desejam a ociosidade devem pagar um preço por esta escolha. Os que desenvolvem tarefas árduas com empenho e responsabilidade são recompensados e reconhecidos. A fábula dos três porquinhos é exemplo disto. O Lobo, sempre mau, esbarra no resultado do bom trabalho desenvolvido por uma de suas prováveis presas.

Na história real, amparada em registros documentais, depoimentos e fotografias, vários momentos destacam a importância do trabalho e da produção

para o desenvolvimento econômico e social dos povos. Há histórias de dor, sofrimento, contemplação e júbilo. O trabalho mostra suas potencialidades: capacidade de produção, criação de redes de sociabilidade entre as pessoas, transformação da produção em mercadoria.

Mas é a partir da chamada Revolução Industrial que a percepção sobre os modos de produção e as potencialidades do capitalismo em explorar a mão-de-obra produtiva ganha mais destaque, com transformações significativas no mundo do trabalho. A perspectiva da substituição do homem por equipamentos automatizados se concretizava. Era necessário que o trabalhador acompanhasse tal mudança e tentasse moldar-se a este movimento sem retorno.

Com a transformação da dinâmica urbana e social advinda do processo de industrialização, ao mesmo tempo em que as cidades eram capturadas por um amplo processo de urbanização, novos caminhos se apresentavam para a classe operária daquele período. Um deles era o de preparar-se cada vez mais para enfrentar os desafios dos avanços tecnológicos postos naquela época. O operariado era estimulado e forçado a suportar pressões sociais para que acompanhasse a evolução que se proclamava na relação homem/máquina. A classe operária passou, então, a prestigiar a lógica do profissional especializado, atento, produtivo e mais rápido. Uma ampla história do trabalho, da cidade e do homem estava para ser recontada.

Como instituição que se apresenta como fomentadora da inclusão de jovens no mercado de trabalho, exploraremos as possibilidades apontadas pela CDM aos futuros trabalhadores por ela treinados. Há uma percepção inicial e generalizada de que a tecnologia moderna está há anos luz de distância do que os jovens aprendizes possam assimilar de conhecimentos técnicos durante o internato. Mesmo assim, a

proposta filantrópica seduz, mostra força, faz sentido para os pobres. A identidade de ser menor-aprendiz se estabelece, não importando os resultados.

No próprio município, carente de indústrias, comércios, investimentos financeiros e serviços, as possibilidades para o emprego da mão-de-obra qualificada não se apresentam, ficam circunscritas, como visto no capítulo 1, à carência dos serviços públicos de saúde e educação. O sentido para que haja uma preparação intensa do aprendiz especializado, sim. A dinâmica da metrópole explica um pouco esta lógica.

Assim, trataremos das questões relacionadas ao mundo do trabalho, as possibilidades ofertadas pelos cursos freqüentes ocorridos na CDM, um resgate da história do trabalho e do capital em Ribeirão das Neves e a interlocução com a leitura de obras que discorram sobre o trabalho. Traremos à discussão a proposta de entendimento da cidade através dos conceitos de modernidade, segregação, força de trabalho, cidadania e poder.

Há de se contemplar as histórias dos que optaram pela não importância aos apelos do mercado de trabalho e da CDM e não se “especializaram” enquanto trabalhadores. É possível prever o mesmo percurso para os “preparados” para a máquina produtiva e os “não preparados”? Nesta parte do texto levantaremos alguns perfis de pessoas que investiram o seu tempo e as suas atividades profissionais na proposta da CDM.

Os novos trabalhadores tendem hoje a ser mais informados, mais dinâmicos e versáteis. A jovialidade não se estabelece sozinha no campo profissional, deve vir acompanhada de experiência, dinamismo e vontade de produzir. Necessário enfatizar que a alienação do trabalhador, já discutida incansavelmente nos meios acadêmicos e políticos, necessita ser mantida e mesmo, reformulada. Os meios de

comunicação de massa como a TV e o rádio são fortes aliados na construção de uma alienação coletiva do trabalhador, ao mesmo tempo em que ajudam a informar, discutir, esclarecer e promover amplos debates sobre a sociedade em que vivemos. Deliberar livremente sobre a utilização dos meios de comunicação é um ganho.

Na “Cidade dos Meninos”, a formação da alienação dos momentaneamente estudantes e em breve trabalhadores, passa pela retirada do acesso destes jovens aos meios de comunicação mais populares como a TV e o rádio. Os jornais, revistas e internet, meios de informação mais refinados quanto à sua aquisição, se distanciam muito das possíveis leituras por parte dos internos da instituição.

Do lado externo da instituição filantrópica, o acesso a estes equipamentos de comunicação, são mais fáceis. Um número considerável de jovens internos afirmava que possuía endereço eletrônico (e-mail) ou páginas pessoais na rede de relacionamentos virtuais denominada “Orkut”. A CDM tem, neste endereço eletrônico, diversas comunidades virtuais e muitos integrantes deixam recados on line, trocam fotos e mostram suas opiniões. A CDM virtual também é jovem, bem humorada e com muitos integrantes.

Mas, alienação coletiva é alienação coletiva. Que digam isto os incontáveis meninos internos que assistiram ao jogo da seleção brasileira na final da primeira fase de classificação na Copa do Mundo de Futebol de 2006 contra o pífio time do Japão, dirigido por um brasileiro bastante admirado no mundo esportivo: o ex-jogador Zico.

O clima no auditório da instituição filantrópica era de festa, de confraternização, de liberdade. As cores verde e amarela davam o tom da alegria juvenil antes do início da partida, mesmo que este não fosse um grande clássico esportivo.

As escolas públicas localizadas na CDM cederam ao apelo popular e liberaram seus funcionários e alunos externos por um determinado período, para assistirem ao jogo no local que preferissem. Um telão gigantesco foi colocado no auditório da CDM para a exibição da partida. As luzes foram apagadas, assim como as portas cerradas para melhorar a qualidade da imagem e do som da emissora de televisão que retransmitia o evento. O ambiente *no* _de uma sessão cinematográfica estava posto, mas as cadeiras transformaram-se em abstração naquele dia. A demarcação de assentos não fazia sentido. Emoção não se institui. Vive-se!

Gritos, insultos, confraternização, vibração e abraços, muitos abraços durante mais de duas horas de espetáculo, modificaram a rigidez imposta semanalmente àqueles jovens quando da utilização daquele espaço, o mesmo usado para missas, shows ou palestras. A Copa do Mundo de Futebol possibilitou que as pessoas se mobilizassem, saíssem dos lugares previamente assinalados. Dezenas de palavrões foram ditos, muitos saltos foram dados, os gritos de alegria se impuseram e a vigilância implacável tomou forma de reconhecimento do outro por causa do sentido patriótico do nosso futebol. O combinado brasileiro, que competiu com cinco reservas no time, venceu o jogo por quatro gols contra apenas um da equipe oriental. Era uma briga entre um dos maiores times futebolísticos do mundo e uma equipe de pouca tradição neste tipo de competição esportiva. Deu a lógica no resultado final. O primeiro gol, no entanto, foi marcado pela equipe do Japão. Houve um desencanto coletivo nacional no Brasil por alguns minutos. Houve o silêncio que nos dias de missa se espera dos internos. Pequena reflexão sobre a derrota temporária estava posta.

A CDM ganhou uma tarde de alienação e mobilização traduzida em alegria e festa. Como pode um evento esportivo despertar tanta comoção em um grupo?

Como pode uma instituição filantrópica despertar tantos sonhos coletivos? Sonhos estes que se traduzem em trabalho, privação da liberdade individual e na crença de um futuro mais feliz¹²⁴. O sonho do Hexa Campeonato para a seleção brasileira de futebol exauriu-se poucas partidas depois. O sonho do emprego formal dos jovens pobres continua, precisa ser alimentado todo dia. A jovialidade não nasceu para perder competições, é treinada para vencer. Há uma seleção de grandes oportunidades por desbravar. A precariedade da vida precisa ser vencida.

3.2. A vida privada e a privação da vida: a aprendizagem profissional como resposta a uma cidade sem empregos.

“Que vença, o melhor!”
(Domínio Público)

A sociedade capitalista desperta no homem a concepção de que, com o seu trabalho, possa firmar-se como elemento construtivo da produção de bens materiais para si e para a coletividade. Para isto, este homem necessita de estímulos que o ajude a produzir sempre no limite máximo das suas possibilidades. O salário aparece como recompensa instituída para conceituar economicamente quanto vale a produção de cada trabalhador que, sabedor das suas potencialidades, negocia o preço da servidão ao capital. Há ganhos e perdas históricas nesta relação trabalho – capital. O certo é que o trabalho não se firma sem que o capital o defina, por meio da sua cotação de valores monetários, como árduo ou prazeroso, especializado ou

¹²⁴ Nesta tarde do mês de junho de 2006, determinadas mães sociais em comum acordo com os seus jovens, optaram por ver o jogo nas próprias casas-lar que administravam. Algumas mães-sociais de meninas preferiram não ir ao auditório e criar outras atividades relacionadas ao lazer para que elas desenvolvessem. As meninas que foram ao auditório chamaram a atenção de alguns dirigentes por causa dos gritos e das provocações que faziam aos colegas do sexo masculino.

básico, permanente ou fugaz. Para cada tipo de trabalho, uma indicação de quanto pode ou deve valer.

O capital que explora, expropria e dinamiza o trabalho (e os trabalhadores), também não se firma sem que a classe operária esteja disposta a contemplar as insinuações por ele oferecidas. Parece não haver outras possibilidades, por enquanto, para desconstruir esta relação entre capital e trabalho, que estão “unidos” dentro de uma mesma proposta, por mais paradoxal que possa ser. Contemplar a elaboração de uma rede de acordos consensuais entre os que percebem a produção como fator essencial da vida coletiva, parece ser a lógica vigente.

O capitalismo no Brasil apresenta uma lógica particular em relação à remuneração da forças de trabalho segundo Antunes (2004, p. 25-26). Esta particularização do caso brasileiro não chega a se contrapor a uma lógica estabelecida mundialmente, mas apresenta um retrato da relação histórica que os trabalhadores mantêm com o capital na nossa sociedade.

Se é verdade que a baixa remuneração da força de trabalho – que se caracteriza como atração para o fluxo externo produtivo em nosso país – pode se constituir, em alguma medida, em alguns ramos produtivos, como elemento obstaculizador do avanço tecnológico em nosso país, do mesmo modo a combinação obtida pela superexploração da força de trabalho com padrões produtivos mais avançados constitui-se em elemento que continua particularizando o capitalismo em nosso país. Isto porque para os capitais nacionais e transnacionais produtivos, interessa a confluência entre a força de trabalho qualificada, polivalente, multifuncional, preparada para operar com os equipamentos internacionais, percebendo, porém, salários bastantes dilapidados, sub-remunerados, em patamares muito inferiores àqueles percebidos nas economias avançadas. E, vale acrescentar, vivenciando condições de trabalho fortemente precarizadas.

Os baixos salários e a excessiva exploração da força de trabalho, que a princípio, poderiam retardar ou impedir o crescimento do capitalismo como opção aparentemente única do desenvolvimento da economia, aparecem como estímulos para que grandes investidores demarquem as suas áreas de atuação e de fixação de territórios economicamente viáveis. Crescimento e descompasso social estão lado-a-lado. Há uma privação das perspectivas de avanços econômicos e sociais da

classe operária em diversos aspectos. Certamente, há ganhos nesta paradoxal relação trabalho X capital.

No Brasil, a vida privada ganha destaque quando falamos sobre relações de trabalho e da exploração do trabalhador. A “aproximação” entre patrões e empregados gerou, por exemplo, em alguns momentos da nossa história, uma invasão planejada da intimidade dos trabalhadores em diversas empresas no Brasil. Algumas destas empresas construíram e fortaleceram a idéia das famosas “vilas-operárias”, que ficaram conhecidas por serem locais de moradia dos trabalhadores e ao mesmo tempo, investimentos imobiliários que tinham como proposta facilitar a vigilância e o acompanhamento da vida privada dos operários pelas empresas a quais estavam vinculados. A moradia controlada indicava estímulos a abnegação da vida da cidade. Criava-se, com esta proposta, outro modo de perceber o lugar da moradia. O tempo ali era outro, o tempo do trabalho. A liberdade perdia a força que o vocábulo traduz.

Na “Cidade dos Meninos”, a troca da privação da vida na cidade pelo acompanhamento em tempo integral da vida privada em uma instituição filantrópica, tem uma explicação lógica e razoável: a certeza de resultados, no presente e no futuro. Os jovens entendem que a escola em que estudam é a melhor que puderam encontrar no município, sentem-se orgulhosos de terem sido escolhidos, através de uma seleção rigorosa, para fazerem cursos profissionalizantes que alguns classificam de “precarizados” e certificam-se que a moradia, lugar da intimidade, mesmo vigiada, oferece segurança, conforto e cumpre a sua função social de acolhimento.

Para que vivenciem a experiência da CDM, o futuro deve aparecer como promissor para estes jovens. O mercado de trabalho contempla profissionais cada

vez mais moços, experientes em alguma área, dedicados, responsáveis e, sobretudo, obedientes e compromissados com a empresa. O histórico da vida pessoal dos aspirantes a emprego, em alguns casos, é fator determinante para a contratação do funcionário.

Os jovens internos, que constituem uma marca singular da CDM, privam-se de diversas possibilidades que o município oferece a eles. Claro que nem sempre estas opções são atraentes, mas estão disponibilizadas. Como a cidade-dormitório não dorme em tempo integral, desperta, por exemplo, momentos de liberdade menos vigiada e maior autonomia nas ações individuais para a juventude que não optou pela reclusão voluntária por algum tempo. As ofertas sedutoras e presumivelmente garantidas da CDM não anulam o poder de influência do município sobre estes jovens. A cidade não deixa de existir, pois é nela que se encontram as redefinições da vida coletiva com maior nitidez. Fugir da cidade não é possível.

CAPÍTULO 4

“Mas cidade grande
é onde se vive
com emoção”.

Martinho da Vila

4. Metrópole, juventude, vigor, responsabilidade e qualifica o profissional: a reconstru o da imagem do jovem que a cidade não acolheu.

“My child, always be good; bear every thing that happens to you with patience, and whatever evil and troubles you may suffer, you will be happy in the end if you are so”.
(HEVET, 2004)

A sociedade, dita moderna, prepara cada vez mais precocemente a criança e o jovem para que sejam futuros trabalhadores. Ao nascermos, certamente, além do nome, ganhamos uma perspectiva de vencer na vida e fazermos sucesso profissional. Somos sugeridos a acompanhar os caminhos já percorridos por gera es anteriores na escolha de uma profissão ou estimulados a aventurar novas escolhas. Crianças e jovens são tomados de incertezas e d vidas quanto aos caminhos que devem seguir para atender ao anseio social de que o futuro se garanta por intermédio do trabalho.

Criamos, com isto, instrumentos para “amparar” os futuros trabalhadores nas suas d vidas e angústias. Não permitimos, de certa forma, que eles vivam em plenitude o presente. Pensar o amanhã, no tempo atual,   a fórmula considerada como plena de êxito para quem deseja “ser alguém na vida”. A populariza o dos estágios de aprendizagem profissional (como carga horária complementar das horas de estudos regulares) e os cursos profissionalizantes oferecidos por diversos órgãos educacionais, mostram que existe uma rede empresarial e comercial sintonizada (não diríamos preocupada) com esta questão. As institui es filantrópicas e o Poder Público acompanham esta dinâmica.

A juventude ociosa (vista sob a perspectiva de que o trabalho é a segurança de um futuro melhor) não tem oportunidades de mostrar resultados satisfatórios quando a sociedade exige dela produção técnica ou trabalhista mais especializada. Como não há uma padronização que atinja a todos no que diz respeito a comportamentos sociais, certos grupos teimam em aproveitar, por um tempo maior do que o esperado coletivamente, as dores e as delícias que o ócio possa oferecer. O ócio é aqui colocado como contraponto ao entendimento do trabalho como visão única do que se concebe como tempo produtivo. Parar pode ser produtivo.

Certamente estes adolescentes teimosos pagam um preço alto por esta opção e refletem os “perigos” da malandragem, da preguiça e da “falta do que fazer”. São estereotipados e produzem certo mal-estar social, quando da sua presença na cidade. O conceito de responsabilidade é colocado em questão e o ocioso traduz a representação de uma juventude irresponsável, descompromissada, preguiçosa e egoísta. O mundo do trabalho (ou a sua proposta) não tem maior significado para quem se reconhece como ocioso. Perigo à vista! A fórmula comum de que a capacitação profissional é necessária para todos, perdeu-se. A CDM trabalha a seletividade, premia aqueles que mostram dedicação, esforço e compromisso com os ideais do projeto social. Assume o seu papel de empresa que contempla a seletividade.

Acompanhando uma lógica perversa de que na cidade todos deveriam ser seduzidos pela idéia do trabalho, da produção e da subserviência ao capital, parece não haver mais sentido em perceber o espaço urbano sem a perspectiva da transformação da força de trabalho apenas em materialidade, mesmo que efêmera. Cria-se assim, um sentido para o chamado “tempo ocupado” no que é denominado “mundo da mercadoria”. Lefèbvre (1999, p.135-136) entende que,

Este “mundo da mercadoria”, tem uma lógica, sua linguagem, que o discurso teórico encontra e “compreende” (dissipando conseqüentemente suas ilusões). Tendo sua coerência interna, esse mundo quer espontâneamente (automaticamente) se desenvolver sem limites; e pode fazê-lo; ele se estende ao mundo inteiro; é o mercado mundial. Tudo se vende e se compra, se avalia em dinheiro. Todas as funções e estruturas, por ele engendradas, entram neste mundo e sustentam-no. No entanto, esse mundo não chega a se fechar. Sua coerência tem limites, suas pretensões decepcionarão aqueles que apostam na troca e no valor de troca como absoluto. Com efeito, uma mercadoria escapa ao mundo da mercadoria: o trabalho, ou antes, o tempo de trabalho do trabalhador (proletário). Ele *v n* seu *o* — *o* e continua, em princípio, livre; mesmo se crê ter vendido seu trabalho e sua pessoa, ele dispõe de direitos, de capacidade, de poderes que minam a dominação absoluta do mundo da mercadoria sobre o mundo inteiro. Por essa brecha podem entrar os “valores” repelidos, o valor de uso, as relações de livre associação etc. Não é uma brecha ocasional; é mais e melhor; a contradição se instala no coração da coesão do capitalismo.

Evidentemente, o trabalho não pode ser entendido apenas como castigo, fardo ou descompasso, mas será sempre uma imposição colocada dentro de uma lógica de fácil entendimento na sociedade que hoje insiste em não parar. O homem se move para que o seu tempo não seja “perdido” e com isto, resultados sempre aparecem.

Imposições são sempre imposições. Não permitem outros olhares, pensamentos em contrário. Desagradam na maioria das vezes, mas são obedecidas apenas se vierem amparadas dentro da lógica do convencimento ou da força.

Assim, o trabalho, que proporciona salário, ocupação do tempo e exploração da mão-de-obra, passa a ser um dos objetivos a serem conquistados na vida. É preciso manter a imposição da ideologia do trabalho para que a sociedade se reconheça como materialmente dinâmica.

O trabalho que trás, justaposto à sua concepção, a idéia de valor monetário quando contratado ou realizado, promove a realização de outras metas individuais. Sonhos começam e terminam com o trabalho. Impossível desprezar a sua imponência. O trabalho é parte da nossa história, elemento constitutivo do nosso cotidiano.

A cidade, como o lugar democrático que se propõe a ser, d

Para esta juventude faltava quase tudo: lazer, melhores condições de vida, estudo, segurança e qualificação profissional. Sobrava a rua, espaço público que contempla a plena vivência coletiva e mostra a história da cidade, mas não reforça a idéia do local adequado para a apropriação de todos.

Nas ruas estão os passantes, os andarilhos, os mendigos, os “perigosos”, a prostituição, a pobreza e a liberdade. Os despossuídos da moradia (percebida como conquista econômica e propriedade privada) fazem das ruas o seu “habitat” e desafiam a lógica do capital, que insiste em retirar estes personagens da paisagem urbana. Os que não fazem os usos previstos das ruas contradizem a ordem econômica segregadora que enaltece as impossibilidades de vínculos mais duradouros com estes espaços. Martins (2002, p.57) aponta que

A realidade urbana vivida pelos moradores de rua caracteriza-se pelas precárias e, muitas vezes, miseráveis condições a que se vêem expostos nas esquinas das grandes metrópoles. No entanto, a presença de pessoas que têm a rua como modo de vida na metrópole não mais é percebida como algo extraordinário. A naturalização é de tal ordem que tais pessoas passam despercebidas ou ignoradas, e suas presenças, através dos usos que fazem das ruas, praças e calçadas, acabam sendo tomadas como cenas comuns, como mais um aspecto que se agrega ao turbilhão de coisas e pessoas que movimentam e compõem o espaço da rua numa metrópole.

A presença das pessoas “que têm a rua como modo de vida”, não é, a nosso ver, naturalizada ou ignorada, mas reflete nitidamente as contradições da sociedade urbana. As cenas comuns do cotidiano mostram que tememos a presença daqueles que causam incômodos justamente porque são vistos, percebidos, reconhecidos como figuras de uma distribuição desacertada da renda sem solução a curto prazo.

Vidros de automóveis fechados ao pararmos em semáforos, passos acelerados ou desvio de percursos motivados pela existência de praças que se fazem conhecidas por serem freqüentadas pelos chamados “meninos de rua”, ações como chacinas contra menores, atear fogo em mendigos ou espancar prostitutas demonstram que os “fantasmas da rua” existem e assustam. Diversas instituições

trazem em um discurso único e afinado, a proposta de retirar as pessoas da rua. Os conteúdos sociais das ruas incomodam!

Não podemos desconsiderar ainda que instituições como a Igreja Católica promovem amplos debates sobre o assunto, que também é discutido em escolas, associações de moradores, programas de TV e rádio. As miseráveis condições em que vivem as pessoas “da rua” podem ser esquecidas, naturalizadas ou ignoradas. A existência delas, não.

Em recente reportagem, o jornal “O Globo On Line” mostrou que na maior metrópole brasileira, o poder público municipal criou “rampas anti-mendigos”, para evitar que os pobres criassem vínculos mais permanentes com alguns espaços públicos da cidade. Há o risco de entendermos ações deste tipo, como normais, aceitáveis. Cria-se a necessidade de proteger a rua, assim como fazemos com a propriedade privada, dos grupos e pessoas que assombram o imaginário coletivo na modernidade.

Os pobres na cidade geraram inquietações em diversos momentos da história mundial. Hobsbawn (2000, p.295) descreve que este era um dos “problemas urbanos” que preocupavam os planejadores no Século XIX.

Para os planejadores de cidades, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares não especificados, mas presumidamente mais sanitizados e certamente menos perigosos. Essa também era a política das estradas de ferro, que faziam suas linhas passarem pelo centro da cidade, de preferência pelo meio dos cortiços, onde os custos eram menores e os protestos negligenciáveis. Para os construtores e empreendedores, os pobres eram um mercado que não davam lucro, comparados aos dos ricos com seus negócios especializados e distritos de comércio, e também às sólidas casas e apartamentos para a classe média ou subúrbios em expansão. Quando os pobres não ocupavam os distritos centrais das cidades, abandonados pelas classes mais elevadas, suas habitações eram construídas por empresários especuladores ou pelos construtores de grandes blocos desolados para aluguel, conhecidos na Alemanha como “barracões de aluguel”
(M — n .

As estratégias para a retirada dos pobres da cidade ganharam novas ações, que além da especulação imobiliária, passaram pelo apelo das idéias higienistas, pelo uso da força e pela sedução da filantropia. Mesmo que Ribeirão apresente muitos pobres que se vêem prestigiados pela “Cidade dos Meninos”, teoricamente haveremos de encontrar no município grupos que estão abaixo da denominada “linha da pobreza”. Estas pessoas, ninguém as deseja. Os pobres, visíveis ou não,

como já discutido anteriormente. A tríade urbana de Ribeirão das Neves se consumou: presídios, loteamentos populares e preparação para o mercado de trabalho. Uma só história em três momentos.

Os jovens de Ribeirão das Neves, assim como os seus familiares, encontraram na proposta da instituição filantrópica uma forma de modificarem a imagem construída sobre eles que acentuava apenas os “desvios” próprios da adolescência (rebeldia, agitação, descontrole emocional). Era importante criar na comunidade uma outra ótica que permitisse aos seus jovens vislumbrarem uma perspectiva de futuro melhor através do enquadramento na lógica do mercado de trabalho. Horários deveriam ser cumpridos a partir da necessidade da produção da mão-de-obra, responsabilidades seriam cobradas dentro do que cada um poderia suportar, hierarquias passariam a ser aceitas como prática comum e, evidentemente, a crença no sonho de que as dificuldades encontradas no caminho fazem parte da vida e serão superadas se as enfrentarmos. A proposta, além das questões citadas, adquiriu um caráter religioso bastante apurado e isto ajudou na aceitação coletiva das famílias dos jovens que pretendiam experimentar a vida no internato. Aprendemos a confiar na religião e nas redes de sociabilidade promovidas por ela.

Assim como Cinderella, personagem dos contos infantis, os jovens da periferia metropolitana de Belo Horizonte devem trabalhar bastante, sofrer em alguns momentos e transformar a dura realidade em resultados positivos para sua vida. Depois, tudo pode virar abóbora. Tudo pode transformar-se em sonho realizado. A fada-madrinha cumpriu o seu papel.

Estes resultados podem significar ganhos e lucros para empresas que contratam a mão-de-obra dos jovens trabalhadores ainda pouco experientes, mas com vontade de produzir. Como em Ribeirão das Neves não há um número

expressivo de organizações econômicas que gerem empregos, a capital do estado toma para si esta responsabilidade, assim como municípios industriais que se localizam nas proximidades de Ribeirão das Neves, como Contagem e Betim. O “novo” trabalhador migra para outros locais, se necessário for. Cria identidade com outras cidades a partir do local de trabalho. Preserva as lembranças da família e dos amigos que ficaram para trás. Para quem vive em Ribeirão das Neves, o trabalho pode ser a porta de saída do município pobre, violento e sem perspectivas claras que permitam conceber um futuro mais confortável no que se refere ao pleno exercício da cidadania. O trabalho, que deslocou inúmeras pessoas para o município, agora traça caminho contrário.

O relato de um funcionário da CDM caracteriza a desilusão com a cidade em que mora:

Viver aqui em Neves é muito ruim. Não tem nada. Você pode ver que nem as ruas são asfaltadas. Um tempo o pessoal quis asfaltar a minha rua, mas descobriram que os moradores tinham votado no candidato adversário e o asfalto não foi colocado. Dá para perceber o nível da política que tem aqui, né? Só moro aqui porque não tenho condições de morar em outro lugar. Se eu pudesse, já estaria longe. Aqui nem cinema tem¹²⁵.

A precariedade econômica do município se explica, para este interlocutor, pelas faltas. O “não ter nada” não impede que o morador busque alternativas de lazer e de trabalho em outros locais. O amor pelo lugar, neste contexto, está visivelmente atrelado aos fatores econômicos.

Um município que não disponibiliza equipamentos mínimos de lazer (o cinema, por exemplo) para os seus moradores que são, ao mesmo tempo, trabalhadores que atuam em outras esferas da administração municipal, tende a ser, de fato, uma cidade-dormitório. A política pública local, geradora do incremento industrial em Ribeirão das Neves, adormeceu. As empresas empregadoras, idem. O capital, que jamais dorme, está vigilante e propõe acordos tácitos com os pobres da

¹²⁵ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

região. Não podemos afirmar, no entanto, que a falta de equipamentos de lazer de uso público impeça as pessoas de se divertirem, de construírem as suas redes de sociabilidade informal de formas variadas.

Não é nova a idéia de que o trabalho pode promover o recuo da precariedade econômica e, com isto, explorar a mão-de-obra juvenil e a própria juventude, em troca dos resultados esperados pelas empresas e pelos próprios trabalhadores. Em diversos momentos, podemos perceber a sedução que o trabalho proporcionou nas indústrias têxteis e nas usinas canavieiras, pelo Brasil afora. Era quase um convite irrecusável transformar o vigor juvenil em mão-de-obra vendável, pronta para a produtividade que tanto o mercado almejava. A desagregação dos modos de vida vigentes estava posta. A história de cada um deles permanece viva, cheia de detalhes por desvendar.

4.1. “Eu sou pobre, pobre, pobre de ‘maré decê’”. Eu sou jovem, jovem, jovem e o trabalho me faz crescer. Apontamentos sobre histórias de vida na pesquisa de campo.

“Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança”

(Mateus, 5. 1-11)

A Cidade dos Meninos é parte da nossa sociedade e como ela, apresenta as suas contradições. Mostra-se como um projeto novo, inovador, cheio de possibilidades e carrega consigo valores arcaicos e velhos conceitos morais e religiosos que geram certo estranhamento nos que optam pela vivência em regime de internato na instituição. É necessário adaptar-se a esta “nova” ordem que prestigia o velho (alguns diriam ultrapassado), o residual do pensamento social de

outrora, como a proibição do convívio diário entre meninos e meninas no mesmo espaço (excetuando-se com mais nitidez o convívio nas escolas de ensino regular)¹²⁶. Nem o mundo do trabalho contempla mais tal separação de espaços. As mulheres ainda hoje apresentam mais dificuldades na inserção do mercado de trabalho.

O espaço físico da CDM não é visto como público, apesar de apropriar-se de parte dele para se estabelecer como estrutura privada. A individualidade do querer, associado ao poder, se impõe sobre o modo de vida coletivo. Esta estratégia de confundir público/privado relembra parte da nossa história, cercada de relações de dominação e de submissão ao outro. A relação de gênero, neste caso, ainda tem uma ampla história por contar.

Não é exagero lembrar que existem três propostas de acolhimento social para os jovens, oferecidas pela CDM: o internato, o semi-internato e o externato (cf. Cap 1). Mostrando certa acidez no humor, os jovens comparam as suas vidas cotidianas ao regime de liberdade restringida própria dos presídios, onde há regime fechado e semi-aberto. Na perspectiva do humor juvenil, os disciplinários da CDM são os agentes da ordem e as mães-sociais, promotoras ou advogadas de defesa. O juiz é sempre o mesmo. Deixemos de lado a ironia que mostra, nas entrelinhas, a importância dos presídios em Ribeirão das Neves.

O que aparece como novo na instituição localizada na periferia metropolitana, são os próprios jovens, suas histórias de vida, seus erros e acertos. Eles dão uma identidade singular ao projeto por meio da textura corporal que apresentam. Não podem envelhecer. O lugar dos velhos é na cidade.

As escolas de ensino regular gerenciadas pela CDM têm ações pedagógicas que permitem uma maior sociabilidade entre os estudantes. Como são escolas públicas, devem contemplar, além da proposta pedagógica da instituição filantrópica, também aos objetivos educacionais traçados pelo Estado. A integração homem/mulher no mesmo espaço de convivência deve ser estimulada nas escolas.

Os adolescentes são substituídos, remanejados a cada dois ou três anos e não voltam mais ao internato. Em algumas ocasiões retornam, mas na condição de empregados ou colaboradores. Todo o elenco secundário pode envelhecer biologicamente no interior da CDM, mas os astros desta engrenagem devem ter boa aparência, estar sempre viçosos e ser educados, assim como os artistas midiáticos, explorados exaustivamente pelos meios de comunicação social, como o antigo grupo musical “Menudo” ou as famosas assistentes de palco de um programa infantil de TV que são chamadas de “Paquitas”.¹²⁷ São mercadorias de qualidade. Valem muito emocional e monetariamente.

A CDM é a terra do nunca. “Nunca desobedeça, nunca diga palavrões, nunca levante a voz”. Ao mesmo tempo mostra, em seus ensinamentos, que o jovem “nunca deve desistir dos seus sonhos”, “nunca deve descuidar da aparência física, da saúde e dos estudos”, “nunca pode fazer integralmente aquilo que gostaria” e que a vida coletiva é maior do que a individualidade. Além da tradição de repetir antigos ensinamentos, a instituição filantrópica contempla preocupação com a formação dos jovens pelas quais é responsável.

Mas, quem são estes meninos (e meninas) que alicerçam e mantêm o funcionamento, a pleno vapor, da idéia do empresário que constrói paulatinamente a imagem do mito nas franjas periféricas de Belo Horizonte? São Pedros, Andrés, Carolinas, Ivos, Marias, Antônio e Lúcias. São os pobres que insistem em trocar de identidade e serem percebidos como instrumentos de produção do capital. Quem sabe, com esta escolha, mudam de classe social? Por este motivo se abrigaram na proposta da CDM. Têm histórias para contar.

¹²⁷ Estes, e outros tantos grupos, tinham os seus participantes trocados ao completarem 17 ou 18 anos. Ficavam “velhos” para os objetivos propostos

Não há como deixar de registrar, ainda que de forma incipiente, as histórias de vida das pessoas que deram seus depoimentos e suas contribuições das mais variadas formas, para que esta tese existisse. Os jovens, em especial, deixaram suas marcas neste trabalho quando nos permitiram entrar nas suas casas-lar, nas suas intimidades e nos seus sonhos, quando perguntavam sobre as fotos tiradas na instituição e se podiam ouvir as gravações feitas com eles. Os jovens, iguais em comportamento coletivo dentro da CDM, tinham particularidades que mereciam registros, quer por suas ações de improviso, quer por suas lamentações com o tempo vivido fora da dinâmica exaustiva do município.

Lucas¹²⁸ é um menino doce, inquieto, falante e teimoso. Fácil distingui-lo dos demais colegas em qualquer ambiente coletivo da CDM. Ele anda, movimenta-se, fala e incomoda mais do que os outros. Escreve cartas de amor para as meninas do internato e reclama, na sua fala, que é uma injustiça não poder namorar no lugar que o prepara para o futuro. É também um mensageiro das cartas de amor dos colegas de casa e de escola. Viu, no pesquisador, um possível aliado para que levasse as suas mensagens de amor. Decepcionou-se pela impossibilidade de ser atendido e recolheu-se por uns dias, silenciando a sua comunicação. Depois, a impossibilidade da entrega dos bilhetes transformou-se em pequenos diálogos sobre como o amor nos faz bem. Lucas vivia esperando o fim-de-semana chegar. Lucas ama e escreve cartas de amor. Lucas espera ser um homem trabalhador.

Eugênio é um jovem tímido, calado, aprendiz de músico. Fala pouco sobre a sua vida e sua família. Todas as vezes que via o pesquisador, dirigia-se para cumprimentá-lo, perguntar como estava a pesquisa e, ao final do diálogo, o convidava para visitar a sua residência fora da CDM. Foram incontáveis convites

¹²⁸ Este nome, assim como os demais utilizados, foram modificados para garantir e preservar a intimidade de cada um deles.

para que a visita fosse feita ao seu verdadeiro lar. Eugênio não sabia esperar. Reclamava que a visita deveria ser no próximo final de semana em que o pesquisador estivesse livre. Havia outras prioridades e a responsabilidade de não sairmos do recorte formal da pesquisa era uma preocupação nossa. No mundo do trabalho, nem sempre os nossos desejos são atendidos por inteiro. Eugênio mostrou-se sociável e insistente nos seus propósitos.

Marli é uma mãe-social desquitada, simpática, de meia-idade e bem-humorada. Carrega consigo a curiosidade como característica pessoal mais visível. Além dos objetivos da pesquisa de doutorado realizada na CDM, Marli perguntava muito sobre a vida pessoal do pesquisador, que insistia em falar do percurso da investigação científica somente. A mãe-social confidenciava que achava o pesquisador muito sozinho e que poderia ter um pouco mais de intimidade com ele. Ela o convidou, diversas vezes, para alguns programas mais particulares e enviava diversas mensagens via telefone celular, para aquele que não correspondia às suas expectativas, embora se sentisse lisonjeado, por ter ouvido muitas histórias da vida desta mulher que dizia que um homem não pode viver sozinho. A razão pode estar com ela.

Fabrcio e Lussandra se amam, moram juntos. Os dois tm entre 30 e 35 anos e trabalham na CDM. Namoram h alguns meses, mas no podem deixar que o relacionamento se torne conhecido para no darem mau exemplo aos demais membros da instituio filantrpica. Namoro pblico tornou-se, neste caso, mau exemplo.

Eles se olham, se cumprimentam rapidamente, mas no se beijam ou se abraam em pblico, sequer ficam de mos dadas. Ele vai embora todos os dias e ela é liberada somente nos finais de semana. Pediram autorizao dos diretores da

instituição para namorarem. Segundo eles, não houve impedimento, mas a advertência de que fossem discretos para evitar fofocas e dificuldades no trabalho. Patrões e trabalhadores chegaram a um consenso: o trabalho exige esforço, renúncia e dedicação. Fabrício e Lussandra usam mensagens de celular para se comunicarem. O casal consegue estabelecer uma relação de amor no ambiente de trabalho e se adapta às normas sem maiores dificuldades. Trabalhar juntos dava a eles segurança e prazer.

4.2. As transformações humanas para se chegar ao mundo do trabalho: convivência social, vida cotidiana e imposição da ordem. Nem todos agradecem.

“O melhor meio para não haver miseráveis nem ladrões é fazer leis proibindo a preguiça e a inveja capazes de forçar todo mundo à virtude do trabalho”. (CHAUI, 1984)

Adentrar os muros da Cidade dos Meninos não é tarefa fácil. Esta dificuldade é estabelecida para quem almeja trabalhar na instituição, pois há um processo seletivo rigoroso e que aparentemente foge das indicações pessoais. Para quem pretende visitar as suas instalações físicas deve haver um agendamento prévio. Para quem deseja nela viver, em regime de internato ou semi-internato, divulga-se que a procura é sempre maior do que as vagas disponibilizadas semestralmente. Para os amigos ou parentes de funcionários da instituição filantrópica adverte-se que não podem estabelecer relação social mais freqüente com os seus conhecidos caso sejam aprovados na seleção. Quando membros de uma mesma família são selecionados pela instituição, logo são separados para não manterem os vícios e os costumes da vida em família. A CDM é um constante aprendizado.

Uma ex-funcionária relata que logo que começou a trabalhar na CDM, o seu marido saiu com ela, de carro, olhando as casas-lar e as quadras próximas à escola. Foram barrados pelo diretor da escola pública e convidados a se retirarem do local. Esta informante foi advertida que fizesse apenas o percurso oficial da entrada principal até à escola. O olhar curioso sobre a grandiosidade da instituição não é para todos. Curiosidade demais incomoda.

As portas da instituição se fecham para muitas possibilidades e se abrem para uma outra perspectiva: a do isolamento das práticas cotidianas e comuns da cidade como um todo. Erguem-se novos tempos, novos valores, nova mentalidade. Tudo amparado em velhos princípios. O novo e o velho são duas faces de uma mesma moeda. Os simulacros reforçam nos seus discursos a negação da cidade.

Para a pesquisa acadêmica, as portas do admirado projeto social se abriram com mais facilidade, mas a conquista da confiança dos atores sociais que compõem o elenco de sustentação do seu funcionamento e a observação do comportamento e discursos de cada um deles ocorreram de forma lenta, gradual e persistente.

Uma experiência relatada por outro pesquisador, Lopes (1978, p.18), ajudava na construção do método de abordagem das pessoas com quais tínhamos que lidar e no direcionamento da nossa pesquisa. As situações são claramente antagônicas em tempo, espaço e propósitos gerais, mas entender e compartilhar as angústias de quem precisava, nos anos 1970, observar os trabalhadores nas indústrias canavieiras de Pernambuco, sem deixar que a imagem de pesquisador se perdesse no imaginário social do grupo estudado para que não fosse associado ao patrão ou ao movimento sindical, desperta um alento na construção da tese.

A leitura desta obra foi um alento nesta caminhada acadêmica, quando a paciência teimava em dizer que não queria mais ser nossa fiel companheira. O autor

mostra que o impedimento em participar do cotidiano do interior destas indústrias deveria ser compensado com outras ações metodológicas. Um trecho, particularmente, nos chamou à atenção, quando, logo na introdução, ele escreve sobre a importância da rede de contatos e da clareza dos objetivos propostos:

Assim, as condições do meu acesso aos operários do açúcar no **próprio território** da usina deveram-se a uma **conjuntura de fatores favoráveis** que puderam derrogar o dilema de pesquisa evocado no primeiro parágrafo desta introdução, sem no entanto anular sua vigência. Sem contar com a **boa vontade** dos dirigentes sindicais e a dedicação do delegado sindical, por um lado, e por outro lado com a **boa vontade** do gerente da usina; sem contar com o clima de liberalidade relativa dessa usina e com relativamente boas relações entre sua administração e o sindicato e sem **cercar-me de apresentações** por todos os lados nos distintos agentes sociais da usina, não conseguiria permanecer cerca de um mês alojado na usina e entrevistar seus operários [...]. Assim, a ausência de conflitos coletivos explícitos, nesta usina, entre os operários e a administração, se por um lado deixava de revelar com maior clareza o funcionamento da usina e suas contradições internas, por outro lado contribuiu para pelo menos permitir a viabilidade de a pesquisa ser feita **no próprio território** da usina, embora com todas as suas limitações¹²⁹.

A pesquisa acadêmica não pressupõe um passaporte garantido para que ela se efetive tal qual a idealizamos. Levar em conta que o “outro” delibera, faz recortes, influencia e modifica a nossa proposta inicial exige que a metodologia tenha um fio condutor pré-estabelecido para a obtenção clara dos resultados esperados. A entrada do pesquisador, na “Cidade dos Meninos”, teve como pressuposto a experiência profissional anterior do doutorando naquela instituição. O “ex-professor” da escola estadual estava de volta e o cenário parecia o mesmo de anos atrás. Parecia, mas não era. O próprio aspecto físico se modificara. As escolas foram ampliadas e repintadas e a parte externa da instituição sofreu algumas alterações na sua estrutura física. Estavam sendo construídos outros galpões que irão abrigar novos cursos.

O cotidiano da “Cidade dos Meninos” é estranho para alguns, interessante para outros, chato na percepção de mais alguns. Os adjetivos que definem a vida diária na instituição, na percepção dos menores internos, passam ainda por termos

¹²⁹ Os grifos são nossos.

como “monótono”, “sacal”, “corrido”, “cansativo” e “repetitivo”. Quando do questionamento regular que fazíamos sobre como era o dia-a-dia destas pessoas, as repostas iam de “é todo dia a mesma coisa, não tem quem agüente” a “não temos tempo pra nada, passamos o dia correndo”. Repetição e rapidez são os alicerces da vida produtiva.

Não houve repostas que endossassem o poético, o lúdico, o saudosista. O lugar de morar tornou-se apropriado especialmente para a produção. Neste aspecto, a separação entre o possível e o imaginável se apresenta distanciada. Não há lugar para a poesia, no corre-corre do dia-a-dia. Não sobra tempo para apreciar o pôr do sol ou o brilho da lua nas andanças em filas. Uma mãe-social assim discorre:

Aqui nós não temos tempo pra nada. Os meninos [e ela] acordam às cinco e meia da manhã. Arrumam a casa, escovam os dentes e vão para o refeitório. Depois vão para a escola, almoçam, voltam pra casa rapidinho, tem os cursos profissionalizantes, o esporte [alguns dias], a volta pra casa, o banho, o jantar, o retorno pra casa, o estudo e a preparação das tarefas para o outro dia e aqui, acolá, a gente faz uma faxina na casa quando dá tempo para não ficar muito bagunçado. No final do dia eles [e talvez ela] estão “mortinhos”. Quando dá oito, nove horas da noite eles não querem mais saber de nada. Todo dia é a mesma coisa¹³⁰.

O discurso da mãe-social mostra, de forma simples, como é o dia-a-dia dos internos da instituição. Quando fala sobre os adolescentes, em vários momentos ela própria está inserida na mesma dinâmica, já que acompanha quase todo o percurso do grupo. O cotidiano se diferencia, por exemplo, quanto ao tempo determinado para o banho ou ao horário de se recolher. Elas (as mães-sociais) são autônomas, adultas. Durante o período em que os internos estão nos cursos profissionalizantes ou nas escolas regulares, as mães-sociais saem para pequenas compras no centro de Ribeirão das Neves, visitam as colegas de outras casas-lar, ouvem músicas, telefonam para as suas famílias ou descansam um pouco. Também cumprem os horários de outras atividades sugeridas pela instituição.

¹³⁰ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

Esta repetição das práticas diárias gera um sentimento comum nas pessoas que a vivenciam: a de que o diferente, o inusitado, o novo não pode ocorrer, sob pena de colocar a ordem em xeque. Para que a ordem não saia do determinado, arranjos e acordos são feitos. O “escuro” permite algumas contravenções, como veremos em seguida.

Uma curiosidade merece ser destacada. Enquanto a CDM se encontra em estágio de repetição contínua do seu cotidiano, Ribeirão das Neves evidencia o desencontro de não ter uma padronização, sequer dos horários do seu transporte coletivo. É o que se constata na fala de diversas pessoas que o utilizam frequentemente e na observação de campo. Em Ribeirão das Neves a repetição é relacionada aos problemas da cidade.

O município permite, porém, que as suas escolas deliberem, autonomamente, questões relacionadas aos dias letivos, recesso escolar, atividades extra-classe. É possível, ainda, mesmo nas ruas mal cuidadas e sem vida de Ribeirão das Neves, fazer percursos diferentes, parar ou seguir, conforme a vontade pessoal ou coletiva, cumprimentar as pessoas com as quais exista afinidade. A periferia estendida de Belo Horizonte possibilita, entre outras coisas, agressões físicas e verbais, gestos obscenos, gritos e sussurros, namoros aos pés dos muros, liberdade de escolher o assento nos cultos religiosos, ou mesmo, não freqüentá-los, apressar o passo, quando estamos atrasados e demorar uma eternidade, quando o tempo para a atividade proposta for suficiente para a lentidão. Ribeirão das Neves e a Cidade dos Meninos são dois pesos, duas medidas. Os jovens vivenciam as duas realidades semanalmente e adaptam-se a elas. Reclamam das duas.

O município apresenta as suas seduções do urbano e captura para si o discurso de que a liberdade está posta para todos. Segundo opinião de dirigentes da

CDM, a evasão de alunos no decorrer do semestre letivo deve-se ao regime muito rígido proposto pela instituição filantrópica:

Os meninos chegam aqui e acham que podem fazer tudo o que fazem lá fora. Quando passam um, dois dias aqui, já vão pedindo para sair. Tem menino aqui que sai no mesmo dia [que é admitido], não agüenta o ritmo. Prefere viver na pobreza. Às vezes não tem nem o que comer em casa, mas prefere ficar na rua. Aqui eles têm tudo, mas não têm essa liberdade toda que existe lá fora. Se ele quiser ficar aqui, tem que se adaptar. Aqui não ficamos adulando [sic] menino pra ficar não. Se ele quer ir embora, é só o responsável vir aqui e pronto. O problema é que muitos meninos acham que isso aqui é uma prisão, que nós vamos obrigá-los a fazer o que eles não querem. Não é nada disto. Eles sabem bem o que podem e o que não podem, mas quando chegam aqui, alguns acham que podem fazer algumas coisas e nós não permitimos. Por exemplo, brincos [nos meninos] e bonés. Se eles acham que podem usar aqui dentro, não ficam, vão embora no outro dia mesmo. Se acham que é demais fazer um curso profissionalizante e estudar devem ficar lá fora mesmo. Aqui é para quem quer alguma coisa¹³¹.

Na análise deste discurso, conhecido por todos os funcionários e internos da CDM, podemos perceber que apenas uma estrutura rigorosa da manutenção da ordem e a disponibilidade de moradia, alimentação e educação não seduzem a todos. Há contestações, descontentamentos. A troca significa mudança de comportamento, de atitudes, de percepção da vida. Mexe com o espírito juvenil. Não se paga um preço baixo por estas escolhas. A rigidez é uma característica do trabalho. Conviver com ela é um aprendizado. O internato, assim como a própria escola regular, permite que as pessoas se submetam a uma ordem convincente, lógica e aceitável.

A pobreza material e a insegurança das ruas mantêm-se enigmáticas quando possibilitam aos jovens fazerem escolhas a partir dos seus desejos ou das suas necessidades pessoais. Não podemos dizer que não há escolha para eles.

A falta do aconchego da família e dos amigos também é apontada como um dos motivos para a evasão de alunos da CDM, já que não é possível educá-los ou fazer com que tenham boas maneiras. Sempre que dirigentes da instituição se

¹³¹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005. Aqui aparece a fala de um dos dirigentes, mas os demais coordenadores e mães-sociais repetem este mesmo discurso com freqüência.

referem às famílias dos menores carentes enfatizam que “são famílias problemáticas, onde o pai é desempregado, a mãe muito pobre, os filhos se envolvem com drogas, às vezes tem violência e alcoolismo na família”. Este discurso aparece como estigmatizado, caricatural, um quadro que, em parte, é verdadeiro, mas não se constrói sob esta ótica apenas. Em **todos** [o grifo é nosso] os relatos colhidos com os internos, um dos pontos negativos apontados pelos menores, no que se refere a CDM, é a falta que sentem da família, dos amigos, dos vizinhos e dos namorados e namoradas. Mesmo convivendo com violência, medo e privações, pessoas sentem falta de outras que lhes são queridas.

Evidentemente esta pesquisa não se deterá por mais tempo neste tópico. Endossa, no entanto, que há certa generalização na percepção da CDM sobre a realidade tida com comum das famílias dos menores. Conflitos estão na ordem do dia. Pobreza, idem. Enfrentá-los é a opção de alguns. Outros se escondem ou fogem destes problemas (Foto 15).



FOTO: 15 – Jovens que optaram por enfrentar outros problemas. Deixaram as família e a vivência cotidiana do município de Ribeirão das Neves. Novas possibilidades são apontadas para eles, que vivem e moram na Cidade dos Meninos. (Foto: Paulo Oliveira, 2007).

Se pensarmos de modo mais particularizado, o fato dos jovens internos da CDM terem a própria cama para o descanso diário, um armário para a guarda de seus pertences pessoais, um banheiro com água encanada, quadras para práticas de esportes e acesso à educação são ganhos materiais significativos para quem se desliga de forma radical da família, do bairro, da ociosidade. Segundo narrativas de diversas mães-sociais, de instrutores e pessoas envolvidas no processo seletivo para o ingresso dos adolescentes na CDM, muitos destes jovens não dispõem, nas suas residências, sequer de um quarto ou de um colchão mais confortável para o descanso no final do dia. “Um quarto para si, um escritório para si são os lugares sonhados por muitos, mas reservados a uma pequena minoria que pode pensar,

escrever, criar, transformar a sociedade e que tem o privilégio de poder se proteger e se excluir”. Claval (2001, p.129/130). (Foto 16)

FOTO: 16 – Equipamentos de uso múltiplo e o conforto da casa sem os problemas da família. Na fala dos jovens há a lamentação pelo não encontro com os amigos e familiares com mais frequência. A ordem instituída não coíbe a pichação de alguns móveis. (Fotos: Paulo Oliveira: 2006)

Um ponto merece destaque nos testemunhos colhidos com dirigentes, coordenadores de setores e mães-sociais: enquanto a chamada “Ajuda Pedagógica” (ver cap. 1 e 2) insinua os aspectos negativos da relação educando/educador (relação de mando, arbitrariedade e não direito a defesa de quem é acusado), esta prática, tão temida por alguns menores, pode ser uma estratégia para que a realidade externa seja vivenciada menos tempo. Ficar trabalhando aos sábados na CDM preconiza o direito a mais uma refeição, a mais um tempo de convívio com diversos colegas que insistem em serem reconhecidos como “desordeiros” e talvez, menos convívio com os problemas da família, do bairro, da própria vida. Um dos relatos de uma mãe-social endossa que:

Tem menino aqui que fica muitas vezes na [Ajuda] Pedagógica. Alguns querem ficar conhecidos pelos colegas, outros ficam por necessidade mesmo. Às vezes não tem o que comer em casa e aproveitam o sábado aqui na CDM. Dá até pena, coitados. Se você soubesse de metade das histórias destes meninos você não ia acreditar. Aqui tem menino que não tem o que comer em casa. Alguns levam um pouco do almoço no sábado que é para jantarem. Os meninos que querem ficar conhecidos não fazem muitas atividades pesadas senão são expulsos. Como são faltas mais leves, a CDM dá um desconto, mas se repetir muito a Ajuda Pedagógica, eles são alertados de que terão que melhorar o comportamento. Tem menino aqui com a maior cara de “bonzinho”, mas apronta cada uma...¹³²

Por outro lado, a “Ajuda Pedagógica”, que pode aparecer como alternativa aos conflitos materiais de diversos jovens, pode o inspirar a sordidez e a prática arbitrária de quem a coordena. Um relato de um disciplinário, profissional responsável, entre outras atividades, por acompanhar os jovens de “mau comportamento” nos sábados, conta-nos que:

Você sabe do menino da casa tal¹³³? Pois é, os colegas denunciaram a mãe [social] que ele fica se masturbando no banheiro e “pregaram um peça nele”. Na hora em que ele estava praticando o ato, os meninos foram em silêncio chamar a mãe social que deu um flagra nele e colocou na “Pedagógica”. Ah, você sabe, né, na adolescência todos nós fazemos isto, mas não na frente de todo mundo. Tem que ser quietinho, no local adequado e em silêncio. Todo mundo faz, mas tem que respeitar os outros. Sabe o que eu fiz com ele no sábado? Chegou aqui um carro para levar umas madeiras lá pra fora e precisavam de algumas p

inclusive as de cunho íntimo. Vários meios de comunicação têm divulgado com frequência que um número expressivo de empresas quer mais controle sobre o acesso de seus funcionários à Internet, a rede mundial de computadores. Há dúvidas na interpretação legal do que seja o acesso profissional ou pessoal, gerando conflitos diversos entre patrões e empregados.

Quem passou pelo controle da CDM saberá muito bem distinguir o que é íntimo e pessoal do que é profissional, formal, burocrático. Não há como “mexer os pauzinhos” para subverter a proposta de ensino estipulada para os jovens materialmente pobres que tem uma identidade marcada pelo município de Ribeirão das Neves. Os seus aprendizes devem absorver a idéia de que “são pau para toda obra”. Nem todos agradecem o que lhes fora oferecido. Descontentes haverão de existir. O paraíso não é para todos mesmo.

Na narrativa do funcionário percebemos que a denúncia silenciosa, anônima e de certa forma, contestadora, dos jovens que se sentiram incomodados com a atitude do colega, surtiu efeito. O individual não deve provocar o coletivo. A mobilização silenciosa “pregou uma peça” naquele que não soube se comportar perante os demais.

A penalização pelo ato solitário foi, na lógica vigente da CDM, exemplar. Os “prazeres da carne” não devem ganhar publicização dos seus atos. Pressupõem intimidades, segredos, discrição, tempo e local adequado. O jovem aprendiz da CDM aprendeu que a sua desobediência deve ser paga com suor e trabalho, assim como ocorreu com Adão. O paraíso não contempla visíveis pecados.

4.3. Entre o “leite e o mel” e o “ranger de dentes”. A força do “paraíso” e as tentações do “inferno” na construção da utopia coletiva.

“Odiava o trabalho e achava que tal palavra deveria ser riscada do dicionário”
(PONTE, 2001)

Em grande parte das atividades que desenvolvemos levamos em consideração os ganhos e as perdas que elas trazem. Avaliamos os pontos positivos e os negativos quando tomamos alguma decisão e esta comparação é primordial para que possamos agir com segurança e maturidade nos nossos objetivos. Elementos positivos e negativos caracterizam o nosso cotidiano, as nossas ações individuais e coletivas, a nossa vida. Cumpre-nos a tarefa de analisar com mais detalhamento o que no nosso entendimento se insinua como aceitável ou prodigioso e o que se estabelece como algo reprovável ou inaceitável na nossa vivência coletiva.

A CDM, sinônimo da aceitação coletiva de um grande projeto assistencialista visto como positivo por muitas pessoas, apresenta, na percepção dos que vivem cotidianamente a sua realidade, ganhos e perdas, avanços e retrocessos na sua proposta filantrópica voltada para a juventude. Para que ocorra a abundância do “leite e do mel”, muitos sofrem, se humilham, são constrangidos, “rangem os dentes”, mas mantém a crença na instituição como alicerce de um mundo melhor, mais humano e justo. A proposta do “dar-te-ei tudo isto”, se “abdicares de algumas coisas”, faz sentido para muitos. Mantém a dimensão de que não podemos conseguir em tempo integral o que desejamos na sua totalidade, mas o que ganhamos, mesmo que sobras do urbano, devem ser considerados, avaliados, aceitos.

Difícil encontrar alguém que nos ensine como desenvolver uma pesquisa aproximada do objeto de estudo e não misture razão e emoção no percurso acadêmico, principalmente quando lidamos com histórias de vida, interação real com o outro através da fala e intervenções de campo. Alguns dos mais renomados escritores e pesquisadores caíram nesta “armadilha” que envolve sentimentos e razão. Em cada relato ouvido, em cada frase dita, em cada registro fotográfico feito, a pesquisa que acabamos de realizar possibilitou repensar a nossa própria história. A juventude empobrecida de Ribeirão das Neves busca mais do que sonhos individuais de inserção no mercado de trabalho, quando opta pela vida no internato. Várias histórias nos comoveram, como as já citadas, mas uma delas merece registro especial pela “desarrumação” que nos causou por sua sensibilidade e sentimento. História de mãe, evidentemente. Ao ser perguntado por quais motivos os jovens escolhiam ficar na CDM, ao invés de tentarem a vida fora do regime de internato, um quase menino falou:

Porque era o sonho da minha mãe. Ela sempre quis que eu viesse pra cá e falava muito nisto. Um dia eu vim aqui, peguei as informações e disse a ela que queria fazer o teste para entrar aqui. Fui aprovado e estou aqui. Ainda não me acostumei, mas quando penso que é o sonho da minha mãe, vou ficando. Fui me adaptando. Ela ficou muito feliz com isto. Sinto falta da minha casa¹³⁵.

A mãe solicita, o filho realiza, como nas Bodas de Canaã, relatada nos escritos religiosos cristãos. O bom filho atual só retorna à casa da sua família, nos finais de semana. A CDM promove sonhos, fantasias, integração familiar e cansaço físico. Emociona os que dela se ocupa em pesquisar.

As mães-sociais trazem um discurso único, quando inquiridas sobre a escolha pela CDM como local do trabalho e da vivência cotidiana: o de que estão lá porque gostam do trabalho social e de responsabilidade da “criação” (como elas costumam chamar) do menor. Enfatizam, com freqüência, a seriedade da proposta da

¹³⁵ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

instituição. Ao mesmo tempo, expressam que não querem ficar muito tempo lá porque sentem falta dos maridos, dos filhos e da própria casa. Uma ou outra mãe-social relaciona que o fator econômico é o que mais influenciou a sua decisão de se dedicar plenamente ao apelo da CDM. As entrevistas semi-estruturadas pediam para que cada entrevistado falasse, inicialmente, sobre a sua vida pessoal. A cidade de nascimento e as idades eram as primeiras informações que as pessoas verbalizavam livremente.

Torna-se unânime o número de lamentos sobre os baixos salários (pouco mais de um salário mínimo) e o stress proporcionado pelas atividades que desenvolvem na instituição. Quando perguntadas sobre os sonhos e projetos para o futuro, as mães-sociais relatam que querem “arranjar um serviço melhor, apesar de gostarem muito dos meninos”.

Na hierarquia funcional dentro da instituição estas mulheres apresentam amplo poder de interferirem na vida particular dos internos pelas quais são responsáveis. São os seus subordinados e estão sempre atentos às ordens colocadas. A instituição traça estratégias para que a autoridade das responsáveis pelas casas-lar não seja enfraquecida. Um exemplo é a existência de cópias das chaves dos armários dos jovens com as mães-sociais e com os coordenadores de cada setor para que em caso de dúvida sobre comportamentos como roubos ou consumos de drogas, possam abri-los para averiguar se há atos lesivos ao bom funcionamento da instituição.

A referência de comando e de hierarquia trabalhista é clara no grupo de funcionários contratados pela CDM. Assim, estes trabalhadores sabem a quem devem obediência e resultados.

Para os jovens internos e semi-internos, contudo, esta definição de comando não é clara, objetiva. Todos aparecem como hierarquicamente superiores aos aprendizes. Não há como cometer deslizes sem que ocorra a avaliação imediata por parte de vigilantes, porteiros, professores, secretárias, telefonistas, disciplinários, mães-sociais, coordenadores, instrutores, motoristas e tantos outros. O peso do cumprimento das normas estabelecidas, em tempo integral, e mostrar resultados satisfatórios a um número expressivo de avaliadores, é maior. Cria-se a percepção de doutrinação dos atos em todos os ambientes da instituição. É um comportamento que resgata a idéia de disciplina, ordem e hierarquia como elementos da produção e da organização do trabalho (DECCA, 2004, p.43). O certo é que na CDM, a hierarquia se apresenta como instrumento indispensável para que tudo funcione como idealizado.

Sobre este assunto levantamos algumas falas e exemplos que ajudam a entender que a manutenção da ordem passa pela desordem, pela malícia, por acordos curiosos. Na invisibilidade das ações, o menor é reprimido. A repressão ganha o sentido de “proteção”.

O primeiro relato é de uma mãe-social, que fala sobre a posse da chave como instrumento de poder sem sentido, para ela:

Não adianta nada a gente ter estas chaves para controlar os meninos. Você acha que se alguém roubar alguma coisa vai esconder no armário? Eles arranjam um jeito de dar “sumiço” nas coisas quando roubam. Aqui tem menino que rouba demais. Aqui eles vendem camiseta dos outros, roubam bonés, roubam cadernos, jogam baralho, trazem revistas pornográficas e fazem um monte de coisa pensando que a gente não sabe. A gente sabe, mas não dá para ter controle sobre tudo¹³⁶.

Numa outra perspectiva, a dos jovens internos, a chave é a garantia da individualidade e da manutenção da posse dos seus objetos pessoais. Joãos e

¹³⁶ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2005.

Marias sabem da importância da chave. Há um sentido simbólico em manter a posse deste objeto.

Não é possível ainda imaginar na CDM cada armário individual sem uma tranca, um cadeado ou um “reforço” na fechadura. A confiança do jovem não é estabelecida no outro, nem no seu grupo, mas no simbolismo criado por uma sociedade insegura, temerosa de si mesma, desigual. A chave fecha armários, cofres, baús, gavetas, portas, casas, carros e dá sentido à materialidade construída por cada pessoa. Torna-se posse. A CDM cria esta estrutura, mas o responsável é o ser individualizado que reproduz as carências do mundo.

Em alguns casos a mãe-social compactua com os seus subordinados para juntos confrontarem a ordem imposta pela hierarquia maior. Evidentemente os casos mais dramáticos como o roubo e o uso de drogas estão fora deste pacto. Citamos exemplos: em um dia de visitas a uma das casas-lar, os internos, após a conversa que tiveram com o pesquisador, naturalmente se recolheram, mas um grupo de quatro garotos montou, em um dos quartos, uma mesinha para jogar “truco”, uma das variedades do jogo de baralho que é bem popular em Minas Gerais.

Observou-se que a mãe-social concordava com tal atitude e, por poucos minutos, acompanhamos a diversão dos garotos. Tudo “dentro da norma”, segundo ela. Não se falava alto, em um jogo que é tradicionalmente realizado com gritos e provocações. Outros garotos esperavam a vez para jogar, e outros foram dormir. Quando as baladas do relógio silencioso avisaram que era hora de seguir as normas novamente, os meninos transformaram-se em abóboras e ratinhos. Precisavam descansar e cumpriram os horários e tarefas corretamente. Não cumpri-los resultaria em perdas, talvez punições.

O baralho se apresentava como uma alternativa aos que são aparentemente despossuídos de tecnologia no seu cotidiano. Fora da CDM, diversos tipos de jogos eletrônicos preocupam famílias de adolescentes pelos perigos que oferecem, como o risco de fomentarem a violência e de estimularem a compulsão dos seus jogadores.

Os jogos, atividades que resultam na expulsão do menor da instituição, fazem parte do cotidiano velado de diversas casas-lar na CDM. As rifas e os bingos que ajudam na obtenção de recursos para a continuação do projeto assistencialista, em contraposição à idéia do que seja jogo proibido, são estimulados e impostos para que os jovens mostrem compromisso com quem os recebeu com responsabilidade e carinho.

Em diversos momentos do período letivo, os jovens amparados pelo projeto assistencialista recebem blocos com determinados números de talões de rifas, para venderem e ajudarem na manutenção da obra. Mães-sociais e diversos funcionários também são “estimulados” a venderem bilhetes que dão direitos a concorrer a prêmios como imóveis, carros, eletrodomésticos e outros.

Os “preguiçosos” que não vendem as rifas, são provocados em público (por exemplo, na divulgação dos grupos mais empenhados que recebem aplausos e elogios dos dirigentes no auditório, enquanto os menos produtivos são chamados a produzirem mais e as mães-sociais estimuladas a cobrarem empenho dos seus orientandos). A venda de carnês, rifas e ingressos para eventos sociais conta pontos na avaliação do funcionário. Transforma-se em jogo, competição. O mundo da produção reproduz a relação de exploração do trabalho (Foto 17).



FOTO: 17 – Nem só do trabalho vive o homem. Os que produzem às vezes contam com o apoio da sorte. Todos os meninos da instituição, assim como os funcionários, recebem carnês para a venda de rifas e sorteios de prêmios. A renda é revertida em melhorias para o bom funcionamento da instituição.

Mais uma questão ampara a idéia do produtivismo na CDM: os chamados “Serviços Diversos”, que são tarefas não remuneradas repassadas a todas as mães-sociais como forma de despertar nelas maior empenho pela obra filantrópica a qual estão vinculadas. Então, diversas mulheres, e alguns homens, trabalham “voluntariamente” na limpeza de panelas e bandejeões do restaurante popular, na organização das cestas básicas, no auxílio das coordenações de setores, na preparação de eventos sociais ou religiosos, nos atendimentos na biblioteca e lojinhas. Os profissionais não escolhem em que áreas gostariam de trabalhar. A delegação das tarefas a serem executadas parte dos hierarquicamente superiores.

Este trabalho não remunerado e divulgado como voluntário, gera inúmeras queixas de quem os executa. Aqui, acolá, há elogios a esta prática. Estes elogios são raros, muito raros. Mães-sociais que gostam de cozinhar e são escolhidas para esta tarefa, por exemplo, percebem esta relação trabalhista truncada como uma “ocupação do tempo”, uma forma de se relacionarem com mais proximidade a outros funcionários que desempenham as mesmas tarefas e momento adequado para a troca de experiências pessoais e profissionais. A lamentação de alguns por não estarem sendo remunerados por determinadas atividades, transforma-se em alento para outros, que sentem-se prestigiados por estarem produzindo, desprezando o ócio. O trabalho também supre carências emocionais.

A prática de atividades não remuneradas como elemento essencial de permanência do empregado no emprego, não é novidade nas relações trabalhistas. Martins (1981:85) lembra que o colono que trabalhava na colheita de café, no início do século passado, nas fazendas paulistas, “estava sujeito a determinadas modalidades de trabalho voluntário”. A lei do mercado daquela época, tem validade hoje, em alguns casos, e mostra que a ocasião estabelece a submissão. A idéia de mando e de obediência é reforçada com tais práticas.

Um fato chama a atenção na relação trabalhista na CDM: um dos irmãos-sociais negociou o seu horário de atuação nos “Serviços Diversos” em troca do estudo em uma faculdade particular. Passou no vestibular para o curso de Educação Física e tem planos para trabalhar na CDM como instrutor esportivo, após a conclusão do curso. Para ele, a liberação ocorreu porque a instituição acredita no seu trabalho, na sua dedicação e no seu compromisso com o projeto social. Não se sente constrangido por não estar escalado para nenhum dos “Serviços Diversos”. Fala com orgulho do seu aprimoramento educacional e profissional.

As modificações no que está proposto originalmente são raras e, algumas vezes, veladas. Nas casas-lar não é diferente. Aparelhos de TV e rádio, a princípio, seriam de uso exclusivo das mães-sociais, enquanto para os internos, este acesso estaria proibido. Arranjos são feitos.

O que acontece na prática? As responsáveis pelas casas-lar abrem os corações e as portas, em determinados momentos, para dividir com os jovens as imagens da tv, as emoções do último capítulo de uma novela, um filme que agrada a boa parte do público juvenil ou que traga mensagens positivas quanto à moral e os chamados bons costumes, os gols das partidas finais de campeonatos de futebol ou notícias que geram comoção coletiva. Os meios de comunicação social, assim como as mães-sociais, mostram a sua força e a sua interatividade com os jovens.

Quando há, porventura, a liberação da TV para a transmissão de determinados programas, ela é colocada na sala de estar, o ambiente coletivo da casa. Em quase todas as casas-lar, existem aparelhos de TV e de rádio. O rádio é usado para a audição de músicas e pequenas notícias na hora destinada ao banho dos jovens, após a chegada da escola e antes da saída para o refeitório. Este é o momento mais barulhento do dia na casa-lar.

Havia sentido nas “rupturas” das leis claras e exaustivamente difundidas na instituição filantrópica? Apreciar apenas o capítulo final de uma novela ou comemorar os gols do time vencedor, mesmo que não houvesse o acompanhamento freqüente, deste ou daquele evento, pelos jovens internos, tinha um sentido: o da aproximação com o outro morador da mesma casa-lar, com a mãe-social responsável pelo imóvel e até mesmo, com os colegas vizinhos. A responsável por uma das casas-lar, esclareceu que:

Este pessoal não tá morto não. As meninas sabem tudo sobre as novelas, programas de tv e fofocas. Pedem às amigas ou às famílias para gravarem e ficam o final de semana todo vendo novela e lendo revistas de tv. Com os

meninos é a mesma coisa: sabem dos crimes, das brigas, dos resultados dos jogos, de tudo que acontece em Ribeirão das Neves. Eu não sei como, mas às vezes eles sabem primeiro do que todo mundo. Tem menino que vem direto do Mineirão [estádio de futebol de BH] pra cá¹³⁷.

A fala da mãe-social denota algumas particularidades: a primeira é o discurso comum que a novela e as focos são para as meninas e que o interesse pelo futebol é para os meninos. A segunda, demonstra que as vidas destes jovens não se resumem apenas aos desejos da CDM. Estes mesmos jovens desfrutam, com uma intensidade ainda pouco percebida, os valores da família, as relações de vizinhança, a própria dinâmica do urbano que se apresenta em Ribeirão das Neves.

Cabe aqui uma ressalva: a configuração dos territórios que são demarcados e fixados até onde é possível ir nos seus usos e apropriações, dentro da CDM, é plenamente respeitada e aceita. A separação dos ambientes masculinos e femininos já foi citada inúmeras vezes, nesta tese. Outra demarcação pontual é a suíte da mãe-social como uma área “intocada” da casa-lar. É o alojamento do chefe. A suíte representa o poder da individualidade, do refúgio, do conforto, da serenidade e da hierarquia. A porta deste aposento, em **todas as casas-lar**, encontrava-se **fechada** todas as vezes em que ocorreram as visitas técnicas. É o santuário da mãe dedicada e sofredora com a qual jovem algum pode manter contato individualizado. Este contato pode ser interpretado como intimidade desnecessária. A representação de mãe deve permanecer intocada. A suíte representa o sagrado, o respeito pelo outro. Representa, ainda, conquista, comodidade, conforto, segurança e poder.

Quando pedíamos para ver as suítes, muitas mães-sociais clamavam para fazermos isto em outros momentos e justificavam que não tiveram tempo de arrumar direito o ambiente. Outras senhoras esquivavam-se do nosso pedido mudando de assunto rapidamente. Uma delas falou que “todas as suítes são iguais. Se você já

¹³⁷ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

viu uma, as outras são do mesmo jeito¹³⁸”. A chave simboliza poder; a porta, idem. Nos quartos dos internos não existem portas.

A rigidez da lei se apresentava, em algumas casas, com a separação dos quartos dos internos em alas distintas. Dormitórios 1 e 2, assim como os respectivos sanitários, correspondiam a ala 1. Os de número 3 e 4, assim como os seus lavatórios, correspondiam a ala 2. Quando a mãe-social cumpria a lei com rigor, os jovens não podiam ter acesso a ala na qual não estava ligado. Se houvesse uma pia sem uso em uma ala, e outra pia, com mais pessoas para fazerem uso dela, os jovens não podiam ultrapassar a linha que separava as duas alas. Esta conduta mais fechada quanto a divisão em alas de acordo com a identidade do jovem, foi percebida em pouquíssimas casa-lar. Oficialmente esta separação de alas deveria existir sempre. A fiscalização da ordem, com maior rigor, aparece na parte externa das casas-lar.

Na relação dos jovens com as mães-sociais, a autoridade estabelecida se impunha. Para beber água ou ir ao banheiro, os jovens constantemente pediam autorizações ao responsável pela casa-lar. Para os que não estão dentro da dinâmica da CDM, estes insistentes e repetitivos pedidos soam estranhos. Não basta a sede para ter acesso a água ou a vontade de ir ao banheiro para se deslocar até ele. As respostas dos que davam as liberações para o acesso dos jovens ao banheiro ou ao filtro eram constantemente positivas.

As “infrações” comuns e freqüentes, ocorridas na CDM, mostram um certo descontentamento com o rigor das regras impostas. Esta contrariedade aparece em diversos episódios registrados na pesquisa de campo. Em contrapartida, diversos meninos atribuem a esta rigidez, o aprendizado que possibilitará um futuro melhor para eles. Contentes ou não, a vida intra-muros gera, nestes jovens, pactos,

¹³⁸ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

silêncios, contradições, fragilidades, crença em um futuro melhor. A crença em um futuro melhor nos torna bons. Não há bondade sem o trabalho. Ambos nos fazem mais humanos.

4.3. A fabricação da vida produtiva e a manipulação das almas perdidas: o urbano fragmentado contemplado.

“Pois o capital não existe.
Há os capitais, centro da submissão da força de trabalho”.
(LIPIETZ, 1988)

Como vimos, a “Cidade dos Meninos” não admite que haja tempo ocioso no cotidiano das pessoas que vivem, moram, trabalham ou estudam nas suas dependências internas. A máquina da produção do sonho não pode parar, a sua engrenagem deve estar em pleno funcionamento. O trabalho tem que ser contemplado exaustivas vezes, assim como o estudo, a força da religião e os cursos profissionalizantes. “Aqui não há moleza”, adverte um dos dirigentes da instituição. Continua a sua fala, ressaltando que “o menino (no discurso, aparece o termo no masculino) que vem para cá tem que ter disposição”. A vivência do urbano incipiente se traduz na obediência das normas e na superação de conflitos diários. Há uma negação dos atributos urbanos. População confinada não circula além do previamente estipulado.

A preocupação (certas vezes, neurose) com os perigos do ócio se explica pela conotação sexual atribuída ao mesmo. A higiene íntima dos jovens é posta à prova, no ritmo acelerado do relógio que tem, a seu lado, olhos, muitos olhos. A ociosidade pode promover banhos demorados, desejos sem culpas, pouca preocupação com as responsabilidades, gozo.

A coordenação pediu que a gente **ficasse de olho nos meninos** [e nas meninas] quando eles [e elas] estiverem tomando banho. **Não pode dar mole, não.** Quando estão no banho, vou lá e olho mesmo, é o meu trabalho e os meninos [e as meninas] não se incomodam com isto. É um perigo se a gente não tiver atenção. Você sabe do que eu estou falando né? Das intimidades... Nesta fase é muito perigoso e a gente tem que ter cuidado com eles [e elas] mesmo. Mesmo assim, nem dá tempo mesmo, né?¹³⁹

Há de se perceber, neste discurso de uma mãe-social, que o momento do banho propicia o olhar do jovem sobre (ou para) outros jovens, mas é necessário alicerçar a idéia de que outros olhos, estes mais severos, não deixam escapar as tentações da ociosidade. O rodízio de colegas, no momento do banho, para que não se estabeleça intimidade ou pudor maior entre os jovens, é uma prática comum em determinadas casas.

A mãe-social define com clareza a idéia da vivência de um tempo que passou a ser padronizado para cada atividade do cotidiano. A rapidez, tão importante para o mercado, não se apresenta na mesma intensidade para os momentos de intimidade. Ser rápido, instantâneo, tem os seus incômodos. O tempo lento é necessário, conservador na sua concepção. Cabe a ele manter tradições. A culinária é exemplo de como o tempo demorado há de ser preservado, mesmo com os dinâmicos aparelhos de micro-ondas e os famosos *oo*. A pressa é inimiga da perfeição, diz o velho ditado.

Os olhos da vigilância ininterrupta da CDM não captam tudo, apresentam suas brechas, suas perdas. Os armários dos jovens internos são, em grande parte, riscados, pichados e danificados. Nas portas dos sanitários há muitas pichações e não há trincos ou fechaduras; estes, a própria instituição os tirou.

Um fato é lembrado por muitos, quando o assunto é a ausência de vigilância: a denominada “Guerra dos Talheres”. Internos mais antigos contam que, em uma noite, durante o jantar da comunidade, houve uma falta de energia no refeitório e os

¹³⁹ Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006. Grifos nossos.

gritos começaram a ganhar força entre os jovens e as diversas pessoas que estavam lá, neste momento. Os adolescentes começaram a jogar comida uns nos outros e a saírem das suas respectivas mesas. “Neste dia foi uma confusão!”, reforça um funcionário da instituição. “Era talher para todos os lados”, conclui ele. Alguém comentou que, neste período houve “Ajuda Pedagógica” coletiva para todos os jovens. A falta de energia elétrica ofuscou os olhos da ordem estabelecida e a punição apareceu. O imaginário social possibilita a interpretação de que “no escuro”, longe da vigilância dos outros, podemos corromper a ordem. A escuridão é perigosa, mesmo quando há clareza na ordem.

A CDM desvenda possibilidades, conquista uma nova leva de jovens que são frutos de uma geração que chegou a Ribeirão das Neves, buscando principalmente o lugar para morar, seduzidos pelos assentamentos urbanos ali instalados. Como não houve moradia para todos, hoje (2007) a solução para este contratempo da vivência na periferia se resolve, em parte, com a proposta multifuncional da instituição filantrópica que inclui a habitação¹⁴⁰. Viver preso a uma proposta traz garantias de uma qualidade de vida experimentada por poucos no município. O aprisionamento é transformado em status, em desejo coletivo comum e aceitável. As garantias oferecidas pela CDM talvez superem as ousadias proporcionadas pela vivência cotidiana do município. Mais vale um pássaro na mão...

A organização e o funcionamento efetivo da CDM estimulam diversas discussões que estão na ordem do dia nas ciências humanas e sociais, especialmente a Geografia. Nesta pesquisa, percebemos que o protótipo de cidade por nós observado, não se constitui apenas como cópia fragmentada do modelo que busca copiar. Tende a ser um exemplo original de administração preocupada com as

¹⁴⁰ Não podemos esquecer que a CDM tem um “pacote” de seduções que desperta o interesse dos jovens. A moradia é um dos itens ofertados.

classes sociais menos abonadas economicamente. A cidade poderia refletir, por alguns instantes, sobre as propostas da sua pretensa cópia.

A importância das obras filantrópicas, que em Ribeirão das Neves ganha imagem contemplativa grandiosa com o aparecimento da CDM, relembra o início da cidade de Belo Horizonte, que, segundo Martins (2002, p.45-46):

Foi também neste momento que começaram a surgir as instituições beneficentes e de caridade, destinadas a “cuidar dos pobres” e que tinham como objetivo, em primeiro lugar, manter a cidade “ordeira e limpa”, retirando-os das ruas e recolhendo-os para estas instituições. Em segundo, era preciso também qualificá-los e discipliná-los para o trabalho. Era importante deixar demarcado que, mesmo que a indústria existente naquele momento fosse muito incipiente, a disciplina e a hierarquia inerentes ao processo industrial deveriam forjar a subjetividade antes mesmo do trabalhador entrar na fábrica.

Propostas que objetivam “presentear” a cidade com soluções para os seus dilemas sociais e econômicos tendem a ser aceitas e pouco questionadas. Isto porque, em certa medida, atendem aos anseios da comunidade local. No caso de Belo Horizonte, no início do seu povoamento, já anunciava que a filantropia, além do discurso de amparar os pobres, idealizava qualificar os trabalhadores para o mercado de trabalho que naquela época não o absorvia.

Em seguida a mesma autora reitera que

O campo de ação dessas instituições foi bastante fértil, uma vez que as políticas públicas destinadas à população pobre restringiam-se apenas a mantê-la fora dos espaços onde vigorava de modo mais efetivo os rigores e as conquistas materiais da ordem urbana. O campo foi aberto, e ocorreu uma verdadeira corrida das instituições beneficentes, o que rendeu o título, para a sociedade mineira, de uma sociedade altruísta. Aqui foram se formando instituições ligadas à igreja, bem como associações de caráter religioso que se uniram com o fim último de atender e “moralizar” os pobres.

A “moralização” dos pobres e a “disciplinarização” do trabalhador por meio das instituições filantrópicas, não perderam a validade. No tempo atual, caracterizado pela velocidade, avanços tecnológicos e relações monetárias truncadas, percebe-se que há uma precariedade das políticas públicas em promover conquistas efetivas de direitos e cidadania para os mais pobres. Resta, então, às instituições filantrópicas, “apaziguar” os ânimos daqueles que esperam e nem

sempre alcançam. A religião, como instrumento de ação da filantropia, não pode ser desconsiderada.

4.4. O imaginário real: quando o jovem aprendiz torna-se trabalhador, a cidade agradece.

“A formação profissional significa para as classes e grupos dominantes um meio relativamente seguro e barato de docilização da mão-de-obra”.
(MOTTA, 1986)

Para inúmeros jovens que sonham com conquistas que perpassam a perspectiva material, entrar na “Cidade dos Meninos” representa diversos ganhos (e algumas perdas). Adentrar neste espaço significa desenvolver mais habilidades técnicas para o exercício de uma profissão do que os demais jovens do município de Ribeirão das Neves. A concorrência para o mercado de trabalho começa bastante cedo e não é igualitária nas oportunidades.

O espaço descrito e analisado nesta pesquisa produz um trabalhador que busca, no exercício da sua profissão, cumprir funções diversas. Afinal, sente-se capacitado a lidar com aquilo que o mercado lhe oferece. Como o desenvolvimento fabril não se dá de forma homogênea em todos os lugares, profissionais de formações diversas são requisitados para assumirem postos de trabalho em variadas áreas;

Como em Ribeirão das Neves não há muitas empresas que capturem a mão-de-obra juvenil preparada pela CDM, é natural que a metrópole assuma tal responsabilidade. Seria injusto dilacerar os sonhos de tantas pessoas que sonham em serem reconhecidas pelo quem fazem na esfera profissional. A CDM produz o

trabalhador (quer ele esteja em Ribeirão das Neves ou em Belo Horizonte) para situações sócio-espaciais diferentes, coloca-o na ciranda da produção.

Não era propósito desta pesquisa acompanhar o percurso dos egressos da CDM, mas a metrópole insiste em apresentá-los, insinuando a possibilidade de um novo estudo, de outra incursão teórica no cotidiano da periferia belo-horizontina. Algo importante para o meio acadêmico.

Os “meninos” e “meninas” que deixaram a CDM estão em muitos lugares da metrópole. Circular pela grande cidade permite vê-los sentirem-se felizes por estarem ocupando o tempo em atividades profissionais remuneradas. Valeu a espera.

A própria instituição filantrópica contrata diversos profissionais que já passaram pela experiência dos seus cursos profissionalizantes. Existem secretárias, telefonistas, instrutores de cursos, mães e irmãos-sociais que foram avaliados e contratados pela Associação de Promoção Humana Divina Providência (APHDP), entidade que congrega diversas instituições, inclusive a CDM.

Em diversos supermercados de Belo Horizonte é possível encontrar ex-internos da CDM repondo os estoques das prateleiras, operando o fluxo de entrada e saída de dinheiro no caixa ou pesando frutas e verduras. Participam de um movimento de inclusão e exclusão que não chega à sua totalidade,

Encontramos, sem estabelecer uma organização mais formal para tal atividade, diversos ex-aprendizes da CDM exercendo profissões como cobradores de ônibus, operadores de telemarketing, atendentes de farmácia, garçons, gerentes de estabelecimentos comerciais, professores e autônomos. A ocupação do tempo destes jovens agora ganha um valor monetário, imprescindível para que a nova relação aprendiz/empresa, cresça.

Diz uma das normas internas da CDM veiculadas no “Manual do Aluno (s/d)”:
Pretendemos que o aluno ao término do período de permanência [na instituição], seja capaz de gerir sua própria história, ou seja, que este possa atuar em sociedade de uma maneira incisiva e ética, em prol do crescimento pessoal e desenvolvimento do meio que vive.

Certamente, estas não são tarefas simples de serem desenvolvidas pelos jovens, mas há a possibilidade de serem atingidas. A CDM, que criou territórios, demarcou suas áreas de atuação, estabeleceu a hierarquia como elemento da sua cotidianidade, despertou a esperança em um mundo mais produtivo e justo. A utopia urbana se alimenta desta crença para que possa se reproduzir.

CONSIDERAÇÕES

“Há uma luz no túnel
Dos desesperados
Há um cais de porto
Pra quem precisa chegar”.

Herbert Vianna

Ociosidade zero: Ponto de partida e linha de chegada. Pausa para reflexão.

“O fim do trabalho não é o lazer, é o não-trabalho”.
(LEFÈBVRE, 1972).

Do percurso inicial da pesquisa até o momento do seu fechamento, apreciamos determinados elementos que ajudam a não percebermos a instituição pesquisada apenas como o lugar de abrigo dos jovens pobres que visam modificar suas vidas através da educação e da aprendizagem profissional. A “Cidade dos Meninos” se materializa e se faz reconhecer em Ribeirão das Neves, porque não esqueceu de incorporar no seu cotidiano as humanidades, os aspectos emocionais que envolvem cada um dos seus personagens.

Neste sentido, a CDM mostra-se dinâmica, desperta sonhos coletivos em um número expressivo de pessoas. Não deixa de ser, evidentemente, contraditória nas suas atitudes. Ao mesmo tempo em que exige dos seus funcionários o cumprimento obrigatório de um trabalho entendido pela instituição como “voluntário”, promove junto ao seu quadro de funcionários a celebração periódica festiva dos aniversariantes de cada mês. A individualidade de cada um dos seus colaboradores não é esquecida. A história de cada um ganha o reconhecimento através da festa, da confraternização.

Para as meninas naturalizou-se que haja disciplina rígida, maior distanciamento do auditório e das escolas, se comparado ao percurso feito pelos meninos e festa de debutantes, celebrando um ritual que marca a vida de muitas mulheres. Nesta etapa da vida que é significativa para o universo feminino, são

fornecidos para as jovens que completam quinze anos no período em que estão na CDM, vestidos de gala, salgados, doces, refrigerantes, música e filmagem. As debutantes podem convidar familiares e pessoas mais íntimas para a solenidade coletiva. Como nos contos infantis, a festa das princesas tem hora prevista para terminar, mas os sonhos e as recordações, não. A festa das meninas dá um brilho particular ao antigo universo masculino. A luta do feminino, como particularidade, para se estabelecer como diferença, está em curso. Esta conquista permitirá em algum grau maior fruição, maior uso da sua condição de mulher. (SEABRA, 1996, p.75)

A naturalização da festa como elemento importante na dinâmica de funcionamento da CDM não pode passar sem um registro particular nesta pesquisa. Além das confraternizações de menor porte realizadas com os internos e funcionários, a CDM promove o seu “churrascão”, realizado anualmente. Este evento mobiliza não só o seu corpo de colaboradores próprios, faz o município se movimentar e mostra a importância da rede de solidariedade. Esta confraternização associa na sua veiculação midiática, o nome da instituição com a sede do município na qual se instalou. As chamadas nas emissoras de televisão, rádio, outdoors e mídia impressa repetem que o “churrascão” da “Cidade dos Meninos”, em Ribeirão das Neves, é animado e há variados cardápios. A CDM não se esconde de Ribeirão das Neves, a promove.

As considerações aqui relacionadas e discutidas ao longo do trabalho esboçam, de certo modo, um olhar crítico, mas não de aprovação ou reprovação sobre o papel da iniciativa privada na promoção da idéia de uma possível melhoria na qualidade de vida dos jovens pobres de Ribeirão das Neves. Melhoria que se ampara na idéia do trabalho e da fuga da ociosidade.

Para que o projeto fosse aceito e implantado de fato, fez-se necessário utilizar estratégias que se assemelham as utilizadas por planejadores urbanos: definir locais de usos e apropriações dos moradores, anunciar proibições e permissões de diversas atividades das pessoas, promover decisões arbitrárias com o discurso de cuidar do interesse coletivo e não descuidar do patrimônio imobiliário e financeiro.

A “Cidade dos Meninos” (das meninas, das mães-sociais, do padre e do empresário) ofusca parcialmente o papel do poder público na implantação de oportunidades de ocupação do tempo livre para os jovens moradores da periferia residentes na Grande Belo Horizonte. Reforça o discurso de que na sociedade moderna não há espaço para desfrutar da ociosidade, que se torna sinônimo de preguiça. Para vencer o mal que o tempo livre preconiza, o trabalho aparece como solução. Não podemos ser “cigarras”, apenas “formigas”. A moral do trabalho como garantia de um futuro mais promissor toma conta do imaginário não só dos adultos.

O mundo do trabalho passa a ser admirado e idealizado por jovens que sonham em exercerem uma profissão. Para isto, necessitam de treinamento e abdicam da liberdade que o município pode lhes oferecer. Liberdade, neste caso, pode significar temor, medo, constrangimento. Não há liberdade sem segurança pública eficiente, sem educação de qualidade, sem sonhos para os jovens. Há, liberalidade, que é um ganho quando a liberdade não se estabelece.

Como não há trabalho nem ocupação formal para todos em Ribeirão das Neves, é necessário que os jovens se preparem cada vez mais cedo para atuarem no mercado de trabalho. É preciso transformar os jovens ociosos em pessoas trabalhadoras. De alguma forma o mercado irá capturá-los, mesmo que seja para os chamados “trabalhos informais”. A sociedade, de certa forma, clama por isto.

Os ditados populares reforçam a idéia coletiva do trabalho como possibilidade de contraponto ao tempo da ociosidade.¹⁴¹ Trabalhar e produzir nos possibilita ganhos econômicos, senso de responsabilidade, administração do tempo e reconhecimento social. O tempo livre e a ociosidade são complementos do mundo do trabalho, nunca a sua essência. Esta percepção gera certo desconforto quando a idéia de trabalho chega com propriedade apenas às profissões técnicas.

Uma outra vertente do funcionamento da CDM é o seu trabalho social na distribuição de cestas básicas para a população de baixa renda do município. Para ter direito a estas cestas, as famílias fazem um cadastro na própria instituição e uma equipe técnica faz visitas em domicílio para conferir as informações colhidas. O próprio criador do projeto CDM visita as residências atendidas por este programa social e conversa com as pessoas que recebem este benefício. As famílias também assistem a palestras sobre temas sociais como pobreza, responsabilidade, trabalho e família. A CDM ampara os que trabalham, os que não tiveram oportunidades de maiores ganhos econômicos e os que não possuem renda. O que a diferencia do Poder Público? Uma relação de troca mais formal, onde as partes cumprem os seus acordos. Há uma ampla e correta fiscalização das famílias assistidas e nenhuma denúncia de mau gerenciamento dos recursos. O planejado é realizado.

O curioso nesta ação social de distribuição de cestas básicas para as famílias carentes de Ribeirão das Neves, é que os mantimentos são arrecadados através de doações que são indiretas. Muitos doam, mas a responsabilidade da entrega é da instituição filantrópica. Para que este esquema funcione é necessário confiança nas partes envolvidas. Confiança é uma das marcas da CDM.

¹⁴¹ “Quem não trabalha, não come!”, “Trabalho não mata ninguém!”, “Deus ajuda a quem cedo madruga!” e “Jacaré parado vira bolsa!” são expressões populares que endossam que o trabalho, o dinamismo e a produção são pilares da aceitação coletiva. Há, ainda, os preceitos religiosos que pregam que o ócio estimula as más ações e é companhia constante do diabo.

A CDM lida com a preparação de centenas de jovens para o mercado de trabalho. Oferece esta oportunidade a incontáveis pessoas do município e não abre espaços para críticas mais pontuais aos seus propósitos. Semeia sonhos, colhe reconhecimento público.

Ao município aprisionado pela idéia de muros, a filantropia colabora na libertação do estigma de cidade-dormitório e promove o despertar coletivo para que muitas pessoas acreditem que Ribeirão das Neves tem algo bom, bonito e respeitado. As oportunidades de crescimento econômico e social através do trabalho têm na CDM a sua inspiração. A CDM resume que a herança deixada por uma cidade aos seus jovens, pode ser a não vivência plena dos seus espaços. Sobram os seus fragmentos, seus arremedos. Ribeirão das Neves promove a “exclusão” para que, de certo modo, os jovens se sintam “incluídos”, prestigiados por uma nova sedução que não seja a própria cidade.

Quem opta por adentrar o mundo planejado e sedutor da CDM rompe com outras possibilidades, inclusive de ser mais independente individual e coletivamente, mas confirma o status de que a previsibilidade das ações mostra resultados mais garantidos.

Muitas pessoas vêm na CDM a oportunidade de ampliarem as suas redes de contatos sociais e mesmo profissionais. Em um dos cursos visitados, uma senhora falava que era o terceiro curso que fazia, pois estava com o tempo livre e “não gostava de ficar sem fazer nada em casa”. “Aqui eu encontro pessoas conhecidas, aprendo mais algumas coisas e posso ganhar um dinheirinho depois [com a venda de artesanatos]”¹⁴². Ficar sem fazer nada soa como algo danoso à nossa sociedade. Não perder tempo é um clichê comum no nosso cotidiano. Vivemos o movimento das fábricas.

Fonte: Trabalho de Campo. Narrativa colhida em 2006.

Mas para onde caminha a CDM? Talvez para uma interlocução profissional e social com ela própria e com a comunidade atendida. Muitos dos seus ex-alunos e aprendizes dos cursos profissionalizantes passam a ser funcionários da própria instituição. Quem trabalha e mostra dedicação tem o seu lugar ao sol. Expectativas são criadas pelos jovens do internato e semi-internato para que após a realização dos cursos profissionalizantes, sejam contratados pela própria instituição promotora dos cursos. São almas no purgatório: aguardam as poucas vagas que o paraíso pode oferecer.

A empatia gerada pela CDM não acontece sem um plano de metas e planejamento eficiente e cuidadoso. A obra filantrópica mostra trabalhos e resultados. Um deles é prestigiar, na contratação de seus funcionários, os moradores da região. Não importa discutir salários ou condições de trabalho, importa saber que a empresa se preocupa com os moradores de Ribeirão das Neves, que oferece oportunidades de trabalho aos pobres. O poder público fica atrás, mostra-se despreparado, gera mal-estar na população local quando não promove a criação de empregos no município.

A dimensão religiosa arcaica estabelecida na CDM como marca do seu funcionamento, desrespeita leis básicas de aceitação da diversidade religiosa e das escolhas sexuais. Os muros e o seu status social a protegem de críticas mais elaboradas sobre estes assuntos. A instituição modela o aprendiz de trabalhador para adequar-se a ela, mas é possível ver também este movimento na ótica invertida. Os descontentamentos são velados, silenciosos, individuais. Cria-se, para isto, a estratégia do desencontro das pessoas, da formulação coletiva de gestos, comportamentos e tempos. O termo de compromisso assinado entre os jovens e a

CDM poda diversos movimentos naturais da juventude. Institui a valorização do pensamento único em seu espaço social. (ANEXO 06)

Na pesquisa sobre a CDM é possível traçar um paralelo significativo entre a experiência urbana estabelecida no município de Ribeirão das Neves e a vida intra-muros vivenciada na CDM. Não se trata apenas de comparação objetiva sobre as possibilidades colocadas dos conceitos de liberdade e trabalho, mas de evidenciar as práticas coletivas, arranjos e preocupações que dinamizam as duas propostas. A CDM mostra parte do urbano fragmentado que se instituiu em Ribeirão das Neves e aparece como uma proposta de utopia própria das cidades modernas: o enclausuramento como solução para os dilemas vivenciados na vida cotidiana.

É certo que a “Cidade dos Meninos”, fechada em si mesma, copia os métodos organizacionais da cidade naquilo que comprovadamente alcança resultados positivos: a ordem estabelecida, o cumprimento das normas vigentes e a elaboração de um plano de ações a serem desenvolvidas.

No entanto, a instituição pesquisada não pode ir além da fragmentação da imagem da cidade. Não pode correr o risco de ser, como a cidade é, o lugar do ócio, senão teria praças e assentos em sua área interna. Insiste em fazer restrições ao acesso dos automóveis, motos e bicicletas, senão teria que, assim como as cidades, elaborar regras claras de limites de velocidade, definir espaços distintos de uso destes transportes e zelar pela segurança dos transeuntes. Não prestigia a diversidade, prefere a unicidade, senão teria que copiar da cidade modelos de convivência que incorporassem na sua lógica, credos religiosos diferentes, múltiplas faixas etárias, livre expressão da voz e do corpo.

O adereço de cidade não pode contemplar a morte, o barulho, a inquietação, as greves, a moda insinuante e as diversas provocações do urbano, senão se

transformaria em algo maior, e isto não é desejável. A imagem reduzida da cidade zela para que o seu reconhecimento seja sempre a partir dos aspectos positivos que divulga. Para que isto ocorra, o enclausuramento da vida cotidiana se faz necessário. Territórios e espaços são demarcados com clareza e objetividade. Esboçam uma lógica coerente nos seus uso e ocupações.

Vale registrar ainda a importância da arquitetura na formação do imaginário coletivo da cidade. Até os dias atuais, Ribeirão das Neves se amparou na sua antiga e histórica Penitenciária Agrícola para ser reconhecida como parte da estrutura econômica da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A história da penitenciária se confunde com a da própria cidade, mas não há como resgatar efetivamente a historicidade nem de uma, nem de outra. O prédio histórico virou caricatura, estigma, exemplo de segregação. A cidade perdeu a sua refinada grandiosidade cultuada nos anos 1930 quando se apresentava como modelo internacional de um projeto estatal. Em recente divulgação relativa ao 45º aniversário do município, uma publicação especial da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer ressalta que:

Na década de 40, **o jardim da PAN** (Penitenciária Agrícola de Neves) **era o principal ponto turístico do município**. A PAN foi considerada modelo de socialização de detentos e tinha como objetivos a humanização e a reintegração através de trabalhos educativos. **Sua praça, com belos jardins, se transformou em ponto de atração de Ribeirão das Neves**. Crianças usavam o espaço para brincar. Os detentos cuidavam dos jardins, executavam reparos nas casas da região e viviam integrados à sociedade.

Na penitenciária funcionavam fábricas de colchão, bolas de couro, sapatos, móveis, uma gráfica, além das atividades agrícolas. Sua produção atendia às necessidades internas, abastecia a população e chegava a ser comercializada em Belo Horizonte. Hoje, Ribeirão das Neves cresceu e não vive mais em função da PAN. Surgiram vários bairros e já foram construídas mais de 42 praças¹⁴³.

Com estas informações, mesmo baseadas em um impresso oficial, podemos levantar a hipótese de que o turismo local chegou a Ribeirão das Neves através da identificação coletiva da comunidade com um monumento que contava parte da

¹⁴³ Os grifos são nossos.

história da cidade. O imaginário coletivo daquela época não perdeu força quando associa, ainda hoje, o cotidiano da cidade à proximidade com os espaços de reclusão forçada.

A construção de mais praças e incontáveis bairros no município, como registra o texto citado, não garantiu que a imagem da PAN se perdesse na memória coletiva. O município realmente não vive mais em função dos seus presídios, mas não se reconhece sem que ocorram referências a eles.

Há de se considerar que quando se fala em turismo, é possível que o uso deste termo se torne equivocado em determinados instantes. A apreciação do belo como visão única do que é proporcionado para contemplação individual ou coletiva, o incentivo ao consumo imediato de bens e serviços por ventura oferecidos, a afirmação do tempo livre como identidade singular do visitante são fatores que ajudam a definir com mais clareza o conceito de turismo. Na antiga PAN, estes elementos estão, de certa forma, apreciados, mas entende-se que ali era um local de visita pública e utilização dos próprios moradores. É possível que não tenha ocorrido deslocamentos que afirmasse haver um verdadeiro fluxo turístico para a região.

Ribeirão das Neves contempla hoje outras formas de se fazer reconhecer. O turismo não capturou estes demais parâmetros. Pode, então, ser identificada pelo aparecimento dos Loteamentos Populares nas últimas décadas, pelo crescente aumento da população local, pelos baixos índices de produção econômica, pela proximidade com a metrópole ou pelos projetos inovadores e grandiosos. A filantropia marca territórios, estabelece identidades.

A “Cidade dos Meninos” torna-se marco na história recente do município. Resguardados possíveis excessos, a instituição filantrópica assume a árdua função

de reinventar a história de muros e a própria memória de Ribeirão das Neves. O prédio que acolhe tal possibilidade não é ainda considerado histórico, mas já faz história, desperta possibilidades. O sonho de um homem afirmou o poder da materialidade e modificou a imagem de um município que teima em não ser reconhecido pelos seus muros. A cidade se escreve nos seus muros, nas suas ruas. Mas esta escrita nunca acaba. (Lefèbvre, 1999, p. 114)

Nenhuma cidade, seja ela a dos meninos, dos trabalhadores, dos velhos, dos pedintes, dos automóveis, do terror, da fé ou da festa apaga da sua história os seus mitos. Se eles por ventura não existem, necessário se faz criá-los.

REFERÊNCIAS

- ALLONSO, William. *City Planners*. In: ELDREDGE, H. Wentworth. *Taming Megalopolis: o crescimento urbano*. Vol II. Anchor Books ed. Nova York, 1967. p.580-595.
- ALVES, William Rosa. *A evolução do planejamento urbano*. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- ANTUNES, Ricardo. *Ano do urbano: o urbano em São Paulo*. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes. *Urbanização e desigualdade*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004. p.13-27.
- AQUINO, Júlio Groppa. *Qualidade de vida: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003 (coleção cotidiano escolar).
- ARENDT, Hannah. *On violence: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- BERMAN, Marshall. *O mundo é o mundo: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BETTO, Frei. *Cartas da prisão: cartas da prisão (1969 – 1971)*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

BOAS, Heloísa Villas; MOREIRA, Maria de Fátima. *...o ...v ...o...*
c ... n ...voz ... u ... o... o... Monografia (Especialização em História Mineira)
 – Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2000.

BONFIM, Manuel. *A A ...é ...c ... n* : In: *...é ... o B...* . VOL 1. SALVIANO,
 Santiago (Org.). Ed. Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 2002.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *A cu u... n ...u* . Campinas: Papyrus.editora. 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Mu...o* : crime, segregação e cidadania
 em São Paulo São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARLOS. Ana Fani A. *A c ...* . São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *n no B... ; o longo caminho*. Rio de Janeiro:
 Civilização Brasileira, 2002.

CASSIMIRO, Maria do Rosário, GONÇALVES, Oliveira Leite. *u o*
n.v ... B... .. Goiânia: Ed. UFG, 1986.

CATANI, Afrânio Mendes; DOURADO, Luiz Fernandes (Org). *n.v ... c* :
 políticas e identidade institucional. Goiânia: Ed. UFG/Ed. Autores Associados;
 Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos
 dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, Evelina (org). *Ano ... ;*
 Política e Sociedade no Brasil: São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 19-27.

_____. *B... :* Mito fundador e a sociedade autoritária. Coleção Histórias do Povo
 Brasileiro. 5ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004.

_____. *... o ... u* : essa nossa (des)conhecida. Editora Brasiliense, São
 Paulo: 1984.

CHALHOUB, Sidney. *As moradias populares: cortiços e epidemia na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CINTRA, Antonio Octávio. Notas sobre os condicionantes políticos do planejamento urbano. In: Cadernos do Departamento de Ciência Política (DCP), Nº. 2; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1974.

CLAVAL, Paul. *Geografia urbana*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

COSTA, Heloísa Soares de Moura. *Qual a função da arquitetura na construção do espaço urbano? Uma análise da arquitetura em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) – Londres, Architectural Association, Londres. 1983.

COULANGES. Fustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DAMIANI, Amélia Luíza. A metrópole e a indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica. In: *Revista de Geografia*, número 15, São Paulo, 2000.

_____. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). *O espaço e a cidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2002. Coleção Caminhos da Geografia.

DECCA, Edgar de. *Historia da cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004. Coleção tudo é história, 51.

DIÁRIO DA TARDE JORNAL. Caderno Política. Belo Horizonte, edição de 3 de dezembro de 2004.

DUTRA. Eliana de Freitas. *Os operários em Minas Gerais*. Um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República. São Paulo/Belo Horizonte: Hucitec/Ed. UFMG: 1998.

- FLORES, Juan; ROMÁN, Miriam Jiménez. A Nova Nueva York. In: *o*
un. ARANTES, Antonio A. (org). Campinas: Papyrus Editora, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *un* história da violência nas prisões. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.
- _____. *Mc* *c* *o* *o* Rio de Janeiro: Graal editora, 1990.
- _____. *A* *o* *o* *cu* *o*. São Paulo: Edições Loyola. 1996. Coleção Leituras Filosóficas.
- FREYRE, Gilberto. *Mo* *o* *o* *o* *u* Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *A* *con* *ê* *nc* *o* *n* São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GOFFMAN, Erwing. : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: *o* *o* *o* *o* : ensaios sobre o ordenamento territorial. SANTOS, Milton et all (Orgs). Rio de Janeiro: DPM&A, 2006. p. 43-70.
- HEERS, Jacques. *o* *n* *é* *M* . Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1965
- HEWET, Henry W. *n* *o* . E-book disponível em <www.dominiopublico.gov.br>.
- HOBSBAWN. Eric J. *A* *o* *4* São Paulo: Ed. Paz e Terra. 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *z* *o* *B* . São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- HUXLEY, Aldous. *A* *á* *v* *un* *o* *no* *vo*. São Paulo: Ed. Globo, São Paulo, 2003.

IGLESIAS, F. Trajetória e significado de Belo Horizonte. In: MONTEIRO CORRÊA PROMOTORES ASSOCIADOS (ORG). *Município Belo Horizonte*. Belo Horizonte, S/d. p. 7-54.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Município Belo Horizonte*. Vol. XXVIII. Edição comemorativa do 23º aniversário da instituição e publicada em 25 de maio de 1959.

JACOBS, Jane. *Polícia e Território*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

Jornal Aqui – Edição de 30 de agosto de 2007 – Caderno Polícia – Belo Horizonte/MG.

LIMA, Ivaldo. Da representação do poder ao poder da representação: uma perspectiva geográfica. In: *Política e Território: ensaios sobre o ordenamento territorial*. SANTOS, Milton et all (Org). Rio de Janeiro: DPM&A, 2006. p. 109-124.

LEAL, Victor Nunes. *Política e Território: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Ed. Alfa-ômega, 1975.

LEFÈBVRE, Henri. *Política e Território*. Povia do Varzim: Ed. Ulisséia. 1972

_____. *Política e Território*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 1999.

_____. *Política e Território*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIPIETZ, Alain. *Política e Território*. São Paulo: Nobel, 1988.

LONGHI, Rogata Soares Del Gadio. *Política e Território: o movimento separatista do Triângulo Mineiro*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP. 1997.

LOPES, José Sérgio Leite. *o trabalho: o trabalho dos operários de açúcar*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1978.

MASI, Domenico de. *o trabalho, a fadiga e o ócio na sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio. Brasília: Ed. UnB, 2000.

MARTINS, Maria de Fátima Almeida. *A construção do trabalho: o trabalho e a cultura em São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ano 2002.

MARTINS, José de Souza. *A cidade e o trabalho*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MARTINS, Sérgio. *A cidade e o trabalho: apontamentos para uma pesquisa sobre a reprodução social*. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org). *A cidade: novas abordagens sobre a cidade*. Ed. Contexto; São Paulo, 2003. p. 398-409.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *o comunismo*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.

MELLO, Frederico Pernambuco de. *o trabalho e a violência: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. A girafa editora. São Paulo: 2004.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Brasileiras: cidadania no feminino*. In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Bassanezi (org). *o trabalho e a cultura*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p.495-516.

MORAES, Vinícius. *o trabalho e a cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MOREIRA, Ruy. *Do cotidiano ao urbano*. In: SANTOS, Milton et al (orgs.). *Urbanização: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: DPM&A, 2006. 2 edição. p. 71-108.

MOTTA, Fernando C. Prestes. *Entre a empresa, Estado e Escola*. São Paulo: Atlas, 1998.

NAVES. Rubens. Terceiro Setor: novas possibilidades para o exercício da cidadania. In: PINSKY. Jaime e PINSKY. Bassanezi (org). *Terceiro Setor*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p.563-584.

NERUDA, Pablo. *Antologia*. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.

PEREIRA, Régio de Paulo. *Notas de campo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988.

PERROT, Michelle. *Museu*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *Os usos da cultura popular no Século XVIII*. Edusp, São Paulo: 2004.

_____. *Cultura dos operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO DAS NEVES/SEMEC. *45 anos de emancipação política do município* – folheto comemorativo dos 45 anos de emancipação política do município e produzido pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Ribeirão das Neves; 1999.

PONTE, Sebastião Rogério. *Ordem e disciplina: Reforma Urbana e controle social 1860-1930*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

RAGO, Margareth. *Ordem e disciplina: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Moradia e morador: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa*. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *Área Urbana em Urubus-Kaapor*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SANTOS, Rosselvelt José. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *Ordem e disciplina* (Revista do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia), N^o. 21 e 22, Uberlândia: jan/dez 1999. p. 111-128.

SANTOS, Rosselvelt e PIRETTE, Maria José. O “novo rural” e o turismo ofertado por este espaço. In: SANTOS, Rosselvelt José e RAMIRES, Júlio César de Lima. *Ordem e disciplina: a nova moradia*. Edufu: Uberlândia, 2004.

SARAMAGO, José. *Ordem e disciplina*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A Insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Ordem e disciplina: a nova moradia*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SENA, Nelson de. *Ordem e disciplina: a nova moradia*. Editora não citada, Rio de Janeiro, 1947.

SILVA, José Borzachiello da. *Ordem e disciplina: a nova moradia*. Fortaleza em questão. Fortaleza: Multigraf, 1992.

_____. _____ c _____. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura, 2005.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. _____ n ____ o ____ o ____ é ____ cu ____ o. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

SILVA, Regina Helena Alves da. A ____ c ____ Mn ____ . 1991. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Belo Horizonte (UFMG), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Departamento de Ciência Política. Belo Horizonte.

SIQUEIRA, Jairo Azevedo. _____ nc ____ o ____ Mo ____ Belo Horizonte: Ed. São Vicente de Paula, s/d.

SOLIDARIEDADE. Impresso de divulgação das obras da Associação Humana Divina Providência. Ed. São Vicente de Paula. Belo Horizonte, s/d.

SOUZA, Marco Antonio de. A ____ cono ____ c ____ estratégias assistenciais e filantrópicas em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Ed. Newton Paiva, 2004.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. ____ o ____ ____ n ____ z ____ o. São Paulo: Ed. Contexto. 1988.

TRENTO, Ângelo. ____ o ____ ou ____ q ____ o ____ o ____ A ____ n ____ co: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel editora, 1989.

VELHO, Gilberto. A ____ u ____ o ____ u ____ n ____ : um estudo de Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .1989.

YÁZIGY, Eduardo. Mun ____ o ____ , ____ Edusp, São Paulo: 2000.

Consultas on line:

<https://www.aciben.org.br> (acessos diversos 2006/2007)

<http://www.bibliasagrada.web.pt/> (acessos diversos 2005/2006/2007)

<https://www.cidadedosmeninos.org.br> (acessos diversos 2006/2007)

<https://www.dominiopublico.gov.br> (acessos diversos 2006)

<http://earth.google.com/> (acessos diversos 2006)

www.globo.com <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2006/02/18/191903364.asp> (acesso em 18 de fevereiro de 2006)

<https://www.ibge.gov.br> (acessos diversos 2005/2006/2007)

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm (acessos diversos 2006)

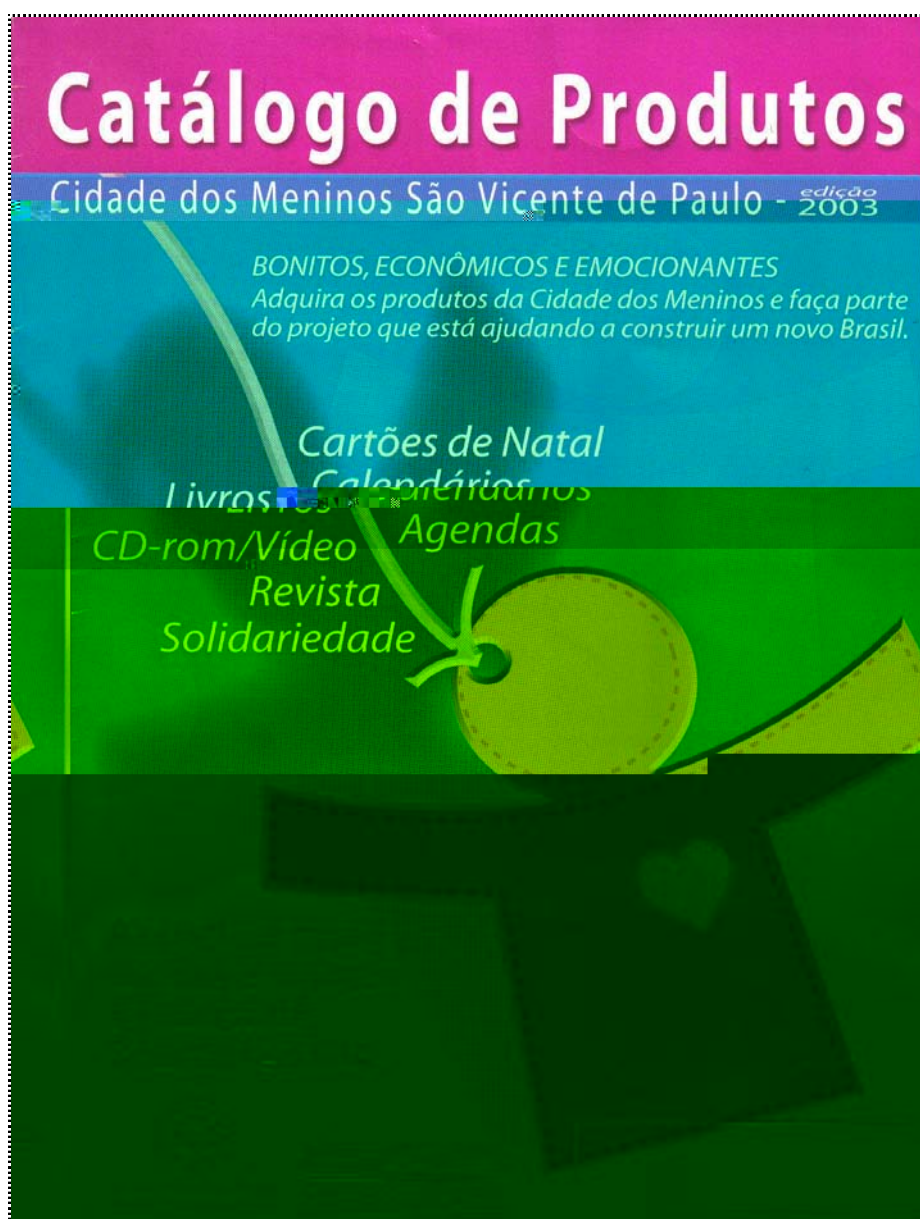
<https://www.releituras.com.br> (acesso em 15 de dezembro de 2005)

<https://www.sinpromg.org.br> (acesso em 08 de setembro de 2005)

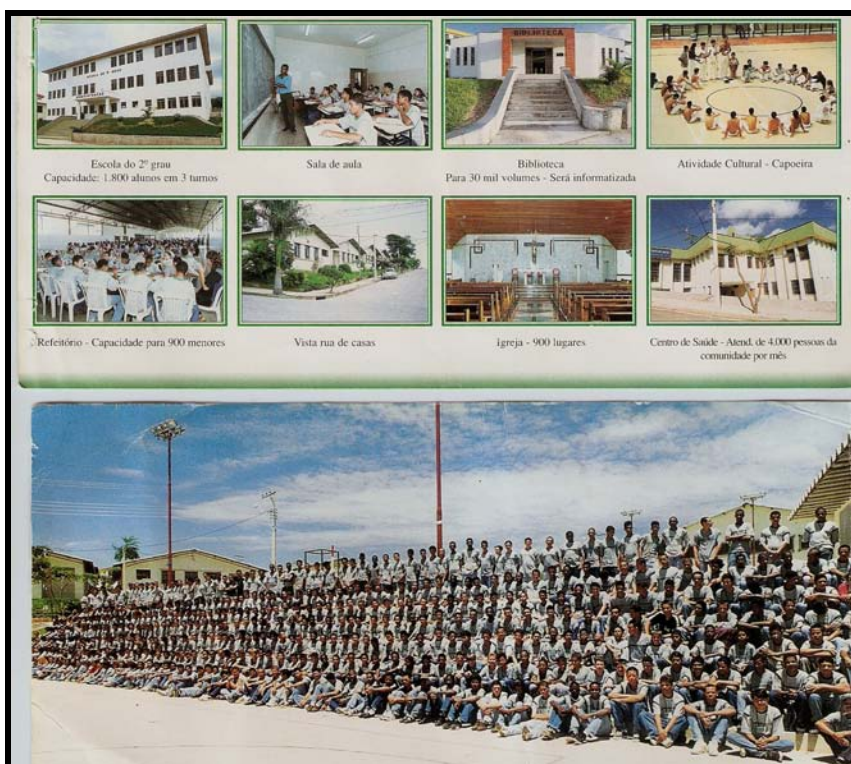
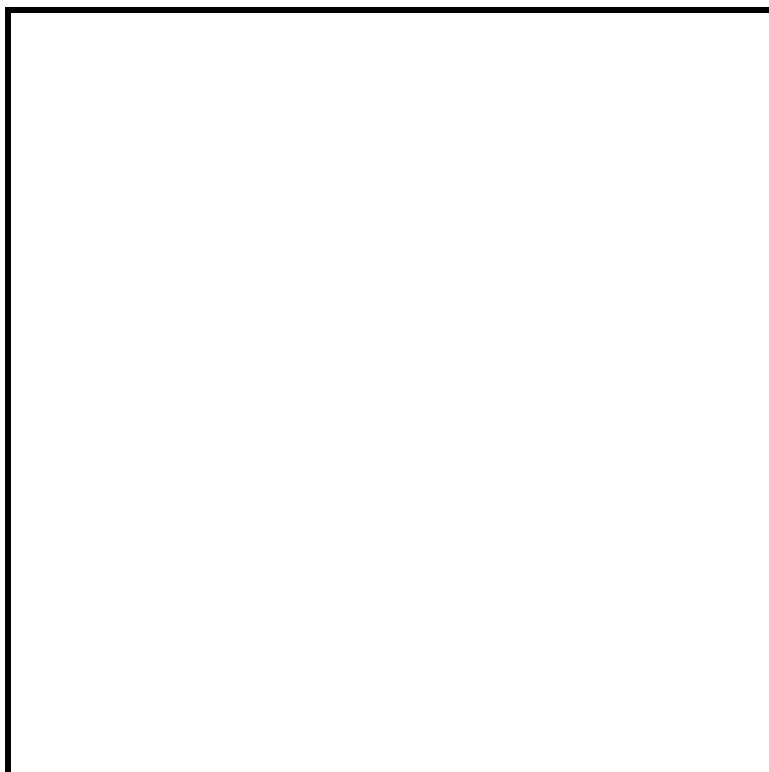
<https://www.uai.com.br> (acessos diversos 2005/2006/2007)

ANEXOS

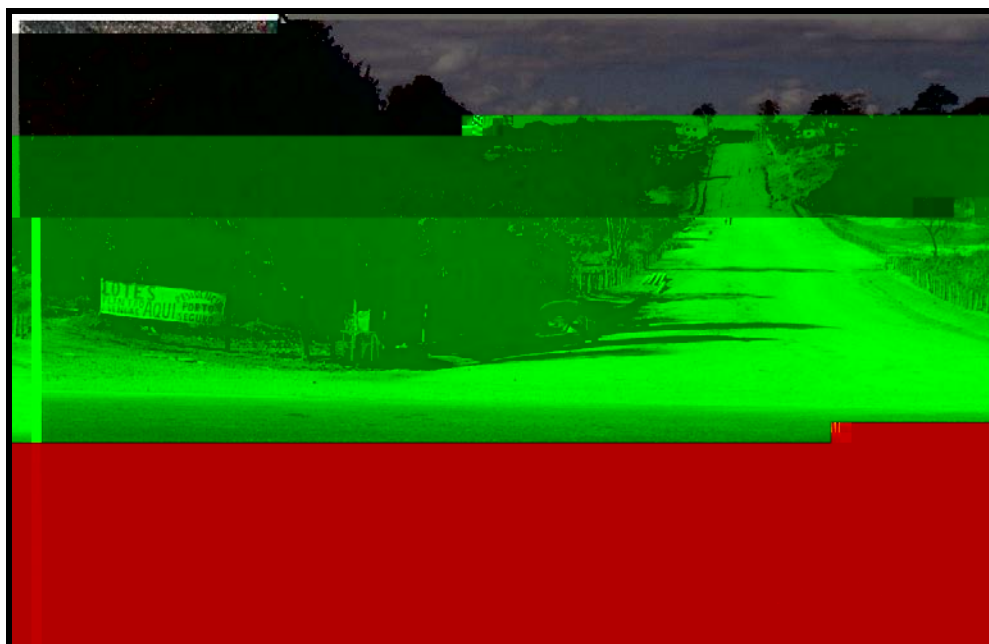
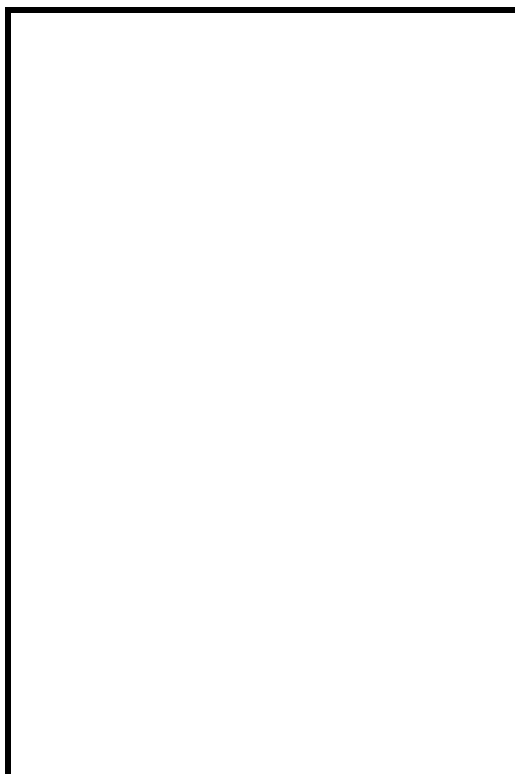
ANEXO 01 – Divulgação de materiais produzidos e comercializados com o nome “Cidade dos Meninos”.



ANEXO 02– Carnês que divulgam as obras e recebem doações.



ANEXO 03 – Os discursos e estratégias do mercado imobiliário da década de 1970, reproduzidos hoje na venda de lotes.



o-oi:• lo 1_v r, , 3).

**ANEXO 04 – Notícias sobre Ribeirão das Neves veiculadas na mídia impressa.
Os aspectos negativos da cidade ganham destaque.**

ANEXO 05 – Detalhamento das particularidades e diferenças entre alunos internos, semi-internos e externos.

INTERNOS	SEMI-INTERNOS	EXTERNOS
Maior tempo na instituição (de domingo à noite ao sábado pela manhã).	Frequência diária de segunda a sexta-feira.	Frequência diária de segunda a sexta-feira apenas nos horários das atividades dos cursos/escola
Moram em casas-lar. (Originalmente seriam 16 jovens em cada uma delas)	Permanecem em alojamentos. (Originalmente seriam 32 jovens em cada um deles)	Não têm vínculo com moradia na CDM
Vínculo com os cursos profissionalizantes	Vínculo com cursos profissionalizantes	Podem ou não ter vínculos com cursos profissionalizantes/relação maior com o ensino regular
Obrigatória frequência em atividades como catequese e missa	Obrigatória frequência em atividades como catequese e missa	Não freqüentam atividades como catequese e missa
Andam em filas e acompanhados dos responsáveis	Andam em filas e acompanhados dos responsáveis	Andam livremente sem acompanhantes oficiais
Direito a três refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar)	Direito a duas refeições (café da manhã e almoço) e um lanche no final da tarde	Sem refeições ofertadas pela CDM
Participam de todas as atividades da CDM	Participam de muitas atividades da CDM	Participam de poucas atividades da CDM
Tempo estipulado para deslocamentos na CDM	Tempo estipulado para deslocamentos na CDM	Tempo mais livre para deslocamento na CDM

continuação		
INTERNOS	SEMI-INTERNOS	EXTERNOS
Exclusividade no atendimento no Centro de Saúde da CDM	Exclusividade no atendimento no Centro de Saúde da CDM	Atendimento não exclusivo no Centro de Saúde da CDM/Casos especiais
Prioridade na matrícula das escolas e cursos profissionalizantes da instituição	Prioridade na matrícula das escolas e cursos profissionalizantes da instituição	Vagas remanescentes das escolas e cursos profissionalizantes

ANEXO 05 – Termo de compromisso assinado entre a CDM e os jovens.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)